

ANA FLÁVIA NOGUEIRA NASCIMENTO

**FESTIVAIS PSICODÉLICOS
NA
ERA PLANETÁRIA**

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**PUCSP
SÃO PAULO
2006**

Ana Flávia Nogueira Nascimento

**Festivais Psicodélicos
na
Era Planetária**

Mestrado em Ciências Sociais

**PUCSP
São Paulo**

2006
Ana Flávia Nogueira Nascimento

Festivais Psicodélicos
na
Era Planetária

Dissertação apresentada como exigência parcial para
a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais à
Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica,
Núcleo de Estudos da Complexidade – Antropologia, sob a orientação da
Profa. Dra. Lucia Helena Vitalli Rangel.

PUCSP
São Paulo
2006

Banca Examinadora

Profa. Dra. Lucia Helena Vitalli Rangel
Orientadora

**Com amor infinito para
Geraldo Eduardo da Silva Caixeta Júnior (Takeshe)
e Julia Gularte Caixeta.
que me ensinaram o amor incondicional.**

Agradecimentos

A Adriana e Marcos, que me trouxeram à vida e sempre me apoiaram.

Às musas inspiradoras que amo tanto: Fernanda, Juliana, Joana, Júlia e Savitha.

**A todos os “tranceiros” que, juntos, dançam como um.
Com carinho especial para:
Charlie, Ganesh, Marcelão e Poty.
que ajudaram a tecer os fios
complexos de idéias, sons e imagens.**

Aos companheiros neipianos, que impulsionaram as reflexões mais “psicodélicas”.

**À querida Lucia Helena Vitalli Rangel,
por ter permitido nascer uma criação sincera e espontânea.**

**E ao CNPQ, pela concessão da bolsa,
suporte fundamental para a realização desta pesquisa.**

Resumo

Esta dissertação apresenta a tentativa de compreender um fenômeno social conhecido como movimento global do transe psicodélico, que vem ganhando cada vez mais adeptos em todo o país por meio de festividades ritualísticas centradas em um estilo musical eletrônico – *psychedelic trance* – que estimula a dança e os estados alterados de consciência.

A discussão teórica implica penetrar nas brechas do cânone científico e expressar, por meio da articulação complexa, a manifestação dos festivais de transe psicodélico, os quais criam e recriam um universo lúdico que envolve arte e estética psicodélica em meio à natureza, como cenários para experiências extáticas coletivas.

A pesquisa teve como guia algumas questões, tais como: Será que nesse ambiente de desordem existe uma nova ordem sendo construída? O que esse movimento reflete nos tempos atuais? Quais são os símbolos e mitos relacionados ao movimento? Quais são as crenças e os valores que norteiam o imaginário do grupo? Que necessidades estão implícitas nessa nova manifestação festiva? O que expressa esse complexo ritual na era planetária?

Foram pesquisados os festivais de transe psicodélico que aconteceram no Brasil entre 2003 e 2006. Participei, como observadora, de oito festivais, nos quais realizei entrevistas e colhi material. A pesquisa também abrangeu a rede eletrônica – Internet –, principal meio de comunicação utilizado pelos participantes desses festivais.

PALAVRAS-CHAVES:

Festivais de Transe – Rituais – Música – Dança – Psicodélicos – Pensamento Complexo.

Abstract

This essay presents an attempt to a further understanding of a social phenomenon known as psychedelic trance global movement which has been gaining more and more incomers in the whole country through ritualistic festivities focused on an electronic music style “psychedelic trance” which stimulates dancing and the altered states of consciousness.

This theoretical discussion implicates in penetrating the gaps within empirical scientific knowledge and expresses itself through complex articulation, the manifestations of psychedelic trance festivals, which create and recreate an altered universe that involves art and psychedelic esthetics, within nature, as the backdrop for ecstatic collective experiences.

The research had guidelines such as: Is there an order in such a virtually caotic atmosphere being constructed? What does this movement reflect upon current time? Which are the symbols and myths involved in this movement? Which are the beliefs and the values that guide psychedelic imagery? What needs are implicit in this new festive manifestation? What does this complex ritual express in the planetary era?

The camp research was performed in a series of psychedelic trance festivals that took place in Brazil, between year 2003 and 2006. I took part as an observer in eight festivals, in which I gathered interviews and collected material. The research also encompassed the electronic net – Internet – the main means of communication used by the participants of such festivities.

KEY-WORDS:

Trance Festival – Rituals – Music – Dance – Psychedelics – Complex Thoughts.

*“Se a minha virtude é virtude de dançarino e, muitas vezes, saltei
a pés juntos para êxtases de ouro e esmeralda;
Se a minha maldade é uma maldade risonha, afeita aos roseirais e às sebes de
lírios;
– porque, no riso tudo que é mal acha-se reunido, mas santificado e absolvido
pela sua própria bem-aventurança –
E se é o meu alfa e ômega que tudo o que é pesado se torne leve, todo o corpo,
dançarino, todo o espírito, ave; e, na verdade, é esse o meu alfa e ômega! –
Oh, como não deveria eu almejar a eternidade e o nupcial anel dos anéis –
O anel do retorno?
Nunca encontrei, ainda, a mulher da qual desejaria ter filhos, a não ser esta
mulher que amo: pois eu te amo,
Ó eternidade!
Pois eu te amo, ó eternidade!”*

Friedrich W. Nietzsche
O outro canto de dança
Assim falou Zaratustra

Índice

- JORNADA PSICODÉLICA12

I

- PRELIMINARES19
- RITUAIS PSICODÉLICOS NA ERA PLANETÁRIA.....24

II

- AS PORTAS DA PERCEÇÃO.....33
- PARAÍSO PSICODÉLICO46

III. OS ELEMENTOS.....61

- O ÉTER VIBRACIONAL.....62
- AR: O BAILADO CÓSMICO83
- O FOGO PSICODÉLICO.....107
- A TERRA: ARTE QUE PULSA.....131
- ÁGUA: O FLUIR DA VIDA160

BIBLIOGRAFIA:

1. LIVROS175
2. TESES.....180
3. ARTIGOS DE REVISTAS E SEMINÁRIOS.....181
4. Internet.....182

ANEXOS:

- I: HISTÓRICO – O DNA DO TRANSE PSICODÉLICO.....186
 - BRASIL.....188
 - O MOVIMENTO PSICODÉLICO.....189

_ NEOPSIKODELISMO.....	194
------------------------	-----

II: MATERIAL COLETADO NOS FESTIVAIS E Internet

A) TEXTOS DE REVISTAS DISPONÍVEIS NO AMBIENTE DOS FESTIVAIS

1. Uso e Abuso.....	195
2. O Xamanismo e as Festas Psicodélicas.....	196

B) Material Retirado da Internet

1. Transe, Dança e Êxtase: um rito de passagem planetário.....	197
2. Santa Catarina e Rio de Janeiro proíbem <i>raves</i>	202
3. Importância da noite em uma festa <i>trance</i>	203
4. <i>Ecstasy</i>	204
5. Projeto de Redução de Danos – BaladaBoa.....	208

A JORNADA

Imagine que você está se preparando para uma jornada desconhecida. Não há como prever o que irá acontecer. Em casa você arruma sua bagagem, sem saber muito bem o que precisa levar. Acaba separando muito mais do que o necessário para sentir um mínimo de controle sobre o desconhecido. Alguém deve ter avisado que é preciso levar barraca, lanterna, um pouco de comida e algumas roupas de verão e de inverno. Ao preparar-se para deixar de lado a vida cotidiana por alguns dias, você começa a observar sua dependência em relação a tudo que oferece segurança e estabilidade na vida: trabalho, família, relacionamentos, atividades rotineiras, tudo que deixará para trás temporariamente.

A maneira como você foi chamado para essa iniciação pode variar muito. Quando chega a hora, acontece. Alguém especial o convida, ou você ouve comentários e se interessa, ou recebe um e-mail com um mapa indicando como chegar ao local. O instigante é que o momento chega e você é chamado para viver algo inteiramente novo em sua vida. A primeira reação é de medo, ansiedade e até mesmo de insegurança frente ao desconhecido. Dá um frio na barriga quando você começa a se preparar e percebe que está indo realmente em direção ao desconhecido, que pode ser você mesmo.

A única coisa que você sabe é que está indo para um lugar isolado, em meio à natureza e que lá acontecerá uma celebração. Pode ir de carona, a pé, de bicicleta, de barco, de ônibus ou de avião, que o levarão até determinado ponto do caminho. Mas para chegar ao local com certeza será necessário caminhar com sua bagagem nas costas. Provavelmente passará por alguns momentos difíceis que o farão duvidar que algo bom irá acontecer depois e pensará até em desistir quando já estiver bem próximo.

Independente do meio escolhido, você passará por locais diferentes da sua morada e entrará em contato com paisagens inusitadas. Essa primeira relação com o desconhecido já lhe provocará internamente, dando talvez uma sensação de insegurança, ou mesmo de fascínio inexplicável pela vida. Muitas serão as impressões, que poderão ser boas ou ruins. Provavelmente, quando já não estiver agüentando mais a curiosidade, começará a visualizar alguns sinais que indicam uma proximidade do local. Esses sinais podem ser panos coloridos amarrados às árvores ou placas indicando a direção a seguir. Os sinais o conduzirão até o

portal de entrada, onde você irá entregar o ingresso, sua contribuição para fazer parte do encontro.

Adentrando no portal você inicia uma caminhada, ao mesmo tempo bela e sombria, que o levará ao centro da experiência coletiva. Nesse caminhar você poderá entrar em contato com a força inerente da natureza, o verde da mata, o cantar dos pássaros, a beleza das flores, o borbulhar das águas, a dificuldade das montanhas, o molhar da chuva e até mesmo com a sua própria luz e escuridão internas. O peso da sua mochila reflete aquele que você ainda necessita carregar para se sentir seguro. Com certeza precisará parar para descansar, beber água, talvez chorar, ou pedir ajuda a alguém, que lhe atenderá se for necessário.

Nesse processo você encontrará um segundo portal, que mostrará uma área finalmente habitada. Inicia-se então um momento importante, em que você escolherá onde montar sua barraca, que a partir de então será sua morada nessa zona autônoma temporária. Pode ser que você escolha um lugar e depois perceba que não está bom, que existem outros melhores, e sentirá vontade de mudar. O que importa é que você se sinta bem onde estiver. Quando já tiver encontrado um espaço que o agrada, então será o momento de desmontar sua bagagem, tirar o peso das costas, relaxar e começar a explorar esse local. Permita-se conhecer o ambiente. Perceba o vento, o verde da mata, observe cada detalhe deste novo universo no qual acabou de chegar. Sinta as emoções que este local desperta em seu ser mais profundo e permita aos seus olhos enxergar toda a beleza e a feiúra que estará diante de você. Nessa experiência não existe apenas o lado bom e prazeroso, mas também o lado mau e sombrio, e o maior desafio será conseguir integrar essas duas esferas da vida e escolher de que forma irá conviver com elas diariamente.

Pode ser que você tenha a sorte de chegar em um momento em que o espaço ainda esteja sendo preparado para receber os que chegarão para celebrar. Que ótimo! Aproveite, caminhe pelo espaço, observe o que está sendo criado. Sinta os elementos naturais que estão presentes no local e a maneira como as pessoas estão envolvidas. E perceba que muitos estão concentrados, desenvolvendo alguma atividade que se transformará em arte para que você admire e contemple.

Nesse lugar, no meio da natureza exuberante, especialmente encontrado para essa celebração, a arte psicodélica será a principal forma de transformação de sua percepção.

Serão muitos os artistas envolvidos com a realização desse encontro. Observe ao seu redor e você verá algumas formas geométricas com cores fluorescentes, mandalas trançadas com linhas coloridas, pinturas de símbolos sagrados misturando-se com elementos tecnológicos. Deixe-se contagiar por essas criações artísticas que unem o antigo ao novo, refletindo um espectro da arte psicodélica.

Ao longo do dia ou da noite, são milhares as pessoas que chegam a todo momento, vindas de várias partes do Brasil e de outros países distantes. Permita-se entrar em contato com esses indivíduos. Observe as diferenças, entre em contato com elas, e aos poucos perceberá as semelhanças. Deixe-se sorrir ao ver algo engraçado, um cabelo diferente, uma roupa muito louca, um chapéu extravagante. Mas também interaja com os sentimentos de estranhamento causados pelo diferente. Talvez alguém que tenha muitos piercings em seu corpo poderá causar certo arrepio, ou pode ser que você sinta admiração por alguma pessoa que chegue de muletas ou cadeira de rodas. Deixe aflorar as emoções que emergem nesse ambiente.

Aos poucos o local vai sendo habitado, e tudo parece fluir de maneira interligada. Se você sentir que existe certo mistério no ar é porque algo muito forte irá acontecer. Se ainda não chegou ao local onde será o centro da celebração, aproxime-se e observe; talvez ainda consiga acompanhar a montagem do som e observar que são muitas as pessoas envolvidas para transportar, carregar e montar uma imensa aparelhagem. Você ainda não sabe como, mas a música unirá as pessoas que se encontram dispersas nesse local.

Quando o sol estiver se pondo, prepare-se, pois o momento está chegando. Você ouvirá ou sentirá as vibrações de um novo som. Pode ser que os tambores entrem primeiro, dando abertura ao som rítmico, tribal e orgânico que invadirá o corpo, a mente e o espírito dos participantes. Provavelmente você será estimulado pelas novas sonoridades e frequências, as quais poderão causar sentimentos a princípio indiscerníveis.

As pessoas que antes estavam espalhadas aos poucos irão se juntar na pista de dança. As vibrações da música invadirão os corpos, que começarão a vibrar nessa outra frequência transmitida pelos ares. Permita-se sentir e experienciar essas vibrações e perceba como elas atuam em seu corpo. Pode ser que num primeiro momento você esteja com o corpo retraído e não consiga se entregar ao movimento. Esse medo reflete a insegurança diante do movimento constante da vida e faz com que muitas pessoas busquem estímulos extras para se entregar.

Nesses encontros, grande parte das pessoas envolvidas faz uso de substâncias psicoativas, as quais atuam diretamente nos processos físico-químicos do corpo humano e atingem principalmente a esfera psíquica. Porém há também os participantes que se recusam a usá-las.

A música que você ouvirá emitirá ondas sonoras que estimularão seu corpo a dançar e sua mente a viajar. O estilo psychedelic trance ou transe psicodélico contém inúmeras frequências anteriormente preparadas para despertar emoções, sentimentos, visões e experiências, que poderão guiá-lo para o transe – estado alterado de consciência – no qual você deixará de utilizar o pensamento racional e se dissolverá no coletivo, que dança junto, na mesma frequência.

As batidas repetitivas do trance têm um poder imenso que você só poderá conhecer quando estiver inteiramente entregue, livre de suas próprias barreiras e limitações.

Existem muitos subgêneros desse estilo musical, mas me aterei apenas aos dois principais.

O primeiro deles é o full on, que se caracteriza pela psicodelia forte, ou seja, por estímulos sonoros que, como um caleidoscópio de sons intensos, vão sendo lançados de forma a gerar uma jornada mental. Esses sons são sintetizados para despertar momentos de euforia total por meio de melodias belamente arquitetadas. Têm forte apelo dançante., e seus elementos vão entrando cada um em seu tempo, até que a música fica “cheia” e “explode”, levando a pista a um estado de “êxtase coletivo”.

A segunda vertente mais importante é o estilo progressivo. Aqui a oscilação é deixada de lado, o som é mais constante e retilíneo. Os sintetizadores são mais sutis, sendo a batida e a linha do baixo o que prevalece. Essa é uma música mais introspectiva, pois busca equalizar as ondas do cérebro e estimular um estado meditativo durante a dança. O interessante é observar que essas duas linhas musicais se completam, e durante a celebração psicodélica precisam coexistir tanto os momentos de euforia, os quais despertam a energia vital do corpo, quanto os de insights meditativos, que transformam a energia trabalhada anteriormente.

Entre em contato com a música e com a pessoa que está tocando, sinta se este som lhe agrada e perceba se quem está tocando lhe causa empatia. Quando as respostas forem

positivas, sentirá confiança para se entregar aos sons, e as repetições que se intercalam com estímulos despertarão uma vontade incrível de se movimentar.

Sinta a dança. A cada movimento será possível explorar seu corpo de maneira inteiramente nova, despertando a energia vital que existe adormecida na base de sua coluna vertebral. Deixe emergir as emoções reprimidas e descubra que você pode transformá-las por meio da dança ou de um ato criativo que surgirá de forma espontânea.

Quando sentir seu corpo desperto é sinal de que a energia está fluindo livremente. Essa nova condição corpórea poderá causar muitas reações, razão pela qual você deve ficar atento à maneira como estará lidando com essa nova carga energética despertada em seu corpo. Quanto mais você se permitir, mais informações internas virão à tona. Aos poucos, conseguirá acessar não apenas o seu inconsciente, mas também o inconsciente coletivo, que está escondido no seu psiquismo e contém informações de toda a humanidade.

Tente resistir durante toda a noite para acompanhar o processo de transformação da arte psicodélica quando a escuridão chega. À noite as luzes fluorescentes dão um novo ar às decorações, que ficam mais espaciais. Na pista de dança, pode ser que você se sinta dentro de uma nave espacial, a qual o estará guiando através de conexões desconhecidas na sua mente. Enfrente o escuro, pois coisas inusitadas podem ocorrer. Procure, por exemplo, observar pessoas fazendo malabarismos com o fogo, estimulando a visão a focar esse elemento forte e purificador da natureza, que ganha formas circulares e gera um ar todo misterioso na noite festiva.

Pode ser que durante a noite os sons despertem, intencionalmente, sensações de medo ou angústia para mexer com esses sentimentos difíceis. Em determinado momento você poderá até sentir que o mundo está acabando, tal a forma caótica com que a música se apresenta. Mas esse caos é visto como uma forma de destruir as referências egóicas individuais e inseri-lo na experiência coletiva. Quando o sol começar a brilhar, uma experiência inteiramente nova nascerá entre os participantes. A chegada da luz do sol traz uma mudança na atmosfera. Os dançarinos que passaram a noite enfrentando a própria escuridão sentem uma alegria diferente quando clareia o dia, pois então podem compartilhar novamente os olhares e essa troca substitui o sentimento de solidão por felicidade, amor, solidariedade e completude.

Os olhares e a alegria de compartilhar o amanhecer, depois da longa noite dançando em transe, expressam o sentimento de “nós conseguimos juntos”, o qual faz cada participante tomar consciência da importância de compor o movimento sincrônico da pista de dança para atingir a experiência do êxtase coletivo. Deixe-se levar pela explosão de energia que tomará conta do ambiente e como uma mágica você terá a sensação de estar voando.

Pode ser que em algum momento você sinta que seu corpo já não agüenta mais. Então, se respeite e busque algum lugar tranqüilo. Poderá encontrar o chill out, um local que foi preparado para momentos de descanso. Nesse ambiente é prioritário que tudo flua de maneira que possa receber as pessoas para relaxarem. Lá encontrará almofadas ou até mesmo redes para descansar.

Se estiver experimentado alguma substância psicodélica, perceberá que as decorações se tornaram imensamente mais atrativas e lhe proporcionam uma viagem colorida de dimensões antes inalcançáveis, de fusão total com os elementos. As luzes também darão novas formas às decorações que parecem mesmo estar vivas. Você perceberá que a música também proporciona uma experiência fascinante, por meio de sons de culturas exóticas que podem lhe causar um imenso prazer.

A jornada é longa. Não tenha pressa. Você está apenas começando. Esse ambiente lhe dispõe múltiplos estímulos que às vezes podem também deixá-lo um pouco cansado. E para que consiga aproveitar os outros dias será preciso também que reponha suas energias. Por isso será importante recolher-se na sua barraca e dormir o tempo que achar necessário. Assim, quando acordar, de alguma forma estará se sentindo diferente, talvez mais leve, mais pleno, ou mesmo mais confuso diante de tantas experiências novas.

Como esse ritual não dura apenas um dia ou dois, mas sim quatro, cinco, ou até sete, ainda terá tempo para entrar em contato com suas emoções e, se sentir vontade, também poderá compartilhar suas experiências com outras pessoas. A pista de dança estará sempre em movimento e o receberá novamente quando quiser voltar para a dança do transe. Agora você já sabe que basta apenas entregar-se de coração aberto ao som das batidas rítmicas e viajantes e deixar que seu corpo, sua alma e seu espírito dançam em comunhão extática, atingindo um estado de arrebatamento e prazer compartilhado.

Quando a música parar na pista de dança é sinal de que o encontro está acabando. Será então o momento de desmontar a barraca, juntar os pertences, despedir-se das pessoas que conheceu, trocar contatos e arrumar um jeito de voltar para sua cidade de origem. Aos poucos, os integrantes dessa comunidade nômade começam a seguir caminho para ingressar novamente na vida urbana e cotidiana. As barracas são desmontadas, o lixo é recolhido e levado ao local de reciclagem, a estrutura começa a ser desmontada e em pouco tempo, no máximo dois ou três dias, o lugar estará novamente vazio e inabitado.

Na estrada de volta para casa pode ser que você perceba o mundo com outros olhos, como se a vida realmente tivesse ganhado uma nova perspectiva. Talvez mais bonita, intensa e colorida, talvez mais chocante e horripilante. Depois dessa jornada psicodélica, provavelmente a experiência de perceber novas formas de manifestação do corpo e da mente terá impulsionado a dissolução das barreiras, as quais impediam a percepção de que tudo o que existe está interligado, em um mar de energia que forma o todo. A composição desse todo é feita por milhares de pessoas, as quais podem entender a vida de maneira diferente, mas talvez o estado de transe tenha mostrado que não é isso o que importa. Afinal, é a multiplicidade que enriquece a composição do corpo social. Leve para casa essa nova percepção da realidade.

PRELIMINARES

*A mais bela coisa que podemos sentir é o Mistério.
Ele é a fonte de toda verdadeira arte e ciência.*

Albert Einstein

A “Jornada psicodélica”¹ foi uma apresentação breve a respeito do tema desta pesquisa, que pretende guiar você por meio do universo simbólico² dos “festivais de transe psicodélico”³ que aconteceram no Brasil entre os anos 2003 e 2006. As festividades, as quais proponho nos aproximarmos, envolve um fenômeno bastante peculiar conhecido atualmente como *rave*⁴. Entretanto, torna-se importante diferenciar que o fenômeno das *raves* psicodélicas que acontecem no Brasil envolve tanto as festas quanto os festivais.

Durante a pesquisa freqüentei ambos os tipos de eventos para especificar suas diferenças, porém destaco que a dissertação teve como foco os festivais dispostos ao longo do ano com intervalos que variaram de dois a quatro meses, formando um calendário que percorreu diferentes partes do país. Esses lugares tinham em comum a característica de serem verdadeiros paraísos naturais, afastados de tudo que lembre a noção de cidade, em ambientes de montanhas, cachoeiras, praias paradisíacas, florestas etc. Esses encontros coletivos duram de três a sete dias e são freqüentados principalmente por jovens entre dezoito e trinta anos,

¹ A “Jornada psicodélica” foi escrita com base nas entrevistas realizadas para a pesquisa, as quais tinham como objetivo ouvir as pessoas a respeito da primeira vez que participaram de um festival de transe psicodélico, e também teve como base minha experiência enquanto observadora participante dos festivais.

² De acordo com Jung, aquilo que denominamos símbolo ou simbolismos implica qualquer coisa de vago, de desconhecido, de oculto para nós. No momento em que o espírito empreende a exploração de um símbolo, é levado a idéias situadas para além do que nossa razão é capaz de captar. Inúmeras coisas se situam para além dos limites do conhecimento humano, e constantemente utilizamos os símbolos para representar o que não podemos definir nem compreender por completo. O uso consciente que fazemos dos símbolos é apenas um dos aspectos de um fato psicológico, pois o homem também cria símbolos de modo inconsciente e espontaneamente para tentar exprimir o invisível e o inefável. (Jung, 2000).

³ Ao longo da dissertação, optarei pelo termo transe psicodélico, na língua portuguesa, para fazer referência aos “festivais de transe psicodélico”. Porém empregarei *psychedelic trance* quando me referir à música, pelo fato de esta não ser traduzida pelos seus ouvintes.

⁴ *Rave* é um estilo de festa que surgiu na Inglaterra no final dos anos 1980, após a política repressiva do governo Thatcher, que implementou uma nova lei obrigando o fechamento dos clubes noturnos à meia-noite. Os jovens ingleses que desejavam festejar começaram então a organizar eventos fora do circuito tradicional do mundo da noite. Esses encontros passaram a acontecer geralmente em lugares mais afastados da cidade, em meio à natureza. Foi o período do surgimento e da disseminação da música eletrônica (*acid house, techno*), bem como da oferta de novas drogas, como o *ecstasy*. “Uma nova música, uma nova droga e enfim uma nova maneira de fazer festas: rapidamente as *raves* se multiplicaram” (Chambon, 2001: 15). Atualmente, já existem vários estilos de *rave* – gótica, *funk, techno, trance* etc. –, que são realizados ao ar livre, mas que apresentam características completamente diferentes em seus fundamentos.

com alto poder aquisitivo e educacional. Entretanto, não se pode generalizar ou padronizar tal público, visto que uma característica diferencial desses encontros é a participação de crianças de colo e até de pessoas com mais de sessenta anos, assim como pessoas das mais diversas esferas sociais.

Durante três anos me dediquei de múltiplas formas à realização desta pesquisa. Minha intenção não era apenas criar uma hipótese em torno do tema para confirmar ou negar posteriormente. Desde o início queria expressar que trataria de um fenômeno que está em constante transformação.

Para desenvolver a arte desta ciência, precisei guiar-me metodologicamente e participei como observadora nos oito festivais listados no cronograma. Realizei, ao todo, 35 entrevistas abertas, gravadas em campo e também fora do contexto dos festivais. Essas entrevistas visaram abranger diversos envolvidos nesse contexto: participantes, organizadores, produtores, artistas (DJs, VJs, artistas multimídia, fotógrafos e cenaristas), bem como trabalhadores ocasionais (limpeza, construção, estrutura, enfermaria de primeiros socorros e policiais). Também foi feita pesquisa pela Internet – principal meio de comunicação utilizado pelo grupo – e coleta do material *psy*⁵ (poesias, fotos, músicas, imagens, textos, jornais e revistas), que foram requisitados e enviados via e-mail ou encontravam-se dispostos na Internet ou nos festivais que frequentei.

O “material *psy*” diz respeito ao mundo de informações que norteiam o fenômeno estudado e também ao mundo imaginário que dá base ao mesmo. O material selecionado na Internet, inclui textos escritos por pessoas envolvidas com o tema, fotos, vídeos e documentários sobre os festivais psicodélicos ocorridos no Brasil e no mundo (Europa, África, Índia, Japão), os quais serviram como material para análise reflexiva sobre o fenômeno em termos mundiais e também como recurso de imagem na produção do CD-ROM.

No decorrer do texto serão utilizadas fotos de minha autoria e advindas de outras fontes que serão referenciadas. Também acompanha o texto um CD-ROM editado por Charlie Oliveira (artista multimídia), que criou grande parte das imagens simbólicas que compõem o

⁵ Ao longo da pesquisa de campo, entrei em contato com criações artísticas espontâneas, como poemas, poesias, textos, jornais, revistas, entre outras informações que foram expostas nos festivais (que são entregues de mão em mão, ou fixadas em algum lugar específico). Esses recursos são importantes, pois são frutos da criação do grupo em questão. Sendo assim, ao longo da dissertação estarei utilizando esses materiais coletados durante a pesquisa de campo e outros serão anexados no final do trabalho.

material e que já foram projetadas em muitos festivais brasileiros. O dispositivo eletrônico também é composto pelo material fotográfico doado por Murilo Ganesh, que fotografa para um *site*⁶ de música eletrônica, o qual possui um arquivo riquíssimo de fotos que expressam esse universo.

Dado que os símbolos⁷ expressam o imaginário do grupo em questão, a pesquisa de campo teve como foco observar quais símbolos aparecem nos festivais e compreender o que eles expressam. Nesse sentido, emprego imagens para expressar ou pelo menos ilustrar aspectos do imaginário que constitui essa expressão cultural e também para mostrar a magia que envolve esse fenômeno.

CRONOGRAMA DOS FESTIVAIS PESQUISADOS:

- **Solaris Dance Festival**, realizado de 1 a 5 de março de 2003, na fazenda Boa Vista, Amparo (SP). Foi organizada pelo grupo Tribe⁸ (São Paulo) e teve a participação de aproximadamente 4 mil pessoas de diferentes países.

- **Trancendence**, realizado de 9 a 14 de julho de 2003, na fazenda Vale da Esperança, na Chapada dos Veadeiros (Alto Paraíso de Goiás). Foi organizado pelo grupo Solar Flares⁹ e teve a participação de aproximadamente 5 mil pessoas de diferentes países. “Um festival de cinco dias de música, arte e cultura na Chapada dos Veadeiros, no coração do Brasil. A região é famosa pela exuberante natureza que esconde cenas mágicas, as belas paisagens, as formações rochosas, as cachoeiras, as minas de cristal, as flores do cerrado e a energia que emana do solo” (*flyer* de divulgação da Trancendence, 2003)

⁶ Disponível em: <www.emusicbrasil.com.br>.

⁷ O símbolo é muito mais do que um simples signo ou sinal; transcende o significado e depende da interpretação individual, a qual está inserida na herança biofisiopsicológica da humanidade influenciada por diferenciações culturais e sociais próprias do meio imediato de desenvolvimento. O símbolo afeta estruturas mentais, razão pela qual é comparado a esquemas afetivos que mobilizam a totalidade do psiquismo. Segundo Chevalier (1997: XVIII), o símbolo pode ser considerado *ídolo-motor* – o termo *eidolon* mantém-no no nível da imagem e do imaginário, em vez de situá-lo no nível intelectual da idéia (*eidos*), o que não quer dizer que a imagem simbólica não provoque nenhuma atividade intelectual. Contudo, a imagem simbólica é um centro ao redor do qual gravita todo o psiquismo que ela põe em movimento.

⁸ Disponível em: <www.triberave.com>.

⁹ Disponível em: <www.solarflares.com.br>.

- **Earthdance**, realizado em Cachoeira Alta (Minas Gerais), de 19 a 21 de setembro de 2003. A organização foi feita pelo grupo Zuvuya¹⁰ (São Paulo). “O Earthdance é um evento global que busca a paz no planeta e une festas do mundo todo, no mesmo dia, para gerar a conscientização e fundos para causas humanitárias. A união mundial de pistas de dança que ocorre quando uma música para a paz é tocada ao mesmo tempo, unindo pessoas de todo o mundo. Esse momento profundo e poderoso cria um sentimento de que somos os mesmos seres humanos, dividindo o mesmo planeta. Venha celebrar com a família Earthdance, em um evento de música eletrônica que conecta milhões de pessoas em um ritual de dança e cura planetária, com a intenção de gerar conscientização e fundos para causas humanitárias” (*flyer* de divulgação da Earthdance, 2003).

- **Universo Paralelo**¹¹ (Réveillon, 2003/04), realizado em Pratigi (Bahia) pelo grupo *Vagalume Records* (Brasília). “Pratigi é uma praia deserta. Um mar selvagem, porém propício para banhos. A praia é cercada por coqueiros e bananeiras e por uma densa mata cortada por córregos nativos, sendo um tesouro natural, pois é uma das poucas reservas de mata de restinga do Brasil” (informações retiradas do site do evento)

- **Cachoeira Alta Dance Festival**¹² (março, Semana Santa, 2004), realizado na fazenda Cachoeira Alta, Itabira (Minas Gerais). Esse festival foi chamado de “lama alta”, pois foi realizado debaixo de uma chuva torrencial que durou três dias e mesmo assim em torno de 3.500 pessoas dançaram na lama ao som do *trance*.

- **TranceFormation**¹³, realizado de 15 a 19 de julho de 2004, em Pirinópolis (Goiás), pelo grupo TranceFormation (Goiânia). “Tranceformation. Não é só festa, mas também ritual. Não só música, mas também uma história bem contada. Não só pessoas, mas também energias em conexão. Sendo um verdadeiro tesouro natural, tal ambiente exige de todos uma atitude permanente de cuidado e respeito pela natureza local. Durante estes dias, num local privado, discreto e acolhedor, um camping completamente arborizado e sombreado estará disponível para ser povoado pela tribo *trancera* do Brasil e mundo. Uma festa *roots*, para pessoas que fazem questão de boa música e boa

¹⁰ Disponível em: <www.zuvuya.net>.

¹¹ Disponível em: <www.universoparalelo.art.br>.

¹² Disponível em: <www.cachoeiraaltafestival.com.br>.

¹³ Disponível em: <www.tranceformation.com.br>.

vibe, e principalmente boa companhia, tudo isso em meio à natureza pura, em local aberto especialmente para o evento” (informações contidas no *flyer* de divulgação do evento).

- **Universo Paralelo** (Réveillon, 2004/05), realizado em Pratigi (Bahia). “Depois da fantástica acolhida por parte do maravilhoso povo de Ituberá, que recebeu nossa comunidade alternativa de forma tão carinhosa e calorosa, Universo Paralelo convida a todos para celebrarem o réveillon 2004/2005. Serão sete dias de alegria e celebração em meio às águas mornas e os coqueiros de Pratigi” (informações retiradas do *site* do evento).

- **Waves of Peace**, realizada em Angra dos Reis (RJ), 26 a 29 de maio 2005. “O portal está aberto e basta ativarmos nossa dança e ascendermos o fogo sagrado, que teremos a força e combustível para atravessarmos as dimensões do tempo e espaço! A pista de dança será nosso veículo de luz e vamos ancorar um quantum energético de luz, cura e amor incondicional. Respeitar o todo e a magia de todos sermos um só corpo junto a fonte.” (informações retiradas de um folheto distribuído durante o evento).

Depois de alguns anos participando e observando esses festivais que criam e recriam realidades paralelas, esta dissertação apresenta a tentativa de compreender um fenômeno social global que vem ganhando cada vez mais adeptos em todo o país por meio de festividades ritualísticas centradas em um estilo musical eletrônico que estimula a dança e os estados alterados de consciência.

A pesquisa teve como guia algumas questões tais como: Será que nesse ambiente de desordem existe uma nova ordem sendo construída? O que esse movimento reflete nos tempos atuais? Quais são os símbolos e mitos relacionados ao movimento? Quais são as crenças e os valores que norteiam o imaginário do grupo? Que necessidades estão implícitas nessa nova manifestação festiva? O que expressa esse complexo ritual na era planetária?

Mais do que uma redação sobre um tema novo, o que apresento aqui é fruto de muito amor e respeito pela cultura planetária e por uma nova humanidade que está despertando. Neste trabalho, tentei penetrar nas brechas do cânone científico e busquei expressar, por meio da articulação complexa, a manifestação dos festivais de transe psicodélico, os quais criam e recriam os quais criam e recriam um universo lúdico que envolve arte e estética psicodélica, em meio à natureza, como cenários para experiências extáticas coletivas.

RITUAIS PSICODÉLICOS NA ERA PLANETÁRIA

O espírito de um homem é capaz de tudo – porque tudo está nele, todo o passado e todo o futuro.
Joseph Conrad (*Heart of Darkness*)

Nas últimas décadas do século XX um novo movimento musical, conhecido como “cultura global do transe psicodélico”¹⁴, espalhou-se pelo mundo por meio de uma união entre música eletrônica, dança, natureza e utilização de substâncias que agem nas esferas física, psíquica e espiritual. Para compreendermos a complexidade que envolve os festivais psicodélicos que acontecem atualmente no Brasil, torna-se fundamental voltarmos às raízes desses encontros no sentido descobrir o contexto em que surgiram. Os dados encontrados a respeito desse estilo musical associam suas raízes a *Goa (Índia)* e limita-se a uma fonte ideológica que relacionou essa música à espiritualidade que naquele momento era buscada no misticismo oriental.

Se por um lado parece tentador atribuir o nascimento desse estilo musical e festivo a um local específico, por outro, torna-se importante considerar essa emergência como uma mistura de fenômenos que aconteceram simultaneamente em alguns países e que tiveram como ponto de encontro as praias de Goa em determinado momento, mas que foram disseminados por todo o planeta por intermédio dos músicos e demais viajantes.

De acordo com as referências a respeito do movimento, foi em meados de 1990 que o estilo musical eletrônico conhecido como *psychedelic trance*¹⁵ se misturou ao cenário de Goa,

¹⁴ *Trance Global Psychedelic Culture (Shangri-la-la: TranceGlobal Psy-Culture Magazine; n. 5/ winter 2003/2004)*. Disponível em: <www.shangri-la-la.go.uk>. Acesso em: 5 março 2005. (Anexo II)

¹⁵ *Trance* significa transe. Leach definiu o “**transe**” (de acordo com o *Penguin Dictionary of Psychology*: 1971: 41) como um “estado de dissociação, caracterizado pela falta de movimento voluntário e freqüentemente por automatismo no ato e pensamento, representados pelos estado hipnótico e mediúnico”. Assim entendido, transe pode compreender dissociação mental completa ou apenas parcial e é com freqüência acompanhado de visões excitantes ou “alucinações”, cujo conteúdo nem sempre é lembrado subseqüentemente de maneira tão clara. O autor destaca que os **estados de transe** podem ser imediatamente induzidos na maioria das pessoas normais por uma série de estímulos, aplicados separadamente ou combinados. Técnicas consagradas incluem a ingestão de bebidas alcoólicas, sugestão hipnótica, música e dança, ingestão de drogas, como a mesalina ou ácido lisérgico, e outros alcalóides psicotrópicos. O mesmo tipo de efeito pode ser produzido, mais lentamente, por meio de privações, tais como o jejum e a contemplação ascética (meditação transcendental). E *psychedelic* significa **psicodélico**, termo que foi criado pelo psiquiatra Humphry Osmond em 1953, para designar “algo com a capacidade de ampliar ou manifestar a mente”. (Cashman 1966: 17-18)

na Índia, que desde os anos 1960 é a Meca de *hippies*¹⁶, viajantes e *freaks*¹⁷. Com sua natureza paradisíaca, misticismo hindu e tradição hippie-psicodélica, o local tornou-se um grande atrativo para a cultura das *raves*.

O estilo eletrônico *trance* que foi tocado nas festas de Goa já vinha sendo produzido e executado na Alemanha, onde a cena se expandia consideravelmente; assim como na Inglaterra, onde a dominância dos *breakbeats hardcore* ganhava a cena das *raves* que aconteciam durante o dia em locais afastados das cidades. Tanto os *hippies* quanto os *punks* tornaram-se parte da cena *rave* eletrônica, assim como outros viajantes que passavam pela Alemanha, Inglaterra, Austrália, Japão e levavam em suas bagagens não só a música, mas também as idéias relacionadas a esse novo cenário, que proporcionou uma fusão de tecnologias musicais do Ocidente com as riquezas milenares do Oriente relacionadas às suas sonoridades e à espiritualidade.

Outro importante fato foi o estímulo dado por alguns jornais ingleses ao citarem Goa como um balneário alternativo destinado aos turistas que buscavam locais como Ibiza para passar o verão dançando ao som eletrônico. Não por acaso, tanto Ibiza quanto Goa se tornaram lugares mitológicos para a história das *raves* (Sebastian Chan, 1998).

Dessa mistura característica da era planetária surgiu um novo tipo de encontro social baseado no estilo musical *psychedelic trance* – transe psicodélico –, que desde então vem ultrapassando todas as fronteiras continentais até se tornar, no século XXI, um fenômeno global que acontece simultaneamente em alguns pontos do planeta.

No Brasil, foi por volta de 1998 que esse estilo musical e festivo chegou por intermédio dos estrangeiros e também dos brasileiros que viviam fora do país. Trouxeram a

¹⁶ *Hippies*: este foi o nome atribuído aos jovens ocidentais que nos anos 1960 participaram de movimentos culturais ou contraculturais que reivindicavam a extensão dos direitos de livre disposição do corpo e de autonomia sobre si próprio. “Como parte destes movimentos destacavam-se os que discutiam questões de política sexual, de gênero (o movimento feminista), e de opção sexual (o movimento homossexual). O uso voluntário do corpo para fins de prazer sexual se coligava à reivindicação da autonomia crítica da consciência, da recusa em se permitir ao Estado uma jurisdição química sobre a mente que busca controlar o que se ingere ou se introduz voluntariamente no interior do corpo. O movimento psicodélico representou uma defesa política da autonomia sobre a intervenção psicoquímica voluntária contra a política oficial do proibicionismo estatal” (Carneiro, 2005 : 8)

¹⁷ *Freak* é um termo genérico utilizado pela contracultura ocidental de 1990 para designar uma mistura de elementos das subculturas hippies, psicodélicas e punks, rejeitando as formas dominantes do capitalismo, consumismo, conformismo e intelectualismo. Os *freaks* apresentam uma admiração pelo modo de vida rústico, pelas viagens exóticas, psicodelia e vida comunitária. No entanto, aderem às novas tecnologias (música eletrônica e Internet) e relativamente não participam de forma direta na transformação da sociedade (Anthony D’Andrea, 2005).

nova música juntamente com as novas substâncias envolvidas na realização das primeiras festas que aconteceram em Arraial D’Ajuda e Trancoso (Bahia) e depois em locais próximos da grande metrópole São Paulo (ver Anexo I: Histórico). Desde então, tanto a música *trance* quanto as festas e festivais psicodélicos começaram a ser produzidos internamente no país, e pela divulgação e da conseqüente comercialização do estilo, os festivais, que antes atraíam duzentas pessoas, hoje envolvem um público de até 7 mil.

Como foi mostrado na “jornada psicodélica”, a primeira vez que a pessoa participa de um festival esse ato torna-se um marco, uma passagem de um estado a outro, uma iniciação, que tem sentido específico para quem se permite vivenciar uma abertura, pois estimula certa entrega para experiências que poderão ter tanto resultados positivos quanto negativos na vida das pessoas.

Considerando a etimologia da palavra “iniciação”, pode-se dizer que é simplesmente o começo de algo. Ao iniciar um caminho abre-se a possibilidade de conhecer novos espaços e descobrir algo diferente; trata-se, enfim, da possibilidade de ampliar as fronteiras conhecidas. Se o que se inicia envolve uma experiência energética tanto individual quanto coletiva, o corpo passará por transformações, assim como o estado de consciência será alterado.

Neste caso estamos iniciando aqui nossa jornada por um universo novo, que até então vem sendo mal compreendido e sofre constantes agressões e repressões por parte das instituições que regem nossa sociedade. Essas instâncias apresentam uma imensa dificuldade em aceitar as novas formas de interação social que se manifestam por meio dos festivais de música eletrônica que acontecem no Brasil, associando-os apenas ao uso de drogas ilegais.

Diante dos marcos das grandes transformações que geram e regeneram o século XXI, a globalização está associada a um momento planetário em que se tornou possível o deslocamento à velocidade do som. A Internet já absorveu a televisão, o que nos permite saber com razoável exatidão como são os lugares mais distantes de nossa realidade e o que acontece neles. Nesse contexto fluido e virtual alcançado pelas mais recentes descobertas tecnológicas inscreve-se a música eletrônica, que hoje é apropriada principalmente por determinado setor juvenil “informatizado”, o qual utiliza signos e símbolos que o diferencia na paisagem contemporânea.

A velocidade da informação, hoje acessível pelos meios de comunicação e suas tecnologias digitais, dinamiza espaços sociais globais relacionados a novos processos

informativos, criando novas maneiras de divertimento e relações interpessoais. É nesse contexto que a pesquisa é realizada.

Ao olharmos para esse novo movimento social abrimos a possibilidade de conhecer uma nova expressão ritual da sociedade contemporânea, que pouco tem a ver com as instituições do “deve ser” ditadas pela mídia televisiva e pela moral cristã, mas que considera com seriedade os valores e conhecimentos ancestrais a respeito do transe e do êxtase e os adotam como excitantes para experiências que rompem barreiras culturais e raciais.

Diversos estudos na área antropológica e histórica abordaram a música em seus usos tradicionais e apontam para o poder que essa expressão tem de mover os indivíduos e estimular uma experiência coletiva comum. Esta pesquisa propõe-se a demonstrar o poder da música *trance* e sua relação com a dança e com o uso de substâncias psicoativas, considerando suas funções rituais, que envolvem principalmente a união coletiva, o estado de transe e a experiência extática.

O poder da música e sua eficácia simbólica são aprendidos e incorporados por meio dos assíduos participantes, que encontram na dança uma possibilidade de expressão criativa. Sendo assim, os membros da celebração buscam de diferentes maneiras sintonizar-se com as frequências do transe psicodélico e com os instantes eternos de “êxtases coletivos”, nos quais espaço e tempo desaparecem em um misterioso fluir de energias.

O que tenho constatado frente a comparações é que a mais importante, profunda e transcendente característica do ritual é a expansão energética, ou seja, a transformação que ocorre a partir daquela experiência específica. Os participantes dos festivais psicodélicos chamam essa energia de *vibe* – vibração –, que corresponde à energia produzida por intermédio da vibração da música, do ambiente, da dança, das pessoas e dos elementos que compõem o cenário. A observação de campo mostrou que a *vibe* pode ser boa ou ruim, dependendo da harmonia entre os fatores que compõem a experiência e vão além das fronteiras da vida cotidiana, mobilizando o fluxo de energia e consciência dos indivíduos, enquanto parte de um coletivo anteriormente disperso.

Em todas as entrevistas realizadas, quando eu questionava o entrevistado sobre sua primeira vez em um festival psicodélico, ou seja, quando e como havia sido sua iniciação, percebi respostas semelhantes. Era freqüente ouvir longas respirações misturadas com

gargalhadas de alegria, seguidas da seguinte colocação: “Nossa [suspiros], a primeira vez foi muito forte, mudou a minha vida!”¹⁸.

É possível, portanto, admitir que quando uma pessoa é iniciada em um festival de transe psicodélico, estará conseqüentemente iniciando-se em um ritual energético, em geral sagrado para quem o efetua. Podemos dizer que se o ritual for corretamente realizado, a transformação energética ocorrerá. Um ritual está relacionado a determinados modos de ação, que servem como técnicas para mudar o *status* moral da pessoa de profano para sagrado ou vice-versa. A seqüência, como propõe Leach (1974: 207), engloba quatro fases distintas. Primeiro acontece a separação da vida cotidiana, na qual a pessoa é transferida do mundo secular profano para o sagrado e experiência, conseqüentemente, a “morte simbólica” para a inserção em um período de reclusão ritual. Na segunda fase, denominada “estado marginal”, a pessoa moral está numa condição comportamental distinta, vivenciando uma espécie de animação em suspensão, em que o tempo social ordinário pára. Na terceira fase ocorre o rito de dessacralização, ou agregação, na qual a pessoa é trazida de volta do mundo sagrado para o profano e vivencia o renascimento simbólico no tempo secular que começa novamente. E, por fim, a vida cotidiana regular volta ao normal, representando o intervalo entre os festivais sucessivos.

Os ritos de passagem estão relacionados à demarcação dos estágios do ciclo vital humano e devem estar ligados com alguma espécie de representação do tempo pendular alternado. Os festivais acontecem em intervalos sucessivos e em geral se repetem nas mesmas datas todos os anos. Como uma substituição ritual, a maioria dos festivais é marcada nos feriados do calendário gregoriano que segue o tempo cristão, representando a necessidade dos que não participam mais dos rituais católicos de continuarem ordenando o tempo social.

Os rituais revelam os valores no nível mais profundo. Os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente, e sendo a forma de expressão convencional, os valores do grupo é que são revelados. O estudo do ritual de transe psicodélico é uma chave para compreendermos as vias tecnológicas e globalizadas que compõem o cenário contemporâneo.

¹⁸ Esse exemplo foi retirado da entrevista com Rogério Lamart (musicoterapeuta e ativista planetário).

No livro *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*, Turner (1974: 25) considera o comportamento ritual como sendo de fundamental importância para a manutenção e a transformação radical das estruturas psíquicas e sociais. O autor especifica que o comportamento ritual estereotipado envolve gestos, palavras, objetos que limitam o espaço da performance, implicando a necessidade de um ambiente especial para a realização do mesmo. Em sua pesquisa realizada entre o povo ndembo, ele delimitou como sendo seu principal objetivo explorar a semântica dos símbolos rituais e construir, a partir da observação, um modelo de estrutura desse simbolismo, visando atingir “a visão interior ndembo” – o modo como os ndembos sentem seu próprio ritual e o que pensam a respeito dele.

Para a maioria dos participantes entrevistados durante a pesquisa, a iniciação ritual e a conseqüente transformação energética impulsionada pela *vibe* coletiva apresentaram-se como um mistério que os tocaram profundamente. O mistério em questão não é um território inexplorado que desaparecerá depois de conhecido. Trata-se de algo menos terreno, menos concreto, que existe em dimensões às quais nunca teremos acesso a partir do plano em que nos encontramos na vida cotidiana.

MacAteer (2002) investigou o fenômeno das festas que aconteceram em Goa (Índia) e eram organizadas em torno do DJ Goa Gil, freqüentemente aclamado como o “pai do Goa *trance*”. Para ele, a criação dessas festas pode ser compreendida como uma redefinição dos antigos rituais tribais para o século XXI. A idéia de festa como ritual está associada ao ato de dançar durante toda a noite aos sons rítmicos que guiam os estados de transe, comparável aos rituais tribais do passado. No entanto, ao aproximar-se da narrativa dos criadores e participantes, ele percebeu que o conceito de festa como ritual está ligado a uma comparação com as proporções religiosas desses eventos como uma variação de formas de espiritualidade ou êxtase religioso.

O autor concluiu que os participantes se tornam convencidos de que existe algo além do que é tipicamente entendido por uma “festa”. Nesses encontros, temos a experiência mística associada tanto ao transe quanto ao êxtase coletivo. Sendo assim, o termo “festa” ou mesmo “festival” se torna inadequado para descrever a percepção dos participantes nesse tipo de encontro coletivo. Assim, os antigos integrantes do movimento utilizam o termo “ritual” para vislumbrar as extraordinárias qualidades que os participantes percebem em suas celebrações.

D'Andrea (2005) escreveu sobre a “economia espiritual das *raves* em Goa” e chegou à conclusão que existe uma afinidade entre a cultura *rave* psicodélica e a espiritualidade da contracultura. Para o autor, as *psychedelic trance parties* (festas de transe psicodélico) de Goa são *raves orientalistas* que misturam a tecnologia psicodélica com a iconografia hinduísta, como estímulos a uma *subcultura* que deve ser considerada em seu momento histórico e político, visto que está envolvida com a globalização e o uso das novas tecnologias – de som digital – e também tecnologias químicas-psicofarmacológicas – como o MDMA (*ecstasy*) e o LSD (ácido lisérgico), substâncias mais utilizadas nesses encontros, como estímulos para as experiências transpessoais que envolvem hoje um movimento global.

O autor identificou nesse grupo uma “espiritualidade nômade” envolvendo o centro do movimento de música e dança psicodélica que se espalhou pelo mundo e identificou a emergência de novas formas de vida, devido ao fato de estas pessoas estarem envolvidas com experiências em diversas culturas e estarem vivenciando intensamente a complexidade da globalização em suas formas de criação artística e sustento diário (trabalho). No entanto, é questionável se a espiritualidade está a serviço da busca de experimentações hedonistas, de um grupo cosmopolita que se mantém como uma comunidade móvel que dissolve, por meio da alta tecnologia, as barreiras de espaço e tempo possibilitadas pelo processo de globalização.

Larkin (2003) também desenvolveu uma exploração entre a relação do uso de substâncias “enteógenas”¹⁹ com a emergência global dos rituais “techno-xamânicos” – nome atribuído pelo autor às festas e festivais de *trance* psicodélico–, pois defende que esse fenômeno representa uma redefinição dos antigos rituais (que empregavam as técnicas de produção do êxtase) por meio das novas tecnologias. Sua tese mostra que foi por intermédio da revolução psicodélica e da reinserção das substâncias “expansoras da consciência” no contexto do paradigma ocidental que foi impulsionado o desenvolvimento da cultura psicodélica global, a qual utiliza os recursos tecnológicos para redefinir as práticas extáticas na sociedade contemporânea.

¹⁹ Enteógenos: o termo foi proposto em 1978 pelo investigador Gordon Wasson e outros para referir-se às plantas que têm sido usadas como instrumentos sagrados de êxtase (Ott, 1995).

O autor afirma que tais manifestações representam o “retorno do arcaico” sugerido por Terence McKenna; um meio moderno para explorações a respeito das curas xamânicas e dos poderes terapêuticos de substâncias amplamente utilizadas pelas culturas arcaicas, possibilitando, conseqüentemente, novas formas de experienciar os antigos conhecimentos envolvidos nos rituais que foram por muito tempo banidos de nossos “olhos” e “sentido,” por constituírem expressões do “paganismo” radicalmente proibido pelo catolicismo ocidental.

Fontanari (2004b), em sua pesquisa “Sensibilidade eletrônica: música e ritualidade jovem contemporânea”, considerou o fenômeno *rave* como uma expressão da religiosidade contemporânea que adota práticas místico-alternativas relacionadas à música eletrônica, as quais adquirem sentido em um contexto cosmológico e social que remete à condição presente da cultura nos mundos ocidentais urbanos que viabilizam elementos “transculturais”. O autor também se refere ao consumo de substâncias psicoativas como prática cultural jovem nas festas de música eletrônica. Partindo do pressuposto de que este consumo tem um sentido definido nessas práticas e de que este sentido é dado com base em três dimensões interconectadas – rituais, distinção ideológica e agenciamento jovem –, o pesquisador constatou que o sentido atribuído pelo grupo ao uso ritual dos psicoativos com a finalidade de facilitar o “descontrole” do corpo “egocêntrico” choca-se diretamente com a legitimidade reivindicada pelo Estado sobre o controle do uso e comércio de substâncias consideradas perigosas.

Em “Usos do corpo nos festivais de música eletrônica”, Coutinho (2006) desenvolveu uma pesquisa antropológica que encontrou no corpo o principal veículo de construção do *ethos rave*, ao constatar que existe uma preocupação com a apresentação do “eu” para os “outros”, o que poderia significar algum tipo de controle num ambiente aparentemente sem regras. Formulou essa explicação a partir da reflexão sobre a razão do uso de dois adereços usados pela maioria dos participantes – os óculos escuros e o chiclete –, que estão relacionados à aparência dos estados alterados do metabolismo (dilatação da pupila e bruxismo), causados pelo uso de determinadas substâncias. O autor constatou que o estado ideal buscado pelo grupo seria o de “êxtase”, e não o abuso de drogas, que pode ser evitado a partir do controle do grupo sobre os excessos cometidos pelos indivíduos.

Nos festivais são definidas regras formais e informais de comportamento relacionado ao “uso de substâncias psicodélicas”²⁰, que nesse contexto abarca uma grande variedade, desde as mais naturais até as mais novas substâncias sintetizadas em laboratório. Nesses ambientes, a maioria dos participantes faz uso dessas substâncias sintéticas, as quais são principalmente empregadas para alterar o estado de consciência (físico, psíquico e espiritual). Os estados alterados de consciência são um fenômeno universal, e o uso de uma grande variedade de substâncias para alcançá-los é reconhecido através da história.



Abertura do festival Trancendence 2005 pelos índios Fulni-ô - Foto: Carol Guerra

“No início da humanidade era assim, as tribos se reuniam em rituais, para dançar, para curar, para se comunicar com o mundo espiritual, para celebrar a natureza; e utilizavam também a música e as substâncias psicoativas como portais para tais experiências.” Charles Oliveira, VJ – artista multimídia. (Entrevista realizada no dia 3/6/2004)

²⁰ Optei aqui pelo termo “substâncias psicodélicas” pelo fato de que essa é a terminologia adotada pelos adeptos do movimento, mesmo compreendendo que muitas das substâncias utilizadas nesse contexto não são de caráter psicodélico, que diz respeito à capacidade de ampliar ou manifestar a mente. E ressalto que o “uso de substâncias psicodélicas” é uma escolha individual de cada participante. Das 35 entrevistas que realizei, oito pessoas afirmaram não utilizar nenhum tipo de substância nesse contexto (nem mesmo álcool ou tabaco).

Considerando o fato de que a maioria dos antropólogos²¹ se devotou a registros detalhados e minuciosos das crenças e ritos de inúmeros povos tribais espalhados sobre a face da Terra, muitas riquezas de informações sobre as variedades de experiências espirituais podem ser hoje utilizadas como material para comparações. A espiritualidade²² e o êxtase se tornaram o centro da análise comparativa realizada por Lewis (1971: 20) que descreveu o público psicodélico “engajado na busca de novas formas de iluminação religiosa e excitação” como um grupo social que confirma a primazia da experiência mística e proclama a posição amplamente aceita de que todo encontro transcendental é único e só pode ser apreendido por meio da experiência pessoal e direta.

A nível individual isso é evidentemente verdadeiro. Mas não altera o fato de que a experiência mística, como qualquer outra, está baseada e se relaciona com o ambiente social em que é experimentada, representando assim a cultura e a sociedade da qual faz parte. Desse modo, é interessante considerar a diversidade das diferentes formas como as culturas conceituam e tratam experiências como o transe e o êxtase, as quais envolvem a alteração do estado de consciência. Esta pesquisa buscou compreender como tais experiências estão sendo usadas na sociedade contemporânea, regida pela tecnologia, pela velocidade, pela globalização da informação e pela permeabilidade das culturas.

²¹ Ao propor uma sociologia do êxtase, Lewis destaca que: “A tarefa do antropólogo é descobrir em que acreditam as pessoas, e relacionar operacionalmente suas crenças e outros aspectos de sua cultura e sociedade. Ele não tem nem a capacidade nem a autoridade de se pronunciar sobre a ‘verdade’ absoluta das manifestações extáticas em diferentes culturas” (Lewis, 1971: 23). Portanto, os julgamentos, referentes ao significado das experiências relacionadas aos festivais de transe psicodélico, só serão relevantes à nossa análise antropológica na medida em que são feitos pelos participantes em cujo meio essas experiências ocorrem.

²² Para evitar equívoco, é importante fazer uma distinção entre espiritualidade e religião. A espiritualidade baseia-se em experiências diretas com aspectos e dimensões não-comuns da realidade e não requer um lugar especial ou uma pessoa oficialmente apontada pra mediar o contato com o divino. Os místicos não precisam de igrejas ou templos. O contexto em que experienciam as dimensões sagradas da realidade, incluindo sua própria divindade, são seus corpos e a natureza. E, em vez de ordenar padres, eles precisam do apoio de um grupo de companheiros de busca ou da orientação de um mestre que esteja mais avançado na jornada interna (Grof, 2000: 204).

AS PORTAS DA PERCEPÇÃO

“Entregue-se ao som, o portal está aberto. A mente é o que trabalha, e o corpo balança na leveza da música. Feche os olhos e dance como se ninguém estivesse olhando. Arraste os pés de um lado para o outro na batida contrária à da música e sinta a incomparável sensação de estar deitado na rede de prazer da vida.”²³

Há diversas formas de abordar o universo simbólico dos festivais psicodélicos. Podemos começar pelos nomes: *Universo Paralelo, Transformation, Transcendence, Cachoeira Alta, Earth Dance, Waves of Peace*. Estes nomes revelam respectivamente o imaginário do grupo, que busca experiências de: um Universo paralelo, transformação, transcendência, natureza, o planeta Terra dançando, ondas de paz .

Os festivais têm em comum uma mensagem de transição de um modo de viver para outro; de um modelo mecânico e artificial para outro mais integrado, desperto para as sincronicidades da vida. Esses ambientes festivos, ao estimularem experiências estéticas e extáticas que despertam sensações de unidade e de ligação intrínseca entre tudo o que existe, colocam em prova a causalidade que fundamenta a descrição do mundo ocidental, a qual tende a isolar todos os processos e fragmentar a relação entre os acontecimentos.

Os cenários estimulantes dispunham dos seguintes elementos: música eletrônica (*psychedelic trance*), dança (expressão corporal), artes circenses (performances), áreas de acampamento, fogueiras, *chai shops* (lanchonete com chás e guloseimas), atividades com vivências (ioga, *tai chi*, meditação grupal, ambulatório de *reiki*, massagem, oficinas de artes plásticas e de música), espaço para as crianças brincarem (arte e descanso), conferências para a troca de idéias, feiras de troca, educação ambiental²⁴, Calendário da Paz²⁵, Feira Mix (pontos-de-vendas de roupas psicodélicas, indianas, cristais, colares etc.); praça de alimentação variada (de churrasco a comida natural, lembrando que é um espaço que agrega diferentes grupos) e muita arte psicodélica para a contemplação de todos.

Segundo relatos, as primeiras festas desse estilo que aconteceram no Brasil foram divulgadas no “boca a boca”, e apenas no dia os participantes ficavam sabendo o local onde aconteceria o encontro. Atualmente, o principal veículo de informação utilizado pelo

²³ Texto retirado do *Flyer*, de divulgação do Brazilian Trance Festival.

²⁴ Photossíntese (Gestão Ambiental: photossintese@suzuya.net)

²⁵ Disponível em: <www.calendariodapaz.com.br>.

movimento global do *psychedelic trance* é a Internet, mas os festivais também são divulgados por meio dos *flyers*, que podem ser encontrados em algumas lojas específicas, como por exemplo na Glow Trance Wear²⁶. Os *flyers* costumam ser entregues durante as festas e festivais, colocando os participantes a par do que estará acontecendo na cena durante o ano. Vale dizer que os grandes festivais são divulgados com até um ano de antecedência, tempo também de preparação pelos organizadores e produtores.

Os meios de divulgação refletem o universo simbólico do grupo em questão, envolve a arte psicodélica, exalta a qualidade do som, da decoração e da natureza. Pelo fato de acontecerem em locais de difícil acesso, os mapas são encontrados nos *flyers* ou nos *sites* dos eventos, os quais contêm também os pontos-de-vendas e o preço dos ingressos disponíveis em todo Brasil; assim como o *line-up*, que é uma lista dos principais DJs que irão tocar durante o evento.

FLYERS DE DIVULGAÇÃO:



²⁶ Glow Trance Wear: a primeira loja de roupas e acessórios *trance* do Brasil, situada na Galeria Ouro Fino – Rua Augusta (SP).

Line Acts

- GBU** (solstice music) França
- Eskimo** (phantasm) Inglaterra
- Antidote** (solstice music) França
- Deedrah** (soun rec.) França
- Dinamo** (phantasm) Inglaterra / Israel
- Dynamic** (phonoid) Israel
- Synthetic** (solstice music) França
- Wrecked Machines** (soun rec.) Brasil
- The First Stone** (vagalume rec.)
- Brain XL** (rig zag Rec.)
- Skulptor** (high end)
- Spiritual Enhancer** (solar fires)
- Burn Noise** (vagalume rec.)
- Esperança** (e-Quility / Psyzone)
- Dayd** (slovakia rec.)
- Interactive Live** (w/c rec.)

** Todos os artistas estão confirmados e line up será atualizado até 20/01*

Line Up

- Dimitri Nakov** (GB soun rec.)
- Serge** (slovakia/brasilian music)
- Deed** (slovakia/brasilian rec)
- JP** (The World rec.)
- Gabi** (soun rec.)
- Mack** (soun rec.)
- Swarup** (vagalume/brasilian paratele)
- Lipe Forbes** (high end)
- Ratha vs Christian** (spiritual e-harmon)
- Ice** (soun rec.)
- Pia** (Phon Molamnet)
- Rodrigo Leal** (Psychogames)
- Tati** (Plastic Park)
- Claudio Brio** (Tropical Beats)
- Poli** (soun rec.) Irlanda
- DB** (soun rec.)
- Wai** (soun rec.)
- Binog** (soun rec.)
- Marcotilha** (soun rec.)
- Do Serena** (soun rec.)
- Fela** (soun rec.)
- Yasser** (soun rec.)
- Stefano** (soun rec.)
- Marcos BPM** (soun rec.)
- Ekato** (soun rec.)
- Padria** (soun rec.)
- Caramaschi** (soun rec.)
- Akasha** (soun rec.)
- Andriod** (soun rec.)

** Todos os artistas estão confirmados e line up será atualizado até 20/01*

Ingressos limitados

O Evento tem capacidade limitada para **2.000** pessoas.

Preços:

- Promocional até **05/03** R\$ 130,00 (limitado a 250 ingressos)
- até **19/03** R\$ 170,00 (limitado a 1000 ingressos)
- até **23/03** R\$ 210,00 (limitado a 250 ingressos)
- na porta R\$ 240,00 (limitado a 250 ingressos)

- * não aceitamos cheques
- * somente comite nos pontos autorizados
- * proibida a entrada de crianças.

Cronograma

- 01 - 24/03**
08h abertura do camping
12 h abertura chill-out
18 h abertura dance floor
- 02 - 27/03**
08h encerramento dance floor
24h encerramento chill out
- 03 - 12/04**
12 h fechamento do camping

Estrutura

- Banheiros em alvenaria
- Infra estrutura de camping
- Préio de alimentação 24 h
- Estrutura e equipe de bar-art. cor
- Posto médico
- EAW Sound system
- Décór: **SPACE DEVS**

Postos de Venda

Arrai d'Ajuda
Régio Presentes - Estádio do Mucugi, 125
01277-9 576-3056

Belo Horizonte
Freak Fly Wear - Shop, 5ª Avenida,
Chili Beans - Pista Salsitas,
Chili Beans - 9ª Shopping,
Chili Beans - Dúnduro Mall

Vitória
Chili Beans - Shop, Vitória

Brasília - DF
Tobacco - Pôr 21 (011) 325-44 023
Tobacco - 309 Norte (011) 340.0034

Rio de Janeiro - RJ
Chili Beans - Rio de Janeiro
New Roots - Rua Rua Mar de Sã 1387
Lapa (21) 2509 5072
Good Trip - 9516-1880 / 9523-7043

Salvador - BA
Acopl (71) 3277-8626

Ribeirão
Good Trip - 9516-1880 / 9523-7043
Leonardo Vinhas - Rua Eurico Anjo nº 114
(21) 261-91636 / (21) 812-6-3144

São Paulo - SP
Theles eMusic - Gal. Ouro Fino - (11) 3058-4790
Glow - Gal. Ouro Fino, Rua Augusta 2050

Curitiba
Doctor Disco - Rua Saldanha Marinho, 140 - Centro
(41) 222-2909

Palmas
Cláudio Negreiros - (63) 9327-6018

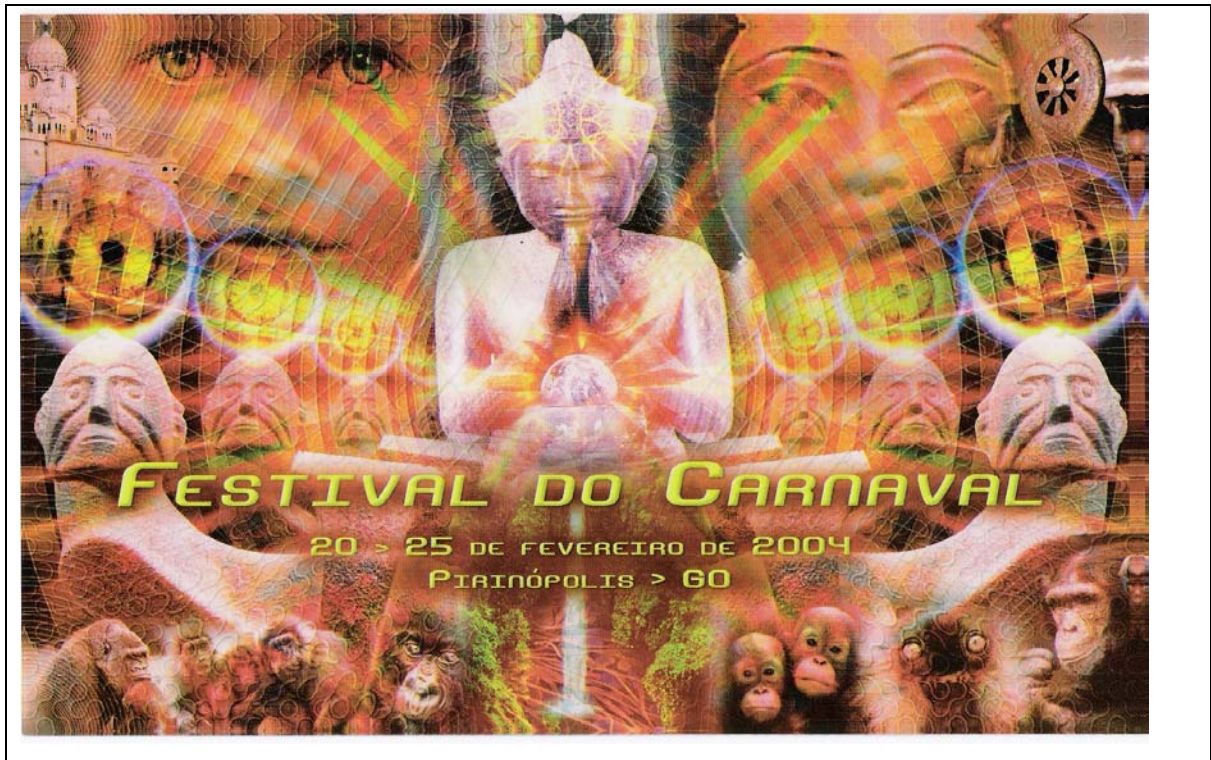
Goiania - GO
Ambiente Skate Shop - Rua 130, Beco Barão
(62) 2518144 ou (62) 2511116

19, 20 e 21 DE SETEMBRO

EAARTH DANCE BRASIL - 2003

CACHOEIRA ALTA - MG





Atualmente, como os festivais brasileiros se tornaram um atrativo mundial, o valor dos ingressos está em alta. Se antes os preços variavam entre 30, 50 e 100 reais, em 2006 custam de 150 reais a 250 reais quando é comprado na entrada. Os organizadores alegam que o alto custo para estruturar esse tipo de evento faz com que o valor dos ingressos também seja elevado.

A organização dos festivais exige uma série de operações: começa pela escolha do local, que deve ser naturalmente belo; depois inicia-se o processo de criar nesse local isolado da cidade uma estrutura que possa suportar muitas pessoas nesse ambiente por alguns dias, o que inclui desde a limpeza do lugar até a construção de banheiros (fossas, chuveiros coletivos), área de alimentação (cozinha, pia, etc.), instalação elétrica, preparação da área de acampamento, montagem de palcos e outras áreas alternativas. Além disso, para que um festival psicodélico aconteça é necessário que muita arte esteja envolvida, razão pela qual existe todo um processo que implica não apenas a escolha desses artistas (DJ's, músicos, VJ's, cenógrafos, malabaristas, profissionais da área de saúde, etc.), mas também o transporte dos mesmos até o local do evento (muitos artistas chegam de fora do país, o que envolve passagens aéreas, hospedagem) e outras tantas questões que são esquematizadas pelos

organizadores. E ainda há o custo dos equipamentos de som, os quais devem ser muito potentes.

Os festivais que acontecem no país contam com múltiplas equipes voltadas para diferentes funções dentro da estruturação dos mesmos. Por exemplo, os organizadores da Trancendence e do Universo Paralello (ambos na terceira edição) passaram um ano preparando os espetáculos que duraram quase uma semana e cada um envolveu mais de 5 mil pessoas. Essas características explicitam a rápida expansão desse segmento musical no país, assim como o envolvimento e a profissionalização de um grande número de pessoas que têm nessa nova arte e nesses eventos festivos um meio de sustento econômico.

Pouco tempo atrás (1998) as festas eram montadas pelos próprios participantes, como mostra o relato de um personagem da cena:

“Antigamente não existia uma estrutura, igual hoje, que você chega em uma festa e já está tudo montado. Antes nós nos juntávamos para fazer uma festa acontecer. Cada um sempre tava fazendo alguma coisa ou a decoração, limpando o lugar, montando o som. Foi assim no começo, a turma se juntava e construía a festa para depois dançar, era meio um teste de resistência. E era legal porque a decoração ia mudando, a cada noite uma decoração diferente era colocada e a festa só ficava pronta no último dia. Era mais interessante porque não tinha o lado comercial dentro da festa.” (Mickey, entrevista realizada em Alto Paraíso, ago. 2005)

Atualmente, as festas de um dia têm um caráter mais comercial, pelo fato de atingir um público que em sua maioria está em busca de lazer no final de semana. Elas geralmente começam durante a noite e terminam no final do dia seguinte, e os lugares onde ocorrem são de fácil acesso, o que permite que as pessoas cheguem de carro e até utilizem seus celulares durante o evento, o que é quase impossível em um festival. Em de São Paulo, por exemplo, acontecem duas grandes festas chamadas: Exxxperience e Tribe., ambas realizadas próximas à cidade, e a cada ano aumenta o número de participantes envolvidos. Em 2005 a festa Tribe custou em torno de 30 reais e recebeu quase 20 mil pessoas durante um final de semana chuvoso na região. Megaeventos como este mostram que o *trance* já se tornou mais um atrativo da cultura *pop* mundial, atraindo cada vez mais adeptos pelo fato de estar diretamente associado a experiências muito prazerosas.

Em sete anos a cena *psychedelic trance* cresceu rapidamente no Brasil e também ganhou novos adeptos em todo o mundo. Hoje os festivais agregam um número muito grande de pessoas envolvidas, tanto na produção como na participação. Essa característica faz com

que exista a necessidade de grandes estruturas para atender o público que aumenta a cada evento. Conseqüentemente, esses movimentos se tornaram um foco comercial em muitos aspectos, característica que para muitos dos seus integrantes representa a perda da essência do mesmo. Exemplos disso podem ser vistos por meio do surgimento das gravadoras específicas de *trance*, das lojas voltadas para artigos psicodélicos (roupas, malabares e demais acessórios) e outras inúmeras formas de ganhar a vida por intermédio de um movimento artístico em expansão.

“O que está acontecendo no Brasil é que esse movimento está chamando muito a atenção do pessoal que faz eventos. Os *promoters* estão encontrando nas festas uma maneira tranqüila de ganhar dinheiro. Está acontecendo uma explosão de festas desse tipo no país. Mas na minha opinião o *trance* é um estilo musical que traz em si um conceito, uma cultura, e esses organizadores não estão voltados para a cultura psicodélica que envolve o *trance*, o que é bem complicado. O que estamos tentando fazer aqui, por meio desse festival, é mostrar como é essa cultura. Estamos arcando com uma série de custos que uma festa comercial não teria e que estão destinados à arte, à cultura e à espiritualidade.” (Organizador do festival Universo Paralelo, entrevista realizada na Bahia, dez. 2004)

Os festivais se tornaram mais um atrativo disponível no mercado mundial, que associa experiências estéticas à espiritualidade. Característica bem peculiar que está ligada às origens do grupo relacionadas ao movimento hippie dos anos 1970, quando muitos ocidentais partiram para o Oriente e ficaram espantados ao encontrar culturas espiritualizadas que serviram como cenário para a expansão da cultura psicodélica.

Segundo Metha (1999: 15-93), quando os hippies descobriram as praias de areia alva de Goa (Índia), ficaram deslumbrados com a natureza em sua aparência mais primitiva e romântica: “E que chegada! Milhares e milhares deles, batendo címbalos, tocando sinos, soprando flautas, usando cores vivas e roupas esquisitas, cantando e dançando e falando línguas. Uma caravana de celebrantes libertinos, que na confusão mental do barato, jogava pela janela todas as convenções de casta, raça e sexo”. Para a autora, a maneira como os hippies se jogaram à deriva no redemoinho de visões diferentes sobre a validade da simples atividade mental parece um preço muito alto a pagar por tarifas aéreas baratas. A velocidade das viagens a jato parece ter eliminado as distinções entre geografia e filosofia. Ou entre alucinação e salvação.

“Eu acredito que nossos tios e o grupo envolvido na criação do festival têm isso como ideologia mesmo. Investiram muito para fazer uma festa bonita, para fazer isso aqui acontecer de forma que as pessoas fiquem felizes. Eles são dessa geração da contracultura dos anos 70, foram hippies. E acho que isso aqui é uma continuação disso através da transformação que foi acontecendo. Veio a tecnologia, mas a

ideologia continuou. Eu acho que é o remanescente dessa cultura. E eles fazem isso acreditando que assim vão estar contribuindo para um mundo melhor. E nesse festival eles se centraram em trazer informações que possam despertar os participantes para outros aspectos. Trouxeram pessoal de fora para dar palestras sobre o meio ambiente, pessoas para promover debates sobre o uso de drogas, artistas para fazer performances e profissionais para oferecer atividades como ioga, meditação etc.”²⁷

Enquanto grande parte da sociedade contemporânea julga que o movimento hippie psicodélico morreu ainda nos anos 1970, outra acredita que a cultura psicodélica apenas ganhou novas formas de expressão. É o caso de Regina (44 anos), moradora de Alto Paraíso (Goiás), região onde aconteceu em julho de 2005 a quarta edição da Trancendence:

“Eu acredito que não só a Trancendence, mas as *raves* que acontecem no Brasil estão refletindo um período de mudanças muito grande. Porque nos anos 60 e 70 foi o Woodstok, que para a nossa geração representou um rompimento e uma quebra de paradigmas. Agora as *raves* são na verdade o Woodstok eletrônico com uma nova cara, mas espelhando uma situação semelhante de mudanças planetárias. Elas chegam como uma coisa agressiva, mas expressam um movimento natural do que é a vida. Vêm mesmo para fazer um rompimento grande, uma catarse coletiva. A nossa geração rompeu com a cultura, a educação e os valores da época, e agora os nossos filhos estão rompendo de novo e fazendo suas próprias descobertas. Assim, nós rompemos e ficamos sem referência, e agora vem a nova geração fazendo um rompimento, mas também eles estão meio perdidos. Na verdade, eu sinto que a nova geração é mais determinada e mais preparada, e o que virá por aí, só o tempo vai dizer para a gente. Que movimento foi esse? Daqui a vinte anos nós vamos estar comentando: ‘Você lembra do Woodstok eletrônico?’. Aí daqui a dez, vinte anos já vai haver outras coisas. Eu acho que isso faz parte da própria evolução do planeta, enquanto parte da natureza e ao mesmo tempo como grande predador da natureza.”²⁸

Como “filhos” do mundo contemporâneo, os “neo-hippies” ou “viajantes da tribo do arco-íris” – como são chamados os integrantes do movimento psicodélico no século XXI – incorporam em seus rituais toda uma gama de conhecimentos que vão desde “técnicas arcaicas do êxtase”²⁹ às mais recentes descobertas tecnológicas. Nesses contextos, a integração do ancestral com as tecnologias modernas voltadas para as experiências estéticas culminantes estão associadas a um discurso em prol da paz, sintetizado na sigla P.L.U.R., que

²⁷ (Rayssa, arquiteta e fotógrafa, entrevista realizada no Festival Universo Paralello, 2004)

²⁸ Entrevista realizada em Alto Paraíso, em julho de 2005. Regina é moradora da cidade há dez anos, onde administra uma pousada que recebe muitos turistas na época do Festival Trancendence.

²⁹ Segundo Grof, as “técnicas arcaicas do êxtase” descritas por Eliade (2002) como sendo as características mais importantes do xamanismo, sistema espiritual de cura mais antigo da humanidade, envolvem vários procedimentos de alteração da consciência capazes de induzir a estados holotrópicos (experiências totalizadoras) com propósitos rituais e espirituais. Esses métodos combinam, de várias maneiras, tambores e outros tipos de percussão, música, cantos, danças rítmicas, controle da respiração e mesmo substâncias que alteram a consciência. (Grof 2000: 22)

atende por Paz, Amor, União e Respeito. Veja a seguir o material que foi entregue em muitos festivais nos quais realizei pesquisa de campo:

Musica é vida * trance é cultura
Plurall.org³⁰: Paz + Amor + União + Respeito para todos
Num festival de *Psy Trance* estamos todos conectados
E você sabe o que nos conecta? Chama-se P.L.U.R., e não é um sabão em pó. Trata-se de uma sigla que atende por *Peace, Love, Unity e Respect* – Paz, Amor, União e Respeito. São palavras poderosas e podem ser difíceis de conceituar, mas aqui vão algumas sugestões:
PAZ: a serenidade que você encontra dentro de si mesmo e com outras pessoas ao redor. Não é de simples alcance, é preciso se esforçar, mas quando você está em paz consigo mesmo, com os outros e com o Planeta, apenas coisas boas serão geradas por você.
AMOR: o profundo carinho que você sente pelos seus amigos, por estranhos, por aqueles que necessitam de carinho e por você mesmo. É simbiótico, pois toda boa vibe que você pode depositar em alguma coisa voltará espontaneamente para você.
UNIDADE: significa que todos nós compartilhamos coisas em comum, a despeito de idade, sexo, raça, religião. Somos todos seres humanos que precisam de outras pessoas, que buscam alegria e felicidade. Podemos ter diferenças, mas nossos sentimentos pertencem à mesma fonte. Logo, somos uma Unidade.
RESPEITO: ter respeito pelos outros, suas idéias, suas culturas, suas vidas. Significa respeitar as necessidades básicas do outro, desde seu corpo físico (alimentação e descanso) até seu corpo espiritual e sua plena liberdade para fazer o que quiser.
Passar adiante uma sabedoria que melhora a qualidade da existência do outro também é uma profunda manifestação de respeito e amor. Isto é P.L.U.R em sua forma mais primária; a maneira como um indivíduo escolhe praticar em seu cotidiano varia de um para outro. A forma com que você fará isso é somente sua. Brad

No contexto dos festivais todos são bem-vindos: negros, brancos, amarelos; ricos e pobres; heterossexuais, homossexuais ou bissexuais; estrangeiros, deficientes. O que importa é que, unidos pelo transe que a música proporciona, todas as diferenças são celebradas a ponto de se dissolverem, originando o místico sentimento de unidade.

“Paz, Amor, União e Respeito. Em algum momento da história da humanidade esta experiência deve ter acontecido. Senão, não estaríamos buscando tão preciosa utopia. Senão, não teríamos qualquer referência do que isto poderia ser ou significar. Universo Paralelo convida a todos para viver esta maravilhosa experiência, este verdadeiro tesouro, que por algum motivo sabemos existir, mas que apenas às vezes, de relance, podemos vivenciar. Neste generoso espaço que agora se abre e nos recebe, de forma tão acolhedora, saibamos retribuir à altura e buscar dentro de nós mesmos a matéria-prima que transforma estas palavras mágicas em realidade, e que faz de nós humanos, criaturas tão especiais. Está aberto o ritual. E o convite. Culturas do mundo inteiro estão aqui presentes, para que cada uma possa, de forma delicada, e criativa, nos conduzir a esta dimensão onde todos os sonhos são possíveis, onde a

³⁰ Disponível em: <www.plurall.org>

responsabilidade é total, onde aquela semente, guardada dentro de cada um, possa florescer e revelar o real significado de ser humanos.” (Encarte de abertura do editorial do Festival Universo Paralelo 2006, entregue aos participantes na entrada)

A disseminação de uma ideologia pacifista associada à prática festiva, considerada “mística³¹-alternativa” (Fontanari b 2004), reflete o imaginário de um grupo que acredita na qualidade de esses encontros possibilitar a seus participantes um contato com o real significado de serem humanos, mesmo que esses possam encontrar também um caminho para se perder completamente. Como em qualquer manifestação social, os festivais também envolvem tanto aspectos sombrios quanto iluminados. Mas nesses encontros ambos os aspectos podem ser integrados através de uma canalização dos elementos negativos por meio da arte, em um contexto em que cada um é respeitado como “obra de arte”, pois todos são tidos como capazes de existir enquanto tal.

O termo “alternativo”, utilizado para designar o movimento musical em questão como dissociado dos interesses ou tendências dominantes, talvez seja inadequado, visto que nos dias atuais esses eventos fazem parte da cultura de massa, mesmo que pareça em alguns momentos estar fugindo dela. Afinal, a cena *trance* envolve um mercado segmentado de consumo que alimenta uma parte da economia que está voltada para uma população específica, globalizada.

Para os mais antigos integrantes do movimento, a justificativa de que existe hoje uma divisão dentro da cena brasileira é comum. Alegam que de um lado estão as festas mais comerciais e de outro as mais “alternativas”. No entanto, mesmo dentro desse segundo segmento existe o comércio e o consumo capitalistas, que na sociedade globalizada captura todas as manifestações, tendendo a massificá-las. Portanto, como poderia ser diferente com os festivais? Para muitos envolvidos a diferença diz respeito à maneira como esse movimento utiliza-se dos meios capitalistas para criar arte e sobreviver por intermédio dela.

Além de um simples produto de consumo, os festivais psicodélicos criam em seu interior uma “economia autopoética” (Thompson, 2001: 175-88), pois por meio dessas novas manifestações da cultura eletrônica está sendo criado um estilo de vida que faz girar sua

³¹ Místico: Aquele que mediante a contemplação espiritual, procura atingir o estado estático de união direta com a divindade. Sendo o misticismo, a crença religiosa dos místicos, ou seja, a disposição para crer no sobrenatural. (Aurélio : Novo Dicionário da Língua Portuguesa)

própria economia. Este modo de vida, como manifestação de arte, move as indústrias musical e da moda, as quais, por sua vez, movem a indústria de vídeo musical e toda uma série de revistas e jornais a ela associados. Uma nova classe média informatizada começa a se desenvolver e a se servir da energia criativa e das inovações globais para criar outras formas de socialização.

Como destaca Thompson (2001: 176), milhares de pessoas são afetadas pela indústria musical, e os governantes não conseguem vê-los como outra coisa senão ruído. Quando aceitarmos o fato de que uma economia também se baseia na cultura, iremos compreender que a música – da mesma forma que a economia – é um ecossistema intelectual global. “Na realidade, a música poderá muito bem vir a ser a comunidade do futuro”, pois ela opera a transição de uma economia industrial para uma autopoética; ou melhor, antecipa o desenvolvimento social que mais tarde se tornará consolidado nas economias.

O autor diferencia quatro redes musicais. A primeira é a do ritual do sacrifício para todo tipo de ordem, mito e relações religiosas, sociais ou econômicas das sociedades simbólicas. É centralizada no nível da ideologia e descentralizada no econômico. A segunda é a do espetáculo assistido por meio da cobrança de ingressos, caracterizando a economia do capitalismo competitivo. A terceira rede é a da repetição, que surgiu no final do século XIX com o advento da gravação. Nela, o consumo da música é individualizado, voltado para a armazenagem individualizada da música em larga escala, perdendo assim a forma de sociabilidade. Por fim, a quarta rede – autopoética – volta-se para o prazer pessoal, como uma autotranscendência, um ato egoísta e solitário. Acredito que tais características são limitantes pela própria análise que Thompson realizou a seguir, as quais não condizem com o que ele chamou de “algo fundamentalmente isolado de toda comunicação”.

A quarta rede envolve um tipo de produção musical por meio de microcomputadores, os quais substituem um estúdio inteiro de gravação e televisão. Ou seja, os jovens de hoje podem produzir música que pode ser propagada pela Internet e por danceterias que não precisam ter uma “localização comum” no espaço e no tempo. Assim sendo, podem reunir pessoas do mundo inteiro para “dançarem juntas” ao som da música eletrônica, gerando uma comunidade global referente à cultura planetária.

Uma economia autopoética é policêntrica e cria seus próprios valores de transações, visto que estas não têm precedentes, e assume a qualidade de uma profecia auto-suficiente.

Desta forma, a *música* voltada para a *danceteria planetária* reúne habitantes da *aldeia global* em festivais eletrônicos que envolvem a participação direta das pessoas, por meio de experiências que utilizam simultaneamente as propriedades do individual e do coletivo.

No início do século XXI, as contradições e paradoxos que constituem esse novo movimento musical expressam a multiplicidade de fatores que se impregnam na sociedade exposta à globalização e às novas tecnologias digitais, gerando, conseqüentemente, em seu interior, a emergência de novas formas de sociabilidade que transformam a coesão do laço social ainda baseado na experiência coletiva.

PARAÍSO PSICODÉLICO

A questão de todas as questões para a humanidade, o problema que se acha por trás de todos os outros e é mais interessante do que qualquer um deles é o da determinação do lugar do homem na natureza e sua relação com o cosmo. T. H. Huxley, 1863



Cachoeira Alta Dance Festival – Serra do Cipó (MG) – Foto: Murilo Ganesh

A ida a um festival de transe psicodélico envolve uma longa jornada que para muitas pessoas se torna heróica, digna de ser celebrada com alegria. O processo inicia-se com uma preparação anterior, na qual a pessoa precisará deixar o conforto de casa, com todos os recursos disponíveis e que parecem gerar segurança, para passar alguns dias em contato com o meio ambiente que lhe deveria ser natural, mas que pode parecer extremamente ameaçador.

No Universo Paralello 2004 participei de uma palestra sobre mitos, na qual a jovem Thalita Gazola comparou a ida a um festival à “jornada do herói”³², justificando que os participantes passam por um processo de transição que envolve a saída da vida cotidiana, a inserção em um espaço desconhecido no meio da natureza, experiências emocionais profundas (tanto individual quanto coletivamente), o retorno à vida habitual e a integração dessas experiências à mesma. Tais considerações envolvem etapas semelhantes aos antigos

³² “Os heróis são pessoas que se afastaram da sociedade que poderia protegê-lo e ingressaram na floresta densa, no mundo do fogo e da experiência original. A experiência original é aquela que ainda não foi interpretada para você; assim, você tem que construir sua vida por você mesmo. Você pode encará-lo, ou não, e não precisa afastar-se demais do caminho conhecido para se ver em situações muito difíceis. A coragem de enfrentar julgamentos e trazer todo um novo conjunto de possibilidades para o campo da experiência interpretável, para serem experimentadas por outras pessoas – essa é a façanha do herói” (Campbell, 1990: 44).

“rituais de passagem”³³, que demarcavam fases da vida. No entanto, essas celebrações contemporâneas envolvem pessoas de várias culturas, assim como de todas as idades (de crianças a indivíduos com mais de sessenta anos), e o significado atribuído à experiência varia de acordo com a consciência de cada um.

O caminho pode apresentar dificuldades até mesmo para os participantes que já têm anos de estrada. Já ouvi relatos de pessoas que perderam a carteira com todo o dinheiro, foram roubadas na estrada, bateram o carro, foram presas, mas que mesmo assim conseguiram chegar até o festival.

“Eu acho que o *trance* é como uma universidade numa festa. Acontece tanta coisa, que parece que você aprende para cinco anos da tua vida. É muita informação, é um curso intensivo de três dias de tudo o que é psicodélico, seja no plano físico, mental ou astral. Tudo é diferente; são tribos distintas juntas em um mesmo lugar. É uma oportunidade para você conhecer e sentir a energia de uma pessoa que vem do outro lado do Brasil ou do planeta. Minha primeira *trance* foi há seis anos em uma *exxperience* em São Paulo, mas a surpresa aconteceu quando fui ao primeiro festival – Celebra. Foi a primeira vez que acampeei. Nossa! . Eu fui criada na cidade, em Curitiba, não tive essa experiência, e foi ali a primeira fogueira, o primeiro *chapati*, o primeiro *chai*, primeiro tudo de bom. Foi isso de estar todo mundo junto. Você nunca viu a pessoa na vida e de repente já olha assim e começa a conversar e um vai ajudando o outro. Um traz a panela, o outro o arroz e aí fazemos a fogueira e nos alimentamos juntos. Se hoje penso em trabalhar como terapeuta, foi por causa do *trance*. Quero estar dentro das festas de uma outra maneira. Talvez retribuindo tudo o que o *trance* fez por mim. Retribuir e potencializar o que esse movimento causa nas pessoas.” (Ariadna, estudante de naturologia entrevistada no festival Universo Paralello 2004/05)

O dia marcado para a abertura da área de acampamento dá início à festividade. Alguns participantes costumam chegar dias antes da abertura oficial e se instalam no local mesmo sem a estrutura montada. Em geral ajudam na montagem final do evento. Em alguns casos, as pessoas que não têm ingresso trocam trabalho pela entrada. Constatei que são muitos aqueles que trocam trabalho durante o acontecimento – no bar, na portaria, no escritório, fazendo performances etc. – para poder participar.

³³ “De acordo com Arnold Van Gennep (1960), os ritos de passagem ou de “transição” caracterizam-se por três fases: separação, margem e agregação. A primeira fase, de separação, abrange o comportamento de afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais, ou de ambos. Na segunda fase, o período limiar, as características do sujeito transitante são ambíguas, pois a limiaridade é comparada à morte, ao estar no útero, a invisibilidade, à escuridão, à selvageria. E na terceira fase – reincorporação – consuma-se a passagem. O sujeito, individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável, mas em virtude disto tem direitos e obrigações para com o grupo – “estrutural”, que direciona o comportamento de acordo com normas costumeiras e padrões éticos vinculados à posição social”. (Grof, 2000:35).

Atualmente, existem muitas excursões sendo organizadas em todo o Brasil para levar os “tranceiros” até os lugares distantes onde acontecem os festivais. Os ônibus chegam até a entrada principal, onde há um estacionamento para que os meios de locomoção fiquem estacionados. Na entrada do evento geralmente ocorre uma revista, feita pelos seguranças da própria festa, os quais costumam barrar o ingresso de bebidas alcoólicas e de objetos perigosos. Em alguns casos, como na Trancendence 2005, a polícia federal estava na porta do evento, revistando carros, mochilas e o corpo das pessoas com o objetivo de apreender substâncias ilegais.

Um elemento que diferencia os festivais de outros estilos de festas é o local onde acontecem. No início, quando começaram as festas de *psychedelic trance* no país, o acesso era difícil e demandava longas caminhadas. Isso mudou. Hoje, mesmo tendo que passar por estradas de terra para atingir a portaria do local, com uma caminhada de no máximo vinte minutos carregando a própria bagagem, a pessoa chega na área de *camping*. Alguns festivais oferecem transporte (caminhão ou vã) para fazer esse trajeto.

A chegada costuma ser um momento de tensão porque são muitas pessoas adentrando no espaço ao mesmo tempo, carregando mochilas pesadas e querendo logo encontrar um lugar à sombra para montar sua barraca. Nesses anos de pesquisa observei nas áreas de acampamento um espaço de extrema sociabilidade, no qual as pessoas vão se agrupando e se organizando de forma harmônica. As pessoas delimitam suas áreas, enfeitam-na com panos, bambus, decorações psicodélicas, folhas e outros materiais. Ao caminhar por esses locais sempre encontrei grupos reunidos, fazendo comida, conversando, tocando instrumentos, fumando maconha, preparando chás etc.

Em 2003, quando a pesquisa estava no início, constatei que o principal assunto abordado entre os jovens na área de *camping* dizia respeito ao uso das substâncias psicoativas. As conversas eram livres e envolviam tanto o antes (preliminares anteriores ao uso) quanto o depois (relato das experiências). Mas com o passar dos anos esse contexto foi mudando. Atualmente, pelo fato de a polícia estar entrando à paisana para prender tanto os usuários como os traficantes de drogas que freqüentam os festivais, as pessoas já não se sentem mais livres para falar abertamente sobre este assunto e precisam mesmo tomar cuidado, pois podem estar sendo vigiadas.

“Acho que a maior diferença dos festivais de *trance* é isso do camping, que proporciona um contato maior entre as pessoas. Ali agente é uma **comunidade**³⁴, todo mundo se ajuda, está todo mundo na mesma, cagando no buraco, tomando banho gelado, em contato direto com a natureza.” (Arthur, 20 anos, estudante; Entrevista realizada em 5/5/2004)



Área de Camping Trancendence 2003 – Chapada dos Veadeiros (Goiás)

Foto: Ana Flávia Nogueira Nascimento

Os acampamentos são espaços que têm vida própria dentro de um festival. São locais de passagem, descanso, trocas, conversas, descobertas. Afinal, são lugares que dependerão principalmente das pessoas que ali irão habitar por alguns dias. Isso envolve desde o tom de voz, o compartilhar de alimentações, o respeito ou não pelo vizinho, até o cuidado com a limpeza do local ao redor. Observei que quando determinado grupo mostra-se demasiadamente “perturbador”, os próprios vizinhos reclamam e demonstram claramente que não estão gostando, na tentativa de entrarem em acordo de forma a conviverem pacificamente no espaço.

³⁴ De acordo com Turner, os fenômenos limiaries oferecem um “momento situado dentro e fora do tempo”, ao mesmo tempo em que “dentro e fora da estrutura social profana” ao qual denominou-se “*communitas*”, uma comunidade que revela certo reconhecimento de um vínculo social generalizado, uma comunhão de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais. Para o autor, esse sentimento deixou de existir e simultaneamente tem de ser fragmentado em uma multiplicidade de laços sociais. (1974: 119)



Festival Trancendence 2005 – Foto: Ana Flávia Nogueira Nascimento

Pelo fato de esses encontros acontecerem em locais de reserva ambiental – Chapada dos Veadeiros (Goiás), Serra do Cipó (Minas Gerais), Praia de Pratigi (Bahia) –, todo cuidado é pouco para não agredir o meio natural. A maneira como cada participante realiza o contato com esses ambientes de beleza exuberante varia muito. São poucas as pessoas que realmente têm “consciência ambiental”, que não jogam nada no chão, que andam pela festa carregando o próprio saquinho de lixo e não usam produtos químicos na hora de tomar banho no rio. Em geral, a grande maioria causa grande dano ao meio ambiente, pois não tem consciência dos efeitos de suas ações.

Os festivais que freqüentei aconteceram em áreas tão extensas que, dependendo do lugar, não dava para escutar a música, sendo possível então ouvir os sons da natureza, como o cantar dos pássaros, a corredeira das águas.

“Nesse lugar poderoso, posso contemplar a beleza natural, caminhar pela montanha, nadar na cachoeira, sentir a força do sol e a leveza do brilho da lua. Quando a noite chega, gosto de ficar perto da fogueira e me esquentar admirando a beleza do céu, e das estrelas.” (Bruno Baiano, entrevista realizada no Festival Trancendence, 2003).

O fato de esses eventos ocorrerem em locais geralmente inabitados fez com que surgissem equipes que trabalham apenas para cuidar da gestão ambiental dos mesmos. O Ecosystem e Photossíntese são exemplos desse trabalho, que envolve toda a estruturação de

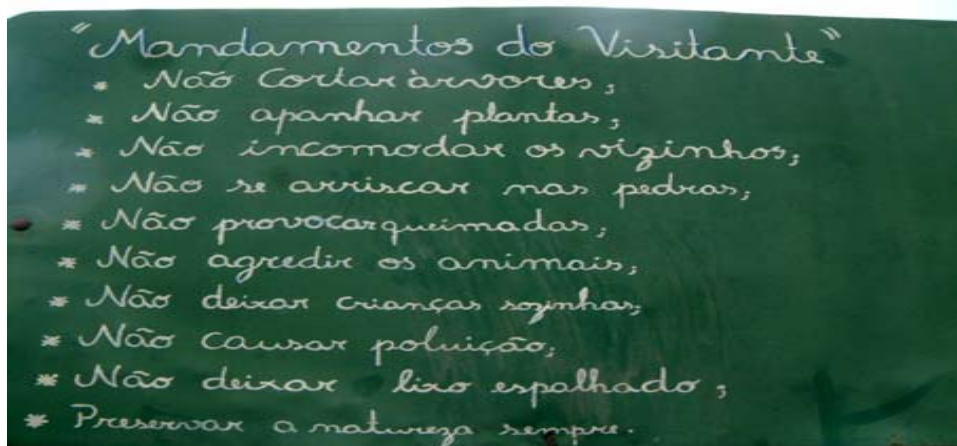
alguns festivais, acompanhando desde a escolha do material empregado nas estruturas, os locais apropriados para instalação dos chuveiros e fossas, até o destino do lixo separado durante o encontro com o intuito de ser posteriormente reciclado.



“O simples fato de manter um grande número de pessoas em uma área rural já mostra a necessidade de se fazer uma análise ambiental nas raves, somada à importância social que tais eventos representam. Temos clareza que um trabalho de minimização de impactos e direcionamento social devem ser feitos para dar rumos evolutivos ao fenômeno e não deixar que seu propósito se desvirtue na tendência egocêntrica do capitalismo consumista da sociedade atual.” (Daniel Calderazzo³⁵, 2001) **Festival EarthDance 2003** –

Foto: Murilo Ganesh

Na portaria dos festivais, geralmente são entregues aos participantes caixinhas de filme para depósito de “pontas” de cigarros e folhetos explicativos contendo informações sobre a área e sobre cuidado com o meio ambiente. Quanto mais preocupados com o meio ambiente forem os organizadores, maior o cuidado e o preparo para diminuir o impacto



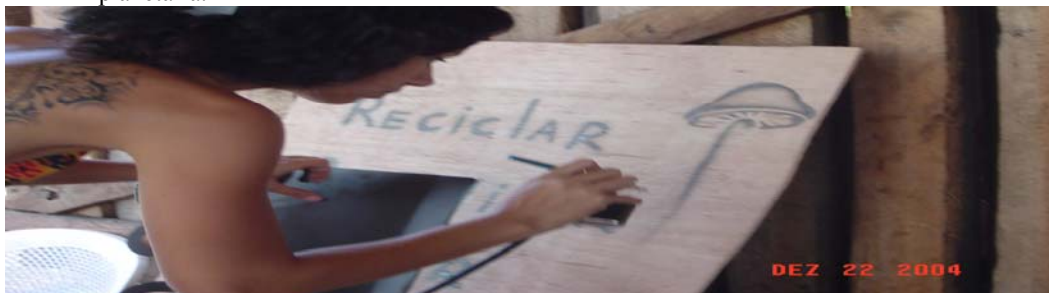
ambiental.

Placa encontrada no “Cachoeira Alta Dance Festival 2004” – Serra do Cipó (MG) -Foto: Murilo Ganesh

³⁵ Daniel Calderazzo, técnico em Unidades de Conservação, graduado em Gestão Ambiental pelo Senac São Paulo, recreador e ativador galáctico do Sincronário 13luas e Bandeira da Paz.

Por meio das entrevistas constatei que muitas pessoas são atraídas pela primeira vez a um festival justamente pelo fato de eles serem realizados em meio à natureza. Uma jovem paulistana que estava no Universo Paralello 2004 fez a seguinte colocação: “Eu vim porque era na praia. Acredito que o festival é uma coisa única, uma experiência coletiva que te traz prazer e coisas jamais imaginadas. É minha primeira vez, estou aqui para sentir o espírito do festival, conhecer as pessoas e ter novas experiências. Foram essas idéias que me fizeram querer vir até aqui”³⁶.

“Eu acho que o *trance* fora da natureza não combina. Não pode ser em lugar fechado, pois a natureza, a mata, a terra são componentes do transe. Porque a natureza está relacionada à liberdade, à nossa alma selvagem. E nesse lugar podemos criar uma simbiose com a natureza, sentir a terra e nossas raízes. Nesse contexto percebemos que precisamos agir, produzir, pois na situação em que estamos não dá para ficar parado só olhando não. A Terra está sofrendo e nós precisamos fazer alguma coisa. E tenho certeza que o *trance* proporciona conscientização ambiental. Por mais que aqui se encontrem pessoas que não despertaram para isso, tem muita gente que antes não dava muita importância e que agora está levando como um objetivo mesmo fazer a sua parte e cuidar do meio ambiente. E começa pela nossa própria casa. O mundo é a nossa casa. Então a conscientização ambiental é parte fundamental do processo de transformação planetária.”³⁷



Artista pintando placa para compor o cenário do Festival Universo Paralello 2004/2005 –

Foto: Ana Flávia Nogueira Nascimento

Das entrevistas realizadas nos festivais, apenas duas pessoas referiram-se aos aspectos negativos do impacto desses eventos na natureza, ao passo que 33 focalizaram apenas os aspectos positivos, alegando que o ambiente marca profundamente a experiência e pode gerar uma posterior necessidade de melhorar as atitudes em relação ao ambiente na vida cotidiana. Uma entrevista marcante foi a do Sr. João, morador da Chapada dos Veadeiros

³⁶ Estudante Universitária de São Paulo, entrevistada em grupo – com idades de 23 a 26 anos – no Festival Universo Paralello 2004/2005.

³⁷ (Priscila, professora de ioga, entrevista realizada no Festival Universo Paralello, 2004/2005)

(Goiás), local onde têm uma pousada e trabalha como guia turístico. Desde 2001 ele atua na equipe de primeiros socorros dos festivais que acontecem na região.

“Veja bem, cada pessoa gosta de uma coisa não é? Eu acho que todo mundo tem o direito que participar do que gosta, não é? Essa festa acaba trazendo alguns benefícios para a região, alguns lucros. Claro, porque a gente não tem grandes eventos na Chapada, e um evento como esse que atrai aí 4 mil, 5 mil pessoas acabam trazendo lucro para a região. Na verdade, vejo alguns pontos negativos, por exemplo, por causa do barulho e do impacto que acaba ocorrendo no ambiente. Eu acho que essas pessoas estão aqui mais pelo fato de gostarem desse tipo de festa do que pela natureza. A natureza vem antes da festa, e depois surgiu a idéia dessa festa nesses locais não sei nem por que. Talvez porque é um ambiente mais liberal. Aqui as pessoas têm mais liberdade, se sentem mais à vontade, o que não acontece em outros lugares. Acho que a principal causa dessa festa acontecer assim é por causa da liberdade.” (João, equipe de Primeiros Socorros, entrevista realizada no Festival Trancendence 2003)

O “mal-estar na civilização” mostra que a “cultura” reprimiu nos seres humanos seus traços instintivos. O processo que envolveu o desenvolvimento da civilização industrial implicou o direcionamento do comportamento humano especialmente para o trabalho e para as atividades racionais, característica que levou à conseqüente repressão de atividades relacionadas à animalidade, as quais geram as maiores sensações de liberdade. Considerando que o ser humano é uma integração indissociável – 100% natureza e 100% cultura³⁸ – e que por muito tempo a sociedade tentou negar o lado animal constituinte do humano, não é por acaso que são inúmeras as manifestações que fazem retornar ao plano social o que foi recalçado. Os festivais de transe psicodélico mostram que mesmo com as mais modernas tecnologias desenvolvidas pelos seres humanos, eles ainda enfrentam inúmeras dificuldades para chegar até o meio ambiente natural e celebrar a vida, longe dos olhares repressores da sociedade.

“O *trance* é tribal; ele é contemporâneo mas é ancestral. Você batendo o pé no chão faz uma conexão com a Terra, com gaia, Patcha Mama, com o planeta. Nós estamos voltando para a nossa frequência natural e já não estamos mais nos conformando com

³⁸ “As regras e normas culturais geram processos sociais e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura. Assim, a cultura não é nem ‘superestrutura’ nem ‘infra-estrutura’, termos impróprios em uma organização recursiva, onde o que é produzido e gerado torna-se produtor e gerador daquilo que o produziu ou gerou. Cultura e sociedade estão em relação geradora mútua; nessa relação, não podemos esquecer as interações entre indivíduos, eles próprios portadores/transmissores de cultura, que regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura” (Morin, 2002a: 19)

a vibração artificial, com o tempo mecânico que é imposto pelo sistema. Nós queremos mais que isso; as pessoas querem fazer o seu próprio tempo. E num festival como esse as pessoas fazem seu próprio tempo. Cada um vive no seu ritmo, dorme na hora que quer, levanta na hora que quer, come se e quando quiser. Usam o que quiser. Então cada um experiencia o seu tempo através da sua criação. E isso é psicodélico, é a liberdade de ser da maneira que quiser!”³⁹

Ao refletir sobre o espírito do mundo, podemos observar que de tanto querer manipular a vida o ser humano encontrou meios também infalíveis de destruí-la. Este é o risco maior desta virada de século, ou seja, as criações humanas destruírem não apenas o humano, mas também o meio que o sustenta. Esse olhar trágico e vital a respeito do mundo mostra, por outro lado, a importância de reconsiderarmos a “conexão com a Terra”, essa entidade misteriosa que é, ao mesmo tempo, causa e efeito da vida mundana.

Apenas a vida parece nos permitir compreender como na maioria das vezes nos associamos ao redor de algo que causa sentimentos subjetivos e abstratos. Pois associamos para sentir, experimentar, vibrar, mover, para existir junto. Que liga é essa que no mundo faz coisas e pessoas bastante díspares estarem juntas? Podemos anunciar aqui o querer viver, constituinte do próprio fundamento do prazer e do desejo de sermos seres sociáveis.

“Reencontrou-se a unidade humana. Mas ainda não sabemos disso. Foi na segunda parte do século XX que a humanidade se viu ligada, em quase todos os lugares, por mil redes, ao mesmo tempo em que se viu ameaçada no seu conjunto pela arma nuclear e pelo perigo ecológico. A planetarização significa doravante comunidade de destino para toda a humanidade. As nações consolidavam a consciência dessa comunidade de destino em função da ameaça incessante do inimigo externo. Ora o inimigo da humanidade não é externo. Esconde-se dentro dela; é o *sapiens-demens*.” (Morin 2002b: 239)

O ritmo do sensível certamente não é o mesmo da consciência racional. Digamos que essas manifestações expressam as modalidades do humano que não podem ser encerradas no racionalismo instrumental buscado pelo sistema capitalista. Trata-se, antes, de um não-racional que inclui os afetos, os sentimentos, as emoções que envolvem o homem. Cada ser é o que é em função de uma “força interior” que o constitui como tal e o faz buscar momentos

³⁹ (Rogério Lamart, 25 anos, cursa musicoterapia na UFG – Goiânia, trabalha com terapia holística e com causas ativistas em prol do reequilíbrio de Gaia, do reequilíbrio do planeta. Entrevista realizada em Alto Paraíso ,ago. 2005)

em que possa compartilhar o gozo no aqui e agora. De fato, só há vontade coletiva, força interior, mito vivido em comum se houver o afeto compartilhado.

Nesse ambiente o indivíduo poderá encontrar tanto pessoas conhecidas que não vê há muito tempo, como outras ainda estranhas e viver dias prazerosos junto delas. Esses espaços são considerados “zonas autônomas temporárias”⁴⁰, que envolvem uma comunidade global, a qual vê nesses encontros a possibilidade de reencontrar amigos dispersos pelo planeta. Os festivais refletem uma tendência inevitável de as pessoas se juntarem em grupos para buscarem livremente a intensificação do prazer por intermédio do próprio corpo, por meios que não são reconhecidos como legais pela sociedade que inconscientemente impulsiona a existência desses acontecimentos.

Esses espaços nômades possibilitam a troca de experiências profundas entre as pessoas, as quais criam ali laços de amizade impulsionados pela abertura proporcionada pela música, pela dança e também pelo uso de substâncias psicoativas, como, por exemplo, o *ecstasy*⁴¹ (MDMA), que desperta um sentimento forte de amor e empatia entre as pessoas, e o álcool (ex.: catuaba e cerveja), que aumenta a sociabilidade.

Segundo Carolina Borges⁴², a grande maioria dos participantes das festas e festivais psicodélicos pode ser caracterizada como “uma massa consumidora de drogas” em busca de alienação e diversão a qualquer custo. Para ela, o festival de Carnaval Tranceformation 2004 deixou a desejar no aspecto ambiental, apresentando pouca preocupação com o impacto do evento, que mostrou a ausência de reciclagem e da disseminação de movimentos sustentáveis.

“Se a idéia é evolução, tornam-se incoerente intervenções dessas naturezas sem a preocupação com o ambiente. A educação ambiental é necessária e urgente em festivais de *trance*, uma vez que estamos diante de uma fractalização social, onde os alienados consumidores massificados refletem a urgência e a demanda de uma formação ambiental. Estamos diante do ritual pós-moderno refletindo a sociedade massificada que habita Gaia, mas também de novos movimentos e relações

⁴⁰ Uma zona autônoma temporária pode ser vista por intermédio de um festival, por representar o encontro temporário de um grupo, uma coagulação voluntária de pessoas afins, não-hierarquizadas, buscando maximizar a liberdade por eles mesmos na sociedade atual. Isso por meio de uma organização que possa maximizar atividades prazerosas sem o controle de hierarquias opressivas. (Bey, 2001)

⁴¹ Anexo II. B) 4 e 5

⁴² Carolina Borges, educadora multimídia, DJ, estudante da filosofia de Nietzsche e Deleuze com o prof. Luiz Fuganti (disponível em: www.linhadefuga.com.br), pesquisa cultura digital junto com Ricardo Barreto (disponível em: www.file.org.br), colabora com o Projeto Metáfora. Escreve roteiros para documentários, performances e curtas-metragens. Edita o *blog* Ciberutopias, disponível em: <http://www.ciberutopias.blogspot.com.br>.

interpessoais baseados na paz, na harmonia e na transcendência. A tecnologia impactando as culturas locais e originando uma cultura global. Um dos aspectos interessantes dos festivais de *trance* é a semelhança entre eles, que, independentemente do país onde esteja sendo realizado, possui as mesmas características nômades e festivas. A cultura digital é global e com ela nasce uma nova sociedade, interconectada e não institucionalizada.” (Carolina Borges)

A vida, no que tem de impalpável, pode ser considerada irreal para muitos, enquanto para outros permite compreender que o real não pode existir senão por possuir em si o surreal. Assim, o querer-viver não se contabiliza. Tem o preço das coisas sem preço, que, em épocas como a nossa, ganham destaque. Para além do econômico, estamos vivendo também um período de gastos, excessos, consumo, massificação, e com certeza tais características são encontradas nos festivais, que refletem o mundo em que vivemos. Os jovens inseridos na pós-modernidade estão buscando a qualquer preço uma experiência que preencha o vazio existencial expandido diante das infinitas possibilidades disponibilizadas no mercado. Nesse contexto globalizado e simultaneamente individualizado, novas práticas sociais, como os festivais, acentuam a afirmação da vida, sobretudo no que pode ter de animal, de bárbara e de coletivamente arcaica.

“Nosso encontro nesses festivais é como estarmos dizendo: dane-se a sociedade capitalista. Tudo o que nós queremos fazer é dançar. Não queremos trabalhar em um McDonalds ou ver a violência na televisão. Acreditamos na vida, acreditamos no nosso potencial, não queremos ser manipulados pelo sistema. Nos festivais está



incorporada a noção de que você tem que ir com respeito, porque lá sua experiência está relacionada à experiência das outras pessoas, e a energia que você traz e o respeito que você coloca é o que gera a qualidade e a energia do encontro. Nesse sentido, se todos vierem sem dar a importância e o respeito, se as pessoas forem rudes umas com as outras e não se preocuparem com os demais presentes ou com o ambiente em que estão, a festa não terá sentido, não terá energia

boa circulando, será um encontro vazio, porque cada um faz a sua contribuição para que o festival aconteça de forma sagrada.”⁴³

Placa centralizada na pista de dança do Festival Earthdance 2004 – Foto: Ana Flávia Nogueira Nascimento.

⁴³ Nikos (Grécia/Produção multimídia) está produzindo um documentário – *Entheogen* - sobre os usos de substâncias enteógenas pela espécie humana. Entrevista realizada na Bahia, 2005. Disponível em: <www.zeroequalsone.net>.

Mesmo para o ser humano mais francamente não-religioso, os lugares que guardam uma qualidade excepcionalmente única são os “lugares sagrados” (Eliade, 2001: 27) do seu universo privado, onde acontece a revelação de uma percepção diferente daquela de que participa em seu cotidiano. Não é por acaso que a pista de dança do ritual psicodélico é considerada um local sagrado. A pista é o palco da experiência coletiva que envolve a conexão de pessoas das mais longínquas cidades do planeta. Na pista, a música eletrônica pulsa como a batida rítmica de qualquer coração humano, estimulando os participantes a dançarem em transe, alçando vôos extáticos, lançando sorrisos profundos e olhares hipnóticos que refletem a magia e o mistério do acesso a uma outra realidade.

Por mais modernas e tecnológicas que possam parecer, essas manifestações envolvem uma busca humana por estados alterados de consciência, que é recorrente em todas as culturas. Os registros antropológicos nos mostram a relação desses estados com a natureza, a música rítmica, a dança e o uso de substâncias psicoativas que atuam no corpo físico, mental e espiritual. A diferença é que na sociedade contemporânea as buscas humanas ganham novas vias de expressão. No contexto “psicodélico”, cada ser humano é respeitado pelo que quiser viver. Todas as experiências são validadas pelo grupo, que engloba todos, desde os que vão até lá apenas com o intuito de usar substâncias que não são admitidas em outros contextos, até os que vão com a consciência de participar de um ritual de comunhão coletiva.

A falência das crenças em paraísos distantes a serem encontrados depois da morte gera a necessidade de vivenciar o prazer no aqui e agora. Essa vontade de viver intensamente a vida com toda leveza e prazer que esta possa proporcionar implica também a busca de experiências que despertem um sentimento cósmico, o qual cria uma conexão entre os seres humanos que na pista de dança estão vibrando em uma mesma frequência.

“O primeiro festival foi como se eu tivesse reencontrado uma família, encontrado uma coisa que eu havia perdido, um sentimento tribal muito forte entre as pessoas. Dancei muito. Quando estava em estado de transe psicodélico, me vi como um ser físico e fui me experienciando cada vez mais para dentro como um ser microscópico. Olhei para o meu braço, vi as células, depois vi as moléculas e fui compreendendo tudo até chegar no átomo e depois eu só era luz. Essa experiência foi muito forte para mim. Um sentimento de unidade total entre as pessoas. Não havia separação,

estávamos todos na mesma batida, na mesma pulsação, cada um na sua individualidade formando o todo.”⁴⁴,



Pista de dança do festival Trancendence 2003: veja ao fundo os Totens de Máscaras de Animais bem na entrada da pista – Foto: Ana Flávia Nogueira Nascimento.

Há na noção de ser humano e de natureza humana algo que nos liga incondicionalmente à natureza. Afinal, de onde veio nossa raça? Que espécie de limites existe no tocante a nosso poder sobre a natureza e o poder dela sobre nós? Para qual direção nos encaminhamos? Tais são os problemas que se apresentam renovados sem jamais perder o interesse. E este parece ser um registro simbólico presente nos rituais de dança cósmica, seja a dos povos africanos, a indígena, a indiana, a psicodélica. O corpo parece alcançar algo além ao se movimentar livremente e entrar em sintonia com as forças que lhe são intrínsecas, independentes da crença religiosa de quem dança. Ao participar na pista de dança, cada um está sendo convidado a levar a sério o que é dado a viver, para atuar de maneira mágica no jogo da vida, que em constante transformação cria e recria novas artes que fazem o animal humano entrar em transe.

⁴⁴ (Rogério Lamart, 25 anos, cursa musicoterapia na UFG – Goiânia, trabalha com terapia holística e com causas artivistas em prol do reequilíbrio de Gaia, do reequilíbrio do planeta. Entrevista realizada em Alto Paraíso ,ago. 2005)

Esse tipo de manifestação sempre existiu e parece que sempre existirá. O que muda sempre são os meios empregados para atingir tais estados, assim como as conseqüências dos mesmos na vida cotidiana de cada participante. Atualmente, as sociedades plurais e desiguais estimulam o indivíduo a se distanciar das instituições e buscar grupos de identificação que viabilizem as “experiências culminantes”⁴⁵ que envolvem momentos de felicidade e realização plena. Os seres humanos, em seus momentos supremos, podem então observar mais facilmente a natureza em sua existência e não apenas projetar no mundo os propósitos humanos.

Por meio das tecnologias, instrumentos racionais, os *tranceiros* procuram subverter a consciência, fazendo uso dessa racionalidade para atingir o êxtase coletivo alcançado por intermédio da composição dos elementos – música, dança, substâncias psicoativas, natureza e estética psicodélica. Sendo assim, a experiência extática encontrada na base do misticismo religioso, ganha novos simbolismos na contemporaneidade.

⁴⁵ Essas experiências são descritas como intrinsecamente valiosas, tão valiosas que tornam a vida digna de ser vivida, apenas pela ocorrência de tais momentos, os quais têm uma finalidade em si mesmos, diferente das normas sociais que criam objetivos e regras como meios para atingir determinadas finalidades. Na experiência culminante, seja por exemplo, a experiência estética ou amorosa, a totalidade é percebida em sua unidade. Maslow (1964) destaca ainda que essas experiências consideradas também como “transcendentais” representam o ponto máximo da vida religiosa. Como no mundo contemporâneo grande parte dos jovens não busca mais nos dogmas ou sermões religiosos os valores que atribuem às suas vidas, voltam-se neste caso para experiências que demonstram que a máxima realização de identidade está simultaneamente na transcendência do “eu” quando o indivíduo vai além do seu próprio “ego” e parece sentir-se no auge dos seus poderes.

ORAÇÃO DA PRESENÇA⁴⁶

Que jamais, em tempo algum, o teu coração acalente o ódio.
Que o canto da maturidade jamais asfixie a tua criança interior.
Que o teu sorriso seja sempre verdadeiro.

Que as perdas do teu caminho sejam sempre encaradas como lições de vida.
Que a música seja tua companheira de momentos secretos contigo mesmo.
Que os teus momentos de amor contenham a magia de tua alma eterna em cada beijo.
Que os teus olhos sejam dois sóis olhando a luz da vida em cada amanhecer.
Que cada dia seja um novo recomeço onde tua alma dance na luz.
Que em cada passo teu fiquem marcas luminosas de tua passagem em cada coração.
Que em cada amigo o teu coração faça festa e celebre o encanto da amizade profunda que
liga as almas boas.

Que em teus momentos de solidão e cansaço esteja sempre presente em teu coração a
lembrança de que tudo passa e se transforma, quando a alma é grande e generosa.
Que o teu coração voe contente nas asas da espiritualidade consciente, para que você
perceba a ternura invisível tocando o centro do teu ser eterno.
Que um suave acalanto te acompanhe, na Terra ou no Espaço e por onde quer que o seu
espírito lindo leve o teu viver.

Que o teu coração sinta a presença secreta de tudo aquilo que é impossível exprimir por
palavras.

Que os teus pensamentos, os teus amores, o teu viver e a tua passagem pela vida sejam
sempre abençoados por aquele amor que ama sem nome, aquele amor que não se explica, só
se sente.

Que esse amor transforme os teus dramas em luz, as tuas tristezas em celebrações e os teus
passos cansados em alegres passos de dança renovadora.

Que jamais, em tempo algum, você esqueça da presença que está em voe e em todos os
seres.

⁴⁶ A “Oração da Presença” estava dentro da tenda de cura e espiritualidade, no espaço CircuLou do festival Universo Paralello 2005.

OS ELEMENTOS

“Mas eu sou feito da Terra, do Fogo, da Água e do Ar...” Raul Seixas

“Essa gente que viaja tanto para chegar num pedaço esquecido de terra; que, mesmo sem conhecer mais ninguém, coexiste pacífica e intimamente com todos os demais em dias seguidos de transe; que doa a própria existência para as adversidades da natureza e a ela se submete. Essas mesmas pessoas, quando alvos de um minucioso olhar, passam da condição de simples foliões psicodélicos para a de fascinantes células de um movimento muito mais concreto do que se pensa: o da Sociedade Alternativa do Brasil. Ravers realizam espontaneamente o que Raul Seixas, Paulo Coelho, Adalgisa Halada e Salomé Nadine fundaram com manifesto, rituais iniciáticos e reconhecimento formal nos idos de 1973 – e terminou em prisão, tortura e exílio nos sangrentos tempos de ditadura militar.”
Coccareli⁴⁷

“Esta geração tem sido desiludida pelas próprias religiões e pela política e economia que imperavam na época de seus pais. Crescer com ameaça nuclear, o assassinato de líderes sociais, imunodeficiência, um sistema industrial em colapso, dívida externa, fundamentalismo religioso (cristão, judaico e islâmico) com fanáticos que exaltam a intolerância, negligência ecológica – tudo isso desenvolveu um saudável ceticismo. Essa geração não tem como voltar para o antigo lar, porque mamãe e papai se separaram. Não é de admirar que eles criaram uma psicologia de navegação individual..”
Timothy Leary

Nos tempos atuais, os festivais mostram uma necessidade das novas gerações, de inserirem a “navegação individual” em um contexto de efervescência coletiva que recupera a força vital. Esta efervescência é uma celebração, um ritual iniciático. Claro que o rito já não é mais o que foi nas sociedades tradicionais, mas nem por isso tem deixado de vigorar sob outras formas. Para os participantes desse movimento, “viajar” na música psicodélica e dançar junto com o coletivo gerando energia positiva, pode provocar um salto dimensional que permite acessar informações de campos de consciência anteriormente desconhecidos. As “chaves”⁴⁸ que possibilitam a abertura dos campos de consciência são compostas por uma

⁴⁷“Holismo e o novo homem” (Coccareli: set. 2002): seminário realizado na Universidade Estácio de Sá a respeito do “novo homem” – perfil encontrado em festivais de *trance*. Joana Coccareli é jornalista e escreve sobre as cenas de música eletrônica há quatro anos para os principais websites do país com grande ênfase nos festivais de *trance*: “Há muito a ser dito a respeito deles; mais do que qualquer outra vertente eletrônica, o *trance* abarca uma série de filosofias que muitas vezes se assemelham aos movimentos *new age* e hippie, com todas as implicações ecológicas, orientalistas e anarquistas inerentes. Em contrapartida, há sua face comercial, que muitas vezes faz tudo parecer uma grande farsa”; relato enviado por meio de correio eletrônico.

⁴⁸ Ao caminhar pelos festivais psicodélicos, encontrei tanto brasileiros quanto estrangeiros com a Cruz Ansata – um hieróglifo egípcio que simboliza a Cruz da Vida – tatuada no corpo. Raul Seixas e Paulo Coelho viam neste símbolo o laço da sandália do peregrino, do buscador, daquele que quer evoluir, aprender, crescer. Além

inter-relação dos seguintes elementos: meio ambiente natural, música psicodélica, dança, substâncias psicoativas e arte psicodélica.

O ÉTER VIBRACIONAL

“Não há espaço sem música, porque não há expansão sem espaço. A música é uma matéria vibrante.” Gaston Bachelard

“A partir desta íntima relação que a música tem com a essência verdadeira de todas as coisas, pode-se também explicar por que, quando soa uma música adequada a alguma cena, ação, evento, circunstância, esta nos parece abrir seu sentido mais secreto e se introduz como o mais correto e mais claro dos comentários: do mesmo modo que, para aquele que se abandona inteiramente ao impacto de uma sinfonia, é como se ele visse passarem diante de si todos os possíveis eventos da vida e do mundo: contudo, quando presta atenção, não pode indicar nenhuma semelhança entre aquele jogo sonoro e as coisas que pairavam diante dele. Pois a música difere de todas as outras artes por não ser cópia do fenômeno ou, mais corretamente, da objetividade adequada da vontade, mas cópia imediata da própria vontade e, portanto, apresenta para tudo o que é físico no mundo, o correlato metafísico, para todo fenômeno a coisa em si.” Schopenhauer

Como será possível explicar de onde provém a capacidade e a sensibilidade humana para a música? Considerando que a música não tem nenhuma função ligada à sobrevivência, qual será então seu papel enquanto elemento constituinte das criações e manifestações humanas?

Nos festivais de transe psicodélico encontram-se em “jogo” elementos sonoros poderosos que fazem surgir uma ordem diferenciada daquela em que habitualmente vivem seus participantes. Algo de invisível e inefável adquire forma no interior de um espaço circunscrito sob a forma de festa, isto é, dentro de um espírito de alegria e liberdade. E sua intensidade depende da combinação de alguns elementos essenciais, que se resumem na música, no lugar, nas pessoas que irão compartilhar e dançar, bem como nas substâncias utilizadas ou não por elas. Mas seus efeitos não cessam depois de acabado o jogo; seu esplendor continua sendo projetado sobre o mundo todos os dias, garantindo a segurança, a ordem e a prosperidade do grupo até o próximo período ritual. Em toda parte do mundo podemos encontrar exemplos disso. Segundo uma velha crença chinesa, a música e a dança

disso, eles viam nos dois pequenos degraus presentes em sua base tanto os degraus da iniciação quanto o formato de uma chave – aquela que abre as portas da percepção.

têm a finalidade de manter o mundo em seu devido curso, obrigando a natureza a proteger o homem.

“Tudo começou, em 1988, quando um amigo me chamou para passar a virada do ano em Goa. A festa começava às três horas da manhã, no meio da floresta. No caminho, quando nos aproximamos, começamos a ouvir um pulsar sonoro que confirmou que estávamos perto de um cenário que me surpreendeu. Eram muitas luzes negras, panos lindos pintados, tudo novo, estranho e diferente. Todos estavam em estados psicodélicos com suas consciências alteradas, e o DJ era o capitão da nave espacial, levando os passageiros a uma viagem celestial por intermédio de nossas próprias consciências. Comecei então a ter muitas dúvidas a respeito daquele novo universo. Quem fazia essa música? Como ela era feita? Onde poderia encontrar e ouvi-la novamente? Tudo era para mim um mistério.”
Raja Ram (2000 – entrevista gravada na Bahia – material cedido para pesquisa)

O público heterogêneo que frequenta hoje os festivais psicodélicos tem na música o elemento principal que os une. O *psychedelic trance* é um som característico da cibercultura⁴⁹, pois seu desenvolvimento e expansão são frutos da revolução tecnológica, que possibilitou novas formas de se criar música, de manipulá-la e também de ouvi-la. Atualmente, a música eletrônica engloba um movimento social, com seu grupo líder – a juventude metropolitana escolarizada principalmente de classe média e alta – e com os temas: interconexão, criação de comunidades virtuais e inteligência coletiva como suas aspirações correntes ligadas à emergência do ciberespaço. Esse estilo musical alternativo, disponibilizado na rede, está simultaneamente relacionado com outros tipos de conhecimento – arte multimídia⁵⁰, arte psicodélica e visionária, substâncias psicodélicas⁵¹,

⁴⁹ O movimento global do transe psicodélico está diretamente associado ao desenvolvimento do “ciberespaço” e da “cibercultura”. O primeiro neologismo refere-se à rede, que, segundo Levy, é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, incluindo não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto à “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), práticas, atitudes, modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Levy, 1999: 17).

⁵⁰ “Através da eletrônica e da engenharia genética os seres humanos serão capazes de aumentar em centenas de vezes o seu potencial de compreensão do universo. Com o auxílio de computadores cada vez mais rápidos em fornecer cálculos e arquivar dados e humanos mais adaptados geneticamente, um novo tipo de inteligência surgirá desta simbiose, e uma nova aventura pode ter início: viagens espaciais mais longas e até a colonização de outros mundos. Sem dúvida o *Homo sapiens sapiens* esta prestes a transcender da forma atual e dar talvez o maior salto em sua evolução nos últimos quarenta mil anos, desde que o primeiro *Sapiens sapiens* ingeriu um psilocibo e começou sua jornada sintética” (Jaz, Marcelo. Disponível em: www.syntheticsapiens.com.br. Acesso em 04 abril 2005).

⁵¹ Mais informações sobre o assunto estão disponíveis em: <http://www.neip.info>. - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre psicoativos - Acesso em 03 set 2005.

xamanismo⁵², terapias corporais, calendário maia etc. –, os quais interligam arte, ciência, cultura e espiritualidade.

Em menos de dez anos o fenômeno dos festivais psicodélicos expandiu-se por todo o país, criando, conseqüentemente, um mercado do “divertimento” baseado em experiências que envolvem a capacidade de alterar a mente consciente que “trabalha” de forma racional no dia-a-dia. A característica peculiar desses encontros é a qualidade da música que pode ser ouvida nessas ocasiões. Trata-se de um estilo musical que não é estático como os outros que conhecemos, mas que está em constante transformação. É uma música que está sempre mudando, gerando novas sensações de estranhamento nos ouvintes.

Nos festivais de *transe psicodélico* que acontecem no Brasil existe sempre dois espaços destinados a estilos musicais com frequências distintas.

“O *trance* feito para pista, por exemplo, tem toda uma composição de batidas e notas que visam despertar os *chakras* e dar movimentação. Por isso começa lento, com uma introdução mais intelectual, mais elaborada em termos melódicos e harmônicos. E depois entra a batida xamânica para ativar o *chakra* básico (a energia de base); então a pessoa tem a possibilidade de se soltar e ativar a *energia vital adormecida em seu corpo*. Enquanto a pista integra mais o corpo, a música feita para o *chill out* é mais acolhedora, propicia mais mentalização, que muitas vezes induz um processo de interiorização que ativa o lado meditativo, chegando até a ser *down (para baixo)*, porque muitas vezes tem pessoas dormindo, outras descansando... Então o intuito da musica *ambient* é ser relaxante e acolhedora.”⁵³

Na maioria dos festivais a música começa primeiro no *chill out*, um espaço basicamente voltado para o descanso do corpo e da mente, onde os participantes podem relaxar, ouvir música, interagir, dançar e até mesmo entrar em contato com variados tipos de manifestações artísticas. O *chill out* costuma ser um ambiente que envolve muita decoração, visando criar uma atmosfera aconchegante e também sugestiva. Os elementos psicodélicos e orientais constantemente encontram-se presentes por intermédio das pinturas, das luminárias fluorescentes com formatos caleidoscópicos etc. Em geral são encontrados nesses espaços: redes, esteiras, *pufs*, almofadas, *chai-shop*⁵⁴ (lancheonete com deliciosas guloseimas, sucos,

⁵² “O xamanismo é, por excelência, um fenômeno religioso siberiano e centro-asiático. Uma primeira definição desse fenômeno complexo, e possivelmente menos arriscada, será: xamanismo = técnica do êxtase, e em toda a região que envolve o Centro e o Norte da Ásia, a experiência religiosa por excelência é baseada na experiência extática, e o xamã é considerado o grande mestre do êxtase” (Eliade, 2002: 18-20). Ver também anexo II. A) 2

⁵³ Edson Valêncio, cinqüenta anos, constrói casas e instrumentos musicais. É integrante do grupo Divina Metamorfose, conjunto instrumental que toca nos *chill outs* dos festivais, e é pai de três músicos que compõe o Hyperception. Entrevista realizada em São José do Rio Preto – junho, 2005.

⁵⁴ “O *chai-shop* é um cantinho indiano. Têm o ‘*chai*’, que é um chá típico indiano, feito com vários temperos, têm tortinhas, chapati, sucos. E fica localizado no *chill-out*, que tem mais a ver, porque as pessoas descansam

chás etc.). E enquanto os incensos perfumam o ar, os malabaristas praticam, alguns desenham, outros massageiam, conversam, tocam, pintam, se alimentam, descansam enquanto ouvem um bom som. Nesses ambientes acontecem uma grande variedade de coisas.



Chill out do festival Universo Paralello 2004 – Foto: Carol Guerra

No *chill out*, o estilo musical tocado é o *ambient*. De acordo com o DJ Smurf, o *ambient music* envolve todo um leque de diversidades, que vai desde *world music*, dos estilos tribais, indígenas, até todos os tipos de música eletrônica, que podem alcançar versões mais lentas e tranqüilas.

“Geralmente o que caracteriza esse estilo musical são os instrumentos mais fortes, tribais. Como o *dílderido*, dos índios aborígenes da Austrália, que é um dos instrumentos musicais mais antigos criados pelo homem, e o som dele é extremamente futurista, como um som de outro planeta. Para você tocar ele, tem que fazer uma respiração circular sem interrupção, e tocando durante um tempo você sente uma alteração de consciência, porque está oxigenando o cérebro. Então as músicas que saem desse instrumento saem com uma supervibração, e o efeito delas nas pessoas é forte, pois a frequência através de uma nota muito grave vibra no seu corpo de um jeito intenso. E também os instrumentos indianos são muito

e podem fazer um lanche mais natural, integral. Nós também fazemos umas comidinhas que dão um pouco de energia” (Ariadna, que estava trabalhando no *chai-shop* do festival Universo Paralello, 2004/05).

fortes, incluindo principalmente as cítaras, alguns de sopro e muitos instrumentos antigos que tocam profundamente as pessoas.” (Smurf, entrevista realizada no dia 6/10/2004/)



Chill out do festival Waves of Peace 2005 – Foto: Murilo Ganesh

Durante a pesquisa de campo, observei que mesmo existindo em todos os festivais, cada *chill out* possui sua especificidade. Apresentarei alguns que se diferenciaram simbolicamente. Por exemplo, o *chill out* do Festival de Cachoeira Alta (MG) aconteceu numa tenda de circo, espaço que envolveu muitas apresentações circense, remetendo os participantes ao universo lúdico.

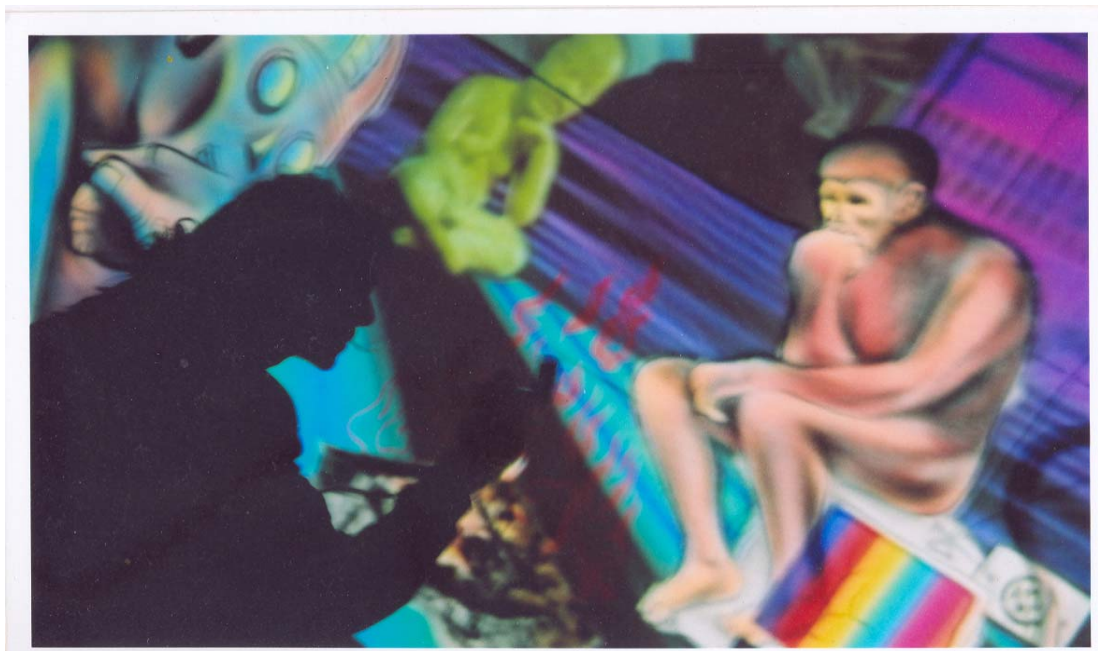


Chill out Cachoeira Alta Dance Festival – Foto: Ganesh

A grande inovação aconteceu no cenário da Earthdance (2003). A estrutura do *chill out* foi uma redoma vazada de aço galvanizado, de 15 metros de diâmetro e 46 de circunferência. Denominado *Dome Tech*, o plano desse espaço envolveu um ano de pesquisa, duas semanas de montagem e dois dias para os retoques finais da decoração. Além dos redondos pufes, havia mesinhas de *design mod* dos anos 1960 e concorridas redes nordestinas. À noite, um globo *kitsch*, tipo *disco-music*, refletia feixes de luz no tecido branco que cobria a estrutura. Compunha o ambiente também um sistema de som de 6 mil watts.

Para adentrar nesse espaço era obrigatório deixar os sapatos na entrada. No centro, um tecido verde-turquesa ia do topo dos sete metros de altura da estrutura até o chão. Nele, homens e mulheres faziam seus malabarismos no ar. Como deuses do firmamento, enrolavam-se e desenrolavam-se ao pulsar da música. Na noite de sábado *o Synthetic Sapiens* executou sua performance de pintura com aerógrafo sobre projeções de computador. Enquanto Charlie alternava imagens hiperpsicodélicas, que se aproveitavam até das sombras ocasionais que surgiam dos passantes, Marcelo Jaz, com um spray, desenhava ora uma ancestral carranca de totem, ora o interior do corpo humano.

No *chill out* da Trancendence 2005 os artistas também criaram uma pintura que combinava imagens de *um homem macaco* sentado em cima de uma televisão, pensando. Havia ainda robôs e outros símbolos que remetiam ao desenvolvimento da racionalidade humana, interligando o desenvolvimento técnico com a manipulação de massa realizada pelos meios midiáticos.



Apresentação *Sintetic Sapiens* no *chill out* do festival Trancendence 2005 – Foto: Carol Guerra.

O festival *Trancendence* construiu o *chill out* com base em uma oca indígena, porém em um tamanho bem maior do que as tradicionalmente feitas. Em seu interior, a oca foi decorada com pinturas e elementos que mesclavam o ancestral com o moderno. Com vista para o céu, tinha uma fogueira bem no centro, onde à noite as pessoas se esquentavam

do frio e contemplavam a fumaça subindo. Nesse espaço se apresentaram muitos grupos que estavam participando de um festival como esse pela primeira vez e que não tinham nenhuma relação com a música eletrônica.



Dia no *chill out* do Festival Trancendence 2005 – Foto: Ana Flávia Nogueira Nascimento



Noite no *chill out* da Trancendence com a apresentação da Índia Mãe da Lua e Índios Fulni-ô (Índios na beira do rio/ Pernambuco) – Foto: Ana Flávia Nogueira Nascimento



Pintura: Marcelo Jaz – *A novidade é primitiva. O moderno é primitivo*

Chill out, Trancendence 2005 – Foto: Ana Flávia Nogueira Nascimento

As manifestações artísticas encontradas nos festivais de transe psicodélico refletem o tempo que estamos vivendo, um permear de elementos ancestrais com as mais recentes descobertas tecnológicas, que no entanto não deixam de ser primitivas, por fazerem parte da condição humana. Conseqüentemente, a música também combina percussões tribais com sons sintetizados, uma mistura do passado com o futuro, gerando o presente.

O mundo está se tornando cada vez mais técnico, mas o espírito humano parece voltar-se sempre para algumas formas de expressão que se manifestam por meio das criações artísticas. O *trance* mostra o desenvolvimento de nossa própria evolução enquanto seres humanos, uma mudança constante que, no entanto, apresenta-se com uma base que parece constante.

Em um festival, a pista de dança é o palco no qual as pessoas se entregam às vibrações do som e dançam por horas a fio. Esse espaço será amplamente descrito no próximo capítulo. Por enquanto, vamos nos ater às características da música produzida especialmente para a pista – *psychedelic trance*. O próprio nome diz muito – transe

psicodélico –, uma mistura e composição de sons que podem transportar as pessoas a estados de consciência e percepção, os quais não são alcançados de forma lógica e racional, mas dependem de uma abertura a estados alterados da mente.

O estilo musical *psychedelic trance* é uma vertente da música eletrônica, que, na sua forma básica, tem a batida 4/4 como base, e uma velocidade média de 125 a 150 bpm (batidas por minuto). A batida é constante, e a música evolui por meio de estímulos sonoros que são combinados e sobrepostos pela técnica de “mixagem”, que transformam a melodia em um poderoso caleidoscópio de sons. Permeada até as entranhas pelas tecnologias digitais, esse tipo de música combina um alto caráter repetitivo com batidas bem marcadas e progressão de acordes que levam o ouvinte a estados hipnóticos de transe.

Por intermédio de modernos computadores tornou-se possível utilizar um curioso recurso de som, o subgrave. Estes sons estariam fora da capacidade humana de captar sons graves se não fossem executados num volume bastante elevado. Com o volume extremamente elevado, o corpo humano não reconhece o som pela audição, mas pelo tato. Desta forma, o som não é mais ouvido, e sim sentido. O alto volume provoca um deslocamento de ar que, em contato com o ar da caixa torácica do participante, transmite a sensação de que o som grave está preenchendo o seu corpo.

Com os novos recursos digitais tornou-se viável mesclar sonoridades advindas de fontes muito distintas – como, por exemplo, sons do corpo humano, de filmes, da natureza, do espaço etc. –, combinando-os de diversas formas, em mixagens inesperadas de sons fortes e estimulantes que têm como intuito induzir a mente humana a uma jornada psicodélica. Mas o que é a psicodelia? De acordo com o músico Raja Ram, é a capacidade de alterar a consciência.

Como ressalta Cole e Hanan⁵⁵, também participantes da cena de Goa (Índia), a estrutura da música transe reflete a idéia de uma jornada em ambos os sentidos, mitológico e reflexivo. Existe no transe uma experiência de transformação que se desenrola ao longo da música e que dura aproximadamente de oito a dez minutos. A música começa com ondulações lentas do som, as quais vão se intensificando, com constantes timbres que evoluem e carregam o ouvinte a um túnel psicodélico definido como experiência do transe. E o herói encontra os desafios, por meio das paradas periódicas da música, desenvolvidos

⁵⁵ Disponível em: <http://www.ocf.berkeley.edu/~easwaran/papers/psytrance.html>. Acesso em: 2 jun.2004.

pelos misteriosos sons dos *samples*, que envolvem a mente em um nível diferente que pulsa com a música. É por volta dos cinco a seis minutos da execução da música que ela atinge o seu clímax: o êxtase da música e dos dançarinos. E a partir desse ponto ela começa a decrescer em movimentos que a levam até a interligação com o início da próxima.

Os recentes interesses científicos por estados alterados de consciência têm conduzido pesquisas e teorias acerca do efeito neurofisiológico da música, especialmente dos sons dos tambores. Estudos experimentais sugerem que o som do tambor harmoniza a atividade neurológica do cérebro com a frequência vibratória dos sons, que podem induzir ao transe rapidamente, dependendo da quantidade de batidas por minuto.

A questão do tempo – batidas por minutos – também é variável, dependendo da escolha do DJ e do agrado de cada um. Mas o tempo remete a interessantes considerações sobre a possível relação entre o tempo musical e a fisiologia humana do cérebro. A frequência das ondas alfa, emitidas pelo cérebro, as quais são liberadas nos estados de transe, estão aproximadamente entre oito e doze ciclos por segundo, variando de uma pessoa para outra. Muitas das tradições encontradas mundo afora, que envolvem estados de transe, contam com elementos rítmicos que levam a essas escalas de ondas cerebrais. Tipicamente, essas performances de transe começam em um nível mais baixo e vão aumentando durante um período de horas, até atingir um nível muito elevado. O crescimento gradual da música influencia na liberação crescente das frequências de ondas alfa. No *psychedelic trance* existe uma constante de dezesseis notas, as quais são tocadas em ciclos de 9.6; condição paralela à das tradições de transe musical encontradas pelo mundo nas culturas indígenas, aborígenes, africanas, indianas etc.

Os sons geralmente são produzidos por intermédio dos sintetizadores e *samples*, que servem para fazer o contraste com o pulso das dezesseis notas rítmicas. Para os que dançam em transe, os sons têm a intenção de estimular a imaginação (mente), antes de serem tomados pelos fortes mergulhos das batidas rítmicas. A amostra de fragmentos de instrumentos tradicionais ou vozes vocais, assim como vozes retiradas de filmes, é uma técnica usada para fazer referência à cultura da música mundial, a qual é bastante valorizada pela cultura psicodélica. Algumas das referências muito utilizadas tanto no

ambient quanto no *psychedelic trance* são os instrumentos da Austrália aborígine (*didgeridoo*), do Japão (*koto*, *biwa*), da Índia (*sitar*, *tabla*, *vozes*) e da África (tambores,



etc.)

Chill out do festival Trancendence 2005 – Pedra Branca – Foto: Carol Guerra

Vivemos num período de rápida mudança na tecnologia musical. Os sintetizadores controlados por computadores oferecem novas perspectivas, sendo que uma possibilidade é a de inventar timbres torturantemente prazerosos. Os recursos hoje disponíveis possibilitam a criação de combinações rítmicas, melódicas e harmônicas que despertam uma avalanche de sensações corpóreas e mentais capazes de levar os ouvintes a estados alterados do ser. Para se criar *trance* de qualidade é preciso muito conhecimento e sensibilidade musical, além de mente lógica. Com a massificação e a acessibilidade de recursos sonoros, muitos DJs apenas reproduzem e remixam músicas já prontas, dando assim expressividade à criação e à imaginação de alguns produtores, o que não diminui o trabalho deles, que é qualificado como bom ou ruim de acordo com as experiências guiadas na pista de dança.

“Executar um instrumento é também desenvolver uma linguagem que vá além das palavras. Os instrumentos se expressam através de sons e ruídos que levam o ser humano a outras esferas. O *trance* traz uma evolução da música ao fundir sons instrumentais através da digitalização. A eletrônica e o processo de digitalização está em todos os cantos, e é claro que estaria também na música. Atualmente é impossível pensar em elaboração e gravação de música sem os recursos digitais. Porque existe

uma diferença entre a digital e a eletrônica. A música eletrônica é uma evolução da eletroacústica, que usa os geradores de ondas com instrumentos analógicos. Mas a era digital abriu uma fonte de possibilidades infinitas. Hoje os programas de música oferecem mesas de som incríveis, com milhares de recursos para criação. Tem jeito de trabalhar com trinta canais de som, ou talvez até mais, de uma só vez. Então, não tem como fugir: o que a tecnologia digital oferece aos músicos é uma fonte preciosa de recursos.” (Edson Valêncio, junho 2005)



Pista de Dança, Cachoeira Alta Dance Festival 2004 – Foto: Murilo Ganesh

Os primeiros computadores surgiram na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1945 para servirem a cálculos científicos voltados para o uso civil e militar. A virada fundamental data, talvez, dos anos 1970, quando o desenvolvimento e a comercialização do microprocessador dispararam diversos processos econômicos e sociais de grande amplitude. De acordo com Lévy (1999), foi o movimento social nascido na Califórnia na efervescência da “contracultura” que se apossou das novas possibilidades técnicas e inventou o computador pessoal. Desde então, o computador escaparia progressivamente dos serviços de processamento de dados para tornar-se um instrumento de criação (de textos, imagens, músicas), de organização, de simulação e de diversão nas mãos de uma proporção crescente da população global.

Mas qual a relação entre os psicodélicos, os computadores e o mundo virtual? A questão é a seguinte: nos anos 1960, o movimento de contracultura estava se manifestando contra uma sociedade materialista e patriarcal voltada para a guerra e para o poder controlador da vida social. Sendo assim, muitos estavam em busca de novos valores e

descobertas, que culminaram nas experiências psicodélicas. Fazendo tais experiências, com a intenção de explorar livremente o corpo e a mente, foram muitos os que começaram a questionar também a natureza da realidade. O que é real? Que nível de consciência é esse que vivemos cotidianamente? Existem outros níveis de consciência? O que constitui a matéria?. Claro que foram muitos os que se perderam nessas experiências, como ainda acontece, mas também foi alto o número de criações e descobertas que surgiram desde então.

Dentre as milhares de pessoas que experimentaram os transe psicodélicos, envolvendo desde estudantes, artistas, religiosos, líderes políticos e cientistas, foram muitos os que atingiram novas percepções acerca da realidade e que a partir de tais experiências criaram novas teorias e realidades. De acordo com Jaron Lanier (Hayes, 2000), um pioneiro da indústria da realidade virtual, “os fundadores da indústria de computadores eram ‘hippies psicodélicos’”, e a comunidade virtual mantém uma forte conexão com a tradição psicodélica dos anos 1960. Para ele não há dúvida nesse sentido, tanto que a expressão “estamos todos conectados”, difundida entre os adeptos do transe psicodélico, foi utilizada desde o início para falar da *web – world wide web –*, a rede de conexão global que se estende através do ciberespaço. Este que é em muitos aspectos, um espelho eletrônico da hiperespacial rede de sinapses que correm rapidamente pela mente universal – *zuvuya*⁵⁶ –, um tipo invisível de contato entre nenhum e todos os pontos fractais que possuem as ordens paralelas do caos do universo.

Muitas vezes ao ouvir o *trance* me deparei com palavras de fundo que se repetiam, as quais induzem a um imaginário que mantém relação com a mudança do paradigma cartesiano para o holográfico, como: “*Hologram, We are Holographic Memory – open your eyes to the other realities – let your consciousness be your guide – I can only show you the door, but you are the one who has to walk true it*”⁵⁷. Esse é apenas um exemplo de como a própria música inclui mensagens a respeito da natureza da realidade e sugere a existência de “outra realidade” que deve ser buscada por meio das “portas” abertas na própria consciência.

⁵⁶ O site www.zuvuya.net mantém periodicamente matérias sobre temas diversos relacionados à arte psicodélica e à cultura planetária.

⁵⁷ Holograma, somos memórias holográficas – abra seus olhos para as outras realidades – deixe que sua consciência seja sua guia – posso mostrar as portas, mas você é que terá que encontrar seu próprio caminho.

A queda do modelo newtoniano-cartesiano ocorreu justamente pelo fato de que este rejeitou os passos dados pela própria ciência do século XX, a qual por meio das pesquisas relacionadas à parapsicologia, às experiências de quase morte, ao uso de psicodélicos, às práticas xamânicas, às religiões antigas, aos estudos da física quântica, à teoria da informação e dos sistemas, à cibernética e às descobertas recentes da neurofisiologia e biologia, ampliaram o prisma da condição humana e planetária.

Nesse contexto de novas descobertas, a mudança paradigmática implica uma visão de mundo mais integrada, que considera cada ser humano como possuidor de informações sobre todo o Universo. Sendo assim, o ser humano tem potencial para acessar experimentalmente todas as suas partes, passando a ser visto como componente indissociável da rede cósmica.

O mundo está se tornando cada vez mais técnico. A música eletrônica reflete nossa realidade. Mas enquanto a tecnologia é científica e pode ser fácil desenvolver máquinas, por outro lado pode ser uma tarefa difícil produzir música para tocar profundamente as pessoas, de forma que elas se tornem mais conscientes de si mesmas enquanto parte da totalidade cósmica. Raja Ram acredita que a música psicodélica é uma expressão da alma e que, quando feita com amor no coração, pode envolver as pessoas de uma forma que as tocará profundamente, fazendo com que se tornem mais sinceras consigo próprias.

Grof (2000) utilizou a música sistematicamente no programa de terapias resultantes de milhares de experiências incomuns de vários tipos. Muitas das sessões holotrópicas conduziam os pacientes a estados não comuns de consciência por meio de psicoterapia experimental, sessões psicodélicas (com uso do ácido lisérgico: LSD⁵⁸), rituais xamânicos e meditação. As experiências positivas de cura, as quais emergiram desses processos, testemunhavam para ele as manifestações normais e naturais das profundezas da psique

⁵⁸ LSD: nome dado à substância tartarato de destro-dietilamida do ácido lisérgico-25, criada em 1938 pelo suíço Albert Hofmann enquanto trabalhava com vários alcalóides de ergotina em um laboratório da Sandoz. Como contém notáveis propriedades psicoquímicas, a substância (descoberta em 1943) foi objeto de diversos experimentos no campo da sanidade mental nas duas décadas seguintes. Seu uso disseminou-se no final dos anos 1960 por meio do movimento hippie psicodélico e continua sendo hoje amplamente empregado pelos adeptos do *trance* psicodélico. Além disso, tornou-se objeto de um dos mais acalorados debates da moderna história das drogas. Uma dose mínima de LSD pode projetar um homem por meio dos percursos de sua própria mente. Com uma dose média de 100 micrograms, o início da experiência se dará entre trinta e quarenta minutos durará em média cinco horas, com vários graus de intensidade durante esse período. Por volta de 1966, o governo federal proibiu a venda e a distribuição não-médica do LSD, e a Sandoz Pharmaceutical de Hanover retirou a substância do mercado experimental, em virtude das “imprevistas reações”, cortando assim a única fonte legal do LSD e dificultando qualquer tipo de pesquisa (Cashman, 1966: 10, 12, 15).

humana. Quando o processo ultrapassava o material biográfico da primeira infância e da adolescência, e os pacientes experienciavam morte ou renascimento psicológicos, sensação de unidade cósmica, visões arquetípicas e seqüências que descreviam como memórias de vida anterior; os resultados terapêuticos excediam as barreiras egóicas, eliminando sintomas que haviam resistido a outros tratamentos e que desapareciam completamente a partir de então.

Com a proibição do ácido lisérgico foi desenvolvida a técnica alternativa conhecida como “respiração holotrópica”⁵⁹, que combina respiração, música, trabalho corporal e expressão artística como fonte potencial para abrir o caminho de exploração do mundo interior. Para Grof, a música mobiliza emoções associadas a memórias reprimidas, leva-as à superfície e facilita sua expressão. Ajuda a abrir a porta do inconsciente, intensifica e aprofunda o processo terapêutico e fornece um contexto significativo para a experiência direta. O contínuo fluxo da música cria uma onda de frequências que ajudam o indivíduo a passar por experiências e impasses difíceis, levando à superação das próprias defesas psicológicas.

A música tem a função de despertar. A vida é ritmo. A arte é uma organização dos ritmos, e a música é a arte elementar que mobiliza nosso sistema da vontade. O ritmo da música desperta certos ritmos da vida, aqueles internos, que fazem parte do ser humano. Partimos do ponto de vista de que tudo neste Universo é vibração. Até a matéria é vibração que tem uma frequência bem densa.

As vibrações da música levam a estados alterados de consciência quando a pessoa deixa de vibrar na frequência habitual da consciência cotidiana para vibrar em outra frequência. Ao envolver o corpo por meio da experiência da dança, muitas vezes a música ajuda o ego da consciência habitual a ser transcendido, e a pessoa consegue acessar níveis de

⁵⁹ Os estados holotrópicos caracterizam-se por dramáticas mudanças de percepção em todas as áreas sensoriais. Quando fechamos nossos olhos, nosso campo de visão pode ser inundado por imagens provenientes de nossa história pessoal do inconsciente individual e coletivo. A percepção do ambiente pode sofrer transformação por meio de projeções vivas desse material inconsciente, e pode ser acompanhado por uma variedade de experiências envolvendo outros sentidos – sons variados, sensações físicas, cheiros e sabores. Os estados holotrópicos têm um efeito interessante sobre os processos de pensamento. O intelecto não fica debilitado, mas opera de forma significativamente diferente do seu modo de funcionamento diário. Podemos ter profundos *insights* psicológicos relativos à nossa história pessoal, dinâmicas inconscientes, dificuldades emocionais etc. Também podemos experimentar extraordinárias revelações sobre vários aspectos da natureza e do cosmo, que em muito transcendem nossa formação educacional e intelectual, envolvendo questões filosóficas, metafísicas e espirituais (Grof, 2000: 18).

percepção e consciência expandidos. Para complementar, o uso de substâncias psicodélicas potencializa a sensibilidade musical, expandindo os processos que levam os participantes a atingir esferas psíquicas que envolvem emoções, sentimentos, afetos, ou seja, esferas do ser humano que muitas vezes são esquecidas e banalizadas em uma sociedade que valoriza demasiadamente os lados racional e mecânico da mente.

Somos todos instrumentos musicais de um tipo ou de outro, mas somos também sinfonias completas. Nosso corpo armazena nossas memórias e está constantemente irradiando cores e tons correspondentes, dependendo de cada momento, do estado de saúde e da nossa consciência emocional e espiritual. Desta forma, considerando-nos como instrumentos, de que maneira estamos tocando a nós mesmos? Estamos conscientes da profundidade de nossos sentimentos? Enquanto estamos colocando em jogo nossas melodias e harmonias, as nossas emoções, percepções e energias físicas, não estamos criando uma sinfonia de sons? Não somente sons, mas também ritmos entram nas composições que já criamos e que estamos criando no aqui e agora. Assim como estamos tocando as nossas melodias e as nossas harmonias, ocorre o mesmo com toda a vida.

“O som leva à sinestesia, que é a capacidade pela qual uma mensagem veiculada num determinado código incorpora sensações pertencentes a um outro. É isso o que acontece com o som: o som é uma mensagem que tem cor (visão), tem textura (tato), tem cheiro (olfato). Através da vibração, de um timbre, sabemos se a música é áspera, macia, calma, branca, azul, multicolor e assim vai. Som é vibração, e cada vibração tem uma cor. Portanto, cada música tem sua própria ‘aura’. São vibrações que irão emanar e produzir feixes de cores determinados. Uma música agitada, por exemplo, apresenta um fundo constante de vermelho ou laranja. O Colortronic é o primeiro grupo musical a desenhar a música com suas cores respectivas. Para a platéia poder ver e sentir as cores que correspondem às suas músicas, é uma experiência fascinante. A mente é estimulada quando as frequências de cores combinam com as músicas que estão sendo executadas naquele momento, gerando indescritíveis sensações novas. Em épocas passadas, era muito comum os povos antigos como os egípcios usarem a música conjugada à cor, como terapêutica musical, a fim de restabelecer a harmonia entre as energias do corpo e a emotividade do sistema nervoso.”
(Mahadeva, 2004)

Todas as formas, sejam elas humanas, vegetais ou animais, emitem seu próprio som especial, da mesma forma que foi comprovado que cada som irradia determinada cor. Os dois estão inextricavelmente entrelaçados. O som é a cor audível e a cor é o som visível. “Cada órgão do corpo-templo do homem foi moldado pelos ritmos criadores das hierarquias

das estrelas. O bater do coração, o fluir do sangue, o movimento dos músculos, as pulsações da respiração constituem, todos eles, parte desse grande corpo-sinfonia.”

Para compreendermos melhor como atua a música *trance*, vejamos o interessante relato de um musicoterapeuta:

“Primeiro o *trance* é basicamente formado de um quique, um *bass line* (linha de baixo), e os *strings* (viagens psicodélicas). O quique, ou tum tum tum, vai vibrando no nosso corpo e no nosso organismo, dissolvendo energias bloqueadas, rompendo nódulos energéticos. E esse processo é facilitado se a pessoa tiver compreensão disso, se ela puder relaxar, se soltar e usar a música para uma experiência profunda. Porque não adianta saber disso e chegar lá na pista e ficar tenso, sem relaxar e não se deixar levar pela música e pelo som. Então tem que ter também uma atitude interior. Tem que relaxar e deixar a música conduzir. O quique é muito ligado à Terra, é uma batida rítmica que faz você bater o pé no chão. Pode ver que as pessoas batem os pés no chão, e isso desperta algo bem tribal mesmo. Porque o *trance* é tribal; é contemporâneo, mas é tribal, ancestral. E batendo o pé no chão você faz uma conexão com a Terra, com Gaia, Patcha Mama, com o planeta. Os *strings* são como portais nos quais a viagem psicodélica acontece. Pelo quique a gente bate o pé, entra no transe e faz conexão com a Terra. E o *bass line* trabalha essa região do rebolado, do quadril, que faz a energia subir para os *chakras* superiores. É o *swing* da música que possibilita que a energia suba para a mente, proporcionando a ampliação de consciência.

Tem várias culturas no planeta nas quais a dança é utilizada para entrar em transe, para trabalhar a Kundalini, e o *trance* eu digo que é uma música perfeita para a transcendência, é muito forte. É importante haver a intenção, mas muitas vezes acontece também sem a intenção, espontaneamente. Se a pessoa está no momento dela e está aberta, então acontece espontaneamente um despertar.”⁶⁰

A fala acima mostra que o estilo musical *trance* é articulado de maneira complexa para estimular tanto o corpo físico como o mental (psíquico e espiritual). Por exemplo, sons de percussão estimulam a liberação da energia sexual. Esse é um dos motivos que faz com que as pessoas dêem saltos na pista de dança. Não é por acaso que nosso país é regido pelo samba. Outro fator interessante é que, muitas vezes, o número de batidas por minuto de determinado ritmo conecta ao pulsar dos batimentos cardíacos, transportando a memória a uma época em que a comunicação com o mundo externo era realizada somente por meio das vibrações do útero materno. Já as flautas e instrumentos de corda acalmam e tocam o coração; a música clássica indiana com sons de cítara estimula os centros de energia mais altos, voltados para a espiritualidade. Os sons de água também levam a pessoa a relembrar o útero materno e podem provocar sensações de conforto e relaxamento, bem como despertar a sensualidade, pois a água está relacionada a todo o fluir da vida. Porém os efeitos dos sons

⁶⁰ Rogério/ Lamart, 25 anos, cursa musicoterapia na UFG – Goiânia, trabalha com terapia holística e com causas ativistas em prol do reequilíbrio de Gaia, do reequilíbrio do planeta. Entrevista realizada em Alto Paraíso, agosto 2005.

também dependem do estado do ouvinte. Basicamente, qualquer som tem a capacidade de liberar uma energia bloqueada. A melhor maneira de permitir que isso aconteça é aceitar quaisquer sentimentos que estejam conectados com aquele som. É claro que existem sons, como por exemplo o de uma explosão, que simplesmente são muito agressivos e o corpo se fecha para se proteger deles.

Os ensinamentos indianos postulam uma conexão específica entre sons de frequências específicas e os diferentes *chakras* (centros de energia do corpo). Com o uso sistemático desse conhecimento, é possível influenciar o estado de consciência de forma previsível e desejável. Hoje, com toda a tecnologia disponível, alguns produtores de *trance* utilizam-se de frequências elevadíssimas que influenciam o estado de consciência e podem ativar todos os centros energéticos do corpo humano, elevando, conseqüentemente, a energia dos que estão entregues ao som. A decoração psicodélica também faz referências a tais conhecimentos, sendo composta muitas vezes por símbolos dos *chakras*, pinturas de iogues com a coluna vertebral subindo em espiral, e os centros de energia destacados com suas respectivas cores – vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, violeta, dourado.

“A música *trance* é feita para muitos níveis. É feita para o corpo, pois tem elementos pulsantes que colocam o corpo em movimento; para a mente, pois tem muita tecnologia de composição que estimula o transe; e para a alma, porque herdou das filosofias orientais não apenas os mantras e as sonoridades meditativas, mas também a espiritualidade”, relatou Poty⁶¹, músico e psicólogo que vêm se debruçando há algum tempo sobre os estudos a respeito da composição de música eletrônica e relacionando-a aos conhecimentos da psicologia. Para ele, o mais impressionante é criar tudo isso com a eletricidade bruta, pois o que o computador faz é simplesmente reorganizar a eletricidade, que depois chega novamente ao cérebro e ativa conexões elétricas, as quais provocam descarga de hormônios, desencadeando reações físicas reais no corpo dos ouvintes.

A música com a qual nos relacionamos reflete nós mesmos. Podemos dizer que a música evolui à medida que evoluímos. As culturas se refletem em suas músicas. Na Índia, o som é associado ao éter, o primeiro dos cinco elementos. O éter é a manifestação primordial e mais sutilmente penetrante da substância divina. Dele emanaram, durante a evolução do

⁶¹ Poty, músico e DJ. Entrevista realizada no Festival Universo Paralello, 2005.

Universo, todos os outros elementos: terra, fogo, água e ar. Som e éter, unidos, significam o primeiro e genuinamente verdadeiro momento da criação; são as energias produtivas do absoluto, com sua força cósmica.

A música *trance* reflete a era planetária, que interliga, por meio de tecnologias modernas, elementos pertencentes a várias culturas e cria manifestações globais que envolvem práticas e conhecimentos ancestrais por intermédio de uma linguagem comum, a vibração. A música do transe, com sua intensidade, seu ritmo e envolvimento melódico, encanta cada vez mais pessoas que ficam atraídas pela magia que esses sons podem despertar. Um bom DJ é aquele que leva os ouvintes a escalar lentamente os declives de uma ondulação energética que se propaga em meio aos que dançam em comunhão com as forças do Universo.

“Cada um tem sua própria frequência de vibração. Cada um na sua frequência! Nosso corpo vibra, nossas células vibram, somos constituídos por átomos, que por sua natureza estão sempre vibrando, dançando, circulando, assim como a dança dos elétrons, a dança cósmica do Universo, a dança na roda de fogo de Shiva Nataraja. Tudo flui, tudo muda, tudo está em constante movimento.” (Gil Mahadeva 2004)

As formas musicais são determinadas por valores que vão além das idéias lógicas, as quais transcendem até nossas idéias sobre o visível e o tangível. Existe uma ligação indissociável entre o jogo e a música. Em diversas línguas se chama “jogo” a manipulação dos instrumentos musicais, como na árabe, nas germânicas e eslavas, tanto que se supõe uma profunda razão psicológica para explicar esse símbolo tão claro de afinidade. O jogo situa-se fora da sensatez da vida prática, nada tem a ver com a necessidade ou a utilidade, com o dever ou com a verdade. Ora, tudo isto pode aplicar-se também à música.

Todo ritual autêntico é obra de canto, dança e jogo. Atualmente perdeu-se o sentido do jogo ritual e sagrado. Nossa civilização exaltou-se com a racionalidade, tornando-se excessivamente sofisticada e moralista. Mas observo que nada contribui mais para nos fazer recuperar a sensibilidade do que as obras de arte. Quando se ouve música, quer ela se destine a exprimir idéias ou não, há uma fusão entre a percepção do belo e o sentimento do sagrado, na qual é inteiramente dissolvida a distinção entre o jogo e a seriedade. Se for certo que tudo o que se relaciona com a música está situado no interior da esfera lúdica e estética, o mesmo se pode afirmar da irmã gêmea da música, a dança. Nos festivais, o ambiente

principal onde se toca os variados estilos de *trance* psicodélico é a pista de dança; nela as pessoas se reúnem para celebrar e ocorre a maior troca de energia coletiva.

A palavra celebrar quase diz tudo: o ato é celebrado, isto é, serve de pretexto para uma festa, uma manifestação de alegria coletiva. As consagrações, as danças, as competições, as representações, os mistérios, tudo isto vai constituir parte integrante de uma festividade, implicando a interrupção da vida cotidiana. Entre as realidades psíquicas, a festa é uma entidade autônoma impossível de se assimilar a qualquer outra coisa.

De acordo com os antropólogos, a música evoluiu, de início, para fortalecer os laços da comunidade e resolver conflitos. Muitos animais empregam seu aparato vocal para transmitir delicadas gradações de emoção e intenção. Da mesma forma como os seres humanos desenvolveram a linguagem, com a modulação inerente a cada palavra, parece inevitável que as expressões formais de emoção fossem aos poucos se fundindo em algo semelhante à melodia. Como coloca Jourdain (1998), as exibições ritualizadas de emoção aparecem freqüentemente nas culturas tradicionais, sob a forma de movimentos físicos estereotipados – como danças realizadas para exigir, ameaçar, aplacar, tranquilizar etc.

Se a música surgiu para fortalecer laços sociais e resolver conflitos, ela deve sua existência às emoções. Porque é exercitando ou aplacando emoções que estabelecemos relação com outros seres humanos. De alguma forma, a música corporifica a emoção, pois por meio de previsões que são posteriormente satisfeitas, esta gera prazer e pode levar o ser humano ao ápice existencial, ao êxtase. Quando o prazer chega a extremos, nós o descrevemos algumas vezes como “êxtase”, sentimento de dissolução das fronteiras do nosso ser, que liberta os laços com o mundo externo e mergulha o ser humano na totalidade “oceânica”.

A música é uma pluralidade que pretende atingir a unidade. É ao mesmo tempo tensão e equilíbrio. Por meio das tensões pode-se pôr em destaque o que existe entre a dissonância e a consonância, a tensão que existe entre o ritmo e a melodia etc. Os diversos elementos da música se separam e se reúnem constantemente. São elementos que se enfrentam e se aquietam na união que leva à integração cósmica, à integração de todas as diferenças. A música e a exacerbação das paixões estão em constante relação; as danças

evidenciam esse fato. A dança e a música fazem parte das práticas orgíacas que guiam o êxtase dionisíaco.

Apresento aos leitores um manifesto bem expressivo que encontrei colado no mural do Festival Tranceformation, em 2004, e que também foi amplamente divulgado pela Internet.

Manifesto World Wide Raver : O estado emocional que escolhemos é o êxtase. O alimento que escolhemos é o amor. O vício que escolhemos é a tecnologia. A religião que escolhemos é a música. A moeda que escolhemos é o conhecimento. A política que escolhemos é nenhuma. A sociedade que escolhemos é utópica, apesar de sabermos que nunca será. Vocês podem nos odiar. Vocês podem nos rejeitar. Vocês podem não nos estender. Vocês podem não estar cientes da nossa existência. Nós só esperamos que vocês não tentem nos julgar, porque nós nunca os julgaríamos. Nós não somos criminosos. Nós não somos desiludidos. Nós não somos drogados. Nós não somos crianças ingênuas. Nós somos uma tribo enorme e global que transcende a lei do homem, a geografia física, e o próprio tempo. Nós somos A Multidão. Uma Multidão.

Nós fomos primeiramente atraídos pelo som. A batida distante, tempestuosa, abafada e ecoante se comparava ao coração da mãe pulsando em seu útero de concreto, aço e fios elétricos. Nós fomos atraídos de volta a esse útero, e lá, no seu calor, umidade e escuridão, entendemos que somos todos iguais. Não somente na escuridão e para nós mesmos, mas para a mesma música que nos atinge e atravessa nossas almas: nós somos todos iguais. E em algum lugar por perto de 35Hz nós podíamos sentir a mão de Deus nas nossas costas, nos impulsionando para a frente, nos impulsionando para fortalecermos nossas mentes, nossos corpos e nossos espíritos. Nos impulsionando para nos unirmos com a pessoa ao nosso lado, compartilhando a alegria que sentimos ao criarmos essa bolha mágica que pode, por uma noite, nos proteger dos horrores, atrocidades e da poluição do resto do mundo. É nesse instante que nós nascemos.

Nós continuamos nos encontrando nos clubes, ou galpões, ou construções que vocês abandonaram, e lá nós levamos vida por uma noite. Vida intensa, palpitante, vibrante em sua forma mais pura. Nesses espaços improvisados, nós procuramos nos desprender do peso da incerteza de um futuro que vocês não foram capazes de estabilizar e assegurar para nós. Nós procuramos renunciar a nossas inibições, e nos libertar das algemas e restrições que vocês nos impuseram para seu próprio bem. Nós procuramos reescrever a programação com que você tentou nos doutrinar desde que nascemos. Programação que nos manda odiar, que nos manda julgar, que nos manda rechearmo-nos no mais próximo escaninho. Programação que até nos manda subir escadas para vocês, pular por arcos, e correr em labirintos e em rodinhas de ratos. Programação que nos manda comer com a mais brilhante colher de prata que vocês usam para nos alimentar, ao invés de nos alimentarmos com nossas mãos capazes. Programação que nos manda fechar nossas mentes, ao invés de abri-las.

Até que o sol se levante ofuscando nossos olhos e revelando a realidade de um mundo que vocês criaram para nós, nós dançamos intensamente com nossos irmãos e irmãs em celebração a nossa vida, a nossa cultura e aos valores em que acreditamos: Paz, Amor, Liberdade, Tolerância, Unidade, Harmonia, Expressão, Responsabilidade e Respeito.

O inimigo que escolhemos é a ignorância. A arma que escolhemos é a informação. O crime que escolhemos é quebrar e desafiar quaisquer leis que vocês achem que precisem criar para nos deter. Mas saibam que vocês podem estragar qualquer festa, em qualquer noite, em qualquer cidade, em qualquer país ou continente desse maravilhoso planeta, mas vocês nunca poderão estragar a festa toda. Vocês não têm acesso a esse botão, não importa o que façam. A música nunca silenciará. A batida nunca vai enfraquecer. A festa nunca terminará.

Eu sou um *raver*, e este é meu manifesto.

AR: O BAILADO CÓSMICO

Para esses espíritos, cantar é agir, é agir materialmente. Eles vivem no ar, vivem do ar. Pelo ar, toda a vida e todos os movimentos são possíveis. É o sopro do ar que faz girar a Terra. Como toda esfera, o enorme globo da Terra tem para a imaginação dinâmica a delicada mobilidade da rotação. Gaston Bachelard

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estarmos vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa realidade mais íntima, de modo que realmente sintamos o enlevo de estarmos vivos. Joseph Campbell (1990)

No século XXI as novas tecnologias aceleram as comunicações entre os seres humanos, provocando a compressão espaço temporal, a qual muitas vezes não condiz com a capacidade emocional do indivíduo ou seu “tempo” interno. As rápidas transformações instauram o conflito da modernidade: o corpo como limite. No corpo está centrada a capacidade de adaptação; sente-se por meio dele a relação com o infinito, de onde emerge tanto o prazer quanto o sofrimento humano.

Em um festival de transe psicodélico, quando a música começa a tocar na pista de dança, os olhos brilham, as pernas e os braços se movem e até gritos de alegria e delírio são ouvidos. Tamanha euforia, ligada às reações físicas que podem ser observadas nos corpos dos participantes, nos remete ao fato de que a música e a dança são os principais veículos que guiam os participantes aos estados de transe atingidos nesses encontros. O cenário da pista de dança sempre envolve algum tipo de decoração “psicodélica” – formas geométricas (feitas com papel holográfico), panos com desenhos tridimensionais, pinturas multicoloridas, animais feitos de linhas fluorescentes, luz negra, e outros tantos estímulos, os quais, aliados à música jogam com os sentidos dos que são atraídos para o canto da dança desde os dedos dos pés.

A constante busca dos seres humanos por uma espécie de comunhão forte, estabelecida desde o momento em que pisam juntos num mesmo solo e dançam ao som de um só ritmo, que os guiam a estados energéticos elevados, gera e regenera certa ética coletiva, ou seja, um cimento constituído pelas emoções compartilhadas. Na pista de dança, as pessoas se entregam às vibrações da música movimentando o corpo intensamente, dando indício da arte no corpo, ao mostrar que ele é capaz de se fazer, enquanto corpo e

movimento, encarnação artística. Afinal, deixar o corpo dançar é permitir-se arrebatado pelo movimento.

Ao dançar, um corpo entrega-se ao ímpeto do movimento, deixando-se deslocar e transformar. Ele atravessa o espaço, joga com o tempo, brinca com as forças e leis físicas, diverte-se com seu peso, provoca dinâmicas inusitadas. Mas para que haja esse movimento é preciso também haver o não-movimento, a quietude, o silêncio do corpo dançante.

Quer se trate das danças sagradas ou mágicas dos selvagens, ou das danças rituais gregas, ou da dança simplesmente como um dos aspectos de uma festa, ela é sempre, em todos os povos e em todas as épocas, a mais pura e perfeita forma do jogo lúdico. Isto acontece em todos os casos em que a dança é uma exibição de movimento rítmico, uma criação plástica que mantém relação de participação direta e ativa por parte de quem a realiza.

Os dançarinos, por meio da mudança das sensações corpóreas e mentais, alcançam estados chamados de “trance”, “êxtase”, “transcendência” e outras tantas denominações que podem ser atribuídas a tais experiências. A seguir, um relato feito por uma participante do Cachoeira Alta Dance Festival 2004:

A Terra estava em Trance!

A lama havia tomado conta de todos os corpos que habitavam o Vale Encantado de Cachoeira Alta. No meio das montanhas, o sol já se punha quando começaram a chegar, para a noite, cavalheiros do arco-íris com suas roupas limpas que se destacavam ao trazer um novo colorido à pista de dança. Nessa noite a chuva parou, e todos os integrantes da tribo do transe resolveram sair da toca. Quando já estava bem escuro, tivemos novas surpresas, luzes foram acesas no palco iluminando o DJ e depois os dançarinos e dançarinas que despertavam seus corpos em cada ponto e em cada célula também ganharam luzes que rodopiavam pelos ares. A música era orgânica – pulsava com energia própria dentro do animal humano, que lá, no meio das montanhas, dançava com os pés enraizados na terra que com a água havia se transformado em lama. A batida do *trance* nos fazia sentir o coração da própria Mãe Terra pulsando. E para completar a beleza: do escuro fez-se a luz no alto da montanha e da pista de dança tornou-se possível ver novamente as árvores, as rochas e até a queda da cachoeira. Que noite maravilhosa! A psicodelia estava em alta! Era a tribo do transe vivendo seu momento máximo de prazer, de harmonia e paz. Do topo da montanha, onde estava localizada a pista de dança, víamos o movimento constante das pessoas deslizando na lama através do vale encantado. Do alto, parecia um formigueiro humano em constante movimento, como a vida: em seu transcender eterno!



PISTA DE DANÇA DO 'CACHOEIRA ALTA DANCE FESTIVAL' – Foto: Ana Flávia N. Nascimento.

Alguns precursores do movimento global do transe psicodélico, assim como muitos dos seguidores que estão atualmente organizando os festivais pelo mundo, acreditam que ao criarem espaços onde as pessoas vão poder ter experiências fortes por meio da dança coletiva do transe, do contato com natureza e da contemplação da arte psicodélica, estão, conseqüentemente, recriando um ritual ancestral de comunhão e de unidade com o divino que permite aos participantes acessarem uma outra percepção da realidade. Goa Gil⁶², músico californiano que participou do início da cena em Goa (Índia) e desempenhou importante papel na associação da música eletrônica com a espiritualidade, defende que desde o início dos tempos o ser humano tem usado a música e a dança para entrar em comunhão com o espírito da natureza e do universo e que por meio das festas de transe psicodélico estão fazendo o mesmo com os recursos disponíveis em nosso tempo.

Incontáveis dançarinos afirmaram que após terem tido experiências de transe, na pista de dança, perceberam a vida com novos significados e então começaram a tomar novas atitudes comportamentais. Muitos relatam que a experiência profunda do transe

⁶² Disponível em: www.goagil.com. Acesso em: 6 mar. 2005.

pode levar a uma fusão do indivíduo com o coletivo e com a totalidade do Universo. Dançar em transe induz, obviamente, a estados alterados de consciência, mas isso requer que o dançarino perca o controle da mente lógica e racional e passe para o campo das experiências emocionais e sensíveis.

A dança do transe é considerada por seus adeptos uma forma de “meditação transcendental” da “nova Era”, a qual mistura técnicas ancestrais de diversas culturas com as mais recentes tecnologias, para atingir estados em que a mente cotidiana é transcendida. Dentre as técnicas antigas utilizadas e reconhecidas pelo grupo, o mais aclamado por seus integrantes é o xamanismo⁶³ – técnica arcaica do êxtase que envolve a música rítmica, a dança, vestimentas específicas e em alguns casos substâncias visionárias. As técnicas orientais, relacionadas à respiração – ioga, *tai chi chuan*, meditação transcendental – também são amplamente difundidas nesse contexto.

“Nós do Divina Metamorfose (conjunto instrumental) fomos chamados para tocar *no chill-out* da *Trancendence*. A primeira reação foi de resistência. Nós já fazíamos música para rituais, na linha do xamanismo, mas tínhamos certo desdém pela música eletrônica. Fomos no primeiro festival para tocar e também para fazer pão integral. Ao chegarmos à pista de dança, ficamos admirados em ver apenas um *xamã* comandando aquelas caixas enormes, um som muito mais elaborado que uma banda de quatro ou cinco elementos. É difícil encontrar uma banda harmônica que consegue isso, todos os elementos em harmonia. Na pista, eu sentia um trabalho xamânico de despertar do eu interno, da liberação das limitações do corpo por meio da dança e da liberação das limitações da mente por intermédio da psicodelia da música, dos *lups* que a música têm. Essa contagem matemática do *ambient e do trance* de pista é hipnótica. O *trance* nada mais é do que a batida xamânica, tribal, de milhões de anos talvez, mas por meio das mais novas tecnologias. Os pesquisadores falam que a espécie neanderthal já fazia música porque os lóbulos da região musical já estavam desenvolvidos; também pelo ambiente de cavernas ser muito sonoro, acústico, provavelmente a música já estava presente nas cavernas.” Edson Valêncio⁶⁴, Entrevista realizada em São José do Rio Preto – Junho 2005.

Tais considerações fazem sentido se considerarmos que desde tempos imemoriais o monótono som de tambores, cânticos e outras técnicas de produção de êxtase têm sido as principais ferramentas de xamãs em diferentes partes do mundo. Entretanto, os xamãs têm o poder de curar, característica que não pode ser comprovada nesses eventos, mas que é destacada por alguns terapeutas que consideram os festivais “sob o prisma de ser agente de alto poder no despertar global e na catalisação de transformações renovadoras na vida das

⁶³ Ver Anexo II. A)2. O xamanismo e as festas psicodélicas.

⁶⁴ Valêncio, 50 anos, Arquiteto de casas e instrumentos musicais, também músico integrante do grupo ‘Divina Metamorfose’.

peças que passam pela experiência de participar desse tipo de evento, o que ainda se desdobra como uma manifestação universal de cura”.⁶⁵

Muitas culturas pré-industriais desenvolveram, de maneira bastante independente, ritmos de tambores que em experimentos laboratoriais têm notáveis efeitos sobre a atividade elétrica do cérebro. Ainda que as raízes da dança do transe estejam na base das mais antigas práticas espirituais, nesse contexto não tem uma orientação religiosa e não se oferece enquanto método prático de cura. No entanto, muitos relatam suas experiências como tendo significados metafísicos.

Existe uma teoria científica que explica que o transe induzido causa a liberação de endorfinas no corpo humano. As endorfinas são os hormônios neuronais ou substâncias muito similares aos opiáceos em estrutura e função. São gerados no corpo e liberados sob várias condições, como dor, cansaço, acupuntura, sexo, corridas a longa distância e por meio da dança em transe. As pesquisas comprovaram a liberação de endorfinas em estados espirituais alcançados por meio da meditação e outras técnicas. Em 1980, na conferência “Xamãs e endorfinas”, foi relatado que a hipnose resultante do som dos tambores e da dança leva ao aumento de liberação de endorfinas, e que os poderes visuais e os estados de sonho ativam tanto o estado hipnótico como a elevação das endorfinas. Sendo assim, podemos considerar que dançar em transe altera a capacidade respiratória, bem como libera substâncias que, conseqüentemente, despertam os sentimentos do êxtase no corpo humano (Natale, 1998: 49).

Portanto, o que há em comum entre os *djembe*s das tribos africanas, os druidas europeus, os xamãs do mundo inteiro, os índios americanos ou amazônicos e os terreiros da cultura afro-brasileira – como o candomblé – e os festivais de transe psicodélico é o ritmo que estimula a dança e os estados espirituais alcançados por meio desses elementos que estimulam o corpo e a mente. Por exemplo, nos rituais religiosos de possessão do Haiti, na cerimônia vodu, o indivíduo é levado a um estado de transe enquanto dança ao som das batidas rítmicas contínuas e prolongadas dos tambores, chegando até a engolir fogo. Na

⁶⁵ Luiz Antonio Berto (2/5/2006). Disponível em: <http://pages.apis.com.br/terapiaenergetica/Arquivos%20Selecionados/O%20Poder%20do%20Festival%20Trance.htm>. Acesso em: 13 jun. 2006.

religião Sufi⁶⁶ – dos dervixes do Oriente Médio (Islã) –, a principal prática é uma espécie de dança em rodopio, que leva ao estado de transe. Rumi, um poeta místico famoso que deu início a este culto, teve uma experiência na qual, por meio da dança, chegou a um estado de puro transe e atingiu um espaço onde seu ego se dissolveu e ele pôde entrar em sintonia com o divino, recebendo assim a iluminação. Daí por que os dervixes são assim chamados, significando “portal”.

Nos festivais psicodélicos a comunhão extática acontece principalmente na pista de dança, onde os participantes passam muitas horas dançando hipnotizados pelas frequências elevadas da música e pelo ritmo repetitivo. O ponto alto desses encontros acontece geralmente por volta do terceiro dia, quando as pessoas já se desligaram da vida na cidade, das responsabilidades mundanas e se entregaram totalmente ao movimento.



PISTA DE DANÇA DO FESTIVAL TRANCE 2005 – Foto: Carol Guerra

“Tem vários motivos para você ir num festival de trance psicodélico. Tem pessoas que focalizam o uso de drogas, mas não é só isso. Você vai numa festa para encontrar amigos, para se divertir, para passear, ver coisas novas. As drogas existem em qualquer lugar. O trance é uma música que só de ouvi-la, você já entra em transe. A própria música já altera o estado de consciência, porque é baseado na batida cardíaca, bpm – batida por minuto. E é interessante

⁶⁶ Disponível em :

http://www.zuvuya.net/cad_galeria_materia_ver_R.asp?cod_capa=800&site=R&pasta=sufitrance&tipo_mat=mc. Acesso em: 12 mar. 2006.

que tem diferentes batidas e frequências para todos os gostos. Tem pessoas que gostam de um som mais tranquilo, com o bpm mais lento. Tem outros que gostam de progressivo, uma batida mais ou menos lenta. Tem outros que gostam de batidas mais aceleradas, 148 bpm. Acho que 153 bpm é o máximo que já ouvi, o mais heavy (pesado). Eu também curto um dark no meio da noite, tipo duas ou três horas da manhã. O dark é uma coisa mais cheia, tipo um filme de terror, em que você sente um arrepio. Porque você sente a energia da música e a vibração despertando muitas coisas dentro de você.

Tem momento em que você se identifica com a música e se dissolve nela. Eu já entrei em transe várias vezes enquanto dançava, mas depois, quando eu entrava novamente no estado da mente, eu saía do transe. Eu entrava em transe sem querer, estava na pista dançando por várias horas, e de repente entrava em transe. Mas, se alguma coisa me distraía, eu voltava de novo para a mente racional. Então, para eu entrar em transe tinha que esquecer minha mente e meus pensamentos. Porque para entrar em transe tem que haver uma entrega, vai além da mente racional. Quando você se entrega para a música e dança por muito tempo, chega um momento em que acontece, você entra em transe.

O estado de transe é quando você esquece o seu nome, a sua identidade, esquece que é um corpo e você só existe, você é energia. E você se desintegra no Cosmos, no todo. Você é energia, então, você só está existindo e vivendo aquele momento. Só sente! Ai quando você lembra que você é matéria, é corpo, é mente, é alma (risos), aí a casa cai e você entra nos pensamentos mentais e não consegue acessar essa outra dimensão.” Vinit⁶⁷, Entrevista realizada em Alto Paraíso/ Setembro 2006.

Em encontros onde se busca o transe coletivo, o ritmo é considerado o principal estímulo. Rouget (1985) cita inúmeros exemplos encontrados em todo o mundo, de estados de transe e possessão estimulados por meios sonoros. Segundo o autor, a música rítmica não produz o transe, mas pode ser considerada “o principal meio de manipular o transe”, visto que as ondas sonoras têm efeitos nervosos e orgânicos sobre os seres humanos, independente das formações culturais destes. No entanto, a mesma música fora de determinado ritual não tem a mesma capacidade de produzir o transe. São necessárias inúmeras condições para que o efeito da música ou do ritmo leve a tais estados.

Estados de transe parecem estar sempre associados a estímulos sensoriais, como: música, barulho, cheiros, agitação, imagens, símbolos, uso de substâncias etc. O transe é definido como um estado temporário da consciência, ou, como a própria palavra indica, um estado transitório. A pessoa deixa o estado usual de consciência por certo período de tempo e depois retorna a ele, representando a transcendência do *self* (si-mesmo)

⁶⁷ Vinit - Wisdon Homble, trabalha há cinco anos com o Trance pela Solar Flares, organização que produz o festival Transcendence – foto acima

individual, como uma respectiva liberação⁶⁸ resultante da intensificação causada pela estimulação física e mental.

Por meio de múltiplos exemplos retirados de variadas culturas espalhadas pelo mundo pode-se constatar que o transe é um resultado da relação entre a música e a dança. Nos variados tipos de cultos religiosos – candomblé (Brasil), culto bori (Nigéria), culto zãr (Etiópia) culto rab (Senegal) – existem diferentes sistemas lógicos que governam a articulação dos elementos que constituem a experiência do transe. No entanto, a música aparece como um componente essencial, até porque representa em si mesma um sistema.

Sylvan⁶⁹ (2003) realizou uma pesquisa comparativa entre as culturas e constatou que a combinação da música rítmica com a dança em transe sempre foi utilizada como um poderoso artifício das experiências religiosas. Para o autor, o segredo a respeito dos estados de transe alcançado nas tradições ancestrais foi escondido da cultura ocidental e agora está sendo revelado por meio das novas buscas por espiritualidade, que se manifestam também pelo fenômeno do transe contemporâneo, quando milhares de pessoas dançam juntas em transe. Para ele, os festivais de transe psicodélico estão contribuindo para a renovação desses antigos conhecimentos, pois os novos tipos de sons e as complexas composições produzidas pelos artistas contemporâneos por meio da junção de instrumentos ancestrais com os sons eletrônicos e digitais, juntamente com a multimídia das artes visuais e os sofisticados conhecimentos e usos de substâncias psicodélicas, podem nos levar a um novo capítulo na longa história da experiência de transe.

Quantos rituais de dança já devem ter sido realizados pelos povos do passado? Impossível saber tal dado. No entanto, sabemos que a dança, a música e as substâncias psicoativas sempre estiveram presentes na história humana como meios utilizados para mediar a comunicação com o sobrenatural. A dança e a música continuam sendo

7 A palavra “liberação” significa, para Rouget, a liberação do “movimento potencial humano”, ou “liberação do corpo”, termo cunhado pelo movimento bioenergético para designar a meta dos “novos grupos de transe”. (Rouget, 1985: 14).

⁶⁹ *The secret life of trance (A vida secreta do transe) – Investigating the Cross-Cultural Connection Between Music and Religious Experience*. Disponível em: www.be-in.com (07/05/2004) www.fusionanomaly.net Acesso em: 7 maio 2004. Ver também Anexo II. B)1.

instrumentos dos xamãs para alcançarem a cura de pessoas doentes. A dança dos xamãs siberianos imita os movimentos de pássaros e outros animais. Os xamãs coreanos realizam seus rituais de cura por meio da dança e acreditam que cada um tem um deus que governa seu corpo pessoal e dança por intermédio dele. Para o paciente, a dança é parte da cura, e os demais participantes dançam para trazer boa sorte.

No século XV, uma mania de dança chamada tarantismo disseminou-se pela Itália no despertar da Peste Negra, doença que ficou conhecida por meio dos nomes de São Vito e São João Batista, pois era nos altares dedicados a esses santos que os dançarinos buscavam alívio para suas aflições. Nas épocas de privação e miséria, os membros mais abusados da sociedade sentiam-se tomados de uma irresistível vontade de dançar selvagemmente até atingir o estado de transe e tombar exaustos e, em geral, curados, pelo menos temporariamente. Relatos da época contam como os camponeses abandonavam seus arados; os mecânicos, suas oficinas; as donas-de-casa, os seus afazeres domésticos; as crianças, os seus pais; os criados, seus patrões, e todos mergulhavam de cabeça na dança frenética que se estendia por horas seguidas, com os dançarinos berrando e gritando, quase sempre com a boca espumando.

Tarantismo foi o nome atribuído à picada venenosa da tarântula. Como nos outros lugares, os que sofriam da doença apresentavam extrema sensibilidade à música e dançavam até atingir o transe. Uma vez descoberta a canção apropriada à estimulação do paciente, uma única aplicação dessa terapia da dança e da música bastava para anular a aflição. Na Itália, de fato, até o século XVII grupos de músicos costumavam percorrer o país nos meses de verão, quando a doença atingia seu ponto mais alto, tratando os *taranti* das diversas vilas e cidades em enormes reuniões dançantes.

Música e dança são técnicas consagradas para induzir a estados de transe. Sejam quais forem os métodos empregados, torna-se importante destacar que cada cultura interpreta os estados de transe de maneira distinta. O cristianismo, assim como outras religiões estabelecidas no mundo ocidental, têm em geral procurado diminuir as interpretações místicas do transe, pois os que o experienciam reivindicam seu reconhecimento como revelação divina. Fora da Igreja Católica, para a maioria dos psiquiatras e psicanalistas tanto a possessão por espírito como outros estados de transe são explicados sem recorrer à crença na existência do diabo ou de Deus. A maioria dos

profissionais da área da saúde continua considerando-os estados patológicos da mente dissociada. No entanto, a própria psiquiatria utiliza hoje uma ampla gama de técnicas que são especificamente destinadas a provocar estados semelhantes ao transe, nos quais o paciente, induzido por substâncias ou hipnose, podem vomitar experiências traumáticas reprimidas através da catarse. Para os psiquiatras não há nenhuma implicação de que essas técnicas sejam místicas. Pelo contrário, sustenta-se que elas atuam no sistema nervoso central por meio de processos ainda desconhecidos.

Em várias culturas do Oriente a dança é tida como um ato criador, que suscita uma situação nova e desperta no dançarino uma personalidade nova e superior. A dança possui uma função cosmogônica, desperta a energia latente para que seja conferida forma ao universo. Numa escala mundial existem múltiplas manifestações rituais encontradas em diversas culturas e civilizações que empregam a dança como meio de comunicação com o divino. No hinduísmo por exemplo, Shiva é o dançarino cósmico; em sua manifestação dançante incorpora em si mesmo a energia eterna que, simultaneamente, torna manifesta. As forças reunidas e projetadas no seu girar frenético e incessante são os poderes de evolução, preservação e dissolução do universo. A natureza e todas as suas criaturas são efeito dessa dança eterna.

A via shivaísta é a via tântrica, que utiliza as funções físicas e os aspectos aparentemente negativos, destruidores, sensuais do animal humano como ponto de partida para os estados elevados do ser. Por meio da evocação e reativação orgiástica do caos primordial são favorecidas as formas de êxtase, um retorno à origem da vida, ao princípio criador, ao divino. O tantrismo é baseado na experiência, nos ritos, técnicas que permitem ligar a experiência da ioga com os princípios universais expressos na cosmologia do *Sânkhya*. O tantrismo desenvolve e utiliza as possibilidades físicas, sutis, espirituais do ser humano, tendo em conta a interdependência de todos os aspectos do ser cósmico. O corpo é a base, o instrumento de toda realização. Não há vida, pensamento ou mesmo espiritualidade que sejam independentes de um corpo físico. Nesse sentido, não há “ser humano” que não reflita, em todas as suas funções, um aspecto da natureza divina.

No mundo dionisíaco dá-se o nome de orgiasmo às práticas correspondentes ao tantrismo. Como Shiva, na Índia, Dioniso apresenta-se na Grécia sob o duplo aspecto de

deus da natureza e de deus das práticas orgíacas, que são, em geral, cerimônias de grupo, em que são praticados sacrifícios sangrentos, danças extáticas e proféticas, bem como ritos eróticos. Dioniso é o inspirador da mania que se manifesta no estado de transe dos fiéis do deus, o qual ele próprio participa do orgasmo, pois ele mesmo é essencialmente o bacante, o participante que se lança impetuosamente à selvageria, buscando a possessão, o contato com o sobrenatural.

A dança, como meio para entrar em contato com o sobrenatural, é um recurso bastante antigo. No período medieval as danças foram tidas como possessão, loucura e, assim, foram banidas pela moral proibicionista, que considerava esse tipo de manifestação pecaminosa e, portanto, deveria ser evitada. Mas a dança do transe não desapareceu. Suas raízes são muito profundas, e devem ser tão antigas quanto a humanidade, pois são encontradas também no comportamento dos animais.

“Dançar em transe é um ritual sagrado. Manifesta a força da natureza, cura doenças e guia os mortos a seus descendentes. Além disso, ela mostra nossa imortalidade, dando-nos direção e auto-estima. Antigamente a dança abençoava as tribos e guiavam suas populações ao mundo espiritual.” (Natale, 1998: 25)

Para Natale, pesquisador das artes do movimento, “a dança do transe”⁷⁰ desperta nos seres humanos os três aspectos essenciais da espiritualidade: amor, respeito e paixão pela vida. Ao dançar em transe, o ser humano move-se com uma paixão orgânica, natural, que flui por meio da respiração e dos batimentos cardíacos. Ele acredita que se pretendemos salvar nós mesmos e o planeta Terra, temos que habitar nossos corpos. E para isso a dança do transe serviu e ainda serve como um meio para nos incorporarmos e celebrarmos em comunhão com a Grande Mãe Natureza.

A exclusão dos rituais em nossa cultura nos custou muito caro, e os danos maiores aparecem agora, no psiquismo dos jovens, que em sua maioria não sabem como direcionar

⁷⁰ Frank Natale (1998) realizou um trabalho exaustivo sobre a dança do transe em diferentes culturas. O autor ressalta que por meio da dança do transe alteramos nossa consciência e entramos em uma realidade não-ordinária ou adentramos no “mundo do espírito”, aquele mundo além do tempo e do espaço, no qual tudo é possível. O dançarino tem sua consciência expandida. “Enquanto o corpo dança, sua alma (espírito) viaja livre dos limites da razão, uma energia tremenda é despertada e através de um aquecimento espontâneo do corpo que se torna repleto de energia. Você se torna completamente presente, preenchido com amor, energia e um súbito respeito por estar vivo. Você está finalmente satisfeito por ser um ser humano” (Natale, 1998: XI).

toda a animalidade que preenche as entranhas de seus corpos. A sociedade moderna, ao voltar-se demasiadamente para a esfera material, removeu os ritos de passagem e nos privou das sabedorias contidas nas tradições ancestrais. Em consequência disso, nossa sociedade foi esvaziada de sentido, e os jovens, principalmente, estão cada vez mais perdidos, desencantados e separados da esfera espiritual e da espontaneidade que rege o mundo da natureza, tornando-se muitas vezes incapazes de reconhecer a interdependência entre o ser humano e a natureza.

Após anos de pesquisas experimentais com dança, Natale (1998) concluiu que dançar em transe é um ótimo exercício natural, um meio para curar o corpo, a mente e as emoções. Ao dançar em transe você tem permissão para ser você mesmo por inteiro, o seu ser se expressa livremente no espaço, conectando-o profundamente com todos e com tudo. Uma autêntica experiência de dança em estado de transe pode levar ao questionamento da “natureza da realidade”, induzindo a perceber que não apenas os humanos, mas também os animais, plantas e minerais, contêm vida e consciência. Assim, torna-se possível surgir uma nova maneira de olhar a vida, passando a respeitar e honrar essas outras formas de consciência que coabitam a Terra.



“Aqui temos a liberdade de poder dançar como se ninguém tivesse nos olhando. A dança é a forma mais mágica da transcendência. A dança é mágica porque ela é o movimento, e não podemos fotografar o movimento. Então a dança não é daqui, é de uma outra frequência. Você não pode parar o movimento, é a dança do universo, não tem como parar. Eu não acredito num Deus que não saiba dançar.” (Ariadna. Entrevista e foto realizadas no Festival Universo Paralelo, 2004) **Foto: Ana Flávia N. Nascimento**

Uma das consequências da execução de uma dança é a de provocar o êxtase em quem a realiza. O êxtase começa com uma energia elevada, sintonizada com o corpo emocional, a qual é gerada quando a atenção se curva diante de “vibrações” que inspiram a fusão com determinadas frequências elétricas que podem, conseqüentemente, gerar descargas elétricas no corpo físico, as quais, enquanto sinapses que chegam até os *chakras* e meridianos do corpo, podem despertar, de uma só vez, todos os 72 mil *centros de energia*

do corpo humano. Esse pico da experiência muitas vezes foi chamado de “despertar”. Tal concepção está diretamente relacionada às manifestações de danças rituais, ligadas a cultos e celebrações de conexão com o divino.

Tanto nas antigas sociedades como nas religiões atuais que utilizam a música e a dança como meios para busca do estado de êxtase, o propósito de tais experiências parece estar associado à identificação com as forças da natureza, a comunicação com os deuses e a obtenção de poderes sobre-humanos. Entretanto, na sociedade contemporânea, as novas “tecnologias” possibilitam que as pessoas alcancem tais estados “instantaneamente”. E isso se tornou possível não apenas por meio da aliança entre uma música poderosa com a dança, mas também do uso de uma substância que está diretamente associada às pistas de dança e que não por acaso tem o nome de *Ecstasy*⁷¹. Este fato nos remete a seguinte questão: As “drogas” têm importância mística e religiosa? As implicações disso serão abordadas no próximo capítulo.

“E o que eu tenho a dizer sobre o *trance*. É que o *trance*, ele mexe com uma parte do nosso corpo, que nenhum outro tipo de música ainda nos tocou. Mas que também poderia tocar, depende do nosso estado de espírito. A música libera alguma coisa dentro do nosso ser que age como uma droga. O *trance* tem o poder de tocar na sua alma sem dizer uma palavra sequer. Entendeu? É por meio do corpo que ele transmite para alma, e não da alma para o corpo. É do corpo para a alma. Por isso que é diferente de tudo. É o agito do corpo agitando as moléculas da alma tocando profundamente o espírito.” (Saulo, designer de jóias em resina. Entrevista realizada em Cachoeira Alta Dance Festival, 2004)

Nos festivais, a pista de dança é o palco do êxtase, onde são vivenciados os momentos de maior intensidade e prazer. No ritmo das mesmas vibrações e frequências, os dançarinos que compõem a cena do transe parecem mesmo levitar como deuses que flutuam em outra esfera dimensional. A etimologia da palavra extático indica: extático vem do grego *ekstatikós*, que faz mudar de lugar. Extático é um adjetivo, portanto expressa qualidade ou propriedade ou estado do ser; significa posto em êxtase e tem como sinônimos: absorto e enlevado. Êxtase – o substantivo do qual se origina o adjetivo extático – significa arrebatamento íntimo, enlevo, arroubo, encanto.

O êxtase provoca uma rápida transformação na percepção da temporalidade. Isto porque o som se desdobra através do tempo, em movimento. E o movimento é a razão de ser

⁷¹ Ver Anexo II.B) 4 e 5.

de qualquer sistema vivo. Mas quando a música leva ao êxtase, faz mais do que apenas mover-nos de um lado para o outro. Por alguns segundos, ela nos tira do tempo, proporcionando uma experiência dificilmente vislumbrada na vida diária, pois conduz a mente a uma experiência de sincronicidade. É por esse motivo que a música e a dança podem ser transcendentais, pois durante alguns momentos elas tornam os seres humanos maiores do que realmente são, e o mundo, mais ordenado do que ele realmente é.

Por meio dos movimentos livres, a hierarquia corpo-mente-espírito é transcendida a ponto de instalar-se uma nova relação de unidade e totalidade. Sair de seu próprio mundo ou de seu próprio ser constitui uma experiência transcendental que proporciona o sentimento de soltura, a sensação de liberdade e a descoberta interior de um ser inteiramente vivo, dotado de respostas espontâneas. Dizer que a dança é extática significa que esta pode transformar o indivíduo que dela participa, provocando-lhe, por meio dos movimentos da dança, sensações de encantamento, de gozo, de entusiasmo, de graciosidade pela beleza da vida.

Em uma sociedade identificada com o corpo enquanto matéria, e não como ser espiritual, a busca pela transcendência estará voltada para “fora do corpo”. No entanto, a dança do transe não funciona assim. A dança convida o espírito a voltar para “casa” com sua grande alma, e o corpo torna-se preenchido com o espírito, deixando de ser o foco primário de identificação. Então pode-se sentir sendo um só em total fusão com o Universo, adentrando nas profundezas do inconsciente coletivo. Estar espiritualizado ou presente significa tornar-se completo por meio da energia vital, sentindo-se conectado com o incompreensível, que leva ao sentimento de se estar fora do corpo. Porque quando isso acontece, a identificação é com o espírito ou energia, e não com o corpo. Conseqüentemente, por meio da dança do transe pode emergir um orgasmo ou êxtase coletivo. A elevação da energia vital toma conta. Quanto mais dança, mais espírito, mais respiração, mais energia, mais intenso o prazer.

Se aceitarmos que os seres humanos são criaturas espirituais, compostos de energia em constante movimento, também teremos de admitir que a saúde está relacionada com a espiritualidade. Nossos esforços para nos mantermos saudáveis só podem ser eficazes se adotarmos um conceito positivo de saúde. A definição de saúde como ausência de doença é insatisfatória porque encara o corpo como uma máquina. No entanto, temos sentimentos, nos movemos espontaneamente, coisa que nenhuma máquina faz, e além disso estamos

ligados profundamente aos outros organismos e à natureza. Nossa espiritualidade deriva desse senso de união com uma força ou ordem que vai além de nós enquanto indivíduos. Pouco importa o nome que lhe atribuímos ou deixamos de atribuir.

A saúde mental se reflete objetivamente na vitalidade do corpo, a qual se manifesta no brilho dos olhos, na coloração e no calor da pele, na espontaneidade da expressão, na vibração do corpo e na graciosidade dos movimentos. Os olhos têm especial importância, porque são o espelho da alma. Neles pode se ver a vida do espírito. Na depressão os olhos são tristes e manifestam o desespero da pessoa. A vibração do corpo e a graciosidade dos movimentos são, da mesma forma, manifestações desse espírito.

Quando a mente e o corpo estão separados, a espiritualidade torna-se um fenômeno intelectual – mais uma crença do que uma força vital. Assim, o corpo se transforma em um laboratório de bioquímica, como na medicina moderna. O corpo sem energia caracteriza-se por relativa falta de graça e vitalidade. Seus movimentos tendem a um caráter mecânico, determinado pela mente. Quando a energia vital impulsiona o corpo, este treme de excitação ou salta de entusiasmo, como uma torrente d'água descendo montanha abaixo, ou então flui de forma tranqüila, como um rio largo e profundo correndo numa planície. Embora a vida nem sempre transcorra mansamente, quando alguém é obrigado a empurrar-se ou arrastar-se pela vida, dia após dia, seguindo regras e tentando se adequar ao inadequável, isso significa que há algo de muito errado afetando a dinâmica do seu corpo, o que o predispõe à doença.

Em uma sociedade que nega a animalidade, tentando de todas as maneiras excluí-la da cena social, e tende a supervalorizar o pensamento racional e o autocontrole, os resultados podem ser devastadores. Afinal, de alguma maneira é preciso canalizar as emoções, os impulsos violentos e a enorme energia latente contida nos corpos humanos. E não importa como, tudo isso voltará para o plano social de alguma maneira. É possível observarmos que uma importante consequência disso encontra-se hoje na violência banalizada ou na perda da graciosidade – movimento, sentimento e pensamento integrados –, uma das qualidades naturais do homem enquanto ser natural. Uma vez perdida, ela só pode ser recuperada restabelecendo-se a espiritualidade do corpo. Para isso precisamos entender o corpo como um sistema energético complexo, delimitado e auto-sustentado, que, para sobreviver, depende e está em constante interação com o seu meio ambiente. Isto nos levará a explorar o papel dos sentimentos e emoções que constituem o ser humano. Na

ausência dos sentimentos, os movimentos tornam-se mecânicos e as idéias transformam-se em meras abstrações.

Portanto, numa sociedade que banalizou e menosprezou os poderes do corpo – enquanto sistema energético que canaliza tudo o que está a sua volta – a busca por experiências de reincorporação desses conhecimentos que interligam os corpos físico, mental e espiritual aparece hoje de múltiplas formas. Uma delas pode ser vista nos festivais de transe psicodélico, em que os participantes dançam em transe por muitas horas seguidas sem interrupção e, conseqüentemente, os canais de energia que até então estavam adormecidos são ativados, permitindo que a energia vital circule por todo o corpo.

O interessante é observarmos essa busca extática como uma necessidade de explosão da couraça identitária, valorizando novamente os sentidos e o sensível. Dessa forma, podemos observar que em uma sociedade em que o corpo se tornou objeto de luxo, de prazer, assim como fonte inesgotável de dinheiro, de poder e também de novas doenças, o jogo das aparências conduz grande parte dos grupos sociais, induzindo assim a uma teatralidade sem fim. Nos festivais, até certo ponto essa teatralidade às vezes pode fazer tudo parecer uma farsa, mas depois de alguns dias dançando em transe todas as diferenciações estéticas se dissolvem quando o êxtase coletivo é vivenciado.

“Tudo no Universo é uma dança. Se a gente parar para pensar, o mundo dança o tempo inteiro a nossa volta. A vida é uma dança. Você tem aí o Universo o tempo inteiro, a Terra circulando e dançando. O Sol circulando em volta da Terra, tudo é uma dança maravilhosa, um grande sentido de existir. A magia, ela está aí, a qualquer momento, para todos, só esperando os nossos sentidos ficarem afiados para ela se manifestar.

Quando eu danço, me volto para a respiração. Eu vou passar esse exercício para vocês sentirem. Nós temos uma maneira de levar o ar ao nosso cérebro e liberar substâncias que nos levam ao êxtase, de forma que não precisamos necessariamente fazer uso de nenhuma substância para atingir tal estado, é só respirar – Pranayama.

Quando você entra em conexão com a música e se entrega, até mesmo os menores músculos do seu corpo se divertem em movimentar. E você se sente dentro da brincadeira, da alegria, dentro do prazer de estar colocando sua energia para fazer parte do jogo. E você respira, e você agradece a Deus. E você respira e agradece. Libera uma química maravilhosa que queremos é voar, não é dançar.”
(Inuká, palestra Xamanismo e as plantas de poder, realizada durante o Festival Universo Paralello, 2004-05)

Voltemo-nos agora para a respiração que mencionada no discurso acima. Para os iogues, a respiração é a forma física do espírito. Por intermédio da ioga, quando você

altera sua respiração, altera sua consciência. Quando a consciência está alterada, a respiração se transforma. Existe uma inter-relação que também acontece por intermédio da dança. A vida depende da respiração ativa. Respirar é estar conscientemente vivo. Sendo assim, respirar é a função mais importante, tanto que os seres humanos e outros animais podem resistir por um tempo sem comer, sem beber, mas sem respirar duram apenas poucos minutos.

As práticas respiratórias são vitais para induzir o transe e a alteração de consciência, além de servir também para gerar incrível vitalidade. Tanto que um dos resultados conscientes de se dançar em transe está relacionado a um novo senso de vitalidade e de bem-estar, bem como ao aumento dos poderes mentais e do desenvolvimento espiritual. A respiração rítmica ou ritmada coloca o dançarino em harmoniosa vibração com a natureza e leva ao encantamento, ao poder e à visão de outras realidades.

Muitos mestres espirituais e esotéricos ensinaram que encontramos no ar a substância da qual deriva toda atividade, vitalidade e vida. Entretanto, eles diferenciaram os nomes atribuídos a essa força. O mais conhecido deles é a palavra em sânscrito *prana*, que significa energia absoluta ou “o princípio universal de energia e força”. Por meio da respiração experimenta-se uma elevação da energia. A energia é o poder que dá vida a todas as formas de criação; é o elemento do qual toda atividade, vitalidade e vida são derivadas, a força universal. A vida está em tudo, em cada átomo e molécula. A desvitalização de algumas coisas e pessoas representa uma baixa de energia. Entretanto, a energia está em tudo e em todos os lugares.

Por meio da dança é possível acessar essa energia, a qual denomino espírito da vida. A energia é responsável pela manifestação e pela criação da vida. Quando dançamos em transe, liberamos grandes quantidades de energia no corpo, o qual manifesta vitalidade, saúde, humor, risadas, entusiasmo, excitação e outras emoções. Assim como o oxigênio no sangue é usado pelo corpo todo, a energia é utilizada pelo sistema nervoso. Essa energia precisa ser constantemente renovada. Todo pensamento, ato, emoção usam energia, e uma vez compreendida a relação entre o ar e a energia armazenada no sistema nervoso para dar vitalidade à vida, a importância da respiração é compreendida. Em decorrência disso está o valor da dança do transe, que causa uma saudável respiração que ocorre naturalmente. Ao

respirar de forma consciente estamos inalando oxigênio e energia que vai direto para o cérebro, criando um senso de euforia ou transe que estimula a secreção de endorfinas.

Na terapia reichiana⁷², o primeiro passo do procedimento terapêutico era conseguir com que o paciente respirasse mais fácil e profundamente. O objetivo do tratamento era o desenvolvimento, no paciente, de sua capacidade de se entregar totalmente aos movimentos espontâneos e involuntários do corpo, os quais fazem parte do processo respiratório. A ênfase recaía em deixar a respiração plena, de forma que as ondas respiratórias produzissem um movimento de ondulação do corpo chamado por ele de o reflexo do orgasmo. O orgasmo representa uma reação involuntária como um todo, manifestada em movimentos rítmicos e convulsivos. O mesmo tipo de movimento pode ocorrer quando a respiração é inteiramente livre e o indivíduo se entrega ao seu corpo. Reich acreditava que o movimento livre da pelve e da respiração é indicativo de um ser emocionalmente saudável.

Podemos traçar um paralelo também com a terapia bioenergética⁷³, que tem como objetivo ajudar o indivíduo a retomar sua natureza primária, que constitui sua condição de ser livre, seu estado de ser gracioso, pleno e belo. A liberdade, a graça e a beleza são atributos naturais a qualquer organismo natural, animal. A liberdade é a ausência de qualquer restrição ao fluxo de sentimentos e emoções. Sendo assim, a graça é a expressão de fluir dos movimentos, enquanto a beleza é a manifestação da harmonia interna provocada pelo simples deixar fluir. Esses fatores denotam uma conjunção de corpo e mente saudável, uma vez que a natureza primária do ser humano é estar aberto à vida e ao amor.

Observar os movimentos rápidos e ágeis dos animais pode ser uma experiência estimulante. Poucos seres humanos podem ter a esperança de se aproximar da graciosidade e da segurança de seus movimentos. O rápido vôo das andorinhas, a corrida de um leopardo, os saltos de veado, os saltos dos golfinhos etc. denotam as qualidades naturais do corpo animal, as quais também estão presentes no corpo humano, que nasce num estado de graça animal, ainda que seus primeiros movimentos sejam um tanto desajeitados. Entretanto, ao longo do desenvolvimento, os seres humanos vão enrijecendo tanto seus

⁷² Wilhelm Reich demonstrou, a partir da descoberta do orgônio (resultado da firme aplicação do conceito de energia psíquica inicialmente no campo da psiquiatria), que o conhecimento das funções emocionais da energia biológica é indispensável para a compreensão das suas funções físicas e fisiológicas. As emoções biológicas que governam os processos psíquicos são, em si, a expressão direta de uma energia rigorosamente física, o orgônio cósmico (Reich, 1982: 11).

⁷³ A bioenergética é o estudo da personalidade humana em termos energéticos do corpo (Lowen, 1990).

corpos e limitando de tal forma a respiração, que o estado de graça natural é perdido. A referência aos animais é feita também pelo fato de que eles fazem parte do “simbolismo psicodélico”, pois sempre estiveram presentes nas decorações dos festivais nos quais realizei pesquisa de campo – pássaros, libélulas, borboletas, golfinhos, peixes e outros tantos animais têm estimulado o imaginário dançante.

Ainda nos primeiros meses, o bebê já efetua alguns movimentos verdadeiramente graciosos e engatinha como um animal sobre suas quatro patas seguindo seu instinto. No entanto, mais cedo ou mais tarde, no decorrer do processo de crescimento, a criança vai perdendo a graça, na medida em que é forçada a deixar de lado seus impulsos interiores para se adequar às expectativas externas. Quando os seus próprios impulsos contrariam as injunções dos pais, a criança rapidamente é ensinada a considerar ruim esse comportamento, e se insistir nele, é punida. Por exemplo, ao chorar, a criança, por intermédio das ondas de choro que percorrem seu corpo, libera a tensão e a rigidez do mesmo. Todavia, chega um momento em que ela é repreendida por chorar e precisa reprimir os seus soluços e engolir suas lágrimas. É aí que a criança é forçada a afastar-se de seu estado de graça e se transforma em um indivíduo que não é mais livre para buscar a sua satisfação. Embora essa “boa” criança cresça e se torne produtiva, ela dificilmente será graciosa e cheia de vida, a menos que haja uma radical transformação em sua personalidade.

Tais considerações a respeito do desenvolvimento humano são relevantes pelo fato de que mesmo tratando-se de um fenômeno social voltado para o coletivo, é preciso considerar que, muito mais do que um simples estilo musical, o *trance* de qualidade está relacionado à dança do transe, que proporciona experiências que tocam profundamente os participantes. Entretanto, o efeito de tais experiências pode ser tanto positivo quanto negativo, dependendo da disposição complexa de cada um. Enquanto muitos podem encontrar nas experiências transcendentais um meio de descarregar energias desnecessárias, bem como de recarregar as energias para o futuro, outros podem perder totalmente a conexão com qualquer sentido positivo dessas experiências para sua vida diária por se perderem nesse “mar” de energia sem limites, nem separações.

“O *trance* tem uma outra coisa que é interessante: quando você se entrega à música e dança, você pode atingir realmente o êxtase, indo além do mundo físico, do mental, do emocional e atingindo o espiritual. Você vai atravessando internamente a sua experiência. Passa por dentro da sua experiência de estar vivendo, de estar vivo! Às vezes a música pára e muda completamente o som, entrando em uma direção completamente diferente. Isto é importante, pois nos traz para o momento presente, traz de volta. É importante você lembrar que o transe pode ser uma experiência profunda que acorda muitas sensações da nossa infância, do nosso passado, às vezes experiências dolorosas que tentamos esquecer. Então, o *trance* nos lembra que podemos usar isso a nosso favor para nossa própria autocura, mas ao mesmo tempo pode ser extremamente perigoso.” Chama⁷⁴ Entrevista realizada em Alto Paraíso, set. 2005)

Meu intuito aqui é mostrar que o corpo físico, que é desde o início fonte de controle social, é simultaneamente fonte de poder, de expressão, de arte, de movimento, de transformação, de emoção, de dor, de destruição, de prazer extremo, de metamorfoses e de limitações. É no corpo que se inscreve a complexidade humana.



-Waves of Peace 2005 – Sathya dançando Fotos: Murilo Ganesh “A dança mostra que o corpo é capaz da arte infinita, pois o corpo que dança contém em si as infinitas possibilidades da vida.” Marina Faé, artista plástica e baixista do *Mad in Chaos*, tem o símbolo do infinito tatuado no pulso.

“A dança? Não é movimento,
súbito gesto musical
É concentração, num momento,
da humana graça natural.
No solo não, no éter pairamos,
nele amaríamos ficar.

⁷⁴Chama – Jardim Abençoado, 43 anos, músico e terapeuta. Realizou uma oficina chamada PenduloM no Espaço Zendo – Festival Trancendence 2005.

A dança – não vento nos ramos:
Seiva, força, perene estar.
Um estar entre céu e chão,
novo domínio conquistado,
onde busque nossa paixão
libertar-se por todo lado...
Onde a alma possa descrever
Suas mais divinas parábolas
sem fugir à forma o ser,
por sobre o mistério das fábulas.”

(“A dança e a alma”, Carlos Drummond de Andrade citado por Dantas, 1999)

Quando o ser se entrega plenamente a uma ação ou movimento, esta se torna espiritual, devido à transcendência do eu. Essa transcendência pode ser experimentada de forma extremamente intensa no ato sexual, por exemplo, quando este produz a fusão entre duas pessoas na dança da vida. Quando essa fusão ocorre realmente, os amantes transcendem as fronteiras do eu para se tornarem um com as forças superiores do universo e atingem um estado de arrebatamento que varia de intensidade de acordo com a situação. A mesma espécie de arrebatamento ocorre na união mística, seja na fusão com o coletivo, seja com o parceiro sexual.

A dança rítmica dos corpos pode levar ao orgasmo. O processo acontece espontaneamente quando duas pessoas estão apaixonadas. Embora tenham consciência do que estão fazendo, elas são impelidas para a relação sexual quase como se estivessem em transe. No clima do orgasmo total, porém, talvez cheguem a perder a consciência. A descarga energética é tão intensa que o ego é esmagado pelo sentimento de alívio. O sentido de fusão entre os dois corpos pode ser tão completo que os indivíduos sentem como se fossem um. Ao mesmo tempo, é possível que se sintam também como se já não mais ocupassem seus corpos. Depois de uma forte descarga orgástica, a pessoa experimenta uma paz profunda. O sono pode sobrevir antes que a consciência do eu retorne.

No curso das danças realizadas nas festas africanas, o coito fictício é simulado por homens e mulheres, cada qual no seu turno. De maneira repetitiva e ritual, a dança orgiaca reedita a fusão cósmica. Depois, chegada a noite, os casais seguem em direção à floresta, onde vão fazer amor. Religião da natureza – é neste contexto que se pode compreender o êxtase dionisíaco. O erotismo religioso corresponde a uma copulação cósmica, um ritual de união entre a natureza e o homem. O contato íntimo dos corpos, nas práticas orgiacas, possui uma função social: permite a coabitação daqueles que, em sua alteridade, seriam conduzidos

a negar um ao outro. A diferença não é negada, mas incluída num jogo dos sentidos que a torna acessível, garantindo assim a perenidade do mundo (Maffesoli, 1985: 51- 75).

A dança coletiva, com todo o seu substrato erótico – seja ela dança de possuídos, seja desrecalque pontual de jovens das grandes cidades ou de pequenos municípios – permanece sempre como dança nupcial, que, no ritmo do tempo, parece ecoar profundas pulsões cósmicas, ao mesmo tempo em que condiciona a estruturação social (Maffesoli, 1985: 125).

Tanto no orgasmo como na experiência mística há um senso de comunhão com as forças superiores do universo. Ao mesmo tempo, em alguns casos, a dissolução do ego experienciada nessas ocasiões pode levar pessoas muito sensíveis psiquicamente a desconexões com a realidade. Para outras pode transformar-se em puro espírito, em experiência transcendente.

Existem muitos meios para se alcançar a transcendência. Ela é experimentada quando somos tocados profundamente por um acontecimento, quando o ser fica tão carregado energeticamente que transborda as fronteiras do eu. “Quando dançamos em comunidade, geramos uma quantidade de energia incrível”, afirma os integrantes da comunidade Earthdance, que tem o objetivo de direcionar essa energia para o bem da humanidade e do planeta, pois acredita que o poder de criar mudanças positivas se intensifica com a união e a sincronicidade das intenções mentalizadas no corpo coletivo.

Posso dizer, como resultado da pesquisa de campo, que os festivais atraem cada vez mais adeptos, pois são espaços potenciais para despertar o que antes estava adormecido nas pessoas. Por meio da efervescência coletiva ritualizada pela dança do transe, o homem une o que foi desunido e abre espaço para a emergência daquilo que estava recalcado. Assim, práticas coletivas como essa, considerada marginal, torna-se referência para a compreensão da vida social contemporânea.

Ao dançar coletivamente, libertando o erotismo interno, é possível ultrapassar as barreiras que separam a mente, o corpo e o espírito, atingindo, assim, uma integração que leva a experiências cósmicas de unidade com o todo. Esse sentimento de totalidade, assim como a experiência estética e o orgasmo sexual, parecem ser essencialmente respostas do funcionamento psíquico, quando ocorrem as estimulações físicas, as quais, conseqüentemente, impulsionam as reações químicas no organismo. Isso sugere que a essência das experiências humanas mais fortes dependem de um sistema bioenergético tão

complexo, que não há incoerência em pensarmos que tais sentimentos estão diretamente relacionados às transformações físicas e mentais que arrebatam o espírito humano.

O encontro dos homens pode gerar a fusão cósmica que, conseqüentemente, estabelece a fusão social. Como parte integrante de um conjunto, cada indivíduo torna-se parte integrante de um conjunto maior do que ele, que o compreende e o tranqüiliza. Assim se define a organicidade de base, que faz os seres e as coisas vibrarem num mesmo diapasão. Essa intimidade cósmica se infiltra na vida contemporânea por meio de buscas que levam à iniciação pessoal, a qual faz de cada indivíduo um elemento integrante de um grande conjunto coletivo. A sinestesia social, que é ao mesmo tempo sensação de movimento e sensação do todo, constitui-se neste equilíbrio quase intencional proveniente de forças antagônicas e que, justamente por isso, é tão flexível quanto sólido. É porque há um “todo” que há movimento. Tal perspectiva aponta para uma dimensão impessoal do homem, aquém ou além do individual, o que introduz a organicidade social e natural à transcendência imanente que estrutura a sociabilidade.

Trata-se de uma transcendência que confere ao indivíduo seu pertencimento cósmico. Essa nova relação com o mundo, isto é, com os outros, com a alteridade, a sensualidade, o erotismo, dá sentido à experiência de estar vivo e permite o compartilhar dos afetos, fundamento de toda ordem simbólica. Esta ordem orgânica, plural, forma um “corpo místico”, uma estruturação de estados, no qual cada um tem seu lugar e desempenha uma função. Trata-se de uma metáfora biológica que reflete, no plano social, a ordenação do cosmos.

Neste ritual⁷⁵ da era planetária, a força de uma agregação humana, que se concretiza por meio da dança e do movimento, assenta-se afinal na aceitação da diferença, da alteridade, isto é, da morte de si mesmo pela dissolução no êxtase coletivo. A transcendência não possui outro sentido: ela estrutura o coletivo, a comunidade, partindo da variedade de valores particulares, os quais são mantidos e preservados a cada ritual, por meio de uma tensão dinâmica. É esta a busca contida no erotismo orgíaco ritualizado por intermédio da dança coletiva.

⁷⁵ Anexo II.B). 1. Steve Harkless, “Transe, dança e êxtase: um rito de passagem planetário” .

Dançar é viajar
Dança é o movimento do tempo & espaço & evolução!!!
Esta é a viagem multidimensional, ser a dança.
Totalidade dirigindo para onde quiser
O querer está envolvido, sua dança envolve energias de LUZ,
Que tornam você único no DNA do fluido.
Este foi um acontecimento inconsciente. Deixar ir...Este é o fluir....
Nós todos vamos onde nós todos estamos!
Sua evolução funcional para o melhor de tudo.
Dançar é viajar no tempo, condução direta para a luz levando o seu corpo Gaia,
expressando a unidade da manifestação planetária, onde palavras não são mais necessárias!
Um nível maior de manifestação planetária: onde movimentos refletem a beleza, sua função
de ajudar a tudo!
A perfeita harmonia encontra os propósitos da luz!
Trance para dançar... Dançar para viajar... Viajar e viajar para a função
da função, para o envolver... Envolvendo, nós tudo fazemos!!
Quando você dança, cada movimento que você pensa, muda alguma coisa....
Requestionar (pensando) é pedir por isso, dançar é amar isso, dando poder,
sendo, fazendo. Até mesmo os menores músculos do seu corpo se divertem
em contribuir. Você é o bailarino cósmico!
Dançando direções nas melhores intenções, deixando o caminho mais claro para tudo!
Juntos vamos dançar mudanças, reevolução conjunta, DANÇAR PARA A PAZ!
Dance você gosta, se abra, deixe ir e pule no tempo
Passe a ponte do arco-íris do círculo polar!
Inicie-se corpo Gaia, nessa telepatia. Nesse re-mota, clara-vidência, nessa alquimia toda.
É uma bênção dançar evolução... Como você gosta disso!
Mas esteja sempre ciente do que você está envolvendo. Dançar é mágica conexão, e sua dança será
UMA limpeza completa enchendo-se de poder, para si, e para TUDO no caminho!
Seja sempre a intuição do instinto, que reflete flores infinitas! Baba D⁷⁶

⁷⁶ A poesia foi escrita por Baba D (Bélgica) e pode ser encontrada na Internet em oito idiomas diferentes: “Eu ouvi o *trance* na Bélgica nos anos 90, e foi quando um amigo me disse que aquela música era minha mente, minhas experiências me enviaram uma mensagem de que eu deveria seguir esse caminho. Então fui para Índia em 92, depois para América do Sul. Participei das primeiras festas realizadas em Trancoso (Bahia) em 94, e dez anos depois retornei ao país para divulgar o calendário maia aqui nos festivais, para passar a sabedoria do fluir da multidimensionalidade, uma educação de luz, de um tempo multidimensional de energia” (Entrevista realizada no festival Universo Paralelo, 2004, quando a poesia foi entregue para compor este texto).

O FOGO PSICODÉLICO[∞]



“Se algum dia, na divina mesa da Terra, joguei dados com deuses, a tal ponto que a Terra tremeu e fendeu-se e expeliu torrentes de fogo (...); Se algum dia bebi, a largos sorvos, do espumante jarro, rico de especiarias, em que todas as coisas estão bem misturadas; Se minha mão, algum dia, deitou o mais distante no mais próximo e fogo no espírito e prazer na dor e o que há de mais malvado no que há de mais bondoso; Se sou eu mesmo um grão daquele sal redentor que faz as coisas, no jarro misturarem-se bem;- pois há um sal que liga o bem com o mal; e também o pior dos males é especiaria digna de aromatizar e, por fim, fazer transbordar a espuma. Oh, como não deveria eu almejar a eternidade e o nupcial anel dos anéis – O anel do retorno? Nunca encontrei, ainda, a mulher da qual desejaria ter filhos, a não ser esta mulher que amo: pois eu te amo, ó eternidade! Pois eu te amo, ó eternidade!”
Nietzsche

Foto⁷⁷

Como dizia Willian James (1991), nossa consciência despertada – a qual chamamos consciência racional e auto-reflexiva – constitui apenas um tipo especial de consciência, ao passo que em torno dela encontram-se formas potenciais de consciência inteiramente diferentes, separadas apenas pelo mais tênue dos véus. A compreensão dos festivais e do imaginário psicodélico não pode ser válida se não levar em conta estas outras formas de consciência, sejam quais forem os meios utilizados para atingi-las.

Sendo assim, voltemo-nos agora para o caráter “psicodélico”⁷⁸ dos festivais de transe⁷⁹. Nesses encontros característicos do século XXI, uma composição de elementos e

[∞] As substâncias psicoativas mencionadas neste texto podem ser prejudiciais à saúde, e em quase todo o mundo a posse e o uso delas são ilegais.

⁷⁷ Malabarismo com fogo, Larissa. Foto: T. Toneli

⁷⁸ O termo “psicodélico” foi criado pelo psiquiatra canadense Humphry Osmond, em 1953, para designar algo com a capacidade de ampliar ou manifestar a mente. “Tentei achar nome apropriado para os agentes (psicomiméticos) em discussão: um nome que incluísse os conceitos de enriquecimento da mente e alargamento da visão. Algumas das possibilidades são: psicofórico, transformador da mente; psico-hórmico, excitante da mente; e psicoplástico, moldador da mente. Psicozinico, fermentador da mente, com efeito é apropriado. Psico-réxico, explosor do espírito, apesar de difícil, é memorável. Psicolítico, libertador da mente é satisfatório. Minha escolha recaí sobre psicodélico, manifestador da mente, pois o termo é claro, eufônico e não contaminado por outras associações.” (Cashman 1966: 17-8)

técnicas é utilizada para despertar a mente e estimular o acesso às várias formas de consciência acessíveis ao ser humano. Já passamos especificamente pela música, pela dança, e no próximo capítulo veremos a estética e os símbolos psicodélicos. Agora proponho que nos embriaguemos das substâncias utilizadas nesse contexto.

Os festivais refletem a expansão do movimento psicodélico no mundo globalizado. Na era planetária, os rituais de comunhão social voltados para os estados alterados de consciência, os quais envolvem a música rítmica, a dança do transe, os elementos da natureza e a embriaguez, não se restringem mais a um espaço delimitado e nem mesmo ao uso restrito de determinada substância psicoativa. Nesses espaços nômades, de celebração e efervescência, as substâncias utilizadas pelos participantes para alterar os corpos físico e psíquico (mental e espiritual) envolvem desde plantas naturais, consideradas sagradas para muitos povos e religiões há milhares de anos, até as mais novas tecnologias químicas sintetizadas em laboratórios.

Entre as substâncias mais utilizadas nesse contexto estão: álcool, tabaco, *Cannabis*⁸⁰ (maconha) e seu derivado – haxixe e *charas* –; um conjunto amplo de “psicodélicos” – LSD⁸¹, peiote⁸² e mescalina⁸³, cogumelos⁸⁴ e *psilocibin*⁸⁵, DMT⁸⁶, bem

⁷⁹ O transe é um estado alterado de consciência passível de ser induzido na maioria das pessoas por uma série de estímulos, aplicados separadamente ou combinados. Técnicas consagradas pelo uso incluem a ingestão de bebidas alcoólicas, sugestão hipnótica, rápido aumento do ritmo respiratório, inalação de fumaças e vapores, música rítmica e dança; e a ingestão de substâncias que atuam no psiquismo humano. Mesmo sem contar com esses recursos, idêntico tipo de efeito pode ser produzido, mais lentamente, devido à natureza dos meios empregados, através de privações, tais como jejum e meditação transcendental e também de técnicas que causam a dor (Lewis, 1971: 41).

⁸⁰ A *Cannabis* (cânhamo, *bhanga*, *marijuana*, maconha etc.) era conhecida dos antigos chineses, indianos e persas. É mencionada na literatura religiosa grega e assíria de 1000 a. C. Na religião hindu, a *Cannabis*, considerada uma planta sagrada trazida do oceano pelo deus Shiva, foi e ainda é bastante utilizada como adjunto à meditação religiosa, assim como seu derivado, o haxixe (Cashman, 1966: 22).

⁸¹ LSD: a substância é o tartarato de d-dietilamida do ácido lisérgico, criada acidentalmente num laboratório suíço em 1943 por Albert Hofmann. Foi descoberta como possuidora de profundas propriedades psicoquímicas, tendo sido bastante utilizada em sérios experimentos no campo de sanidade mental. O LSD começou sua carreira, no mercado, pelas mãos dos intelectuais e depois tornou-se acessível aos jovens. Por volta de 1966, o governo federal dos EUA proibiu a venda e distribuição do LSD, advertindo os colégios e universidades sobre o uso “perigoso” da substância (Cashman, 1966: 8, 13).

⁸² O peiote é um cacto encontrado no México e no Sudoeste dos Estados Unidos. Era usado pelos astecas e outros índios mexicanos, bem como por várias tribos de índios americanos, entre as quais estão os apaches, os kiowas e os comanches. O peiote era parte integrante da vida religiosa e espiritual de várias culturas e tribos. Hoje, a Igreja Nativa Americana, predominantemente de índios, ainda usa o peiote como parte importante de seus ritos, embora o credo tenha incorporado o cristianismo como forma de sobrevivência. Os botânicos descobriram o peiote em 1892; depois disso, amostras da planta foram levadas a laboratório e sintetizadas na substância conhecida como mescalina (Cashman, 1966: 24).

como as anfetaminas psicodélicas, como MDMA⁸⁷ (*Ecstasy*), das quais existem ao menos algumas centenas de análogos. Outras substâncias com características peculiares são utilizadas nesse contexto, como, por exemplo, a cocaína⁸⁸ e o lança-perfume⁸⁹, que têm seu uso “desvalorizado” por parte do grupo, pelo fato de não gerar expansão de consciência. Constatei ainda em alguns festivais o uso do chá *ayahuasca*⁹⁰, uma combinação de plantas

⁸³ A mescalina, alcalóide alucinógeno da planta peiote, foi isolada em 1896. Sigmund Freud, William James, Havelok Ellis e outros se interessaram pelos aspectos alucinógenos da mescalina. Nas primeiras décadas do século XX as experiências com a nova substância geraram muitas idéias e discussões (Cashman, 1966: 25).

⁸⁴ O cogumelo sagrado do México (*Psilocybe*) é uma substância pré-colombiana que era usada como sacramento nas cerimônias religiosas, ao qual atribuía-se poderes divinatórios e proféticos. Para os astecas, os cogumelos sagrados eram Teonanacatl, corpo de Deus, e havia penalidades graves para aqueles que gozassem de suas maravilhas sem razões religiosas ou rituais. As várias propriedades do cogumelo sagrado foram descobertas em 1953 pelo botânico Gordon Wasson⁸⁴, em viagem ao México, na busca de novas espécies de cogumelos (Cashman, 1966: 29).

⁸⁵ Em meados de 1950 foi isolado um dos alcalóides ativos do cogumelo sagrado, que foi chamado *psilocibin*. A substância foi amplamente difundida nos anos 60 e 70 (Cashman, 1966: 30).

⁸⁶ DMT (N, N – *dimethyltryptamine*) é da família das triptaminas, causa intensas visões e fortes efeitos mentais psicodélicos quando fumado, injetado ou inalado. O DMT é um alucinógeno endógeno, presente em pequenas doses no cérebro humano. A psilocibina é 4-fosforaloxe-N, N-dimetiltriptamina, e a serotonina, o principal neurotransmissor do cérebro humano, encontrado em todas as formas de vida e em maior concentração nos seres humanos, é 5-hidroxitriptamina. O próprio fato de o DMT agir tão rapidamente, em 45 segundos, e gerar uma experiência que dura apenas cinco minutos, mostra que o cérebro tem meios eficazes de controlar o composto (McKenna, 1995: 67)

⁸⁷ *Ecstasy* (MDMA) é denominado farmacologicamente como 3,4-metilenodioximetanfetamina e abreviado por MDMA. O *Ecstasy* é uma substância fortemente psicoativa. Foi sintetizado pela Merck em 1914 com a finalidade de ser administrado como um supressor do apetite, mas nunca foi usado com essa finalidade. Somente em 1960 foi redescoberto, sendo indicado como elevador do estado de ânimo e complemento nas psicoterapias. O uso recreativo surgiu em 1970, nos EUA. Em 1977 foi proibido no Reino Unido e em 1985 nos EUA. Produz um aumento do estado de alerta, maior interesse sexual, sensação de estar com grande capacidade física e mental, atrasando as sensações de sono e fadiga. Muitos usuários sentem também euforia, bem-estar, expansão sensorio-perceptiva, aumento da sociabilidade, extroversão e aumento da empatia pelas pessoas que se encontram próximas. Disponível em: http://www.fcf.usp.br/LAT/i_ecstasy.php/. Ver também Anexo II. B) 4 e 5

⁸⁸ Cocaína. “Isso não cheira bem. Essa é pesada e cheira muito mal.” A cocaína é extraída da folha de coca, comum em países da América do Sul. Tem forte poder estimulante e é encontrada em pó, pedra ou pasta. Efeitos: sensação de prazer, poder, euforia, insônia, falta de apetite e perda da sensação de cansaço. O prazer intenso provoca o desejo de querer sempre mais. Riscos: o prazer intenso pode ser substituído rapidamente pela irritabilidade, agressividade, sensação de medo, aumento da pressão arterial, convulsões que podem levar à morte repentina etc. Além disso, os usuários ficam mais expostos a situações de risco, como transar sem camisinha e compartilhar seringas, podendo assim contrair o vírus da Aids e hepatite” (texto retirado da Programação do Festival Trancendence, 2005, que tinha uma sessão chamada “Preserve a vida”, contendo uma campanha chamada “Ligue-se na música. Desligue-se das drogas”). Ver também Anexo II. A) I

⁸⁹ O lança-perfume é um tipo de inalante que gera euforia momentânea, seguida depois por depressão, tontura, aceleração dos batimentos cardíacos, perda de consciência, destruição de neurônios e lesões irreversíveis no cérebro (texto retirado da Programação do Festival Trancendence, 2005, da sessão chamada “Preserve a vida”).

⁹⁰ *Ayahuasca* é um chá feito do cozimento de plantas trepadeiras da região amazônica – composta pelo cipó *Banisteriopsis caapi* e pela folha *Psychotria viridis*. Era utilizado principalmente pelos índios, os quais ensinaram seus conhecimentos aos seringueiros, que fundaram as religiões que hoje utilizam o chá como sacramento. Hoje o chá é utilizado principalmente em rituais religiosos do Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha, no Brasil e em outros países (Labate, 2000: 1-29)

originárias da região amazônica que atualmente é empregada em muitos países e nos mais variados contextos, sendo o seu uso religioso o mais conhecido e aceito. Cada um desses compostos psicoativos constitui um universo próprio, sendo que nesta pesquisa irei focar principalmente o uso das substâncias psicodélicas – as quais têm como principal característica uma ação impactante no psiquismo humano – devido a sua relação intrínseca com o imaginário do grupo.

O surgimento do estilo musical *psychedelic trance*⁹¹ está diretamente relacionado ao uso de substâncias psicodélicas. Como foi descrito por McArteer⁹², o fenômeno do *Goa trance* é resultado direto da cultura *hippie*⁹³ dos anos 70 e representa uma continuação do movimento psicodélico nos tempos atuais. Por volta de 1988, nas festas que ocorriam nas praias de Goa (Índia), onde estrangeiros de várias partes do mundo se reuniam, o uso de substâncias psicodélicas era disseminado, influenciando, assim, a imediata participação das pessoas, a criação da nova música, o formato da celebração, a decoração e sua relação intrínseca com os símbolos da cultura milenar indiana, os quais estão sempre presentes nos festivais.

Para o autor, existe uma “ética psicodélica” relacionada ao movimento *trance*, a qual diz respeito à percepção da realidade. Pois a experiência psicodélica, ao introduzir o ser humano em um campo de energia integrado, provoca dúvidas e questionamentos a respeito da realidade dual e material. O que implica, conseqüentemente, uma lógica estética e filosófica associada a outras dimensões de consciência. Tais características influenciaram a busca pelos conhecimentos milenares das filosofias orientais espiritualizadas, as quais viabilizam uma visão integral do ser humano e de sua relação com o cosmo.

⁹¹ Ver Anexo I: Histórico.

⁹² Redefinindo os antigos rituais tribais para o século XXI: Goa Gil e a experiência da dança do transe.

Disponível em: <http://www.goagil.com>

⁹³ “Nos anos 60, despontaram movimentos culturais ou contraculturais que reivindicavam a extensão dos direitos de livre-disposição do corpo e de autonomia sobre si próprio. Como parte destes movimentos destacavam-se os que discutiam questões de política sexual, de gênero (o movimento feminista) e de opção sexual (o movimento homossexual). O uso voluntário do corpo para fins de prazer sexual se coligava à reivindicação da autonomia crítica da consciência, da recusa em se permitir ao Estado uma jurisdição química sobre a mente buscando controlar o que se ingere ou se introduz voluntariamente no interior do corpo. O movimento psicodélico representou uma defesa política da autonomia sobre a intervenção psicoquímica voluntária contra a política oficial do proibicionismo estatal, caracterizado como inquisição farmacrática contra o direito de escolha na estimulação química do espírito” (Henrique Carneiro 2005)

Antigamente essas substâncias que hoje são conhecidas também como “alucinógenos”⁹⁴ ou “enteógenos”⁹⁵ eram utilizadas em contextos sociais e estavam relacionadas às práticas de consumo com aprendizados culturais próprios, os quais em alguns casos sobreviveram ao “imperialismo católico”, que estabeleceu uma moral de contenção que condenou todo tipo de uso das “árvores do saber e seus frutos proibidos”. O proibicionismo iniciado sob a égide da Igreja Católica e mais tarde passado ao poder da medicina, em associação com as leis do Estado, reina até hoje como uma resposta política do Ocidente à demanda pelas chaves vegetais e químicas da consciência.

Por meio da história descobriu-se que a maioria das cerimônias religiosas de várias sociedades passadas envolvia o uso de substâncias psicoativas extraídas de plantas consideradas sagradas, pois serviam como portais para o mundo espiritual. Nos rituais antigos, o uso das plantas alucinógenas não revelava um desvio da realidade, mas uma autêntica realidade que em um estado de consciência normal permanecia oculta. A maioria das religiões em que o misticismo e os contatos diretos com o sobrenatural representam um papel importante, atribui um caráter sagrado a uma bebida embriagante ou a outra substância intoxicante. A embriaguez do vinho e das bebidas alucinógenas fazem parte das técnicas do êxtase, as quais são utilizadas desde sempre pelo ser humano. Elas ajudam o homem a libertar-se de suas preocupações materiais, sendo uma preparação para a percepção de outras realidades.

A moral cristã condenou o prazer carnal, o conhecimento e o poder alcançado por meio de substâncias embriagadoras, porque tais experiências retiram o domínio do corpo e da mente da soberania divina institucionalizada. A cura por meio das plantas foi condenada, levando quase ao desaparecimento dos conhecimentos naturais acerca da cura das enfermidades. A consequência apresenta-se hoje, por meio de uma farmacêutica que impulsiona a necessidade de cada vez mais substâncias químicas serem utilizadas na cura das doenças.

A sociedade ocidental tentou banir o uso das “plantas de poder”(Labate et al., 2005) e por outro lado instituiu o uso de excitantes – caféínas, tabaco, cacau, guaraná – que

⁹⁴ O vocábulo “alucinógeno” corresponde à pesquisa científica oficial dos anos 30 a 50, e é considerado científico para descrever, em termos farmacológicos, os efeitos de uma gama de substâncias que causam alucinações, o que não é correto para todas as substâncias para as quais é empregado.

⁹⁵ O termo “enteógeno” foi proposto em 1978 pelo investigador Gordon Wasson e outros para referir-se às substâncias que fazem ter Deus dentro de si (Carneiro, 1994: 15).

correspondiam à demanda de vigília, atenção e produtividade que o capitalismo nascente necessitava. O fato de as substâncias ilegais possuírem alto valor comercial e movimentar um dos maiores mercados da economia mundial torna-se ofuscado por meio da mídia televisiva, que tende a supervalorizar apenas as questões relacionadas à violência – retorno do recalcado – gerada em torno do “tráfico de drogas”⁹⁶.

Carneiro (1994: 159) aponta que a maneira como a sociedade contemporânea conceitua a “droga”⁹⁷ que significa, por um lado, um quadro de substâncias ilícitas de consumo semiclandestino e, por outro, o das substâncias terapêuticas legais fabricadas pelas grandes indústrias, deve ser compreendida em sua gênese histórica, que corresponde aos interesses do novo sistema, em que o poder religioso se une ao poder médico para guardar um conjunto de normas reguladoras da via pessoal. Essa nova micropolítica inclui a regulamentação do corpo, da mente e do espírito – dos prazeres, da sexualidade, da subjetividade e mesmo da espiritualidade humana.

“Para evitar equívoco é importante fazer uma distinção entre espiritualidade e religião. A espiritualidade baseia-se em experiências diretas com aspectos e dimensões não-comuns da realidade e não requer um lugar especial ou uma pessoa oficialmente apontada pra mediar o contato com o divino. Os místicos não precisam de igrejas ou templos. O contexto em que experienciam as dimensões sagradas da realidade, incluindo sua própria divindade, são seus corpos e a natureza. E, ao invés de ordenar padres, eles precisam do apoio de um grupo de companheiros de busca ou da orientação de um mestre que esteja mais avançado na jornada interna.” (Grof, 2000: 204)

Ao longo do tempo, os pesquisadores que ousaram ter a mente aberta perceberam que para compreender as culturas é essencial participar de seus rituais. Pois a atividade ritual remete para realidades ocultas, muitas vezes revelada em estados alterados de consciência. Enquanto a visão de mundo da ciência acadêmica limita-se a observações externas da realidade material, a perspectiva ritual inclui informações provenientes da experiência das realidades internas. Sendo assim, ambas as perspectivas são complementares.

⁹⁶ Segundo dados da revista *Veja*, desde o início da década de 90, quando os países começaram a abrir sua economia e o mundo se tornou mais globalizado, o tráfico de drogas dobrou de 400 bilhões para 800 bilhões de dólares ao ano (“O crime global”-, *Veja*, 30 nov. 2005).

⁹⁷ “Droga”, este sempre foi um conceito antes de tudo moral. Os costumes e os hábitos é que determinam o que é e o que foi essa noção, cujo sentimento contemporâneo é carregado de um conteúdo criminal, mas que há alguns séculos possuía um conteúdo muito mais amplo e generalizante (Carneiro, 1994: 157).

A existência de dimensões invisíveis e ocultas da realidade é uma idéia estranha à ciência materialista, a não ser que elas sejam de natureza material e possam se tornar acessíveis por meio de aparelhos que aumentam o alcance dos sentidos, como microscópios ou sensores que detectam faixas de radiação eletromagnética. McKenna (1995: 26) afirma que os alucinógenos são para a psicologia o que os telescópios foram para a astronomia do século XVI, pois revelam a estrutura e o potencial da mente humana. De acordo com o autor, se fôssemos parar com atenção para analisar a definição de “droga”, com certeza proibiríamos a televisão e legalizaríamos os psicodélicos. Isso se justifica pelo fato de que a “viagem” programada pela televisão não é voltada para o interior, mas trata-se de uma viagem resultante do sistema de valores de uma sociedade cujo deus maior é o dólar todo-poderoso. “A televisão é o ópio do povo. Acho que a tremenda resistência do governo à questão psicodélica não se deve ao fato de que as substâncias psicodélicas são vendidas por empresas criminosas e multimilionárias, elas são triviais nesse nível. Mas levam as pessoas a examinar os valores e isso é o que de mais corrosivo pode acontecer” (McKenna, 1995: 309)

Como as substâncias psicodélicas podem influenciar profundamente o funcionamento da psique humana, dependendo da personalidade do indivíduo que delas faz uso, assim como do ambiente e do cenário, seus efeitos podem ser profundamente benéficos ou danosos. Tais experiências despertam a percepção para outras realidades ou novas perspectivas sobre a realidade, tão convincentes e propulsoras que quem as vivenciaram tende a incorporá-las a sua visão de mundo. Hoje, o conhecimento a respeito das plantas que induzem estados visionários, assim como o desenvolvimento da tecnologia química, possibilita que os seres humanos atinjam a experiência mística induzida por artifícios de efeitos quase instantâneos. Qual o impacto disso? Com certeza, não pode ser medido ou controlado, mas podemos imaginar que a esfera social irá enfrentar mudanças em relação às transformações de consciência viabilizadas pelo uso das substâncias psicoativas disponíveis no mercado clandestino.

Com a expansão e a globalização do movimento psicodélico, milhares de pessoas em todo o mundo estão experienciando estados alterados de consciência em um contexto lúdico e estético atualizado por meio dos festivais de transe psicodélico. Trata-se de

acontecimentos coletivos que refletem a era planetária, pois são rituais de comunhão extática que não estão mais limitados a um espaço único ou a um grupo cultural específico, e os meios empregados pelos participantes para estimularem os estados alterados de consciência integram desde os conhecimentos ancestrais às modernas tecnologias químicas. Segundo o músico e DJ Haja Ham (Inglaterra), “*trance is a journey of the discovery of consciousness*” – o transe é uma jornada de descoberta de consciência (entrevista gravada na Bahia, 2000).

Como expressão local de um movimento global os festivais atraem cada vez mais pessoas, as quais estão tendo experiências fortes relacionadas aos estados alterados de consciência. A entrevista realizada com um músico e terapeuta corporal de 43 anos, que desenvolveu uma oficina de música instrumental na Trancendence 2005, apontou reflexões interessantes em relação ao tema:

“Vou falar um pouco da minha experiência com o *trance*. O contato com os festivais trouxe muitas experiências novas para minha vida. Eu danço, e o êxtase da dança é sagrado para mim. Então eu aprendi a ter a experiência da entrega com a dança nesse ambiente. Minha vida começou com a meditação do Buda. A prática da meditação faz você dar um salto de quilômetros no sentido contrário ao estado negativo em que o mundo vive. Hoje, com vinte anos de meditação, tenho clareza que através do *trance* eu comecei a perceber outras coisas neste planeta. O ambiente *trance* é muito colorido, é como estar num jardim florido; tem passarinho, tem rio, tem montanhas, tem cachoeira, tem gente dançando, tem arte, tem música, é bonito e fascinante. É como quando a criança fala que quer ir ao parque de diversão, é como um chamado mágico.

Na verdade não é um convite do *trance*. É um convite das pessoas do mundo que sabem que as linhas do mapa não separam o planeta em várias partes. Porque é justamente essa sensação que existe. Você tem pessoas do mundo inteiro juntas, dançando felizes, trocando idéias e querendo que o planeta se torne a coisa mais linda do mundo. Pessoas fortes que sabem o que estão dizendo. São em sua maioria pessoas que estudam, que trabalham, que criam, têm artistas, têm também xamãs e terapeutas envolvidos. O fenômeno *trance* é um fenômeno da energia do amor, o que está disponível é uma celebração da vida.

E nessa celebração, a música *trance* traz algo muito interessante: quando você se entrega à música e dança, você entra realmente no êxtase, naquilo que vai além do mundo físico, do mental, do emocional e atinge o espiritual. Você vai atravessando internamente a sua experiência. Passa por dentro da sua experiência de estar vivendo, de estar vivo! E às vezes o DJ quebra e muda completamente o som., pára e a música entra em uma direção completamente diferente, e isso traz a gente para o momento presente, traz de volta. O transe é uma experiência que acorda muitas sensações da nossa infância, do nosso passado, às vezes experiências dolorosas que tentamos esquecer. Então o *trance* nos lembra que podemos usar isso a nosso favor para nossa própria autocura. E é aí que pode estar também o perigo. Você pode ficar muito aberto, expor as feridas para fora e não saber como lidar com elas. Por isso a união grupal é tão importante, pois serve como um suporte para as experiências.

Mas, dentro dos festivais estão abrindo espaço para a meditação, porque o movimento precisa de um descanso. É fundamental o espaço de relaxamento, porque se você move a energia do seu corpo e não senta em silêncio para integrar essas experiências, fica tudo misturado, sem clareza. É como a água do rio estar suja porque você atravessou o rio; daí a pouco a água assenta de novo no fundo e a água fica clara de novo. E é a mesma coisa com nosso sistema de bioenergia, você cria uma carga de energia, move, faz circular e depois é necessário o não-movimento para que assente tudo no fundo e a clareza venha. Então, no caso das pessoas que usam as drogas, pode despertar questões psíquicas de uma maneira muito profunda, pode ser uma experiência boa e também pode ser uma experiência difícil.

Seria muito bom se fosse livre a escolha de estar usando as substâncias psicodélicas e fazendo experiências de autoconhecimento em um ritual de *trance*. Porque nesse espaço você tem a oportunidade de fazer a sua experiência, entrar na sua dança e silenciar depois; pois nesse ambiente existe um campo de energia e também existe o inconsciente coletivo muito forte e simbólico. Enquanto em nossa sociedade geralmente o coletivo inconsciente tende a massificar um pouco nossa vida e a maneira de viver.

No último festival ganhei um *Ecstasy* e fui iniciado por uma amiga. Foi uma experiência maravilhosa que, no entanto, já conhecia através da meditação. Acredito que por um lado é bom o uso dessas substâncias associado à música e à dança porque é possível entrar direto em uma experiência sem precisar esperar anos para conseguir acessá-las. E considerando-se que as pessoas que estão vindo às festas geralmente estão aprendendo a bater as suas asas na espiritualidade, cria-se um campo de energia muito positivo que poderá transformar até mesmo as pessoas que chegam nesse ambiente sem nenhuma consciência a respeito de si mesmas.

Essas substâncias fazem abrir uma janela enorme para que você veja o céu, mas você pode atingi-lo sem elas, pois possuímos nossos próprios recursos internos para isso, como, por exemplo, a meditação dinâmica que possibilita à pessoa limpar-se, entrar em uma experiência de êxtase com a respiração e o movimento, sem usar nenhum artifício químico. Nesse ambiente, as pessoas podem descobrir que têm em mãos uma ferramenta incrível, a própria consciência, que oferece infinitas possibilidades de como expandi-la com ou sem substâncias.

O *trance* ajuda a romper barreiras da própria consciência. Mas nos festivais também existem pessoas que estão interessadas em investir na velha maneira de viver. É aquela polícia que estava colocando a arma na cabeça das pessoas porque elas estavam fumando um baseado ou os traficantes que levam um monte de drogas para vender ou mesmo os jovens inconscientes que estão lá apenas repetindo padrões de consumo associados à busca de prazer. Mas existem também as outras pessoas que já têm a transparência com essa experiência de êxtase e estão conectadas internamente com o amor de Deus dentro delas. Essas pessoas já têm a abertura de reconhecer esse fenômeno como uma coisa em que não existe alguém que tenha que autorizar ou não autorizar para que aconteça. Mas no mundo as coisas estão ficando de uma forma diferente. As pessoas buscam cada vez mais o controle e o poder. Então, assim como existe essa força que vai crescendo para massificar mais uma vez alguma coisa, existem as pessoas que vão tirando esse fenômeno da escuridão, pois à medida que falam abertamente sobre isso, o fenômeno vai ganhando luz, torna-se iluminado. É impressionante, porque somos nós mesmos, o próprio inconsciente coletivo, que criamos a escuridão e a sombra. Se observarmos, cada dia é completamente novo quando você pede licença a sua mente repetitiva e habituada aos padrões e se permite então renascer com o sol. E é essa a experiência que o êxtase traz, nos dissolve em um Universo enorme que está completamente disponível a todo momento.”

A fala do entrevistado pode ser longa, mas é importante, pois remete a questões interessantes a respeito deste tema polêmico. Primeiro, mostra que os festivais inserem os

participantes em um contexto de “ritual social”⁹⁸ aberto às experiências com substâncias que alteram o estado físico, psíquico e espiritual dos mesmos. Ao longo da pesquisa de campo, constatei que o ambiente é preparado com elementos estéticos e lúdicos que direcionam as experiências, assim como acontece a difusão de “conhecimentos” práticos e teóricos acerca do uso de substâncias psicoativas e dos estados alterados de consciência. Portanto, os festivais psicodélicos são espaços coletivos⁹⁹ que delimitam as experiências de estados alterados de consciência por meio do uso de drogas.

Em segundo lugar, é preciso considerar o fato de que neste contexto também existem participantes que não fazem uso de nenhum tipo de substância psicoativa. E para alcançar as experiências extáticas utilizam a música, a dança, a respiração, a meditação contemplativa e outros recursos disponíveis que levam à expansão de consciência. Ao longo da pesquisa observei uma diferença considerável em relação à programação das atividades oferecidas para além da pista de dança, as quais possibilitam uma integração maior das experiências vivenciadas nesses ambientes. Como foi pontuado na entrevista citada acima, o fato de que um festival mobiliza muita energia e ativa os processos psíquicos torna necessária a existência de espaços destinados ao descanso e às atividades que oferecem outros recursos aos participantes.

Em 2003 a Earthdance propôs a Tenda Galáctica; em 2004-05, no Universo Paralelo nasceu o CircuLou, que era uma proposta maior e com mais atividades. Em 2005, na Trancendence, aconteceu o espaço Zendo. O que esses espaços têm em comum é que envolvem atividades variadas, como meditação, ioga, *tai-chi-chuan*, massagem, reiki, oficinas de arte com reciclados, exercícios de bioenergética, educação ambiental, *workshop* de malabares e também palestras e debates sobre temas como: mitologia, permacultura,

⁹⁸ Segundo o médico Norman Zinberg, um dos primeiros a estudar o “uso controlado” de psicoativos, os “rituais sociais” são padrões estilizados de comportamento recomendado em relação ao uso de drogas. Eles seriam aplicados aos métodos de aquisição e administração da substância, a seleção do meio físico e social para usá-la, as atividades empreendidas após o uso, e as maneiras de evitar efeitos indesejados. Dessa forma, esses rituais reforçariam e simbolizariam as sanções sociais, que definem se e como determinada droga deve ser usada, incluindo tanto os valores e regras de conduta compartilhadas informalmente por grupos quanto as leis e políticas formais que regulamentam o uso de drogas (Macrae, 2004).

⁹⁹ De acordo com Becker, as idéias que o usuário tem sobre a droga influenciam na forma como ele a usa, interpreta e responde a seus efeitos. Nesse sentido, a natureza da experiência depende do grau de conhecimento disponível ao usuário. E já que esse saber é função da organização social dos grupos nos quais as drogas são usadas, os efeitos dos usos irão, portanto, se relacionar a mudanças na organização social e cultural. O autor denomina esse “conhecimento” como gerador da “cultura” ou “subcultura” da droga (Becker, 1976).

agrofloresta, astrologia, expansão de consciência, xamanismo, plantas de poder, alimentação natural etc.



Tenda Galáctica – Earthdance 2003
Fotos: Ana Flávia Nogueira Nascimento



Espaço Zendo – Trancendence 2005 –

Na Zona de Preservação das Culturas – CircuLou – aconteceram duas conferências sobre o uso de substâncias psicoativas, sendo uma sobre o “xamanismo e as plantas de poder”, que reuniu muitas pessoas sentadas em círculo para ouvir relatos da experiência de uma mulher com os índios Kamaiurá, no Alto Xingu, incluindo todo um caminho penoso e transformador pelo qual passou desde que conheceu a planta de poder *ayahuasca*. Abaixo alguns relatos gravados durante esse acontecimento:

“A questão é que você abre portais com as plantas de poder e depois precisa fechar. Mas muitos usam indiscriminadamente e não sabem fechar o portal, daí a importância dos rituais quando o processo é de autoconhecimento.” (Inuká, aldeia da Terra).

“O uso de psicoativos é um meio para nós explorarmos nossa mente e nossa imaginação. Aqui no Brasil vocês possuem um conhecimento sobre isso, afinal vocês têm a *ayahuasca* e a jurema. Na Europa, a Igreja fez com que o conhecimento ancestral desaparecesse. Vocês têm muita sorte que esse país é imenso e muitos conhecimentos antigos continuaram vivos. Existem muitos europeus que vêm para os festivais de *trance* e que possuem muito interesse por esses conhecimentos. Afinal, nós temos todo esse cérebro e seria uma vergonha usar apenas uma pequena parte dele.” (Pier, Holanda)

“Os índios experimentam substâncias muito mais fortes do que um LSD. E eles têm um controle a respeito dessas substâncias e dessas viagens que é muito maior do que a indústria farmacológica. Nossa indústria farmacológica é muito recente, vem de cem anos para cá, enquanto a maioria dessas substâncias poderosas vem sendo usada pelos índios há milhares e milhares de anos de forma controlada através de seus rituais.” (Krunfí)

A pesquisa de campo trouxe a constatação de que nas atividades programadas o tema privilegiado para debate é o do uso ancestral de substâncias psicoativas em contexto ritual. Entretanto, ainda não estão sendo exploradas com clareza as questões relacionadas ao uso de substâncias químicas produzidas em laboratório, as quais são mais utilizadas nesse contexto e podem causar sérias dependências, como é o caso do *Ecstasy* ou mesmo da cocaína. Assim, o programa de redução de danos na prática ainda é bastante precário. Em alguns festivais encontrei folhetos do *baladaboa*¹⁰⁰, um projeto de redução de danos relacionado ao *Ecstasy*, o qual chamava a atenção das pessoas para se informarem sobre o que irão usar, de modo que os riscos de conseqüências negativas sejam minimizados.

Outro aspecto importante a ser considerado é o fato de que o *Ecstasy (MDMA)*, conhecido também como “bala”, que é a substância mais utilizada nesses contextos, permite o acesso a experiências muito prazerosas que podem ser alcançadas rapidamente. Após meia hora de sua ingestão esse composto aumenta o prazer em todos os níveis perceptíveis, gerando uma conseqüente experiência extática de arrebatamento e um sentimento de comunhão com todos os participantes, assim como uma integração com tudo o que está ao redor. Essa substância aumenta de forma considerável a quantidade de energia disponível no corpo e permite que a pessoa experiencie a si mesma e ao ambiente a sua volta de maneira muito mais intensa e prazerosa, assim como aumenta a capacidade para apreciar a música, os sons, as cores, os elementos da natureza etc.

O perigo é que muitas vezes tais experiências tornam-se mais um consumo disponível na sociedade ocidental, que estimula a busca do prazer a qualquer custo. Sendo assim, nesse contexto é possível observar um fenômeno que reflete também o lado obscuro da sociedade, visto que muitas pessoas se perdem na ilusão dos prazeres instantâneos e do lucro fácil alcançado por intermédio dos mesmos e assim mergulham em um ciclo vicioso que pode levar à destruição da própria vida.

Os aspectos psicológicos dessa questão dizem respeito à diferença entre os que encontram nessas experiências meios para se transformar positivamente e os que depois de

¹⁰⁰ Disponível em: <http://www.psicofarmacousp.psc.br>. este site contém um questionário anônimo sobre drogas para pessoas que usam ou já usaram *Ecstasy*, e visa conhecer suas atitudes para planejar uma campanha que traga informações interessantes, científicas e úteis para quem usa, já usou ou vai experimentar. Ver também anexo II. B) 5

tais experiências entram em colapso psíquico. Ou seja, as pessoas dispensam o fato de que precisam se preparar para tais experiências, que aparentemente podem ser muito atrativas, mas que no entanto podem oferecer grande risco aos que menosprezam seus poderes. Afinal, quando se submete a uma transformação de consciência, o indivíduo, não tendo meios para filtrar o que lhe acontece, pode enfrentar posteriormente resultados terríveis.

A tecnologia voltada para a produção das drogas gera experiências com diferentes características sensoriais e por orquestrá-las de forma sistemática e coerente cria realidades virtuais. Nas experiências alcançadas no contexto dos festivais psicodélicos é possível transcender as limitações usuais do ego corpóreo, do espaço tridimensional e do tempo linear. O desaparecimento das barreiras espaciais pode levar a identificações autênticas com outras pessoas, animais, vida vegetal e até mesmo possibilitar o acesso a memórias do inconsciente individual e coletivo, assim como as experiências podem levar aos domínios arquetípicos do inconsciente coletivo e mediar encontros com divindades extasiantes e coléricas.

As experiências transcendentais criam sentimentos de unidade que parecem aumentar a cada dia do festival, gerando muitas vezes uma consciência coletiva absoluta extasiante. Mas embora essa seja a experiência mais passível de acontecer nesses contextos de alta carga emocional positiva, eles também podem envolver circunstâncias altamente desfavoráveis para alguns participantes que parecem mergulhar em um caos desordenado e infernal que pode ser gerado por múltiplos fatores. Um deles é a mistura excessiva de substâncias que atuam de maneira distinta no organismo; outro é a própria estrutura psíquica do indivíduo, que muitas vezes não suporta o fato de ter seu ego despedaçado. E também há pessoas que não respeitam o próprio limite. Isto acontece porque muitas vezes os mais inexperientes querem aproveitar ao máximo e acham que para isso precisam fazer uso de mais e mais substâncias até chegarem ao colapso do sistema físico, psíquico e espiritual.

Todas as situações que oferecem oportunidades de experiência direta costumam estar associada a forças opostas. Ao longo da pesquisa de campo nos festivais entrei em contato com muitas pessoas que já experimentaram estados alterados de consciência por meio de substâncias psicodélicas e constatei que é extremamente difícil prever o impacto de tais substâncias, visto que a atuação das mesmas acontece no nível intrapsíquico. Sendo assim,

os principais obstáculos que tornam as experiências difíceis e perigosas são dessa mesma natureza e diferem enormemente de um indivíduo para outro.

No contexto lúdico dos festivais, os psicodélicos são amplamente utilizados e é reconhecida sua capacidade de promover uma grande abertura dos “portões para dimensão transcendental” (Grof, 2000: 274), que se apresenta por meio de experiências prazerosas, assim como de experiências aterrorizantes, capazes de gerar medo nos exploradores mais experientes. Por exemplo, quando acontecem encontros com forças arquetípicas que envolvem visões de seres benéficos ou maléficos ou quando a pessoa pensa que vai morrer ou ficar louca para sempre. Uma nova proposta relacionada a esta questão aconteceu no CircuLou, que ofereceu, além do pronto-socorro regular, um espaço com terapeutas destinados ao auxílio a crises psicodélicas, voltando-se assim para a característica multidimensional das experiências que estão circunscritas nesses espaços.



“Conhecer-se melhor é naturalmente investigar muitas possibilidades novas com seu corpo e mente.”

CircuLou
Festival Universo
Paralello 2005 – Foto:
Ana Flávia N.
Nascimento

No Festival Universo Paralello, as terapeutas responsáveis pela tenda de cura alternavam-se no plantão chamado “S.O.S Energético”, destinado ao auxílio a crises psicodélicas. O espaço funcionou como um tipo de ajuda às pessoas que passam por *bad trips*, experiências de extrema confusão mental ocasionada pelo uso de substâncias psicoativas. Contatei que o resultado foi positivo, no sentido de ter acompanhado a passagem das pessoas pelas experiências difíceis, proporcionando, conseqüentemente, um sentimento de segurança e acolhimento à medida que os terapeutas estavam ali para ouvir e acompanhar as “viagens” mais confusas.

O fantasma da insanidade é uma problemática real que está relacionada ao abuso desses compostos e que é utilizado pelas forças do poder que legislam as sanções ao

comportamento das pessoas julgando ser para o próprio bem delas. Assim, chegamos ao próximo ponto, a repressão social a esse tipo de eventos devido ao uso de substâncias ilegais por seus participantes. Esse fato gera sentimentos ambíguos e contraditórios, visto que ao mesmo tempo que impulsiona atos transgressivos relacionados ao uso do que é proibido, gera também sensações de poder e prazer. Os participantes desse grupo enfrentam ainda momentos de medo e tensão para escapar da polícia e ainda passam por “marginais” ou “loucos” socialmente excluídos por escolherem fazer uso de determinadas substâncias psicoativas.

Na Trancendence de 2005 a polícia federal praticamente participou do acontecimento e deve ter arrecadado bastante dinheiro porque levou quase duzentas pessoas presas, dentre as quais a grande maioria retornou para o evento depois de pagar fiança. À paisana, os policiais se fingiam de amigos até o momento em que alguém mostrasse que usava algum tipo de substância ilegal, que na maioria dos casos envolvia a maconha. Também obrigaram muitas pessoas a abrirem suas barracas para que fossem revistadas e ainda colocavam arma na cabeça de quem estivesse fumando maconha. Ou seja, o clima festivo passou a ser aterrorizante por algum tempo, mesmo para os que ali não almejavam fazer uso de nenhum tipo de substância proibida por lei. No último dia, quando a pista de dança estava lotada, tocaram uma música com o *remix* do Bob Marley que dizia “*legalize it*”, e em média 6 mil pessoas cantaram juntas o refrão que aclamava a legalização, gerando assim um momento de auto-expressão e euforia que dificilmente poderia ser contido.

Os festivais psicodélicos não oferecem mais tóxicos que as boates ou bares noturnos, não geram violência e fazem menos mortos que as saídas das festas populares de sábado à noite, nas quais o principal veículo embriagador é o álcool, substância legalizada que é comercializada por preços mínimos em qualquer bar de esquina. E uma característica marcante desse tipo de encontro coletivo é justamente o caráter pacífico que existe entre os participantes.

“E agora imaginemos como nesse mundo construído sobre a aparência e o comedimento, e artificialmente represado, irrompeu o tom extático do festejo dionisiaco em sonâncias mágicas cada vez mais fascinantes, como nestas todo o desmesurado da natureza em prazer, dor e conhecimento, até o grito estridente, devia tornar-se sonoro; imaginemos o que podia significar esse demoníaco? (...) O indivíduo, com todos os seus limites e medidas, afundava aqui no auto-esquecimento do estado dionisiaco e esquecia os preceitos apolíneos. O desmedido revelava-se como verdade, a contradição, o deleite nascido das dores, falava por si desde o coração da natureza. E

foi assim que, em toda parte onde o dionisíaco penetrou, o apolíneo foi suspenso e aniquilado.” (Nietzsche, 1992: 41)

A via extática de religiões pré-urbanas, orgiásticas e consumidoras rituais de alucinógenos em cultos estão na base da religião pré-ariana que teria se desenvolvido como shivaísmo¹⁰¹, na Índia, e dionisismo, na Europa. A embriaguez mística seria a característica central da ritualística dessas religiões, que também cultuam os órgãos sexuais. O clima da vida shivaísta e dionisíaca é uma procura da alegria, do prazer, da realização do indivíduo. O vinho e outros licores intoxicantes fazem parte dessa alegria de viver, que é um dos objetivos fundamentais de toda existência, pois a felicidade (*ananda*) é a própria natureza do estado divino. Sendo assim, o prazer e a alegria aproximariam de Deus. As festas dionisíacas ou shivaístas são explosões de felicidade. A embriaguez física, como o erotismo, é uma imagem e muitas vezes uma preparação para a embriaguez mística.

Como já dizia Nietzsche, o dionisíaco expressa uma necessidade dos seres humanos de experimentar o entusiasmo delirante. Com todo seu potencial orgiaco, o festival psicodélico repousa, a um só tempo, na luz e na sombra, pois permite que a parte de sombras que ronda o corpo individual e social seja simbolicamente integrada para então dar força à solidez da trama social cotidiana. Esse agrupamento é por si só a causa e o efeito de tais encontros. É ele que pode explicar, no âmago do conformismo mais aparente, a continuidade do espírito de aventura, do libertarismo e da libertinagem. Estabelece os sobressaltos de revolta que pontuam as histórias humanas e atesta a existência do enraizamento terreno, impelindo para que se colham os frutos de nossa terra. Convencida da precariedade e da finitude momentânea de todas as coisas, a sabedoria de todos os dias é profundamente hedonista, isto é, integra o trágico e enfatiza sua especificidade cósmica.

Maffesoli (2003) associou esses encontros coletivos à “sabedoria demoníaca”, uma sabedoria incorporada, mais vivida que pensada, que de forma paroxística encontra uma postura de resistência por derrubar a ordem aparentemente divina, com objetivos diabólicos,

¹⁰¹ Segundo fontes indianas, o shivaísmo é a religião mais antiga e data do quarto milênio a. C. Considerada a primeira religião, surge como resultado dos esforços do homem, desde suas origens mais distantes para compreender a natureza da criação, sua beleza, sua crueldade, seu equilíbrio e a maneira como pode se integrar na obra do criador e cooperar com ele. O princípio do shivaísmo é o de que nada existe no universo que não faça parte do corpo divino, que não possa ser um caminho para alcançar o divino. Todos os objetos, todos os fenômenos naturais, as plantas, os animais, assim como todos os aspectos do homem podem ser pontos de partida para nos aproximarmos do divino (Daniélou, 1989: 1, 6, 24).

e estabelecer em seu lugar uma desordem infernal. Sendo assim, uma manifestação que traz de volta à nossa sociedade a essência contemplativa, que por mais absurdo que possa parecer traz de volta o espírito natural.

“(…) queremos ouvir e desejamos ao mesmo tempo ir muito além do ouvir. Esse aspirar ao infinito, o bater de asas do anelo, no máximo prazer ante a realidade claramente percebida, lembram que em ambos os estados nos cumprem reconhecer um fenômeno dionisíaco que torna a nos revelar sempre de novo o lúdico construir e desconstruir do mundo individual como eflúvio de um arquiprazer (…)” (Nietzsche, (1992: 142)



“A eternidade é uma criança, um elfo que brinca com balões coloridos.”

Heráclito

Trancendence 2005 – ao fundo pode ser avistada a pista de dança. Foto: André Ismael - Zuvuya.net

De onde advém o terror que se apodera do ser humano quando de repente perde o princípio da razão e é acometido pela ruptura de seu princípio individual e se a esse terror acrescentarmos o delicioso êxtase que ascende do fundo mais íntimo do homem? Sim, da natureza intimamente relacionada à essência do dionisíaco e do shivaísmo, que é manifestado pela analogia da embriaguez. Seja por influência da beberagem narcótica, da qual todos os povos e homens primitivos falam em seus hinos, ou com a poderosa aproximação da primavera a impregnar toda a natureza de alegria, desperta o vôo, por cuja intensificação o subjetivo se dissolve em completo auto-esquecimento.

Desta maneira, por meio do lúdico o dionisíaco é revivido numa nova roupagem, em que a embriaguez torna-se apenas mais um recurso para soltar a criança interna das garras da caduquice moral limitante. Nos festivais, a nova geração experimenta momentos estáticos de plenitude infantil. O mito da “criança eterna”, que atualmente retorna com força e vigor,

contamina o conjunto das faixas etárias, dando ênfase à intensidade do vivenciado, ao qualitativo da existência.

O fenômeno dos festivais psicodélicos como expressão do retorno das vias dionisiacas e shivaístas está refletindo a necessidade de mudança, de transgressão do que está sendo imposto socialmente e que já não funciona mais. No século XXI, essas celebrações representam um caos transformador, uma “sede de infinito” que no vigor do êxtase coletivo exprimem a saturação dos valores modernos e a busca por novos significados. Em suas diversas manifestações, o excesso remete à afirmação da existência, ao que Nietzsche denominava “dizer sim à vida”. Na realidade, que poderia haver de “mais mortal” do que se embriagar completamente, extenuar-se em vigílias, entregar-se ao dispêndio e ao prazer extremo? Todos esses fatos, que chocam as limitações impostas pela moral social, indicam a pulsão vital irreprimível. Desrespeitar e infringir instituições e regras estabelecidas para viver acima de suas possibilidades significa quebrar a rigidez da imposição normativa e dizer sim a toda a existência, integrando a morte e a violência erótica e poética como parte do desenvolvimento vital e infinito (Maffesoli, 1985: 97).

No contexto planetário, manipulado pela economia capitalista, assistimos ao crescimento de uma “indústria” de indução de transe, que a cada dia torna-se mais potente e acessível a todos os grupos sociais. Grande parte da população voltada para o desenvolvimento individualista e extremamente materialista tende a buscar “tecnologias espirituais naturais ou artificiais”¹⁰² a qualquer custo, como meio de apaziguar o vazio existencial. Para Mckenna (1995: 305), defensor do uso das tecnologias naturais, as experiências psicodélicas fizeram parte da cadeia alimentar humana desde o começo, constituindo fonte de maior “visibilidade” para os animais durante a caça. Em sua maneira de ver, as substâncias psicodélicas constituem o único item suficientemente autêntico para ser

¹⁰² De acordo com Ott, as religiões que utilizam enteógenos são consideradas como “naturais”, pois recuperam o mistério tremendo da união mística, que religa o ser humano com a natureza e com todo o cosmos, promovendo assim “paraísos naturais”. No século XXI, o saber científico, ao resgatar o valor dessas “religiões naturais” e também o valor das experiências extáticas, conseqüentemente desvincula o misticismo que envolve o contato direto com o divino, e essa qualidade passa a constituir muitas esferas da vida coletiva, representando assim uma das crises dos valores ideológicos atuais. O autor refere-se às “tecnologias espirituais artificiais”, produzidas em laboratórios, como substâncias capazes de conduzir a experiências religiosas autênticas (Ott, 1999: 108)

proibido e eliminado por lei, pelo fato de que mostram a natureza transcendental da realidade e fazem os que as experimentam questionar a crença materialista amplamente difundida tanto pela ciência cartesiana como pelo sistema capitalista.

A ciência tradicional descreve os seres humanos como máquinas biológicas pensantes com consciência racional. Porém as modernas pesquisas relacionadas aos estados alterados de consciência indicam a existência de campos de consciência que transcendem espaço, tempo e causalidade linear. A visão completamente nova advinda do paradoxo onda-partícula da física quântica descreve os seres humanos como sendo paradoxais por conter aspectos complementares. Pois dependendo das circunstâncias podem utilizar a consciência racional para analisar as propriedades dos objetos limitados ou recorrer aos campos de consciência subjetivamente infinitos.

Na sociedade contemporânea, a busca de estados que possibilitem a “descoberta” de outros níveis de consciência, assim como de conhecimentos a respeito das substâncias psicodélicas, não se restringe à valorização dada pela cultura das *raves* de música eletrônica; expressa-se também numa intensa atividade editorial e na articulação por meio da Internet, que dá espaço a círculos de investigação e ao debate sobre tais substâncias. Além disso, as diversas formas de uso dessas substâncias têm se constituído como um campo original de conhecimento e produção cultural, onde a psicologia, a farmácia, a medicina, a história, a literatura e a antropologia se uniram para buscar compreender o papel das plantas e dos sintéticos produtores de estados de êxtase, que tiveram e ainda têm um papel determinante como produtores de valor cultural, principalmente no aspecto comercial, místico e religioso.

Nos dias de hoje, as substâncias psicodélicas são notáveis em razão do súbito aparecimento, nos anos 60 e 70, quando uma onda de alterar a consciência alcançou grande número de adeptos. Com a descoberta da capacidade de essas substâncias expandirem a mente humana, muitos estudantes, cientistas, artistas e outros tantos mergulharam através das “portas da percepção”, termo emprestado de Willian Blake para Aldous Huxley para descrever em 1954, no livro de mesmo título, as capacidades expansivas de substâncias como a mesalina e o LSD de abrirem a mente humana ao infinito. Timothy Leary chamou tais experiências de *tune in* psicodelicamente – “ligar a mente”.

Após a proibição do LSD, muitas outras substâncias psicodélicas também foram proibidas. Conseqüentemente, hoje a descrição científica do potencial desses compostos tende a restringir-se a um tipo de psicanálise instantânea, que remete ao fato de que ao ingerir essas substâncias o indivíduo mergulha por meio de suas próprias experiências psíquicas, sendo possível recriar seus traumas infantis, compreender melhor a situação em que se encontra e mesmo abandonar atitudes neuróticas. Como uma alusão ao tema, uma matéria da Internet afirmava que no terceiro dia do festival, quando todos estavam entregues ao transe psicodélico, “as jaulas das selvas psicológicas foram abertas e então se estabeleceu a nulidade das convenções sociais e um latente instinto tribal tomou conta, deixando desabrochar o que existia em cada um”.¹⁰³

Como cada contexto histórico e cultural lida de maneira diferente com a questão da alteração de consciência, as pesquisas relacionadas ao uso de substâncias psicodélicas tiveram suas asas quebradas quando estavam levantando vôo. Contudo, havia uma vasta comunidade clandestina que continuou as pesquisas nessa área, e desses trabalhos surgiu uma imagem a respeito da consciência humana que vai muito além dos modelos de Freud e Jung.

A moderna pesquisa de consciência e a “psicologia transpessoal”¹⁰⁴ demonstraram que as experiências que envolvem estados visionários profundos revelam a existência de dimensões da realidade normalmente escondidas e que não podem ser descartadas como distorções patológicas, como vinha sendo feito pela religião, pela psiquiatria e pela psicologia. Nos anos 60, quando Stanislav Grof era residente de psiquiatria, foi voluntário em uma experiência com LSD, e o impacto causado em sua visão de mundo fez com que, desde então ele passasse a dedicar sua vida à exploração sistemática de estados não comuns de consciência. No início dos anos 70 ele participou, durante vários anos, de um programa de pesquisas em psicoterapia psicodélica para pacientes com câncer terminal que faziam uso do LSD e do MDA (*methylene-dioxy-amphetamine*).

¹⁰³ Disponível em: <http://www.zuvuya.net/sites/raveon/ypypoty/brasil/people/ypypoty-041.htm>. Acesso em: 14 abr. 2006.

¹⁰⁴ A psicologia transpessoal estuda e respeita com seriedade todo o espectro da experiência humana, inclusive os estados holotrópicos e os domínios da psique – biográfico, perinatal e transpessoal. Como resultado, tem maior sensibilidade cultural e oferece uma forma universal de compreensão da psique, aplicável a qualquer grupo humano e período histórico. Também honra as dimensões espirituais da existência e reconhece a profunda necessidade humana de ter experiências transcendentais (Grof, 2000: 211).

Após anos de pesquisas relacionadas aos estados alterados de consciência, Grof constatou que os *insights* referentes à natureza da mente e da realidade não se limitavam aos estados psicodélicos, mas eram característicos dos estados *holotrópicos*¹⁰⁵ em geral. Nesses estados ocorre uma mudança qualitativa de consciência, de forma profunda, e não gera danos como ocorre nas condições de causa orgânica. Tais estados caracterizam-se por dramáticas mudanças de percepção em todas as áreas sensoriais. Quando, de olhos fechados, o campo de visão pode ser inundado por imagens provenientes da história pessoal e do inconsciente individual e coletivo, pode-se ter visões e experiências retratando vários aspectos dos reinos animal e botânico, da natureza em geral ou do cosmo. As experiências podem levar aos domínios de seres arquetípicos e a regiões mitológicas. Tipicamente não se perde por completo o contato com a realidade, presenciando-se de forma simultânea duas realidades muito diferentes (Grof, 2000: 18).

No livro *LSD and the cosmic game: outline of psychodelic ontology and cosmology*¹⁰⁶, Grof resumiu uma concordância enorme entre seus pacientes que tiveram *insights* sobre questões metafísicas quando sob o efeito de LSD, e concluiu que a visão da realidade que emergiu a partir do estudo desses estados retrata o universo não como uma supermáquina mecânica, mas sim como uma complexa realidade virtual criada e permeada por uma inteligência cósmica superior, chamada consciência absoluta ou mente universal. Esses *insights* conflitavam diretamente com a visão de mundo e a filosofia da ciência materialista. Contudo, mostraram grandes paralelos com as grandes tradições místicas do mundo e também com os avanços da ciência moderna comumente associadas à física quântica e ao novo paradigma (Grof, 2000: 260).

“A experiência psicodélica é acompanhada por muitos *insights* sobre a natureza da existência humana. Através da riqueza de minha experiência, descobri que as dimensões do meu ser eram muito maiores do que jamais imaginei. Com isso entrei em contato com o puro ser, e me dei conta de que ele não podia ser compreendido e não precisava de nenhuma justificativa. Com isso, veio a consciência de que minha única tarefa era a de manter a energia fluindo e não sentar nela, como costumava

¹⁰⁵ O termo holotrópico significa literalmente “orientado para a totalidade/inteireza” (do grego *holos* = totalidade/inteireza, e *trepein* = indo em direção a algo). O termo sugere que no estado de consciência cotidiana identificamos-nos com apenas uma pequena fração de quem realmente somos., enquanto nos estados holotrópicos podemos transcender as fronteiras restritas do ego corporal e experienciar nossa identidade total (Grof, 2000: 18).

¹⁰⁶ (Grof 1972, apud Grof 2000) LSD e o jogo cósmico: um sumário da cosmologia e ontologia psicodélica.

fazer. O fluxo da vida estava simbolizado por muitas imagens lindas de água em movimento, peixes e plantas aquáticas e cenas de danças encantadoras.”¹⁰⁷

O trabalho com estados holotrópicos de consciência reuniu um grande corpo de evidências que representa um sério desafio à visão de mundo materialista criada pela ciência ocidental, principalmente à crença na primazia da matéria sobre a consciência. Os dados emergiram do estudo de experiências relacionadas a estados alterados de consciência, assim como dados relacionados com a morte e o morrer. Esse material sugere uma urgente necessidade de se fazer uma radical revisão dos atuais conceitos da natureza da consciência e de sua relação com a matéria e o cérebro (Grof, 2000: 225).

Como o universo começou? O mundo em que vivemos é apenas um produto de processos mecânicos envolvendo a matéria inanimada? Qual é a fonte da ordem, da forma e do significado do universo? Se há um princípio criativo supremo, qual é a nossa relação com ele? Como podemos nos entender com dilemas como a finitude do tempo e do espaço *versus* a eternidade e o infinito? Qual a relação entre a vida e a matéria e entre a consciência e o cérebro? Como podemos explicar a coexistência do mal e sua presença opressora na trama universal das coisas? Nossa existência é limitada a apenas uma vida ou sobrevive à morte física? E quais as implicações práticas, para a vida diária, de acordo com a forma como respondemos as perguntas acima?

A importância dos estados holotrópicos para as culturas antigas e aborígenes refletiu-se na quantidade de tempo e energia dedicados ao desenvolvimento de “técnicas do sagrado” – vários procedimentos de alteração da consciência capazes de induzir estados alterados de consciência com propósitos rituais e espirituais. Esses métodos combinam, de várias maneiras, tambores e outros tipos de percussão, música, cantos, danças rítmicas, controle da respiração e formas especiais de percepção. Um longo período de isolamento, a permanência em uma caverna, no deserto, no gelo ártico ou em montanhas altas também desempenha um importante papel na indução desses estados. Intervenções fisiológicas extremas utilizadas com esse propósito incluem jejum, privação de sono, desidratação e até mesmo grandes sangrias, utilização de purgativos e laxantes poderosos e a imposição de

¹⁰⁷ Relato de uma paciente com câncer terminal, que no fim dos anos 60 e início dos 70 participou de um programa de pesquisas em psicoterapia psicodélica que fazia uso do LSD e do MDA (*methylene-dioxy-amphetamine*) (Grof, 2000: 240).

dores severas. Outro recurso constantemente utilizado na indução desses estados tem sido o emprego ritual de plantas e substâncias psicodélicas (Grof, 2000: 20).

Nas sociedades pré-industriais, a oportunidade de ter experiências transcendentais existia na forma de rituais xamanísticos, ritos de passagem, cerimônias de cura, antigos mistérios, escolas místicas e práticas de meditação. Nas décadas recentes o mundo ocidental tem visto um significativo ressurgimento das práticas espirituais antigas e das técnicas do êxtase como uma busca por reconciliar e integrar os aspectos materiais e espirituais da existência ou as dimensões da consciência disponíveis à vida. De acordo com as tradições místicas, a vida é uma oportunidade de preparação para a morte. Muitas pessoas que relataram a experiência que sofreram perto da morte têm uma curiosa afinidade com a viagem xamânica e a experiência psicodélica. Do ponto de vista do mapa xamânico da consciência, o mundo tem um “centro”, e quando se vai ao centro, que fica no interior de cada pessoa, há um eixo vertical que permite subir ou descer aos mundos celestiais, infernais, paradisíacos, iluminados e sombrios.

Esses são os mundos que se abrem nas experiências transcendentais voltadas para as dimensões escondidas de nós mesmos e da realidade. Os festivais de transe psicodélico são como portais que abrem para a exploração da consciência e libertam o fogo interno. Mas para encontrar o centro interno é preciso uma dedicação que abranja não só os aspectos lúdicos e prazerosos da realidade, pois esse caminho pode trazer sérias queimaduras aos que não têm medo do poder da chama de luz e escuridão que irradiam da própria consciência. Para que uma transformação positiva realmente aconteça é preciso que a experiência vivida no meio coletivo seja também elaborada por meio da interiorização conduzida por uma busca interna sistemática e individual, a qual poderá viabilizar, na vida cotidiana, uma identificação mais experimental e lúdica com a própria consciência.



**Malabares de Fogo –
Foto: psyte.com**

No século XXI, a crise global explicita o desequilíbrio civilizacional e a ameaça gerada pelas próprias criações técnicas do ser humano. Nesse momento de grandes perigos, os festivais ganham força como manifestações de transgressão e expiação sacrificial, marcada pela perturbação, que propicia a restauração da virtude da sociabilidade estabelecida para além dos limites impostos. Considerando os riscos das múltiplas implicações psicológicas, estes fenômenos constituem índices de uma comoção existencial no seio de determinada sociedade e podem ser vistos como paradigmas da efervescência lúdica.

Como manifestação da chamada “nova era”, que emerge em um momento de crise dos valores impostos, os participantes dos festivais incluem pessoas que perderam a fé nas religiões, no Estado e na ciência materialista. Sendo assim, a busca desse “novo homem”¹⁰⁸ está voltada para experiências diretas que consigam ir além do que está imposto racionalmente, transcendendo as dualidades e as categorias de pensamento presas à esfera de tempo e espaço. Baseada na precariedade e na finitude momentânea de todas as coisas, a busca atual é profundamente hedonista, isto é, estabelece momentos de sobressaltos intensos e de revolta que pontuam a história humana e atestam a existência do trágico que acompanha o elemento contraditório, contido no prazer e na dor, na luz e na escuridão, na vida e na morte, despertado por intermédio do excesso embriagador complementar de *Eros* e *Tânatos*.

A embriaguez favorece a fusão. É sob esta perspectiva que convém apreciar os cultos orgíacos que pontuam as histórias humanas. A embriaguez é, a um só tempo, uma iniciação cósmica (a perda de si) e uma iniciação erótica (a agregação coletiva). Nunca será demais refletirmos sobre tal ligação, não obstante o puritanismo prometéico e o mercantilismo dominante: ela está e sempre estará subjacente ao consumo de substâncias intoxicantes. Esquecer o próprio corpo e se entregar ao corpo coletivo – corpo místico – é uma maneira de reproduzir o ciclo infundável da criação e da destruição.

¹⁰⁸ Joana Cocarelli: “Holismo e o novo homem” (set. 2002): seminário realizado na Universidade Estácio de Sá a respeito do “novo homem” – perfil encontrado em festivais de *trance*.

TERRA: ARTE QUE PULSA

“A terra bebe lentamente a cor como uma esponja absorve a água, ela arredonda-se, espessa-se, encontra seu equilíbrio e oscila sob os nossos pés no espaço.”

Virginia Woolf¹⁰⁹



Imagem: *Macrossomos* – por Charlie Oliveira

A arte mantém um espelho diante da natureza, pode-se dizer que a arte segura um espelho holográfico diante da natureza para que se possa ver que nesse objeto refletido está a totalidade. Joseph Campbell

“Esse é um movimento estético e artístico que possui um código. O código é baseado nesse ambiente de arte e beleza que criamos na festa; de sermos todos amigos, querermos o bem do planeta, estarmos prestando atenção no nosso corpo, na nossa mente e na espiritualidade. Basicamente é isso. Não existe uma linguagem. As pessoas têm um nível de comunicação mais sensível. Por mais que elas não falem a outra língua, querem entender a outra língua, são pessoas mais predispostas ao diferente”, relatou o artista Marcelo Jaz, que está envolvido com a criação do universo psicodélico desde 1997.

¹⁰⁹ (in Bachelard 2001b)

O estado estético é um transe de felicidade, de graça, de emoção e de gozo. A estética é concebida aqui não somente como uma característica própria das obras de arte, mas a partir do sentido original do termo, *aisthêtikos*¹¹⁰ – de *aisthanesthai* – “sentir”. Trata-se de uma emoção, uma sensação de beleza, de admiração e de sublime. A estética aparece não apenas nos espetáculos ou nas artes, entre os quais está a música, o canto, a dança, mas também nos odores, perfumes, gostos de alimentos ou bebidas, no espetáculo da natureza, no encantamento diante do oceano, das montanhas, do nascer e pôr-do-sol.

Os festivais psicodélicos são desenvolvidos especialmente para ser o meio ambiente de experimentações do corpo, da mente e do espírito. Para isso, o primeiro ponto a ser considerado é o lugar, que, como já foi exposto, deve ser em meio à natureza, possibilitando o contato direto com a terra e seus elementos. O espaço passa por uma impactante transformação, por meio de uma mistura de cores, símbolos, formas geométricas, luzes, decorações, panos, pinturas, cheiros, performances e tudo o que possa servir de estímulo para a experiência estética. Ou seja, o ambiente é preparado com prazer por aqueles que criam a atmosfera para receber os participantes, visando proporcionar-lhes vivências em um universo que dificilmente poderá ser encontrado em outro espaço, pois, diferente das outras esferas da realidade, essa envolve a exploração das fantasias humanas relacionadas ao lúdico e ao criativo.

Ao observar a sociedade urbana e tentar captar em qual esfera vive-se simbolicamente, é provável que a resposta seja: principalmente na TV, nos filmes, propagandas etc. Afinal, em nossa sociedade, a publicidade e a mídia souberam utilizar muito bem o símbolo para despertar o medo ou o desejo do consumo. De “penso, logo existo”, nossa sociedade passou para “compro, logo existo”, e agora novas ideologias estão propondo a síntese “respiro, logo existo” ou “sinto, logo existo”.

A palavra símbolo vem do grego *sym-bolos*, que significa reunir ou juntar. Essa palavra tem um antônimo muito interessante, *dia-bolos*, que significa afastar ou separar. A maioria das pessoas não tem a mínima noção de que a vida simbólica pode exprimir as necessidades mais profundas da alma humana, e como desvalorizam o que é da esfera do “sentir” e supervalorizam o pensamento racional, acabam não percebendo que estão sofrendo as conseqüências desse desequilíbrio. Sendo assim, torna-se compreensível o fato

¹¹⁰ Morin (2002b: 132).

de a cultura psicodélica ser reprimida no seio social, pois como expressão artística e estética tenta reunir e juntar os símbolos da cultura humana para vislumbrar uma transfiguração sensível do racionalismo.

O aparecimento da cultura opera uma órbita na evolução humana. A cultura acumula o que é conservado, transmitido, aprendido e ainda o que é vivido a partir da experiência. Como um aspecto da cultura planetária, o movimento psicodélico opera por meio de um conjunto de hábitos, costumes, práticas, saberes, interditos, idéias, valores, mitos, que se perpetuam e se reproduzem em cada indivíduo que o integra, gerando e regenerando assim sua complexidade social a nível global.

Com a abertura ao mundo, o espírito humano também é estimulado a se abrir. No festival Universo Paralelo 2004 havia uma centena de pessoas aguardando nas areias da praia quando a lua cheia nasceu sobre o mar. Ao longe foi possível ouvir os aplausos e os gritos de prazer e alegria diante de tamanha luminosidade. Na astrologia, a lua é tida como centro do mundo espiritual e da consciência matriarcal; representa o *self* feminino, assim como *Sophia*, sabedoria. Trata-se de uma sabedoria associada com a unidade indissolúvel e paradoxal da vida e da morte, da natureza e do espírito, das leis do tempo e do destino. Essa imagem da sabedoria feminina envolve a Terra, o crescimento orgânico e a experiência ancestral. Junto às águas do mar, a lua representa uma sabedoria do inconsciente, dos instintos e da vida. Deve ser por isso que a força da lua cheia sempre marcou os períodos escolhidos para as celebrações tribais.



Artista Marcelo Jaz¹¹¹ pintando mural para decoração do Festival Universo Paralelo 2004 – Foto: Ana Flávia Nogueira Nascimento

¹¹¹ Marcelo Jaz desenvolve, em parceria com o artista multimídia Charles Oliveira, o projeto Synthetic Sapiens, que pode ser conhecido no site: www.synthetic sapiens.com.

“As minhas referências são retiradas principalmente do eletrônico, do cibernético e da natureza. Isso baseia o meu foco de criação: o que o meio urbano traz, misturado aos elementos da natureza. Só que tudo isso tem que virar uma linguagem; então nessa hora ou você pega um molde pronto, ou deixa fluir. E para fluir é sempre caótico. Então é preciso delinear um pouco o caos, formulando alguns símbolos. As bolinhas para mim são partículas de egos, condensações de realidade. Seja um átomo, uma consciência ou uma dimensão nela mesma. Tento conversar através da pintura. E a conversa tem movimento, está ali para dizer uma coisa só, interligada. Mas o que falta: a ideologia. E a ideologia é basicamente a liberdade de falar desses assuntos. Liberdade para falar de espiritualidade, de física, de psicologia, de drogas; e poder colocar isso para uma posterior dialética. Colocar isso em evidência. Para que quando as pessoas estão abertas no transe da música, e da droga, e do ambiente em si da festa, elas perguntem mais sobre aquilo que estão vendo, sobre o que está acontecendo dentro e fora da realidade em que vivem. E pensem coisas aleatórias sobre o que vier à mente, de forma espontânea, sem as limitações do pensamento linear e causal.” (Marcelo Jaz , entrevista realizada em 20/12/2004 – Bahia)

A fala do entrevistado remete à ideologia do grupo, que está voltada para a busca da liberdade que esses espaços proporcionam. Devido à atmosfera criada esteticamente, as pessoas sentem que estão entrando mesmo em um mundo de “fantasia”, sem barreiras, onde tudo pode, desde que a experiência individual não viole a experiência alheia. Essa sensação de poder falar sobre o que quiser e experimentar o que quiser faz com que as pessoas sintam a sensação de ser livres, espontâneas e ao mesmo tempo respeitadas em suas escolhas mais íntimas.

A percepção estética é essencialmente intuição acompanhada do prazer. Esse prazer deriva da percepção que a pessoa tem da forma pura de um objeto, independente de seu propósito. Um objeto representado em sua forma pura é belo e é também livre, pois é obra da intuição e da imaginação. Essas faculdades mentais libertam o ser humano da sua escravidão em relação às dominações e constitui uma ordem voltada para as leis da beleza. Marcuse (1969) chegou a considerar, mesmo que como utopia, que quando o impulso lúdico ganhasse ascendência como um princípio da civilização, esse transformaria a realidade. E essa é uma característica marcante entre alguns participantes desse movimento, pois muitos acreditam que por intermédio desses festivais podem transformar também a realidade.

“Eu não acho que por fazer esses festivais nós possamos parar a guerra no Irã. Mas se você cria uma boa atmosfera e divide bons momentos com outras pessoas tendo

liberdade de expressão, talvez possa fazê-los pensar e torne-os um pouco mais conscientes. Olhe, têm mais de 4 mil pessoas aqui, em um ambiente onde elas podem conversar e compartilhar livremente; assim quem sabe elas possam passar isso para outras pessoas. É ação e reação. Quanto mais pessoas conscientes de suas ações e de que em cada ação você muda um pouco, então toda ação passa a ter importância nesse planeta. Mas é claro que como tudo na vida aqui também existem dois caminhos extremos, depende apenas de a pessoa escolher qual seguir.” (Pier, engenheiro de som. Entrevista realizada na Bahia, dez. 2004)

No decorrer da pesquisa, constatei que o prazer despertado pela contemplação estética está diretamente relacionado àquele que os próprios artistas vivenciam durante o processo de criação. Os artistas, os quais têm o dom de transformar a realidade, chegam ao local do festival com até um mês de antecedência, e a maior parte das criações é realizada *in loco*. Sendo assim, acontece um processo complexo que envolve uma ampla variedade de materiais, os quais vão ganhando formas e dimensões, cores e brilhos, que irão despertar a admiração dos participantes; agindo, conseqüentemente, como focos que de forma simbólica canalizam a pluralidade das experiências contidas nesses espaços.



Pista de Dança do Festival Universo Paralelo 2004 – Foto: Ana Flávia N Nascimento “As estrelas foram feitas a partir de duas formas poderosas, o círculo e o triângulo. O círculo é a forma geométrica mais perfeita, não acumula energia, então a energia circula, tem movimento. E o triângulo, por possuir três lados, representa o equilíbrio. Porque com dois lados você sempre tem um conflito, mas com três tem um ponto neutro e alcança o equilíbrio. Para mim isso é geometria sagrada, você consegue explicar algo através dela. Os fractais, por exemplo, nada mais são do que repetição da mesma forma.” (Anderson Miti Yuri Tanaka, entrevista realizada na Bahia, dez. 2004)

A decoração do festival da foto acima contava com quinze estrelas¹¹², algumas delas com 5,5 metros. O processo de construção dessas estrelas durou mais de uma semana. Primeiro foram feitas as pontas, as quais foram soldadas em ferro vazado. Depois foram cortados os panos, os quais foram costurados, e então um grupo de pessoas forrou as estruturas das pontas, que ainda estavam todas separadas. Aos poucos as pontas foram ganhando cores, algumas foram pintadas e outras encapadas com papel holográfico, o qual refletia as cores do arco-íris. Para complementar a arte psicodélica, um lado das pontas foi feito com uma técnica de entrelaçamento de lã. Só depois que cada ponta estava pronta é que chegou o momento de uni-las, dando forma às estrelas, que tinham um *design* que possibilitava que elas girassem constantemente com o vento, dando a sensação de movimento.

Esse processo de criação envolve muito prazer, mas também muita tensão por parte dos artistas, que sentem o peso relativo à obrigação de manifestar criações que irão causar impacto nos participantes, os quais, por meio da contemplação, irão sentir a complexidade ou mesmo a sensibilidade que fez parte do processo de transformação da matéria para gerar uma bela obra de arte. Afinal, a materialização artística faz parte de um processo de sublimação, que acontece durante o ato de criar de um objeto poético, que deverá absorver posteriormente todo sujeito que o contemplará. Sendo assim, pode-se pensar que o artista vive um processo de canalização do imaginário psicodélico.



Barracão de arte do festival Universo

Paralelo – Fotos: Ana Flávia N. Nascimento.

¹¹² A estrela possui a qualidade de luminar, de ser fonte de luz. Ela tem significado celeste, que faz com que seja símbolo do espírito e, particularmente, do conflito entre as forças espirituais e materiais. As estrelas transcendem a obscuridade: são faróis projetados na noite do inconsciente (Chevalier, 1997: .536)

As criações voltadas para a estética psicodélica muitas vezes envolvem seres da natureza, como, por exemplo, uma libélula¹¹³ de 5 metros de corpo por 11 metros de asa, que ganhou vida e voou sobre a pista de dança do festival Universo Paralello. A libélula foi projetada por Joe Nishimura, em uma estrutura de arame, e depois foi coberta com plástico, o qual foi pintado por Marcelo Jaz, com um aspecto orgânico baseado no corpo de uma libélula que se encontrava morta dentro de um vidro com álcool. Em seu interior foi colocada uma luz fluorescente que à noite ficava piscando. E as asas foram trançadas com lã, dando um aspecto de leveza ao ambiente.

Ao observar os festivais como manifestações coletivas que acontecem em torno de criações estéticas, podemos considerá-los como propostas de um universo lúdico, no qual a natureza e o mundo objetivo não são mais experimentados como um domínio sobre o homem (tal como na sociedade ancestral), nem como dominados pelo homem (como na civilização atual), mas são experimentados como objetos de “contemplação” que libertam o ser humano da escravidão e o transformam em livre manifestação de potencialidades. A analogia com as colocações de Marcuse (1969: 165, 166) faz-se pertinente, visto que ele acreditava que a libertação do homem “passa através da estética, visto ser a beleza natural o caminho que conduz à liberdade”. Assim sendo, o impulso lúdico é o veículo desse sentimento de libertação, a qual acontece quando o homem está livre para jogar tanto com suas próprias faculdades e potencialidades como com as da natureza e só jogando com elas pode se sentir livre.

“Antes eu ia aos festivais e via tantos jovens juntos, com muitas idéias parecidas, e isso me fazia pensar: e aí, o que agente faz agora? Percebi que tinha muita gente perdida no tempo. E foi assim que começamos a buscar a criação de frutos desses momentos coletivos. Então nós nos unimos para gerar esse espaço, onde estamos buscando circular arte, cultura e espiritualidade. A intenção vai além do que temos a oferecer, pois objetiva que as pessoas utilizem esse espaço para trazer suas artes, seus conhecimentos, e para participar, trocar. Para mim isso é a expressão da liberdade. De mostrar quem você é. Aqui você pode ser um

¹¹³ A libélula é um símbolo admirado por sua elegância e leveza, característica que evocam a dança, a flutuação, a música e tudo o que é aéreo, vaporoso, ascensional. Sendo assim, um símbolo que remete à elevação, a uma aspiração a uma vida superior. A libélula é, além disso, um símbolo do Japão, que se designa às vezes com o nome de ilha da libélula (Akitsu-shima) (Chevalier, 1997: 536)

personagem, seja numa roupa, seja em uma performance, você pode ser como você quiser, você pode jogar com a sua imaginação”, relatou Priscila, uma das integrantes do espaço CircuLou, que aconteceu pela primeira vez no festival Universo Paralello de 2004.



“O CircuLou (Zona de Preservação das Culturas) é um manifesto da grande tribo *trance* contra a normalização do homem. A acomodação às estruturas parasitárias da sociedade. Contra a aceitação da violência e o estupro dos meios de comunicação de massa. Uma zona independente, para quem não é chegado a conformismos na música nem na sociedade, para quem acredita na necessidade e possibilidade de uma mudança global. CircuLou tem o objetivo de resgatar o caráter multicultural e transdisciplinar da cultura *trance*, criando uma zona de positividade nesse Universo Paralello, baseada em valores que privilegiem o HUMANO, a VIDA e o AMOR INCONDICIONAL. Você está sendo convidado a circular com a gente. Contamos com sua presença. Seja também um circulante!!!” (Retirado do encarte de programação entregue na entrada do Festival Universo Paralello/ Festival de Arte e Cultura Alternativa) – Foto: Ana Flávia N. Nascimento.

O CircuLou – Zona de Preservação das Culturas – foi uma proposta lúdica inserida no Universo Paralello desde 2004-05 para despertar nos participantes a arte de brincar com o próprio corpo e com a própria imaginação. Em sua segunda edição, a Aldeia CircuLou contou com sete zonas temáticas que funcionavam 24 horas. Nesse espaço foram oferecidas atividades múltiplas que podem ser resumidas em: 1) Circo Multicultural – oficinas de arte (malabarismo, equilíbrio na corda bamba, teatro, música, dança, mandalas etc.; 2) Terapias Alternativas – reiki, massagens, meditações etc.; 3) Cantinho Maia – espaço dedicado à Rede de Arte Planetária – Calendário da Paz¹¹⁴; 4) S.O.S Energético – assistência e guia em viagens interestelares e Programa de Redução de Danos no Uso de Psicotrópicos; 5) Circulinho – zona infantil (brincadeiras, oficinas de arte, ecologia e reciclagem, educação holística); 6) Zona Multimídia – tela paralela (mostra psicodélica de vídeos, curtas, longas, documentários e animações, a partir das 22 horas); 7) Zona de Convivência – Cozinha Circular – espaço de utilização comunitário e solidário (oficinas de culinária e nutrição); 8)

¹¹⁴ A Rede de Arte Planetária é uma aliança global composta por pessoas e instituições em nome da paz, da unificação dos povos e da ética biosférica (uso moral, consciente e criativo dos recursos naturais). Atua em prol de caminhos alternativos para as soluções dos problemas planetários, como a mudança para o calendário da paz (Sincronário 13 luas) e o resgate da cultura como fator de integração entre artes, ciências e espiritualidade (Bandeira da Paz), principais bases da campanha para o novo tempo – o desenvolvimento de uma humanidade sustentável. Disponível em: www.calendariodapaz.com.br; www.tortuga.com; www.13luas.art.br.

Zona Espectacular – Multiárea – todas as zonas do festival tornam-se um palco para shows e performances.

Na oficina de Mandalas (1), foi entregue um prato de papelão para cada participante e disponibilizadas tintas, purpurinas, pincéis, galhos, folhas secas, flores etc; de forma que cada um criasse espontaneamente a sua mandala.



Fotos: Ana Flávia Nogueira Nascimento.



Barracão de figurinos e programação das performances

A produção das atividades envolveu em média 120 pessoas. Até mesmo os figurinos de todas as apresentações e performances foram feitos especialmente para o evento pelos próprios integrantes do espaço circulante. Comparando com os outros festivais citados na pesquisa, o Universo Paralelo fez emergir por alguns dias um palco nômade de arte.



Performances na pista de dança – Festival Universo Paralello 2004-05. Fotos: Ana Flávia N. Nascimento

Grupo de Maracatu

“Nós apresentamos dia 27 em Ituberá. E hoje vamos fazer uma oficina gratuita lá para cem crianças, que foi organizada pelo CircuLou. Amanhã nós vamos puxar a abertura da pista de dança com o intuito de mostrar um som diferente para as pessoas e trazer um pouco de raiz. E essa é a idéia do CircuLou, de estar trazendo uma diversidade cultural para o festival.” (Entrevista realizada com o grupo Maracatu de Brasília que estava participando do CircuLou/Universo Paralello 2004)



Meditação Grupal – Foto: Ana Flávia N. Nascimento

“Eu penso que os festivais abrem as portas para a espiritualidade. Como o CircuLou, que está voltado para despertar nas pessoas essa potencialidade, para que elas façam tudo isso sempre, o ano inteiro. Faça junto com o outro, plante, colha, dance, entre em transe, faça da vida um ritual mágico, uma obra de arte. Talvez até inconscientemente uma pessoa é atraída para esse tipo de ritual. Eu acho que o maior atrativo é a liberdade. Muitos jovens estão procurando os festivais em busca da liberdade, em busca de poder fazer tudo de forma espontânea. E os organizadores estão chamando a atenção para o cuidado interior, aqui presente através de muitas atividades interessantes, como meditações, ioga, tai chi etc. E tudo isso gera uma maior interação entre as pessoas, fazendo acontecer mais sincronicidades, porque todo mundo entra na mesma frequência. É muita gente diferente junto, e depois de um tempo acontece de todo mundo entrar em sintonia. Então você vê que não tem mais diferença. Fica todo mundo em harmonia. A comunicação é feita através do olhar, da intuição. Vai acontecendo naturalmente: uma expansão da consciência coletiva. E isso pode ser muito positivo se pensarmos grupal e globalmente!” (Juliana, estudante de naturologia. Entrevista realizada na Bahia, dez. 2004)

Quais são os valores planetários difundidos nesse contexto lúdico e estético? De fato, são os valores humanitários, transcendentais, afetivos, holísticos, multiculturais e ecologicamente sensíveis. Por exemplo, foi em um dos festivais em que eu realizava pesquisa de campo que ouvi pela primeira vez sobre a teoria Gaia (Harding, 2001: 21-7), de James Lovelock, que considera o planeta Terra como organismo vivo que tem a capacidade de “auto-regulação”. Sendo assim, cada organismo “gaiano” influencia enormemente os demais organismos do planeta.

“Quando uma cultura perde o rumo, a reação costumeira é voltar atrás na história em busca do antigo modelo orientador. Assim, a Nova Era é a restauração do ritual, a redescoberta do xamanismo, a reconição das substâncias psicodélicas e da importância da deusa Terra. As substâncias psicodélicas nos põem em contato com algo que é, ao mesmo tempo, real e imediato – a mente do planeta –; a hipótese gaia é de que todo o planeta é um sistema auto-regulador; vivo, que possui um espírito. Existe uma alma global que habita o bioma do planeta, e o equilíbrio depende do contato direto com ela. Fazemos parte de um drama cósmico.” (Mckenna, 1995: 312)

Os festivais psicodélicos introduzem os participantes no mundo passional, um mundo que supera a ordem rígida da razão, inserindo-os em situações mais “sentidas” do que analisadas. Ser e estar “com” envolve uma forma englobante que é primordial ao animal humano. Na era da velocidade, o paradoxo da dinâmica cultural segue o próprio ritmo do instante e promove o corpo enquanto instrumento de produção de sentido, voltando-o para o valor da fruição do presente, ou seja, uma exaltação dos valores orgiásticos, na qual se exprimem as sensações, as paixões, as imagens e as situações de um momento que se voltam para uma ética do instante aflorada. Trata-se de um arquétipo lúdico e estético que estrutura

as relações sociais. Contrapondo ao utilitarismo, o lúdico é o mais claro índice do querer viver e da perduração da sociabilidade.

A arte psicodélica está diretamente relacionada à cibercultura e à emergência do ciberespaço. As novas tecnologias emergem simultaneamente com um devir coletivo complexo. O ciberespaço¹¹⁵, como suporte da inteligência coletiva, é uma das principais condições de seu próprio desenvolvimento, pois fornece a esta inteligência um ambiente propício. Um dos seus principais efeitos é o de acelerar cada vez mais o ritmo da alteração tecno-social, o que torna ainda mais necessária a participação ativa na cibercultura. A inteligência coletiva apresenta aspectos participativos que implicam a sociabilidade emancipadora como um dos remédios para o ritmo desestabilizante, por vezes excludente, da mutação técnica.

A era digital, a qual viabiliza um estilo de criação que está em constante mutação, pois se utiliza da velocidade como uma constante, implica sobretudo novos significados produzidos pelos e para os seres humanos. As novas técnicas cibernéticas disponibilizam o acesso a uma multiplicidade de informações a respeito de todo o Universo e desvelam a condição ordinária de uma humanidade que convive diariamente com a angústia crônica de estar à beira de uma catástrofe nuclear e ecológica, enquanto possui, ao mesmo tempo, uma tecnologia fabulosa semelhante ao mundo da ficção científica.

Nesse contexto contemporâneo, também mais fluído e virtual, mistura-se toda uma ordem de artificios e de pessoas que antes poderiam ser considerados incompatíveis, mas que agora se apresentam interligados por meio da busca por experiências que implicam a busca da superação dos dualismos – eu/outro, mente/corpo, natureza/cultura, homem/máquina –, os quais tendem à separação e à exclusão, explicitando assim a percepção do mundo e do corpo construída de forma híbrida e interligada.

Os festivais psicodélicos são palcos de arte e estética, assim como o corpo dos participantes é o centro dessas experiências. O corpo é o lugar, por excelência, da explicitação pessoal e grupal da experiência, pois é por meio dele que os participantes representam a imagem que fazem do universo. O modelo *ciborgue* (Couto, 2000: 85-99) – a coexistência dos elementos que combinam no organismo suas próprias fabricações –

¹¹⁵ O ciberespaço, como dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva (Lévy, 1999: 28).

inaugura a estética do além dos limites. Acima de tudo, essa estética se situa no contexto de uma crítica na razão centrada no sujeito. Ela assinala que o homem autônomo e racional não passa de uma construção moderna já desmoronada. Os “ciborgues” são pessoas que perceberam que a nossa humanidade prolonga-se para além de nós e só existe realmente graças à interligação de todos os seres, objetos, saberes, instituições e conhecimentos que herdamos e que continuamos a produzir, graças à plasticidade de nossa consciência. Sendo assim, muitos *tranceiros* podem ser vistos como a própria encarnação da utopia tecnológica contemporânea do *Homo ciberneticus*.

Os símbolos utilizados pelo grupo, os quais expressam tais transformações, também estão impressos no corpo e nas vestimentas utilizadas durante o ritual. Sendo assim, os participantes dos festivais de transe psicodélico têm no corpo o principal meio de experimentação e também de apresentação. Além dos elementos decorativos, as roupas constituem também um exemplo dessa relação baseada em uma “ética estética”. Estas são produzidas por integrantes do movimento e vendidas principalmente nos encontros. São em geral coloridas, com motivos e estampas que variam, mas prevalecem os desenhos psicodélicos de cores fluorescentes: círculos, espirais, geometrias que levam a um infinito, arco-íris, divindades das mais diferentes crenças espirituais, como *Shiva*, *Ganesh*, o símbolo do *Kin* do calendário maia, letras e símbolos religiosos diversos etc.



Feira Mix – Trancendence 2005 – Foto: Carol Guerra



**Loja: Gente do Mundo
– Feira Mix do
Festival
Trancendence 2005
Foto: Ana Flávia
N Nascimento**

Outra característica marcante são os acessórios empregados, os quais geram certo ar espacial, vislumbrado também no filme *Guerra nas estrelas*. As cartucheiras produzidas em couro ou panos (de cores e desenhos variados) são cintos compostos com bolsos de diferentes tamanhos e modelos, que são usados para guardar os utensílios, tais como dinheiro, documentos, chave de barraca etc. A maior parte dos participantes usa colares, pulseiras, cordões e outros acessórios que são produzidos de maneira artesanal com sementes, penas, plantas, conchas, cristais. A venda desses acessórios é feita em grande parte por artesãos, entre eles os índios, que se instalam nesses encontros para vender seus produtos e lucrar principalmente com as pinturas tribais feita nos corpos dos participantes que as exibem com grande orgulho.

A grande maioria dos participantes tem tatuagens no corpo, assim como *piercings* localizados na língua, na orelha, na sobrancelha, na barriga, no nariz, no seio e outras partes do corpo. Muitos possuem mais de uma tatuagem ou mesmo tem o corpo coberto com grandes desenhos artisticamente gravados que expressam uma nova forma de identificação, visto que cada um diferencia-se pela da maneira com que utiliza o próprio corpo como obra de arte.



A borboleta, símbolo da metamorfose, da transformação e da leveza. E Ganesh, deus hindu que remove os obstáculos. Abaixo, na mesma tatuagem, está o símbolo da bandeira da paz, com os três círculos representando o resgate da cultura como fator de integração entre artes, ciências e espiritualidade, principais bases da campanha do novo tempo – o desenvolvimento de uma humanidade sustentável.



O organismo humano detém uma plasticidade que permite as mais diversas adaptações. Nenhum outro animal é capaz de transformar de forma tão pronta seu próprio corpo como o faz voluntariamente o homem. Em todas as culturas encontramos exemplos das transformações que envolvem circuncisões, escarificações, tatuagens, mutilações, entre outros artificios que mostram como as sociedades são capazes de condensar no corpo codificações de sua organização.

Nos festivais, outro exemplo disso são os alargadores de orelhas, feitos com materiais variados – osso, massinha de modelar, chifres de animais etc. –, que são utilizados para aumentar o tamanho do glóbulo. Tal artifício é utilizado por múltiplas tribos deste planeta, sejam os aborígenes da Nova Zelândia, os índios brasileiros ou mesmo os contemporâneos *tranceiros*; todos transformam seus corpos como meio de comunicação entre o grupo ao qual faz parte. Nesses ambientes, o corte de cabelo também é diferenciado. Entretanto, alguns modelos estão cada vez mais comuns: o *dread lock*¹¹⁶, visto tanto em participantes masculinos quanto femininos, e o moicano, um jeito de raspar as laterais do cabelo deixando uma grande listra no centro. É comum também o uso, por parte de ambos os sexos, de lenços coloridos no cabelo, faixas, cordões, chapéus, cristais, penas etc.

As vestimentas rituais sempre foram empregadas quando uma tribo se reunia para dançar. Atualmente, as vestimentas, os acessórios e outros símbolos utilizados na pista de dança constituem uma mistura entre o ancestral e o tecnológico, apresentando uma estética

¹¹⁶ Tipo de cabelo utilizado por Bob Marley e pelos rastafaris da região da Jamaica, que cultuam o rei Rasta, personificado na forma de um leão. Para lembrar o animal, os seguidores esfregam os cabelos na palma da mão até quebrar e juntar uma grande massa que lembra uma juba. (Coutinho 2006)

que envolve desde as roupas com cores de terra, feitas apenas de couro – com penas e ossos dando um aspecto tribal associado aos alargadores, penas e chocalhos –, até aquelas feitas de tecidos mais modernos, com formas espaciais e cores fluorescentes, com hologramas, fractais e uma variedade de símbolos tridimensionais que remetem à profundidade desconhecida da realidade.

Cada festival é único por incorporar também novas manifestações imaginárias. Por exemplo, pessoas que dançam na pista com brinquedos infantis, com máscaras, chocalhos, cocar indígena, chapéus de modelos variados... São tantos os adereços que acompanham os corpos dos participantes que não seria possível listar aqui tamanha variedade.



Trancendence 2005- Fotos: André Ismael¹¹⁷

É por intermédio do corpo que os participantes expressam a totalidade do universo, pelos movimentos, gestos e adornos, sentidos e significados que despertam sentimentos, sensações e emoções. O corpo é em si uma totalidade que permite experiências místicas. É um meio de comunicação capaz de expressar memórias, transmitir tradições, saberes e experiências. O corpo é a mais grandiosa forma de expressão simbólica do homem.

O universo lúdico pode comportar manifestações inesperadas que geram medo, prazer e volúpia. O jogo leva ao transe, razão pela qual também existem intoxicados de jogo como de uma droga fatal. Nos festivais torna-se explícito que o grande jogo é o da vida, no qual arrisca-se tudo para se viver intensamente.

Nesse sentido, a estética como lúdica retira o ser humano do estado racional e utilitário para colocá-lo em transe, em estado de graça, de contemplação, em que o ser e o mundo são mutuamente transfigurados. Morin chama esse estado de “poético”, um estado de

¹¹⁷ Fotos de André Ismael, disponíveis em: <http://www.zuvuya.net>. Acesso em: 15 set 2006.

emoção, de afetividade, realmente um estado de espírito, que pode ser alcançado na relação com o outro, na relação comunitária, na relação imaginária ou estética, sendo o seu ápice atingido no êxtase. “O êxtase pode ser alcançado por todas as vias indicadas, o ritual, a possessão, o transe, a dança, a música, a fusão amorosa, os alucinógenos – era mesmo preciso que um dia uma droga se chamasse *ecstasy*. O êxtase é o máximo de realização de si e de superação de si, da fusão bem-sucedida de si com o outro ou com o mundo, da felicidade e da comunhão. É o paroxismo existencial, a realização extrema e a verdade suprema do estado poético” (Morin,2002b:138).

Partindo de tais considerações, nos festivais a busca da contemplação estética como meio para atingir a comunhão extática pode ser vista como o “retorno de Dioniso”¹¹⁸, uma forma de resistência poética à civilização atual, uma maneira de dizer não aos padrões, ao tempo, às leis, à Igreja, aos antigos paradigmas materialistas, e entregar-se à magia, ao imaginário, ao mito, ao jogo, ao rito e a tudo o que está enraizado nas profundezas da condição humana.

Morin acredita que com o advento da “cultura de massa”, após a Segunda Guerra Mundial, as sociedades modernas e policulturais ficaram diante da primeira cultura universal da história. Mas qual é o homem universal? É o homem imaginário¹¹⁹. A “cultura de massa” destina-se ao consumo psíquico, buscando atingir o público planetário por meio de conteúdos voltados para as necessidades privadas, afetivas (felicidade, amor), imaginárias (aventuras, liberdades) ou materiais (bem-estar). E para atingir o “*antropos* comum” – tronco mental universal –, a cultura tende a buscar recursos no homem arcaico que cada um traz em si mesmo, para responder à grande necessidade de evasão pela qual passa o homem moderno, o qual se encontra na maior parte do tempo dedicando-se ao trabalho e à técnica.

Torna-se interessante observarmos que o contexto dos festivais está diretamente sob o impacto e a influência da cultura de massa, a qual impulsiona o divertimento, a evasão, a compensação e a purificação (catarse), e por meio dessas experiências dá forma às

¹¹⁸ Segundo Maffesoli, o “retorno de Dioniso” pode ser observado atualmente em várias manifestações transgressivas das novas gerações. Dioniso, deus “ctônico”, arraigado, terreno, é o deus da animação, das festas e da embriaguez. O seu retorno significa, para o autor, a integração da sombra e da animalidade humana por meio de uma sociabilidade que não se esgota no útil, mas que necessita sempre do elemento excessivo para sobreviver: viver em excesso. “Eis a lição do trágico: dar lugar à alegria demoníaca de viver” (Maffesoli, 2003: 88).

¹¹⁹ O imaginário é um sistema projetivo que se constitui em universo espectral e permite a projeção e identificação mágico-religiosa ou estética. (Morin, 1997: 81)

necessidades contemporâneas. O imaginário criado nos festivais psicodélicos está associado a uma “mitologia planetária shivaista-dionisíaca”, que se baseia no prazer e no erotismo como antídotos para a angústia caótica dos novos tempos.

“Você acha que existe um mito no *trance*?”

L: Eu acho que é o mito de Shiva. É o que vem para mudar, é o caos que vem para gerar uma nova ordem. O Movimento Trance gera uma desordem, que gera uma nova ordem, que quebra com o sistema, destrói as regras e quebra a lei. Onde cada um faz seu próprio tempo e tudo é da lei. Então o deus Shiva é a personificação do caos, mas o caos não quer dizer maldade. Shiva é muito bondoso também. Mas é também o pai disciplinado, e se você não tem disciplina irá sofrer as conseqüências, pois a disciplina é necessária dentro do que você entende como real, como verdadeiro.

Nós necessitamos de certa força para quebrar tudo isso que nos foi imposto, para a gente romper essas barreiras. Então temos que ser guerreiros mesmo. Não dá para vacilar diante da situação em que o planeta se encontra. E Shiva vem mostrar isso. No caos não podemos vacilar. No caos temos que estar atentos, com atenção plena.”
(Entrevista realizada em 30/10/2005)

O princípio shivaísta reconhece todos os fenômenos como representações dos aspectos que podem aproximar os homens do divino. Não existe nem alto nem baixo, funções inferiores ou superiores, domínio profano ou sagrado. Pois o shivaísmo reconhece a ordem divina em todas as tendências, em todas as funções psíquicas, em todas as ações e potencialidades, uma vez que considera o homem o senhor de si. Por outro lado, se o homem ignora ou recusa a ver a ordem universal em tudo o que constitui o seu ser físico ou mental e os laços que os unem em todos os níveis ao mundo natural e cósmico, atrairá a loucura destruidora.



Chill out do Festival Trancendence 2003 – Imagem de Shiva Nataraj – Deus da Dança. Foto: Ana Flávia Nogueira Nascimento

Shiva é uma imagem simbólica que estava presente em todos os festivais nos quais realizei pesquisa de campo. De acordo com Zimmer (1989:122-5), Shiva Natarāja é o rei dos dançarinos, o senhor da dança, uma ancestral forma de magia. O dançarino ganha maiores dimensões, torna-se um ser dotado de poderes sobrenaturais. Sua personalidade se transforma. Como a ioga, a dança leva ao transe, ao êxtase, à vivência do divino, à compreensão da própria e secreta natureza individual e, por fim, à fusão com a essência divina. Por isso, na Índia, a dança conviveu lado a lado com as severas práticas ascéticas dos eremitas – jejum, exercícios respiratórios, introversão absoluta. Para exercer a magia, para lançar encantamento sobre outrem, é preciso que o indivíduo primeiro encante a si mesmo, o que pode ser feito tanto por meio da dança como da prece, do jejum e da meditação. Isto explica por que Shiva é não só o arquiiogue dos deuses, mas também o senhor da dança.

O dançarino cósmico está representado na pintura da foto acima com os detalhes que revelam seus elementos simbólicos. Na mão direita superior porta, para a marcação do ritmo, um pequeno tambor cuja forma sugere uma ampulheta do tempo que marca o som, veículo da fala e, portanto, da revelação, da magia e da verdade divina. No lado oposto, a mão esquerda superior, cujos dedos formam uma meia-lua (*ardhacandra-mudrā*), mostra na

palma uma língua de fogo. O fogo é o elemento da destruição do mundo. No término do *Kali-Yuga* o fogo aniquilará o corpo da criação, sendo ele próprio então apagado pelo oceano do vazio. O equilíbrio das mãos ilustra o equilíbrio criação-destruição no bailado cósmico. Como exercício da crueldade dos opostos, o transcendental mostra-se por meio da máscara do mestre enigmático: criação incessante *versus* um insaciável apetite de destruição. O campo da terrível interação é o sítio onde ocorre a dança do universo.

O gesto “não temas” (*abhaya-mudrã*), que confere proteção e paz, é feito pela segunda mão direita, enquanto a outra mão esquerda, na extremidade do braço transversal ao peito, aponta para baixo, para o pé esquerdo erguido. Este pé significa a libertação; nele o devoto encontra refúgio e salvação. Deve ser venerado para que seja alcançada a união com o absoluto. O gesto da mão que o aponta imita a tromba distendida do elefante (*gaja-hasta-mudrã*) lembrando o filho Ganesh, o removedor de obstáculos.

A divindade é representada dançando sobre o corpo prostrado de um anão-demônio (*Apasmāra Purusa*), chamado esquecimento ou prudência, que simboliza a cegueira da vida e a ignorância humana. Subjuga-o a obtenção da verdadeira sabedoria. Nesta está a libertação da servidão do mundo. E, por final, o anel de chamas e luz (*prabhā-mandala*) que o circunda significa os processos vitais do universo e de suas criaturas e a natureza em sua dança, a mover-se como se a impulsionasse um deus a dançar dentro dela. Ao mesmo tempo, diz-se que significa a energia da sabedoria, a luz transcendental do conhecimento da verdade cuja dança emana da personificação do todo.

O shivaísmo e o dionisismo são essencialmente religiões da natureza e do *eros*. Shiva, assim como Dioniso, representa apenas um dos aspectos da hierarquia divina no plano terrestre. Sua forma ocidental, o dionisismo, representa do mesmo modo uma fase em que o homem está em comunhão com a vida selvagem. Dioniso, tal qual Shiva, é um deus da vegetação e da embriaguez. Seu culto, que desencadeia as potências da alma e do corpo, encontrou uma viva resistência por parte das religiões urbanas que o consideraram anti-social. Shiva, como Dioniso, é representado por elas como o protetor daqueles que se mantêm afastados da sociedade convencional. Simboliza tudo o que é caótico, perigoso, inesperado e que escapa à razão humana e só pode ser atribuído à ação imprevisível dos deuses.

No shivaísmo, a transcendência em relação às normas da vida ordinária é traduzida no plano popular pelo fato de que Shiva é representado como o deus protetor daqueles que não levam uma vida normal e até mesmo dos “fora-da-lei”. O contato com as forças que animam o infra-humano e o supra-humano, que os fiéis de Shiva ou Dioniso buscam, levam os a uma recusa do político, das ambições e dos limites da vida socializada. Trata-se de uma participação ativa numa experiência que ultrapassa e perturba a ordenação da vida material. Eram os impulsos frenéticos que precediam e preparavam a união íntima com o deus, rumo à prostração da razão diante do êxtase compartilhado que levava os fiéis, chamados de bacantes na Grécia e de *bhaktas* (participantes) na Índia.

Para eles, na embriaguez do amor e do êxtase reside a verdadeira sabedoria, que torna possível a comunhão com a natureza e os deuses, enquanto os cálculos e as frustrações limitantes impostas pelas religiões da cidade isolam o mundo dos homens do resto da criação. A mensagem de Shiva e Dioniso é um chamado à alegria na comunhão com a natureza e a simplicidade do coração. Aqueles que pretendem afirmar a superioridade da razão e se recusam a escutar esse chamado serão por eles confundidos, e o deus inspira-lhes a loucura pela qual eles próprios se destroem.

Nos festivais, a suposta ordem da vida cotidiana é aniquilada, suspensa e, em meio a uma desordem nada habitual, as pessoas dão espaço em suas vidas para a expressão intensa da animação, da animalidade, da alegria, da fantasia, da beleza e do prazer em viver o instante, rompendo as usuais barreiras e os limites de tempo e espaço. Em um festival cada segundo é vivido intensamente. Depois que a música começa, sua pulsação e vibração fazem com que os batimentos cardíacos ganhem um novo ritmo que estimula o transe. Aos poucos a pista de dança torna-se o centro da experiência coletiva.

Na virada do ano de 2004, no Universo Paralello, quando a pista de dança estava toda se movendo sincronicamente, o telão – que ocupava o centro da pista, logo acima do DJ – ganhou vida por meio da projeção de imagens que expressavam o universo simbólico que envolve a cultura psicodélica no século XXI. Os estímulos visuais desenvolvidos e projetados pelo artista multimídia Charlie Oliveira¹²⁰, expressaram por meio de imagens arquetípicas¹²¹,

¹²⁰ Charlie Oliveira fez a criação artística do CD-ROM que acompanha esta tese. Muitas das imagens que foram utilizadas no mesmo estão aqui descritas e foram criadas e empregadas por ele em suas apresentações como VJ nas festas e festivais de transe psicodélico.

o “inconsciente coletivo”¹²² não apenas do grupo em questão, mas também de toda a humanidade.

As projeções mostraram o processo de transformação do *Homo sapiens demens*, desde os primatas descobrindo o fogo, até o homem moderno novamente emborçado diante do computador. Ao longo do tempo o ser humano desenvolveu técnicas para sobreviver em meio à natureza e aos poucos foi se separando dela até chegar num ponto em que já desconhece suas raízes, pois quase não tem contato com o meio natural. Por outro lado, chegamos em uma fase da evolução técnica na qual o mundo todo está interligado virtualmente. Da mesma forma, os conhecimentos das diversas culturas que antes estavam isoladas estão agora vivendo uma relação de permeabilidade.

No telão, naquela noite de passagem de ano foram sobrepostas imagens exóticas dos povos indígenas brasileiros, mostrando as raízes ancestrais e também reconhecendo a importância e a riqueza da cultura indígena, que detém uma sabedoria que envolve o viver em harmonia com a natureza. Em seqüência foram lançadas imagens de outras culturas, ilustrando como cada povo tem sua especificidade, sua beleza, seu conhecimento próprio sobre o viver e o morrer. As imagens conduziram a uma viagem pelas mais variadas crenças e religiões. E, para completar, o artista apresentou imagens rápidas de símbolos que ao mesmo tempo complementavam o espaço mental. Os símbolos iam se alternando instantaneamente, gerando a sensação de interligação e complementaridade. De repente uma mensagem sobressaiu: estamos vivendo a integração entre os povos pertencentes a uma só Terra, a humanidade planetária.

“Esse trabalho é uma seqüência de ícones que representam quase tudo que existe de crença na terra hoje em dia. Então, tem o Buda, tem um indiano, tem a cruz

¹²¹Os arquétipos indicam a existência de determinadas formas na psique que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-os “motivos” ou “temas”, e na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das *représentations collectives* de Levy-Bruhl. Já no campo das religiões comparadas, foram definidas como “categorias da imaginação” por Hubert e Mauss. Adolf Bastian designou-as bem antes como “pensamentos elementares” ou “primordiais”. A partir dessas referências torna-se claro que a minha representação do arquétipo – literalmente uma forma preexistente – não é exclusivamente um conceito meu, mas também é reconhecido em outros campos da ciência (Jung, 2000: 53).

¹²² O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos (Jung, 2000: 53)

de Davi, tem a cruz católica; tem vários elementos, os bichos, as plantas, a tecnologia, os elementos orgânicos. E no final das contas passa esse conceito de tudo ao mesmo tempo, de que cada um com suas crenças e cabe a nós o respeito pela multiplicidade planetária.” (Charlie Oliveira, entrevista realizada em 3/6/2004)

Como disse Campbell, a Terra não pertence ao homem, o homem pertence à Terra. O homem não teceu a rede da vida, é apenas um dos fios dela. O que quer que ele faça à rede, fará a si mesmo. O autor sugere que o único mito de que valerá a pena cogitar no futuro imediato é o que fala do planeta, não da cidade, não deste ou daquele povo, mas de todas as pessoas que estão nele; ou seja, falará da sociedade planetária, de “um mundo sem fronteiras”¹²³, como dizia uma música que tocou na mesma noite quando as imagens projetadas no telão transportavam os “viajantes” através do imaginário simbólico da mente planetária.

É claro que a maioria das pessoas que participa dos festivais não realizou conscientemente essas associações, mas é importante destacar que as imagens e os símbolos transmitidos aos participantes são assimilados e de alguma forma registrados no inconsciente, sendo assim, uma maneira de direcionar a experiência psicodélica para uma “viagem interna”, voltada para o psiquismo e para os registros ancestrais contidos na mente humana, os quais dizem respeito à herança cultural de toda a humanidade. As modernas pesquisas da consciência nos mostram que por meio dos estados não comuns de consciência é possível acessar esse profundo território da psique humana (Grof, 2000: 76).

Um símbolo religioso transmite sua mensagem mesmo quando deixa de ser compreendido conscientemente em sua totalidade, pois um símbolo dirige-se ao ser humano integral, e não apenas à sua inteligência racional. Para Eliade (2002:109), historiador das religiões, os símbolos despertam a experiência individual e transmutam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do mundo. Pois é graças aos símbolos que o homem sai de sua situação particular e se abre para o geral e o universal.

As imagens lançadas ao imaginário coletivo foram aos poucos direcionando para um espaço mais interno psiquicamente. À medida a música marcava o ritmo, as imagens eram lançadas simultaneamente mostrando uma pessoa sentada na posição de meditação, enquanto

¹²³ “A world with no boundaries” (a música era em inglês).

todos os seus *chakras* – centros de energia – ganhavam seus respectivos símbolos e cores¹²⁴. As cores pareciam vibrar em torno do corpo humano mostrando, conseqüentemente, a ligação de cada cor com o respectivo centro de energia, assim como a elevação da energia até uma explosão de cores que refletiam o êxtase referente à subida da energia pelos canais do *kundalini*¹²⁵.

Dentre as imagens apresentadas pelo VJ na noite em que todos estavam em transe, um símbolo importante relacionado à interiorização apareceu constantemente: a *mandala*, o círculo mágico que representa o “átomo nuclear” da psique humana. A *mandala* nos remete ao nosso próprio centro, aumentando assim a introspecção, e ainda é um símbolo do movimento e da constante transição de tudo o que existe. A palavra sânscrita *mandala* significa “círculo” no sentido habitual da palavra. No âmbito dos costumes religiosos e na psicologia, designa imagens circulares que são desenhadas, pintadas, configuradas plasticamente ou dançadas. Configurações deste tipo são encontradas, por exemplo, no budismo tibetano, que as utiliza nas práticas meditativas. A meta da contemplação da *mandala* é voltada para que a pessoa perceba o deus que existe em seu interior. Desta forma, pela contemplação a pessoa volta-se para o centro e reconhece a si mesmo como divindade, retornando assim da ilusão da existência individual para reconhecer o divino em tudo que existe.

A *mandala* denota uma tentativa de expressar a totalidade do indivíduo em sua mundividência interior ou exterior por meio de um ponto de referência essencial interno do mesmo. Seu objeto é o si-mesmo (*self*) em oposição ao eu (*ego*). Enquanto o si-mesmo inclui

¹²⁴ A arte ou ciência por meio das cores e da música é muito antiga. Era conhecida dos sábios da Antiguidade e agora está sendo reutilizada. Em eras passadas, a cor e a música foram empregadas para a cura na Grécia e no Egito; as antigas civilizações da Índia e da China também estavam cientes do valor terapêutico da cor e da música. As cores e a música serviam para remover bloqueios de dentro do indivíduo, de modo que as energias naturais pudessem realizar o processo de cura. Isso é possível de acontecer, pois como seres sensitivos, os humanos são altamente susceptíveis aos efeitos vibratórios tanto positivos quanto negativos, sendo assim afetado pelas diferentes vibrações. As cores, as imagens e a música podem ser consideradas formas não-verbais de comunicação. Pois em sinergia, elas despertam para a unicidade de todas as coisas. De acordo com a teoria pitagórica das cores e da música existem frequências vibratórias comparáveis entre as sete cores do espectro e a escala musical de sete notas, tanto dentro dos intervalos e segunda maior, como dentro dos intervalos mínimos. O vermelho vibra com o dó médio, o laranja com o ré, o amarelo com o mi, o verde com o fã (semitom), o azul com o sol, o índigo com o lá e o violeta com o si. As sete cores puras do espectro estão relacionadas com a oitava média do teclado. No entanto, as relações prosseguem entre as oitavas agudas e graves e várias gradações de cores do espectro. As cores que se relacionam com a oitava abaixo da oitava média seriam mais profundas e mais escuras. Enquanto os tons acima da oitava média seriam representados por cores mais claras e mais luminosas. (Bassano, 1997)

¹²⁵ O potencial de cura da respiração é fortemente enfatizado no *kundalini* ioga, que combina prática meditativa com respiração acelerada para alcançarem a elevação extática (Grof, 2000: 194).

a totalidade da psique de um modo geral, ou seja, o consciente e o inconsciente, o eu é apenas um ponto de referência da consciência. A *mandala* com sua ordem rigorosa contida em uma imagem circular compensa a desordem e a perturbação do estado psíquico por meio de um ponto central em relação ao qual tudo é ordenado ou então é construída uma ordenação concêntrica da multiplicidade desordenada dos elementos contraditórios e irreconciliáveis (Jung, 2000: 385).

A partir do imaginário psicodélico podemos observar que os símbolos contextualizados remetem simultaneamente à busca dos participantes por uma identificação grupal advinda da vivência da transformação coletiva e à necessidade da busca pela transformação individual, a qual foi representada por intermédio dos símbolos voltados para a interiorização. Tais características explicitam que a alma humana é tanto individual quanto coletiva e que o seu crescimento só é possível se estes dois lados aparentemente contraditórios chegarem a uma cooperação mútua.

Para Jung (2000: 130-2) é um fato que quando muitas pessoas se reúnem para partilhar de uma emoção comum, emerge uma alma conjunta que fica abaixo do nível de consciência de cada um. Quando o grupo é muito grande, cria-se um tipo de alma animal coletiva. Por esse motivo a vivência grupal é muito mais freqüente do que a transformação individual, pois é mais fácil de ser alcançada, visto que a energia coletiva tem uma força incomparável. O indivíduo na multidão torna-se facilmente uma vítima de sua sugestionabilidade.

A identificação com o grupo é, pois, um caminho simples, mas a vivência grupal não vai mais fundo do que o nível em que cada um está. Algo se modifica em cada um, mas se não existir um processo individual de transformação, essas mudanças não perduram e a pessoa irá depender continuamente da embriaguez da massa a fim de poder acreditar nas mudanças. Na massa predomina a *participation mystique* – participação mística – que envolve o inconsciente coletivo.

Por exemplo, quando na pista de dança os olhares se encontram imediatamente ligando uns aos outros, todos ficam presos à rede invisível da relação recíproca inconsciente. Se esta condição se intensifica, cada um sente-se arrastado pela onda coletiva de identificação com os outros, gerando uma sensação maravilhosamente agradável e arrebatadora de unidade. Nesse momento, os dançarinos tornam-se heróis exaltados pelo grupo. Mas depois, quando tudo termina, cada um volta para si mesmo, redescobre seu nome, sua moradia, sua família, seu

trabalho e percebe que terá que esperar novamente que amanhã aquele intenso prazer se repita, a fim de que possa sentir-se de novo como um povo inteiro.

O ser humano sempre formou grupos que possibilitassem vivências de transformação coletiva, freqüentemente sob a forma de estados extáticos, onde o efeito vivificante das identificações regressivas com os ancestrais gera um maior sentido à vida. Como pode, a atual consciência, que se julga mais “desenvolvida” por utilizar tecnologias mais avançadas, continuar buscando os conhecimentos mais antigos referentes aos estados holotrópicos¹²⁶ de consciência e ao inconsciente coletivo?

A multidão em transe, admirando as imagens simbólicas, mostrou na prática que o ser humano é um arquetípico, que para além da sua vida puramente exteriorizada e prática (seja individual ou social) coexistem determinadas formas psíquicas que compõem o inconsciente coletivo de toda a humanidade, assim como registros dos reinos animal e botânico, da natureza em geral ou do cosmo, bem como aos domínios de seres arquetípicos.

Num universo onde a física e a metafísica são dois aspectos de uma mesma realidade, onde a vida é regida por leis, todo ser vivo é necessariamente a encarnação dos arquétipos que constituem a base da manifestação. Separá-lo de seu arquétipo é impedir de compreendê-lo como um canal entre o céu e a terra. Conhecer a si mesmo é fundamentalmente saber que necessitamos simultaneamente dos dois conhecimentos, o do cérebro e o do coração ou o da consciência racional e das outras formas de consciência, para compreender que o mundo e todos os homens testemunham inelutavelmente a infinidade das possibilidades.

Tempo virá que se saberá de novo que a tradição é uma ciência. Reaprenderemos a ler os livros tradicionais, as línguas sagradas, os símbolos, os ritos e os mitos e perceberemos então que muito já estava dito. Bastava apenas querer ver, sem preconceitos,

¹²⁶ Grof, depois de mais de quarenta anos de pesquisa e observação sobre estados não-comuns de consciência, focando como eles podem contribuir para nossa compreensão da natureza da consciência e da psique humana, escolheu o termo *holotrópico* que significa literalmente “orientado para a totalidade/inteireza” ou “indo em direção à totalidade/inteireza” (do grego *holos* = totalidade/inteireza e *trepein* = indo em direção a algo). Este termo sugere que, no estado de consciência cotidiana, identificamo-nos com apenas uma pequena fração de quem realmente somos. Nos estados holotrópicos, podemos transcender as fronteiras restritas do ego corporal e reivindicar nossa identidade total (Grof, 2000: 18).

sem parcialidade e, sobretudo, sem o orgulho do homem do século XX que pensa que, desde que a ciência existe, só ele compreendeu.

Alguém pode, de boa-fé, convencer-se de que não tem idéias religiosas. Mas ninguém pode colocar-se à margem da humanidade, de forma a não ter nenhuma *representação coletiva* dominante, impulsionada pela força sugestiva e emocional extrema. Os “ismos” – sejam: materialismo, ateísmo, comunismo, naturalismo, liberalismo, intelectualismo, existencialismo, anarquismo, humanismo, psicodelismo etc. – testemunham contra sua inocência. De alguma forma, em alguma parte, aberta ou dissimuladamente, ainda é possuído por uma idéia supra-ordenada (Jung, 2000: 74).

Os estados alterados de consciência alcançados nos festivais psicodélicos mostram que carregamos, em nossas diversas formas de consciência, não apenas toda a humanidade, mas também todo o cosmo, inclusive seus mistérios. Somos portadores da cultura na sua universalidade e nas suas características singulares, somos os criadores e as criaturas da esfera do espírito e da consciência. Somos os criadores dos reinos do mito, da razão, da técnica, da magia e da estética. Estamos enraizados em nosso universo e em nossa vida, mas nos desenvolvemos para além disso.



Pintura realizada por Marcelo Jaz em homenagem ao centenário de Albert Einstein para o Festival Trancendence 2005. Foto: Ana Flávia Nogueira Nascimento

É, portanto, por conter o todo, mesmo sendo parte desse todo, comportando os seus antagonismos e contradições, que cada ser humano carrega a forma inteira da condição humana. Carrega-a como um microponto singular do holograma, que reflete o macrocosmo. O ser humano contém a multiplicidade interior, as personalidades virtuais, uma infinidade de personagens reais e imaginárias, o sono e a vigília, a obediência e a transgressão, a efervescência e sua solidão, a consciência racional e uma multiplicidade de dimensões de consciências inimagináveis, as quais encontram espaço nos festivais psicodélicos, para se tornarem expressão artística e estética, espelhando, conseqüentemente, a complexidade extraordinária desse misterioso Universo.

“A arte de ser *trancer*”¹²⁷

Os *trancers* reconhecem-se pelo olhar porque a luz que brilha nos seus olhos é a mesma que brilha nas estrelas, não resistem a mostrar aos outros as constelações dos céus e... dançam juntos quando chega a luz da madrugada. Um *trancer* olha nos olhos de um desconhecido, fala de amor à primeira vista, de almas gêmeas, defende idéias que parecem ridículas, chora mágoas e decepções antigas, alegra-se com novas descobertas, diverte-se, brinca, é irreverente, faz perguntas inconvenientes, diz tolices, disfarça-se de louco quando sofre de lucidez e... dança com seus companheiros. Já agiu muitas vezes incorretamente, já traiu e mentiu muitas vezes, já trilhou caminhos que não eram os seus e perde-se, vezes sem conta, em labirintos até recuperar novamente seu caminho. Já disse sim quando queria dizer não, já feriu os que mais ama, já foi a muitas festas e procurou a paz, a esperança e o amor na música, nos lugares, nos espaços, nos outros, nas drogas... Um *trancer* cai nestes abismos muitas vezes, mas quando reúne toda a sua força para sair, descobre que é dentro de si que encontra o amor, a paz, a luz... então vive a esperança de ser melhor do que é... e dança enquanto caminha. Senta-se num lugar tranqüilo da floresta e procura não pensar em nada: descansa, contempla, presta atenção à sua respiração, ao vôo do pássaro, ao aroma da flor e, conectando-se com a alma do universo, anda suavemente, sente que participa na dança universal e... flutua enquanto dança. No caminho que livremente escolheu, um *trancer* sabe também que tem que lidar com gente que não presta atenção às pequenas coisas, que não sabe que tudo é uma coisa só, que cada ação nossa afeta todo o planeta, que cada pensamento nosso se estende muito para além da nossa vida, que cada minuto pode ser uma oportunidade para nos transformarmos, que estamos no mundo não para combater o mal ou condenar e julgar o outro e... dança enquanto ama. Mas porque é um peregrino, um caminhante em busca espiritual, um mendigo do amor, um *trancer* senta-se à roda da fogueira e dá as boas-vindas aos estranhos. Usa a sua intuição e não se desespera quando o acham um louco a viver num mundo de fantasia. Não tem certezas, mas sabe que nem todos os caminhos são para todos os caminhantes e... ensaia novos compassos de dança. E segue em frente e faz pontes entre o céu e a terra, entre a vida profana e a espiritualidade a que se aspira, entre o visível e o invisível, entre o compreensível e o indizível, e então, pouco a pouco,

¹²⁷ “A arte de ser *trancer*” é obra de algum *trancer* que não quis se identificar. O texto foi coletado como material de pesquisa de campo em alguns festivais pesquisados.

outros se aproximam, reúnem-se e iniciam os seus caminhos à volta dos seus ritos, símbolos e mistérios... e dançam a roda da fogueira. Um *trancer* conhece o silêncio como a linguagem do indizível, do que não se explica, apenas se sente. Conhece também o poder das palavras e não é tagarela. Não quer parecer ser, ele simplesmente é. Não sabe de onde veio nem para onde vai, mas sabe que está cá para amar. O afeto e o carinho fazem parte da sua natureza – tanto quanto respirar – e porque busca o amor, um *trancer* arrisca mais que os outros. Arrisca a se sentir derrotado e rejeitado no corpo e na alma, a intimidar-se com o silêncio ou com a indiferença, a decepcionar-se e a magoar-se, mas não desiste porque sabe que sem amor, ele simplesmente não é... então mergulha com paixão na vida, olha com doçura e serenidade o mais velho ou a criança, reconhece no seu olhar toda a história da sobrevivência da humanidade e... ri e dança com seus companheiros. Um *trancer* sabe que é livre para escolher: passa noites de insônia, interroga-se pelo sentido da vida, sobre o que é definitivo e o que é passageiro, questiona as aparências, as fórmulas, as opiniões dos outros, se vale a pena tanto esforço... é, então, capaz de largar tudo e correr para a aventura porque resiste a viver um papel que os outros escolheram para si. As suas decisões são sempre tomadas com coragem e loucura, inventando novas coreografias, ao sabor dos ritmos cósmicos, de noite ou de dia, à luz ou nas trevas, no inverno ou no verão... dança, dança e dança...

Muita paz...

ÁGUA: FLUIDEZ DA VIDA

“Uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e para dissolver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada em profundidade. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida um impulso inesgotável.

Poderíamos realmente descrever um passado sem imagens da profundidade? E jamais teremos uma imagem da profundidade plena se não tivermos meditado à margem de uma água profunda? O passado de nossa alma é uma água profunda.

“A morte é uma viagem e a viagem é uma morte. Partir é morrer um pouco. Morrer é verdadeiramente partir. E só se parte bem, corajosamente, nitidamente, quando se segue o fluir da água. A corrente do largo rio. Todos os rios desembocam no rio dos mortos. Apenas essa morte é fabulosa, apenas essa partida é uma aventura!

A vida deve flutuar como um sonho. A água também é uma vasta unidade (...). Pelo menos um ouvido poetizado leva à unidade vozes discordantes quando se submete ao canto da água como a um som fundamental. O riacho, o rio, a cascata têm, pois, um falar que os homens compreendem naturalmente. Como diz Wordsworth é uma música de humanidade.”

Gaston Bachelard
(1989)

“E de seus lábios, como de um jacinto cheio de orvalho de mel, tomba gota a gota um murmúrio líquido que faz morrer de paixões os sentidos, tão doce como pausas da música planetária ouvida no êxtase.” Shelley (in Bachelard, 2001a)

Na era planetária, aquilo que parece novo possui sólidas raízes ancestrais. Esta dissertação possibilitou uma reflexão sobre os festivais de transe psicodélico, considerando essas manifestações como um espelho que reflete a situação complexa da contemporaneidade. Pretendi, aqui, ir além da mera identificação social de tais fenômenos como “bodes expiatórios” sobre os quais incidem toda a culpabilidade vitimizadora explicitada pela mídia. Tive como meta romper também as fronteiras impostas ao conhecimento, na busca pela unidade complexa de um fenômeno global que explicita a força da consciência coletiva retomando o sentimento de humanismo capaz de despertar a solidariedade e direcioná-la para todo o planeta.

No que tange à nossa história, o processo civilizatório encontra seus fundamentos no que se convencionou chamar “princípio de individuação”. Uma ênfase desmedida dada ao indivíduo levou ao esquecimento ou anulação do “ser-conjunto”. A sociedade contemporânea encontra-se mergulhada em uma solidariedade moral, mecânica, mascarada e intencional. Por outro lado, existe também a solidariedade orgânica em que se correspondem, num movimento interminável, a relação com o cosmos e a relação com o

outro. O mistério contido nos festivais psicodélicos se mostra então como uma manifestação típica de tal sentido realizado no coletivo.

O comportamento dos animais, principalmente dos primatas, mostra de onde advém nossa necessidade de estar em bando e de pertencer a um coletivo que apresenta formas de generosidade, de cuidado e de associação para o bem do todo. Entretanto, nenhum outro animal apresenta emoções tão profundas como os seres humanos, pensamentos tão grandiosos ou mesmo destruidores e nem mesmo atos de fé que transcendem a realidade visível e manifesta o desejo oculto de discernir entre o bem e o mal. O animal humano dispõe da consciência da morte e da certeza da finitude do corpo. E, diante deste fato, cria e recria um fabuloso imaginário que cultua a transcendência e a imortalidade.

“Como dupla face de uma mesma moeda, essas duas experiências cognoscentes que se opõe e se complementam gestaram um corpo capaz de se perceber ao mesmo tempo finito e infinito, real e imaginário, percívél e transcendente, natural e cultural. É no interior do paradoxo entre a certeza da morte e sua negação que os humanos construirão sobre-sentidos que os distinguirão de outros animais. Isso porque, segundo Morin, a espécie humana é a única para a qual a idéia da morte está presente durante toda a vida; a única que crê na sobrevivência ou renascimento dos mortos; a única que faz de tudo para retardar a morte. E se esse sentimento de horror à morte emerge de forma diversa de cultura para cultura, não deixa de ser verdade que a idéia de morte paralisa a construção da vida social, desde as tecnicidades até os ideários míticos, científicos ou religiosos.” (Almeida, 2002: 41-56)

Os animais vivem o instante por si mesmo, diferente dos seres humanos que carregam, em sua consciência presente, os fardos do passado, assim como as expectativas para o futuro que, ainda que incerto, virá. Nossa espécie diferencia-se principalmente dos animais por possuir emoções, sentimentos, pensamentos, consciência auto-reflexiva, sabedoria e demência, e ainda cria e recria crenças que se estendem para além da vida. Para nós que carregamos tantas marcas em nosso corpo, mente e espírito, o esquecimento absoluto deveria vir apenas com a morte, mas muitos acreditam que a vida é mesmo uma preparação para a morte.

Os animais, como as crianças, que vivem em um estado de ser instintivo, entregam-se intensamente ao presente, de forma espontânea e simples. No entanto, os seres humanos

tendem a “civilizar” tanto os animais quanto as crianças e impor inúmeras regras e condutas sociais que passam a restringir sua naturalidade.

“A humanidade não se reduz, de modo algum, à animalidade, mas sem a animalidade não há humanidade. O humano só se torna plenamente humano quando o conceito de homem comporta uma dupla entrada: uma biofísica e uma psico-sócio-cultural, uma remetendo a outra.” (Morin, 2002b: 34)

A cultura e a sociedade proíbem as pulsões da animalidade humana, introduzindo desde a infância, no espírito dos indivíduos, normas e interdições. Assim, o ser humano é submetido a um confronto ininterrupto entre o princípio do desejo e o princípio da realidade, entre a sua necessidade de respeitar as regras sociais e a sua tendência a negá-la.

Em todas as sociedades há simultaneamente a presença do pensamento racional (empírico, técnico) e do pensamento simbólico (análogo, mágico). Por mais diversas que sejam, as culturas têm um mesmo fundamento. Em todas as sociedades há música, canto, dança, poesia, linguagem, racionalidade e religião, técnica e magia, rito, culto, e até sacrifício (humano e animal), que foi um aspecto fortemente presente nas culturas do passado e que continua vivo em certos rituais. Simultaneamente à cultura, os seres humanos desenvolvem um universo psíquico e imaginário que nos transporta para além da razão e da individualidade.

A racionalidade é uma disposição mental que suscita um conhecimento objetivo do mundo exterior. Por um lado, os avanços da ciência, da técnica e da economia confirmam a eficácia da racionalidade humana; por outro, evidenciam suas conseqüências desastrosas e ineficazes no âmbito global. Contudo, essa qualidade não é única e soberana. O ser humano é dotado também de um psiquismo que contém afetos, impulsividades, valores que envolvem os mais diversos ideais, assim como crenças espirituais e religiosas.

A afetividade invade as manifestações humanas. A procura do gozo dissemina-se fora da volúpia física, na busca do poder ou do dinheiro, quando se torna ambição. Invade o mundo do saber e do pensamento e torna-se adesão às certezas, apego às idéias. Ligada ao jogo, torna-se paixão. Ligada à droga ou ao fervor místico, tende ao êxtase. Ligada ao imaginário, dá substância e realidade aos espíritos, deuses, mitos e idéias. As erupções psicoafetivas constituem a humanidade. Delirante, a afetividade leva ao crime ou à transgressão do socialmente permitido.

Somos seres complexos, pois reunimos em nós traços contraditórios. E não adianta negar ou tentar esconder o lado *demens* do *sapiens*, pois quando menos esperamos este tende a tomar a cena. Sendo assim, razão e loucura não se excluem, são complementares. É preciso considerar que a loucura é um problema central do homem e que os momentos despendidos em ritos, magias, jogos, teatros e outras atividades lúdicas são constituintes da espécie humana.

O progresso da complexidade fez-se também por meio das loucuras, que explicitam a esfera irracional do ser humano, assim como o caráter dual de sua personalidade. A dualidade entre bem e mal, guerra e paz, cultura e natureza impulsionaram a construção e a destruição da história mundial. O lado sombrio do espírito humano ainda não conduziu a espécie humana à extinção. Contudo, já destruiu muitas culturas, sabedorias, e agora está colocando em risco a vida no planeta Terra. Justamente em virtude do progresso técnico e científico, a razão humana é mais mortífera do que nunca, com possibilidades de destruição e mesmo de aniquilamento das espécies desconhecidas até o século XX. Apenas as energias nucleares liberadas pelo desenvolvimento da racionalidade técnica poderiam, paradoxalmente, levar a humanidade a desaparecer em milésimos de segundos.

Atualmente vivemos uma crise planetária eminente. O caos das guerras é exibido dia-a-dia nos noticiários, os quais não faz muito tempo começaram a mostrar os desastres ambientais que dizimam milhares de pessoas de uma só vez. Os seres humanos, distanciados de sua raiz originária, a natureza, são perseguidos pelos temores da vida e da morte. A cada dia que passa o homem agride o meio ambiente de forma mais impiedosa, e embora esse mesmo meio ambiente venha dando seus alertas, muitos ainda não estão aptos a perceber e a mudar. E assim caminha o planeta, nas mãos de muitos homens poderosos que pensam apenas no progresso, no dinheiro, no poder e na dominação, os quais se colocam como superiores à natureza, considerando a si próprios donos da razão. Esquecem-se de que em um piscar de olhos essa mesma natureza pode destruir todos.

Em uma sociedade regida pelo sistema capitalista, em que o tempo é igual a dinheiro, tudo está centrado na economia. Deixamos de ser seres naturais e nos tornamos seres econômicos, e desta forma passamos a destruir nosso próprio meio ambiente. Embora antes acreditássemos que a manipulação da natureza seria em nosso benefício, agora se torna cada vez mais claro que estamos destruindo a nós mesmos quando não cuidamos de nossa

Terra Mãe. Não há dúvida de que nós, modernos, fomos despidos das revelações naturais da própria natureza. Porém já é possível refletir sobre o que acontece quando destruímos nosso ambiente, nossas raízes.

O mundo se tornou tão absolutamente mecanicista que não passamos de um padrão previsível de esquemas que reage a estímulos. Essa postura baniu da vida moderna todo o livre-arbítrio de viver o instante de maneira espontânea. Percebe-se que ser moderno é extremamente árduo. O esforço é tremendo e o trabalho para se manter dentro das regras do sistema capitalista tornou-se uma tarefa que exaure e consome a maioria dos nossos momentos. Viver para sobreviver mata na origem a liberdade. E atualmente a grande maioria da humanidade não pode viver senão para sobreviver.

Ao longo da história, as sociedades urbanas e industriais, exploradoras e destruidoras do mundo natural, opôs-se a qualquer aproximação ecológica ou mística, à liberação do homem, para a experiência direta de sua espiritualidade inerente. Uma das armas sociais de controle têm sido as religiões urbanas, as quais, por meio da moral, baseadas em dogmas, conseguiram até certo ponto disciplinar a animalidade humana, bem como sua espiritualidade intrínseca.

Os rituais antigos eram organizados de maneira que ajudavam os participantes a experienciar eles mesmos, o mundo e a ordem social da qual faziam parte, de forma diferente da qual estamos habituados. Atuando de maneira mística, ultrapassavam os campos de separação entre o homem e a natureza para buscar uma vivência de integração e completude, que talvez representasse a vivência corporal e energética do arquétipo da totalidade. A sociedade capitalista cultivou valores individualistas que afastaram as pessoas da experiência coletiva, fazendo com que o indivíduo ficasse à mercê de sua própria dor e de suas limitações. Por outro lado, nas sociedades ancestrais, os rituais de passagem marcavam as mudanças nas fases da vida, que eram compartilhadas com o grupo. Muitas cerimônias envolviam a dor, que era sentida por meio de dentes arrancados, escarificações, circuncisões e toda sorte de artifícios para que o homem abdicasse de seu corpo infantil e passasse a integrar o mundo adulto. Esses rituais envolviam um processo de morte e renascimento para uma nova posição social. No mundo atual, os jovens que crescem nas cidades não têm a

oportunidade de efetuar essas transições simbólicas. Sendo assim, onde eles vivenciam seus ritos e mitos?¹²⁸

Ao longo do tempo, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se esvaiu. Com isso, perdemos efetivamente algo essencial. Essas informações, provenientes dos tempos antigos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os mistérios e sinais ao longo do caminho. Os mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação da vida. Todos precisamos compreender a nossa história. Todos precisamos compreender a morte e enfrentá-la, e necessitamos de ajuda em nossa passagem para a vida e depois para a morte. Necessitamos que a vida tenha significação, tocando o eterno, compreendendo o misterioso, para por fim descobrirmos quem somos.

Assistimos hoje a um mundo carente de mitos, mas que busca incessantemente novos significados. Em nosso país existe uma riqueza incrível de mitos indígenas sobre a origem do Universo, as relações humanas, a vida e a morte. Porém a colonização católica nos separou de nossas origens ancestrais e perdemos o contato com a sabedoria desses povos. O lema da nossa bandeira – “Ordem e Progresso” – nos remete ao espírito controlador, sendo que o progresso traz uma conotação de ascensão e evolução, pensamento que classifica as sociedades ancestrais como inferiores, descartando todo o conhecimento e a tradição desses povos em detrimento do conhecimento ocidental e europeu baseado na ordem.

O século XXI reflete um momento de desordem, em que os pilares institucionais estão caindo e a mídia manipula a sociedade, gerando, por um lado, medo e tensão, e, por outro, o desejo insaciável de consumo.

Diante da insegurança e do desânimo que marca o “mal-estar da cultura” (Freud) ou o “mal-estar na pós-modernidade” (Bauman, 1998), o signo por excelência da contemporaneidade é o nomadismo amplificado que nunca consegue fixar-se em nada, porque extasiado pelo imediatismo do tempo real e fascinado pela imagem do “turista vagabundo” (Idem: 118) não consegue transpor o lado *demens* do *sapiens*. Característica

¹²⁸ De acordo com Campbell (1990), a mitologia é a organização de narrativas simbólicas e imagens que são metáforas das possibilidades da experiência humana e das realizações em determinada cultura em certa época. A mitologia é uma metáfora. Para o autor, o mito fala das energias que movem a consciência. O mito tem a ver com a harmonização da consciência, em relação à base do ser na natureza, no corpo, que é em si uma manifestação do mistério. A mitologia ajuda a harmonizar a vida individual com a vida social e demonstra isto por meio de metáforas que levam à transcendência. O primeiro campo a ser transcendido é o meio ambiente em que estamos, o mundo em que vivemos.

que explicita o fato de que “os indivíduos não são somente assujeitados pela sociedade e sua cultura, também o são por seus deuses e suas idéias”(Morin, 1999: 21).

A prosa em nossa civilização, o primado do econômico, a invasão do tempo cronometrado em detrimento do tempo natural, o aumento da pressão das cadeias burocráticas sobre um mundo fragmentado, monetarizado e a explosão do liberalismo econômico triunfante leva muitas vezes ao desabamento das grandes esperanças de mudar a vida; tudo isso, por efeito contrário, estimula as resistências poéticas na sociedade, que se explicitam cada vez mais, por meio da necessidade de aventuras, de música, de encontros coletivos, festas e muita intensidade vivida no instante. “É, segundo a expressão de Michel Maffesoli, o retorno de Dioniso. Quanto mais a prosa invade a vida, mais a poesia reage” (Morin, 2002b: 139).

Como coloca Maffesoli, o paradoxo atual implica o sentimento trágico-lúdico, enquanto inconsciente coletivo, retornando com força total na vida cotidiana. O que expressa a busca pelo prazer do instante, porque o trágico implica o desejo de aproveitar o que é naturalmente efêmero. E é no estado poético que o ser humano sente a “verdadeira vida”, pois está contido em seu próprio fim, diferente do estado prosaico que tem sempre finalidades exteriores a curto, médio e longo prazos. A finalidade da poesia é ela mesma: fazer com que o transe proporcionado se torne realidade.

A esfera lúdica situa-se fora da sensatez da vida prática, nada tem a ver com a necessidade ou a utilidade, com o dever ou com a verdade. Isto pode aplicar-se também à música. Além disso, as formas musicais são determinadas por valores que transcendem as idéias lógicas e até mesmo nossas idéias sobre o visível e o tangível. Esses valores musicais só podem ser compreendidos por intermédio da sensibilidade dos próprios ouvintes.

Huizinga (2004) mostrou a presença extremamente ativa do lúdico em todos os processos culturais, como fator criador de muitas formas fundamentais da vida social. O ritual teve origem no jogo sagrado. Daí sua conclusão de que a cultura é um jogo. Ela surge no jogo e enquanto tal contém simultaneamente momentos de sensatez e loucura.

Jogar e se divertir, amar, expor-se ao sol, aproveitar-se do tempo que passa, enfim, tudo o que constitui a aventura existencial inscreve-se por um efeito na ordem da medida. Mas será possível economizar-se o efervescente querer viver social? É impossível e desinteressante mensurar a felicidade, pois não há critérios que possam conferir pertinência

a tal mensuração. Quem poderá dizer que o homem antigo desfrutou melhor a vida ou viveu com maior plenitude que o contemporâneo?

Esta pesquisa dedicou-se à esfera do humano, que busca dançar para atingir o êxtase coletivamente. Os participantes dos festivais psicodélicos, entregues à contemplação estética e em sua maioria impulsionados pelo uso de substâncias embriagantes, atingem o êxtase, onde o prazer primordial é vivido de maneira intensa. Quando as barreiras e os limites são aniquilados, um elemento letárgico parece apagar toda a vivência pessoal do passado. E assim separam-se, por meio de um abismo de esquecimento, o mundo da realidade cotidiana e o da vida ritual.

“Sob a magia do dionisíaco torna a selar-se não apenas o laço de pessoa a pessoa, mas também a natureza alheada, inamistosa ou subjugada volta a celebrar a festa de reconciliação com seu filho perdido, o homem. Espontaneamente oferece à terra as suas dádivas e pacificamente se achegam às feras da montanha e do deserto. O carro de Dioniso está coberto de flores e grinaldas: sob o seu jugo avançam o tigre e a pantera. Se se transmuta em pintura o jubiloso hino beethoveniano à ‘Alegria’ e se não se refreia a força da imaginação, quando milhões de seres frementes se espojam no pó, então é possível acercar-se do dionisíaco. Agora o escravo é homem livre, agora se rompem todas as rígidas e hostis delimitações que a necessidade, a arbitrariedade ou a moda impudente estabelecera entre os homens. Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçassem diante do misterioso Uno-primordial. Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar, e está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares. De seus gestos fala o encantamento. Assim como agora os animais falam e a terra dá leite e mel, do interior do homem também soa algo de sobrenatural: ele se sente como um deus, ele próprio caminha agora tão extasiado e enlevado, como vira em sonho os deuses caminharem. O homem não é mais artista, tornou-se a obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial, revela-se aqui sob o frêmito da embriaguez.” (Nietzsche, 1992: 31)

O ser humano mortal (como todo ser vivo) é um hipermamífero que desenvolveu as potencialidades da vida, as quais exprimem ao extremo as qualidades egocêntricas e altruístas do indivíduo, atinge os paroxismos da vida nos êxtases e na embriaguez, ferve de amores e ardores orgiásticos e orgásticos. Os seres humanos são oriundos de uma aventura cósmica, a qual se torna acessível e perceptível por meio das experiências obtidas em estados alterados de consciência que os arrebatam da personalidade egóica e os inserem em uma misteriosa sensação e percepção de unidade primordial e fusão com a totalidade cósmica do Universo. O cosmo criou-nos à sua imagem, há uma auto-organização do cosmo

a partir de uma desordem extraordinária e de alguns princípios de ordem: o cosmo se faz destruindo-se e se desfaz construindo.

“O indivíduo humano não pode, certamente, escapar de sua sorte paradoxal: ele é uma pequena partícula de vida, um momento efêmero, uma insignificância, que contém em si a plenitude da realidade viva: a existência, o ser, as atividades, e assim ele contém em si a totalidade da vida, sem deixar de ser uma unidade elementar da vida. Ao mesmo tempo contém a plenitude da realidade humana, com a consciência, o pensamento, o amor, a amizade e a própria totalidade da humanidade, sem deixar de ser a unidade elementar da humanidade.” (Morin, 1999: 17)

Desde que o individual cede ao coletivo, os grandes valores da atividade, da energia, da economia de si próprio no mundo são relativizados. O eu se dilui numa entidade mais ampla, na qual as fronteiras tendem a dissolver-se. Os símbolos referentes à estética psicodélica permitem a continuidade do sentimento que o grupo nutre por si próprio. A participação no festival psicodélico implica a teatralidade social e, assim, cada cena vivida coletivamente é importante. Na teatralidade, o que preside o ordenamento da cena é o sentimento de participar de uma representação geral que corresponde à captura da totalidade.

É nessa perspectiva simbolista que os festivais de transe psicodélicos podem ser apreciados. Neles, a sociabilidade opera por meio do movimento, que permite a cada um atualizar suas potencialidades. É no e pelo coletivo que cada um se expande, e esta expansão dá alento e bem-estar comum. Esse sentimento de “estar aí”, jogado no mundo, dissolve-se na comunhão mais intensa, que serve à irrigação da totalidade da existência, do sentido de pertencimento coletivo. Desta maneira, nutre-se um acordo com o universo, com a natureza, com o ambiente necessário ao acordo grupal. A efervescência dionisiaca-shivaísta, característica desses acontecimentos, instaura um sentido de “correspondência” profunda entre os participantes, chamada de “união cósmica”, a qual permite a cada elemento encontrar organicamente seu lugar e finalidade, voltando-se para o esgotamento no próprio ato que assegura a permanência do todo.

Os festivais como meios de sociabilidade representam uma iniciação para todos, incitando a vivência de um estilhaçar-se no grande todo cósmico. A existência é uma criação comum. A comunhão coletiva serve para rememorar a criação comum. Ao fazer a

mímica da desordem e do caos por meio da confusão dos corpos, o mistério dionisiaco-shivaísta funda periodicamente uma nova ordem.

O êxtase e a transcendência, estados buscados nesses encontros festivos, remetem à superação de si mesmo. Assim, numa perspectiva não-linear, que remete ao cíclico retorno do mesmo, podemos pensar que a ultrapassagem do individualismo, o retorno do mito ou do simbólico não são patológicos, mas traduzem uma outra maneira de um grupo humano se expressar e se sentir enquanto tal. Portanto, a efervescência e a preeminência dos sentidos não são consideradas um sintoma, mas sim manifestação do que é parte integrante do corpo social.

Frente a um tempo histórico dominado pela produção racionalista e material encontra-se um tempo poético e erótico, um tempo do corpo amoroso, do oculto, do qual se organiza a perduração da sociabilidade. É ainda à volta deste tempo que se organiza a manutenção do politeísmo, frente ao processo reducionista e ao totalitarismo monoteísta religioso e político. Apreciar o social como divino é compreender, em toda sua dimensão, o que se chama politeísmo: os deuses são como umas tantas manifestações dos diversos atributos do corpo social. Acaba então o princípio da individuação, o sujeito definido pela ideologia burguesa não mais existe e apenas adquire sentido no e pelo coletivo. Em *O lobo da estepa*, Hermann Hesse (1972) declara: “só se vive intensamente à custa do próprio eu”. É esta a melhor característica dos festivais, a perda do “próprio eu” no coletivo que dança.

Os cultos shivaístas e dionisiacos remetem ao movimento constante. Shiva é ao mesmo tempo deus criador e destruidor. Suas mulheres – Durga, Kali, Parvati – são ao mesmo tempo amorosas e sanguinárias. A pluralidade de figuras que representam atesta a essência mesma do orgasmo, que consiste na conjugação dos caracteres e na multiplicação das paixões como formas de superação de toda individuação mortífera. O deus enlaçado por serpentes ou enfeitado com colares de crânios pendurados brinca com a morte, ritualiza e exorciza a angústia da finitude. Em resumo, eis o mistério dionisiaco-shivaísta: enfrentar coletivamente, pela pluralidade dos afetos e dos corpos, o problema intransponível do limite e da morte.

O êxtase, a embriaguez e a efervescência, tudo isto tem por função essencial conjurar o perigo ameaçador do inferno da morte. Shiva, o ambivalente, a própria síntese dos afetos angustiantes, formula em seu culto uma técnica simbólica para o desenrolar existencial,

como um exorcismo que permite que a expressão cruel e obscura possa diluir-se no corpo social. A eficácia é catártica e se inscreve num espaço estético cuja grandeza é inegável.

A união mística volta-se para entidades divinas, tais quais o casal primordial, o sol e a lua como um modelo desta união representada também no simbolismo do yin e yang – princípio feminino e masculino –, ou seus substitutos, a música e a dança, que aparecem como constantes antropológicas. Se o misticismo é orgiástico é porque ultrapassa a pura experiência individual; trata-se de uma expressão coletiva. Assim como o artista, o místico faz-se porta-voz da divindade que, tendo se apoderado de seu espírito, coloca-o a seu serviço. Por não poder contentar-se com um objeto de amor afetado pela finitude, o místico pretende copular com o conjunto por intermédio daquele que o simboliza: deus. O êxtase orgiástico leva à união com o outro, que também é a divindade. É um complexo que conduz as pessoas a se unir, a se fundir para lutar contra a angústia do tempo que passa. (Maffesoli, 1985: 56-62).

A música é uma pluralidade que pretende atingir a unidade. Ela é ao mesmo tempo tensão e equilíbrio. Por meio das tensões, pode-se pôr em destaque o que existe entre a dissonância e a consonância, a tensão que existe entre o ritmo e a melodia etc. Os diversos elementos da música se separam e se reúnem constantemente. São elementos que se enfrentam e se aquietam na união que leva à integração cósmica, à integração de todas as diferenças.

Nas religiões em que o misticismo e os contatos com o sobrenatural representam um papel importante, evidencia-se a fusão com o grande todo ou a comunhão com a natureza como constantes da experiência extática. É, portanto, uma característica que convém conhecer de perto, por levantar questões importantes da sociabilidade de base. A comunhão coletiva é uma das modalidades de relação com a alteridade. A liberação extática remete a alguma coisa que a alma deseja e aspira, à qual possa atingir pela descoberta de um valor intenso e irresistível dos sentidos e de sua deliciosa fruição.

O encontro dos homens pode gerar a fusão social que conseqüentemente estabelece o sentimento correspondente à união cósmica. Como parte integrante de um conjunto, cada indivíduo torna-se parte de um todo maior do que ele, e isso o tranqüiliza. Assim se define a organicidade de base que faz os seres e as coisas vibrarem num mesmo diapasão. Tal

perspectiva aponta para uma dimensão impessoal, além do individual, que introduz a transcendência como experiência que estrutura a sociabilidade.

Ao transcender a si próprio, o indivíduo se agrega a elementos contraditórios para formar um todo, que valoriza sua existência. Os festivais de transe psicodélico são vivenciados como comunhão coletiva que permite o reconhecimento por parte dos outros, que aceitam a transgressão dos limites, e isto é o essencial compartilhado. Só podemos existir na medida em que fizermos parte de uma ordem na qual integramos nossa diferença assumida num todo, a qual vai além de nós.

A unidade alcançada por meio do êxtase coletivo harmoniza a pluralidade das diferenças, das tensões e contradições que compõem o cenário dos festivais psicodélicos. Em oposição à solidão da vida urbana, individualista, encontra-se aqui um elemento de solidariedade comum. Assim, em vez de recusar a realidade do contraditório e da violência inerente ao humano, este grupo integra a animalidade e a pluralidade, numa dinâmica social criada por espíritos livres. É neste sentido que o erotismo coletivo vivenciado nos festivais remete ao trágico, porque o equilíbrio é buscado por meio do “querer viver” permanente, que diz sim à vida e à repetição de momentos de extrema alegria coletiva.

Portanto, enfrentando a sociedade progressista, que funciona com base no projeto de futuro, os festivais expressam a força do querer viver no presente, fazendo da vida uma obra de arte em constante transformação. A organicidade e a harmonia contraditória acham-se na base dessa expressão ritual que alimenta a crueldade e a ternura por meio de encenações poéticas, estéticas e imaginárias que vão além do que pode ser observado.

Nos festivais forma-se um campo de simpatia mística que une cada indivíduo ao ambiente natural e todas as pessoas ali presentes, assim como todos os seres, vivos ou não, que a ele se acham associados. Essa globalidade cósmica concebe o universo em sua totalidade. E, assim, não é mais possível rejeitar nenhum aspecto da totalidade; trata-se de reconhecer a inter-relação entre tudo o que existe. A metáfora psicodélica é a expressão deste ritmo poético, o qual, indo além do bem e do mal, pretende unir ou promover a fusão dos elementos da totalidade multidimensional.

O prazer tanto quanto a fruição não significam apenas repouso e desperdício. O transe psicodélico permite que a parte de sombras que ronda o corpo individual e social, seja simbolicamente integrada para então dar força à trama social cotidiana. Esse agrupamento é

por si só a causa e o efeito de tais encontros. É ele que pode explicar, no âmago do conformismo mais aparente, a continuidade do espírito de aventura, do libertarismo e da libertinagem. Estabelece um dos sobressaltos de revolta que pontuam as histórias humanas. Convencida da precariedade e da finitude momentânea de todas as coisas, a sabedoria contemporânea de todos os dias é profundamente hedonista, isto é, integra o trágico e enfatiza o lúdico como especificidade do humano.

O lúdico é constantemente habitado pela idéia de morte. Nas manifestações festivas paira a sombra carregada da finitude. Estas manifestações cristalizam a angústia do tempo que passa e a integram em um ritual, que a torna aceitável. Na ritualização festiva, a morte e a vida se apresentam em sua ambivalência e em sua complementaridade. O indivíduo pode até perder a vida, mas o todo, o conjunto, sobrevive. A existência coletiva perdura. É isto o que os festivais simbolizam, a ordem cósmica tranquilizadora, o vaivém constante que se estabelece entre esta ordem e o caos original.

Quando o ser humano experiencia o êxtase coletivo, sua energia interna é amplificada proporcionalmente àquela gerada pelo grupo, permitindo assim reconhecer a força que existe além de si. Portanto, a experiência do transe psicodélico em um festival, que envolve pessoas de diferentes partes do planeta, abre um campo de energia e um campo de consciência voltado para a totalidade. Essas experiências no plano de integração entre o físico, o mental e o espiritual podem agir como fonte de satisfação às necessidades arquetípicas¹²⁹ e ancestrais, enraizadas nas profundezas da natureza humana.

Ao dançar coletivamente, os participantes dos festivais psicodélicos são arrebatados pelo êxtase que invade o espírito humano. É nesse corpo-espírito que se encontra um ponto de bifurcação, uma mudança de direção rumo a uma maior complexidade. O homem contemporâneo continua ritualizando a vida e a morte por meio de celebrações iniciáticas que potencializam sua energia. Entretanto, no século XXI, as novas tecnologias desempenham um papel incisivo no elo estabelecido entre o indivíduo e a humanidade planetária.

Mas em algum momento o festival acaba e os participantes do Universo paralelo precisam voltar para a realidade da vida cotidiana. E depois? O que será que mudou? O que

¹²⁹ “Gestado e tecido numa metamorfose dolorosa que abriga mutilação e perda, luta e sacrifício, repetição e desregramentos, o nosso corpo é um coágulo de sentidos que retém, mas ultrapassa, as lembranças arquetípicas acumuladas pela experiência corporal de outras espécies animais” (Almeida, 2002: 55)

foi incorporado da experiência do transe psicodélico vivido coletivamente? Como será vivida a vida rotineira até as preparações para o próximo ritual psicodélico?

Para os participantes dos festivais psicodélicos, que são os habitantes da “aldeia global cibernética” (Carvalho, 1999:33), após o festival a comunicação continua pelo ciberespaço; acontecem fóruns de discussões sobre os encontros, as fotos dos festivais são lançadas em vários *sites*, e listas de contatos são adicionadas aos correios eletrônicos, dando origem a novas amizades que se expandem por todo o mundo.

Após terem sido tocados profundamente pela força arquetípica da totalidade, a vida cotidiana passa a ser olhada com novos olhos por muitos dos participantes dos festivais. Afinal, a experiência psicodélica pode representar a abertura para novas percepções acerca da realidade; as quais envolvem a descoberta de que existem diferentes formas de consciência no Universo e todas estão interligadas. A partir desta concepção, torna-se possível admirar o Planeta todo como um organismo vivo e reconhecer nosso papel como filhos da Terra.

Nossa vida deveria ser uma meditação constante. Mas isso varia, de acordo com o que as pessoas estão dispostas a meditar. Algumas pessoas querem criar certas ideologias, outras querem lutar por elas e outras querem dançar pelo simples fato de existirem. Todo caminho é um caminho. Alguns aderem ao princípio de responsabilidade para consigo mesmo, para com os outros, com os ecossistemas e com o planeta como um todo. Simultaneamente, existem os que se perdem por completo buscando apenas fora de si o que também deveria ser buscado no interior da alma. O risco de sermos arrebatados pelo fantasma do medo, pelos vícios e pela ilusão, coexiste em qualquer caminho. Enfim, o imaginário psicodélico nos permite vislumbrar tanto a criação quanto a destruição, tanto a luz como a escuridão complementando a face da mesma circunferência.



POEMA E IMAGEM DE: MICHEL. INSPIRADO – DIVULGADO NOS FESTIVAIS

BIBLIOGRAFIA:

1. LIVROS

BASSANO, Mary. *A cura pela música e pela cor*. Tradução de Maria de Lourdes Eichenberger. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Marttrinelli Gama. Revisão Técnica: Luís Carlos Fridman. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1998.

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Tradução de Pádua Danesi. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001a. (Coleção Tópicos.)

_____. *A Terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. Tradução Maria Ermantina Galvão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b. (Coleção Tópicos)

_____. *A Água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução Antônio de Pádua Danes. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Coleção Tópicos)

BECKER, Howard S. *Uma teoria da ação coletiva*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

BEY, Hakim. *TAZ: Zona autônoma temporária*. Tradução de Renato Rezende e Patrícia Dercia. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001. (Coleção Baderna).

CARNEIRO, Henrique. *Filtros mezinhas e triacas: as drogas no mundo moderno*. São Paulo: Xamã, 1994.

_____. *A Igreja, a medicina e o amor: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2000.

_____. *A Odisséia Psiconáutica: a história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas; in O uso ritual das plantas de poder*, LABATE, Beatriz C. & GOULART, Sandra L. (orgs.), Campinas/SP, Mercado de Letras, 2005, pp. 57-82.

CAMPBELL, Joseth; MOYERS, Bill. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

- CASHMAN, John. *LSD: equipe de realização*. Tradução de Miriam Schnaiderman. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1966.
- CAZNOK, Yara Borges. *Música: entre o audível e o visível*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva. 11. ed. José Olympio Rio de Janeiro, 1997.
- DANIÉLOU, Alain. *Shiva e Dioniso: a religião da natureza e do eros*. Tradução de Edison Darci Heldt. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DANTAS, Mônica. *Dança: o enigma do movimento*. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 1999.
- DURKHEIM, Émile *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Tópicos).
- ELIADE, Mircea. *O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *O sagrado e o profano: a ciência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ESCOHOTADO, Antonio. *Historia de las drogas 3*. Madri: Aliança Editorial, 1998.
- GROF, Stanislav. *Psicologia do futuro, lições das pesquisas modernas da consciência*. Tradução de Jussara de Avellar Serpa. Niterói: Heresis, 2000.
- _____. *A mente holotrópica: novos conhecimentos sobre psicologia e pesquisa da consciência*. Tradução de Wanda de Oliveira Roselli. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. *Além do cérebro: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia*. Tradução de Wanda de Oliveira Roselli. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.
- GRUND, Jean-Paul Cornelis. *Drug use as a social ritual: functionality, symbolism and determinants of self-regulation*. Rotterdam: Instituut voor Verslavingsonderzoek (IVO), Erasmus Universiteit, 1993.
- HAYES, Charles. *Tripping: an anthology of true-life psychedelic adventures*. England: Penguin Compass, 2000.
- HELINE, Corinne. *Healing and regeneration through music*. Santa Bárbara: J.F. Rowny Press, 1965.
- HESSE, Hermann. *O Lobo da Estepe*. Tradução de Ivo Barroso. 7ª edição. Rio De Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. Tradução de João Paulo Monteiro. 5. ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 2004. (Coleção Estudos Filosofia).

HUXLEY, Aldous Leonard. *Moksha: textos sobre psicodélicos e a experiência visionária*. Tradução de Eliana Sabino. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

JAMES, William. *As Variedades Da Experiência Religiosa: Um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo, ed. Cultrix, 1991.

JOURDAIN, Robert. *Música, cérebro e êxtase: como a música captura nossa imaginação*. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

_____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

KRISHNA, Gopi. *Kundalini: o caminho da auto-iluminação*. Tradução de Luiza Ibanez. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.

LABATE, Beatriz C.; GOULART, Sandra L. (Orgs.). *O uso ritual das plantas de poder*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

LEACH, Edmund R. *Repensando a antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Coleção Debates).

LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1989.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção Trans).

LEWIS, Ioan M. *Êxtase religioso: um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LOWEN, Alexander. *A espiritualidade do corpo: bioenergética para a beleza e a harmonia*. Tradução de Paulo César de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

MACRAE, Edward. A metodologia na pesquisa sobre o uso de psicoativos. In: TAVARES, L. A.; ALMEIDA, A. R. B.; MACRAE, E.; FERREIRA, O. S. et al. (Orgs.). *Drogas, tempos, lugares e olhares sobre seu consumo*. Salvador: EDUFBA, CEETAD/ UFBA, 2004.

MACRAE, Edward. *Antropologia: aspectos sociais, culturais e ritualísticos*. In: SEIBEL, S. D. e TOSCANO JR., A. *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Tradução de Aluísio Ramos Trinta. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1985. (Coleção Tendências).

_____. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Tradução de Rogério de Almeida e Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro, Record, 2004.

MALDONATO, Mauro. *A subversão do ser: identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação*. Tradução de Luciano Loprete e Roberta Barni. São Paulo: Peirópolis, 2001.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969.

MASLOW, Abraham Harold. 1908 – 1970. *Introdução à Psicologia do Ser*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. Editora Eldorado. (Coleção Anima)

MCKENNA, Terence K. *O retorno à cultura arcaica*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Record, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A natureza: notas: cursos no Collège de France*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Tópicos).

METHA, Gita. *Carma-Cola: o marketing do Oriente místico*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MORIN, Edgar. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. *O método 4: as idéias; hábitat, vida, costumes, organização*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002a.

_____. *O método 5: a humanidade da humanidade, a identidade humana*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002b.

_____. *Cultura de massas no século XX*. Volume 1: Neurose. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. (Coleção: O Espírito do Tempo, 1).

NATALE, Frank. *Trance dance: the dance of life*. The Natale Institute, Texas: Element Books, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril, 1974.

- _____. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. Assim Falou Zaratustra. Texto Integral. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2002. (Coleção Obras Primas)
- _____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- OTT, Jonathan. Paraísos naturales. In: _____. *Los enteógenos y la ciencia: nuevas aportaciones científicas al estudio de las drogas*. Barcelona, La Liebre de Marzo, 1999, pp. 91-108.
- PERNIOLA, Mario. *Pensando o ritual: sexualidade, morte, mundo*. Tradução de Maria do Rosário Toschi. São Paulo: Studio Nobel, 2000.
- REICH, Wilhelm. *A função do orgasmo: problemas econômicos-sexuais da energia biológica*. 7ª ed. Brasiliense, 1982
- ROUGET, Gilbert. *Music and trance: a theory of the relations between music and possession*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.
- SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes no pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SAUNDERS, N. *E comme ecstasy, MDMA, raves et culture techno*. Paris: Editions du lézard, 1996.
- SEIBEL, Alfredo Toscano J. R. *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001.
- THOMPSON, William Irwin (Org.). *Gaia: uma teoria do conhecimento*. Tradução de Sílvio Cerqueira Leite. 3. ed. São Paulo: Gaia, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum: ensaio de antropologia geral*. Tradução de Denise Bottmann e Eleonora Bottman. Campinas,: Papirus, 1996. (Coleção Travessia do Século).
- TURNER, Victor Witter (1920-). *O Processo Ritual Estrutura e Antiestrutura*. Tradução Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1974.
- VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Tradução de Maria Rita Secco Hofmeister. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- ZIMMER, Heinrich. *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*. Tradução de Carmem Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1989.

WILBER, Ken. *O espectro da consciência*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. *Um breve histórico do Universo: de Buda a Freud*. Religião e psicologia unidas pela primeira vez. Tradução de Ivone Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.

_____. (Org.). *O paradigma holográfico e outros paradoxos: uma investigação nas fronteiras da ciência*. Tradução de Maria de Lourdes Eichenberg e Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2004.

2. TESES:

CHAMBON, Julien. *Réflexions anthropologique sur le raves de São Paulo*. Lyon: Mémoire de maîtrise dirigé par F. Laplantine, dactilo., 2001.

LABATE, Beatriz Caiuby. *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*.

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

LARA, Arthur Hunold. *Tribos urbanas: transcendência, rituais, corporalidade e (re)*

significações. (Mestrado em Antropologia Urbana). Escola de Comunicação e Artes da USP, São Paulo, 2002.

LARKIN, Christopher B. *Turn on, tune in, and trance out: the exploration of entheogens and the emergence of a global techno-shamanic ritual*. Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do Mestrado em Ciências Sociais/ Antropologia, Lewis and Clark College., 2003.

MACARTEER, Michael Belden. *Redefining the Ancient Tribal Ritual for the 21st Century: Goa Gil and the Trance Dance Experience*. Tese apresentada à divisão de Filosofia, Religião e Psicologia do Reed College, *In Partial Fulfillment Of the Requirements for the Degree Bachelor of Arts*. May 2002.

3. ARTIGOS DE REVISTAS E SEMINÁRIOS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Homens e rãs. *Margem*, São Paulo, n. 15, p. 41-56, jun. 2002.

CARVALHO, Edgar de Assis. Polifonia cultural e ética do futuro. *Margem*, São Paulo, n. 9, jun 1999.

COCCARELI, Joana. Holismo e o novo homem. *Seminário* realizado na Universidade Estácio de Sá. Setembro 2002.

COUTO, S. Edvaldo. O zumbido do híbrido. A filosofia ciborgue do corpo. *Margem*, São Paulo, n. 13, p. 85-99, jun. 2000.

D'ANDREA, Anthony. The spiritual economy of night clubs and raves: Osho Sannyasins as party promoters in Ibiza and Goa. *Revista de Cultura e Religião*, University of Chicago, 2005.

FONTANARI, Ivan Paolo de Paris. Os recursos para ir além e a mecânica do juízo: sobre o consumo de substâncias como prática cultural jovem nas festas de música eletrônica. In: XVIII Encontro Anual Da ANPOCS - *Seminário* temático 014: *Linguagens, sensibilidades, corporalidades: culturas jovens urbanas e novas configurações subjetivas*. Caxambu, out. 2004.

_____. *Sensibilidade eletrônica: música e ritualidade jovem contemporânea*. (PPGAS/UFRGS). In: *Fórum de pesquisa* “Perspectivas Antropológicas das Sensibilidades Musicais Contemporâneas” apresentado na 24 a reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Olinda, jun. 2004.

_____. Música eletrônica e identidade jovem: a diversidade do local. Trabalho apresentado no V congresso da Seção Latino-Americana da Associação Internacional para

o estudo da música popular – IASPM, realizado de 21 a 25 de junho de 2004, no Rio de Janeiro.

HARDING, Stephan. *Explorando gaia. Margem*, São Paulo, n. 13, p. 21-7, jun. 2001.

MORIN, Edgar. Antropologia da liberdade. *Margem*, São Paulo, n. 9, jun 1999.

SMITH, Huston. Do drugs have religious import? A 40 year retrospective. *Revista de Psicologia Humanista*, v. 44, n. 2, Spring 2004.

4. INTERNET

- CHAN, Sebastian; YELLOW, Peril. Music(ology) needs a context – Reinterpreting Goa Trance. *Pearfect Beat.*, v. 3, n. 4, jan. 1998. Disponível em: <http://www.snarl.org/youth/sebbook.pdf>. Acesso em: 20 março 2006.

- COUTINHO, Thiago. Os usos do corpo nos festivais de música eletrônica. In. VI Jornada interna dos alunos do programa de antropologia social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: www.neip.info/downloads/t_tia2.pdf . Acesso em: 23 junho 2006.

- Cole, Fred and Hannan, Michael. *Goa Trance: A Psykotropic Trip Through Tribedelic Landscapes. Perfect Beat* 3.3 (1997). Disponível em: <http://www.scu.edu.au/schools/carts/contmusic/mh/goa.html>. Acesso em: 06 maio 2006.

- Cole, Fred and Hannan, Michael. *Psytrance and the Spirituality of Electronics - Psytrance among other electronica*. Disponível em: <http://www.ocf.berkeley.edu/~easwaran/papers/psytrance.html>. Acesso em: 04 maio 2006.

-
- Dennis R. Wier. *Trance Inducing Music. Director, The Trance Institute, Bruetten, Switzerland*. Disponível em: <http://www.trance.edu/papers/music.htm>. Acesso em: 05 maio 2006.

 - Goa Gil. *An Excerpt from an Article on the History of Psychedelic Trance. Mushroom Magazine/ First International Edition in English. January 2002*. Disponível em: <http://www.goagil.com/mushroom.html>. Acesso em: 05 maio 2006.

 - McAteer, Michael Belden. *Redefining the Ancient Tribal Ritual for the 21st Century: "Goa Gil and the Trance Dance Experience"*. A Thesis Presented to The Division of Philosophy, Religion, and Psychology Reed College In Partial Fulfillment Of the Requirements for the Degree Bachelor of Arts May 2002. Disponível em: <http://www.goagil.com/thesis.html>. Acesso em: 05 maio 2006.

 - Larkin, Christopher B. *Turn on, tune in, and trance out: the exploration of entheogens and the emergence of a global techno-shamanic ritual*. Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do Mestrado em Ciências Sociais/ Antropologia, Lewis and Clark College, 2003. Disponível em: <http://www.goagil.com/Larkin%20Thesis.pdf>. Acesso em: 05 maio 2006.

 - Natale, Frank. *Trance Dance the Dance of Life (1998)*. Disponível em: <http://www.franknatale.com/>. Acesso em: 02 nov 2005.

 - Saldanha, Arun. *Goa trance in Goa: globalization, musical practice and the politics of place*. Centre for Media Sociology (CeMeSo). Free University of Brussels (VUB) Belgium. In, the 10th Annual IASPM International Conference; University of Technology. Sydney, 9-13 July 1999. Disponível em: <http://homepages.vub.ac.be/~ncarpent/koccc/Publications/Arunsydney.html>. Acesso em: 22 junho 2006.

- Texto escrito por *Vagalume Records*. *Trance nas culturas arcaicas*. Disponível em: http://www.zuvuya.net/cad_galeria_materia_ver_R.asp?cod_capa=800&site=R&pasta=sufit_rance&tipo_mat=mc. Acesso em: 04 maio 2006.
- Kandle, Denis. *História do Psy-Trance*. Tranzine, edição 13, 2002. Disponível em: http://tranzine.democlub.com/13/historia_psy_trance.html. Acesso em: 06 maio 2004.
- Anos 60: Perfil dos Jovens na Década da Contestação. Tranzine, edição 13, 2002. (Publicado originalmente na edição especial "Os Anos 60: A Década que Mudou Tudo" da revista Veja) <http://tranzine.democlub.com/13/anos60.html>. Acesso em: 06 maio 2004.
- Kalant, Harold. *The Pharmacology and Toxicology of Ecstasy*. Can Med Ass J 2001; 165: 917-929. Disponível em: <http://www.psicosite.com.br/tra/drg/ecstasy.htm>. Acesso em: 05 maio 2005.
- Saunders, Nicola. *E for Ecstasy*. Bibliography by Alexander Shulgin. Published by Nicholas Saunders, 14 Neal's Yard, London, WC2H 9DP, UK. ISBN: 0 9501628 8 4. Published May 1993. Disponível em: <http://www.ecstasy.org/>. Acesso 05 jun 2006.
- Enciclopédia Livre. *Ecstasy*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ecstasy>. Acesso em: 04 maio 2006.
- Sferios, Emanuel. *This is your brain in Ecstasy*. 1998-2003. Disponível em: <http://www.dancesafe.org/slideshow/>. Acesso em: 22 de maio 2006.
- Yonamine, Mauricio. (2006) In: Dissertação de Mestrado: Lapachinsle, Silvio. "Quantificação de MDMA em amostras de ecstasy apreendidos em São Paulo por cromatografia em fase gasosa". Disponível em: http://www.fcf.usp.br/LAT/i_ecstasy.php. Acesso em: 05 jun 2006.
- Lima, Beto. *Universos Paralelos Existem*. 07/02/2004. Disponível em: http://www.emusicbrasil.com/coluna_view.asp?id=1&coluna=69. Acesso em: 05 março 2005.
- Mahadeva, Gil. *Música e Espiritualidade*. (07/06/2004). Disponível em: http://www.emusicbrasil.com/coluna_view.asp?id=1&coluna=104. Acesso em: 05 março 2005.

- Paupério, Livia. A cultura além da música. (30/09/2004). Disponível em: http://www.emusicbrasil.com/coluna_view.asp?id=1&coluna=158. Acesso em: 05 março 2005.
- Veríssimo, Luiz Fernando. O sentido da vida. (03/11/2004). Disponível em: http://www.emusicbrasil.com/coluna_view.asp?id=1&coluna=163. Acesso em: 05 março 2005.
- Spectrum, Gabriel. A arte do Body Piercing. (17/03/2005). Disponível em: http://www.emusicbrasil.com/coluna_view.asp?id=1&coluna=203. Acesso em: 20 abril 2005.
- Lapachinske, Silvio. *Trecho retirado da Dissertação de mestrado* Quantificação de MDMA em amostras de ecstasy apreendidos em São Paulo por cromatografia em fase gasosa , Disponível em: http://www.fcf.usp.br/LAT/i_ecstasy.php. Acesso: 05 de março de 2006.
- Luiz Antonio Berto (02/05/2006) – Disponível em: <http://pages.apis.com.br/terapiaenergetica/Arquivos%20Selecionados/O%20Poder%20do%20Festival%20Trance.htm> – Acesso em: 13 jun 2006
- MacRae, Edward. In: Drogas: Tempos, lugares e olhares sobre seu consumo. Tavares, L. A. Almeida, AR. B. MacRae, E., Ferreira. O.S. et al (orgs), Salvador, EDUFBA; CEETAD/UFBA, 2004. pg. 27-48. Disponível em: http://www.neip.info/downloads/t_edw9.pdf. Acesso em: 25 jun 2006.
- MacRae, Edward. Aspectos Socioculturais do Uso de Drogas e Políticas de Redução de Danos. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/edward2.pdf>. Acesso em: 25 jun 2006.

ANEXO I - HISTÓRICO

O DNA¹³⁰ DO TRANSE PSICODÉLICO



Festival Tranceformation 2004
Foto: Ana Flávia Nogueira
Nascimento

A música psicodélica teve sua primeira aparição em 1963, quando o cantor Peter Stampfel criou o tema “Hesitation Blues”, que continha a primeira referência à palavra “psicodélico”. Em 1967, o rock psicodélico tornou-se um fenômeno pop. Bandas como The Pink Floyd, The Doors, Jefferson Airplane, The Grateful Dead, Jimmi Hendrix, Hawkwind ou Traffic fizeram nascer uma perspectiva maior de exploração sônica.

Em 1970, Goa (Índia) começou a ser um destino para os jovens de todo o mundo que, desencantados com a sociedade ocidental, buscavam novas perspectivas no Oriente.

“Todas essas pessoas se encontraram... eram muitas pessoas viajando para fora de seus continentes. Muitas pessoas foram estudar a música indiana, outros foram viver com os yoguis no Himalaia...Muitas viagens e buscas diferentes, cada um ia para um lado, para as montanhas do Afeganistão, para Bali, (...), mas no final do ano todos se reuniam em Goa. Todos chegavam dos mais variados lugares, viajando, e se encontravam em Goa, aonde trocávamos nossas experiências, nossas histórias, o que estávamos fazendo, aprendendo, e aí fazíamos festa juntos.” Goa Gil (MacArteer 2002)

As festas realizadas em Goa nos anos 1970 desenvolveram novos caminhos para a cultura psicodélica, fundindo valores ocidentais e orientais. Nesse período, o *rock*, o *reggae* e o *dub* eram os gêneros musicais mais ouvidos nas festas. Em 1972 houve uma conexão entre a cultura psicodélica e o *funk*, devido à presença dos afro-americanos, que resultou no “The Mothership Connection”, de P-Funk. Ainda em 1972 aconteceu a ligação com o jazz por intermédio do músico Sun Ra e da edição *Space is the place*. Em 1976 a música

¹³⁰ No jornal diário do “Boom Festival”, que aconteceu em 2004 em Portugal, havia o *ADN of Psychedelic Music*, de onde retirei grande parte das informações a seguir, assim como a inspiração para mostrar aqui o DNA do *trance* psicodélico (*Daily Dragon, Live Vibrating News*, p. 10 – Agosto 2004).

psicodélica sofreu influência das discotecas e ganhou forma para ser tocada nelas. Em 1985 a cena *acid house* começou a emanar de Chicago.

E em 1987, o DJ francês Laurent começou a fazer experiências em festas em Goa misturando *EBM*, *new wave*, *post wave*, *Detroit techno* e *acid house*. Nesse período, os jovens da era pós-hippie atribuíram novos significados à cultura psicodélica com a tecnologia em mente, formando as raízes do *Goa trance* e do *psy-trance*.

Na Europa, a Alemanha do começo dos anos 1990 foi palco do cenário do nascimento do *trance*. Após a queda do Muro de Berlim, Paul van Dyk (fundador da Love Parade), Mar Reeder e Torsten Stenzel, influenciados pelo momento histórico, criaram um novo tipo de música eletrônica que refletia a atmosfera da época: eufórica, energética e elevatória. Em 1992 o estilo dominou a cena *underground*, trazendo musicalidade e melodia elaborada para os que já estavam cansados da agressividade do *hardcore* e da diluição do *acid house* da época. Algumas referências internacionais preferem acreditar que foi em meados de 1993 que o estilo musical alternativo conhecido como *trance* encontrou a psicodelia no balneário alternativo de Goa, que desde os anos 1960 é a meca de *hippies*, viajantes e *freaks*¹³¹. Com sua natureza paradisíaca, fartura de LSD e haxixe, misticismo hindu e tradição hippie-psicodélica, o local tornou-se um grande atrativo para a cultura das *raves*¹³² que surgiam principalmente na Alemanha e na Inglaterra, em um período histórico de transições

Nessa época, Goa Gil direcionou todo o conceito do estilo *trance psicodélico* para a espiritualidade. Ele chegou da Califórnia e se tornou o maior protagonista da música eletrônica em Goa, mantendo esse título até hoje. Criou a conexão entre batidas eletrônicas, espiritualidade, ioga e música com o seu conceito de “redefinir o antigo ritual tribal para o século XXI”, guiando o público, por meio do transe, a um estado de consciência mais elevado.

Em 1992/93 o *Goa trance* entrou na indústria musical com a emergência de nomes como Youth, Tip, Blac Sun, Hallucinogen, Dragonfly etc. A partir desse ponto, editoras, artistas, festas e festivais passaram a fluir incessantemente em todo o mundo durante os anos 1990. Em 1997, a compilação “Let it R.I.P”, da Matsuri, é para muitos o fim oficial do *Goa trance*, que já havia começado a sua metamorfose como *trance psicodélico*.

Na Alemanha, as pessoas que se conheceram nas festas da Índia passaram a se encontrar regularmente, entre 1989 e 1990, a trinta quilômetros ao sul de Hamburgo, num local desconhecido chamado Waldheim. Era normal pessoas da Bavária irem a essas festas também. O lugar começou a ficar cheio demais, a ponto de as pessoas que não conseguiam entrar passarem a dançar no meio da rua mesmo. Por fim, o local teve que ser fechado. Nos *pubs* as pessoas começaram a planejar uma mega *rave*. Então em 1991 foi feita a primeira *Voov-Experience*, que em sua edição de 2003 teve a participação de mais de 10 mil pessoas.

A partir de 2004 o estilo musical do transe passou a ser global e a apresentar grande variedade de subgêneros, como: *full-on*, *psy-trance*, *progressive-psy-trance*, *rock-psy-*

¹³¹ *Freaks*: termo genérico utilizado por segmentos da contracultura ocidental dos anos 1990 que mistura elementos das subculturas hippie e punk que rejeitaram as formas dominantes de capitalismo, consumismo, conformismo e intelectualismo. Os “loucos” apresentam preferência por um estilo de vida rústico, viagens exóticas, psicodélicas e vida em comunidades. Também abraçaram as novas tecnologias, a música eletrônica e apresentam certas características de comportamento transgressivo (D’Andrea, 2005).

trance, break-trance, minimal psy-trance, psy-tech-trance, dark-psy-trance, neo full-on, classic, melodic etc. Em cada país o *trance* ganhou novas abordagens e conceitos, que apesar de encontrar forças de pressão para a sua comercialização, tinha em si a vocação de música independente e alternativa.

A cena *trance* atualmente está presente em todos os continentes do planeta Terra. Seja na África, na América do Sul, América do Norte, América Central, Ásia, Oceania ou Europa, o *trance* psicodélico reúne desde um grupo pequeno de pessoas até multidões. O Boom Festival¹³³, por exemplo, que acontece a cada dois anos em Portugal, reuniu 15 mil viajantes do mundo inteiro em 2004. Na divulgação do festival constava: “Venha viver a contínua metamorfose existencial, uma múltipla exploratória plataforma para a arte, um grande encontro da cultura e da cena psicodélica” (Flyer Boom Festival. 2004).

BRASIL

Atualmente, o Brasil é considerado como um país com cena *trance* expressiva. Algumas das primeiras *raves* daqui foram feitas pela WTF (World Trance Family), uma organização que tem feito *raves* em locais afastados de São Paulo. Rica Amaral é o DJ de *psy-trance* mais conhecido do Brasil, produtor de uma das maiores *raves de psy* do país, a XXX-Experience, que já reuniu até 20 mil pessoas.

No Brasil, a cena psicodélica teve sua explosão no final dos anos 1990 e início do novo século, quando então se espalhou por todo o país. A música e o estilo de festa chegaram aqui por intermédio dos viajantes que vinham principalmente da Europa e da Ásia para passar o verão nas praias quentes da Bahia. Foi em Arraial D’ajuda e Trancoso os locais em que esse estilo musical aportou e começou a ganhar adeptos no país.

“Na década de noventa, em 94, o Max Lafanconi, italiano que se mudou para Trancoso, para Arraial D’Ajuda, começou a fazer umas festinhas lá. Então começaram a acontecer festas na Bahia, depois chegou em São Paulo e no interior veio depois.”¹³⁴

Em entrevista realizada com Dina, a “madrinha do *trance*”, ela relatou que estava em Arraial D’Ajuda quando Alba, “rainha do *trance* brasileiro”, recebeu os gringos na “Amsterdã” brasileira. Dina relatou que no início as pessoas juntavam o dinheiro para pagar o gerador e fazer as festas.

JP, que hoje tem dezoito anos e iniciou muito jovem sua carreira como DJ, relatou: “Passei minha infância em Arraial D’Ajuda, e minha mãe fazia festas junto com Dj’s nacionais e internacionais. Assim, desde pequeno eu ficava na mesa de som, aonde o DJs tocavam e aos poucos eles foram me ensinando.”. Atualmente JP toca pela TIP (Inglaterra) e é um dos DJs mais queridos do Brasil, devido à empatia e à energia que ele desperta no público.

¹³³ Disponível em: www.boomfestival.org. Acesso em: 05 jun 2004.

¹³⁴ Dario, organizador do festival Universo Paralello. Entrevista realizada na Trance Formation, julho 2004.

Da Bahia a música e o estilo de festa chegou a São Paulo. Como relatou Joe Nishimura, DJ e cenografista, em São Paulo o *trance* teve maior expansão por intermédio da Daime Tribe, que inicialmente era formada por Milton Fukui, André Meyer e Gerome, os quais organizavam festas para trezentas pessoas em locais próximos de São Paulo e já estavam envolvidos artistas internacionais como Shiva Space Technology (Alemanha), Space Tribe (Austrália), Domino (Goa-Índia). Em agosto de 1999 foi criada a Klatu, como um projeto semanal às quintas-feiras, realizado em um espaço *underground*, no subsolo de uma galeria em plena rua Augusta, região central de São Paulo. A Klatu surgiu como um meio para que as pessoas que se encontravam nas festas no meio do mato, pudessem se encontrar semanalmente na cidade.

Atualmente acontecem festas do estilo *trance* quase todos os finais de semana, em áreas próximas às grandes cidades, como São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Goiânia e Brasília. Já os festivais de *trance* psicodélico que acontecem no Brasil em geral são marcados nas mesmas datas todos os anos, constituindo um calendário que envolve principalmente feriados e férias prolongadas.

“Quando achamos a cena *trance*, começamos a fotografar assim, como uma outra cultura. A cultura *trance* é uma cultura sem fronteiras. Porque fora do Brasil, no começo dos anos 90, eram muitas pessoas viajando no mundo, encontrando lugares, conhecendo outras culturas e fazendo festas. Então o *trance* é uma música sem palavras, e todo mundo entra na celebração, dançando juntos. É... tinha um espírito também, com roupas, com idéias, com crenças, um pouco fora da sociedade normal. E foi daí que começou. Foi através dos viajantes que começou o *trance*. Mas aqui no Brasil não é muito fácil de entender, porque a maioria das pessoas que estão nas festas hoje em dia nunca viajaram, são muito jovens. Então a cena aqui no Brasil é muito diferente do que no resto do mundo. Mas eu posso falar que na Nova Zelândia, meu país de origem, também a cena é muito nova, demorou a chegar, é longe e tem uma população muito pequena. Mas tem os viajantes, uma galera mais velha, enquanto aqui as pessoas envolvidas são muito jovens.” (Lisa, entrevista realizada em 20/8/2004).

De acordo com Píer, engenheiro musical de origem holandesa, que esteve em Goa, onde participou de muitas festas, e que há algum tempo vem participando de festivais brasileiros, sendo responsável pela parte de divulgação no exterior: “A cena *trance* brasileira é muito nova e tem muitas pessoas jovens envolvidas. Mas nos últimos quatro anos os organizadores mostraram que aprenderam muito, as festas estão cada vez melhores. Mas ao mesmo tempo é essa energia jovem e criativa que cativa os estrangeiros” (30/12/2004).

“Meu nome é Camila, tenho 23 anos. Eu estou aqui porque isso é minha vida. Venho de uma família hippie, mais solta. Desde de nova a música fez muita parte da minha vida. Meu primeiro contato com o *trance* foi há uns seis anos

mais ou menos, quando o Juarez voltou da Europa com essa música. Ele era roqueiro e voltou escutando música eletrônica. Agente se conheceu e logo depois ele virou DJ de *trance*, começou a gravar discos e foi quando começou. Tem uns seis anos. A gente fazia umas festinhas pequenas, para pouca gente em Brasília. Mas aí foi juntando uma ‘tribo’ lá. E há cinco anos a gente resolveu fazer um ano novo em Alto Paraíso. Foi onde tudo começou. Plantamos a nossa sementinha. Mas lá tinha sempre muita chuva. Agora tem dois anos que nós encontramos esse lugar mágico, e nesta segunda vez aqui estamos aqui mostrando que não estamos preocupados apenas com a música, mas estamos trazendo arte, cultura e espiritualidade para os participantes desse festival.” (Camila, integrante da equipe de organização do festival Universo Paralello. Entrevista realizada em 2/1/2005, Pratigi-Bahia)

O Movimento Psicodélico - A era dos Hippies: Paz, Amor, Respeito e Liberdade

“Ontem eu e uns amigos estávamos lembrando dos anos 70. O que a gente tinha era esse movimento aqui, só que a gente namorava mais, trepava mais e gozava mais. Como dizia Darci Ribeiro, gozar é fundamental para a gente ser feliz. E é verdade. Hoje é uma proibição de tudo. Houve todo um processo de repressão. Houve todo um processo. Mas nós na nossa época fomos muito corajosos. Nós abrimos as portas para possibilitar isso que está acontecendo agora. E eu me sinto muito feliz por estar vivendo isso de novo, por estar pintando minha cara. É fantástico. Era muita margarida, muito coração, muito amor, muita transcendência. E muita ‘liberdade’, entre aspas porque essa nós alcançamos e hoje vocês têm realmente liberdade. Então é maravilhosa essa possibilidade de trocar experiências, de estar aqui falando para vocês, de poder olhar no fundo dos olhos das pessoas e ver que você está tranquilo, que você está em paz, você está puro. Está todo mundo na ‘vibe’ de paz, de amor, de respeito, sem nem precisar levantar o dedo. Antes tínhamos que levantar o dedo para se identificar. Mas hoje as coisas se diluíram dentro de uma relação de olhar, de conexão. As coisas estão mais harmoniosas. Mas é a mesma grande família...” (Inuká, relato feito na palestra “Xamanismo e as plantas de poder”, no festival Universo Paralello, 2004/05)

De 1960 a 1969, em cada um dos cinco continentes, em quase todos os 145 países de vários sistemas políticos o mundo conheceu a rebeldia dos jovens. Ao lado das guerras, as manchetes dos jornais falavam da odisséia de milhões de inconformados. “Mutantes da nova era oral e tribal em dimensões planetárias, produzidas pelas comunicações de massa”, coloca Marshall McLuhan, ao se referir aos jovens que se rebelaram contra os valores, as instituições, as idéias e os tabus, e passaram a agir contra tudo o que estava estabelecido. Com a coragem da idade e a indignação, eles afrontaram a moral vigente por meio da ação. Essa juventude era considerada advinda dos *beatniks* dos anos anteriores. Mas aos poucos foram captados alguns indícios de seu desenvolvimento.

Em 1960 foi descoberto, por uma pesquisa, que os alunos da Universidade de Harvard consideravam as religiões tradicionais vazias de conteúdo metafísico. Um ano depois, o professor de psicologia da mesma universidade, Timothy Leary, começou seus estudos aplicando doses de mescalina em estudantes voluntários que procuravam experiências místicas. Da mescalina, Leary e seu assistente Richard Alpert passaram a usar outra substância ainda mais poderosa, o LSD¹³⁵ (ácido lisérgico). Esta sigla iria acompanhar grande parte da juventude daquela década. Em pouco tempo, o número de “iniciados” cresceu, e já se percebia uma diferença entre os que a experimentavam: esses jovens detestavam a violência que era bastante difundida por meio das guerras travadas pela sociedade da qual pretendiam se afastar cada vez mais.

Negando a religião, mas buscando Deus no misticismo oriental, o número desses jovens aumentou rapidamente, e em 1962 o símbolo LSD já era conhecido nas grandes faculdades americanas, por parte dos alunos, mas não dos responsáveis e do público. O escândalo explodiu quando Timothy Leary foi expulso de Harvard e apelou para a justiça, em nome da ciência e da democracia, o direito de prosseguir suas experiências. Em menos de uma semana a América e o mundo tomaram conhecimento do fenômeno “psicodélico”. Leary foi preso e confessou já ter aplicado LSD em mais de mil pessoas, sendo metade dos quais de formação religiosa, entre elas 69 ministros protestantes ou padres católicos. Dessas pessoas, 75% reconheciam ter atingido um estado místico religioso intenso, e mais da metade afirmou ter realizado a experiência mais profunda e real de suas vidas.

Em 23 de novembro de 1963 morreu Aldous Huxley, no mesmo dia em que Kennedy era assassinado. Huxley, prestes a falecer, praticou o ensinamento do *Bardo Todol*, o Livro Tibetano dos Mortos, que ele havia interpretado como um manual para o êxtase, e pediu a sua mulher Laura que lhe injetasse uma dose de LSD.

Muitos foram os “apóstolos do ácido” que começaram a fazer a sua distribuição como sagrada hóstia espiritual. Ken Kesey e o grupo de rock Merry Pranksters saíram num ônibus promovendo os *electric-cool-aid-acid-test*. O próprio Leary fundou a IFIF (International Federation for Internal Freedom) e instalou-se em Cuernavaca, no México onde fez sessões com LSD. Na esteira da radicalização do movimento estudantil surgiram as seitas psicodélicas, como os *diggers*, os *yippies* e a Fraternidade do Amor Eterno. No entanto, em 1965, a fabricação e venda do LSD se tornaram ilegais. Em 1966, a Sandoz parou a fabricação. No debate aberto no Congresso norte-americano, o senador Robert Kennedy argumentou contra a proibição, alegando que sua esposa usava LSD com êxito num tratamento psicoterapêutico. Mas, no final de 68, Nixon foi eleito e lançou a *war on drugs*, tornando a posse de LSD um crime. (Carneiro, 2005 11)

No entanto, a “revolução psicodélica” era o caminho que grande parte da juventude estava escolhendo e ainda viria a escolher. A partir de meados da década de 60 ocorreu a explosão dos hippies floridos. Mas, paralelamente, um problema assumiu proporções internacionais entre 1965 e 1966. A cada dia, em vários países – do Brasil ao Japão, dos Estados Unidos a Checoslováquia –, os estudantes substituíram a rotina das aulas pela das greves, manifestações, protestos e ocupações das faculdades. Suas organizações multiplicavam-se, e o choque com a polícia tornou-se freqüente. As demonstrações eram

¹³⁵ Dados recentes disponíveis em: http://www.lsd.info/E_start.html.

principalmente contra a guerra do Vietnam, contra o racismo, pela paz, pelo direito de manipular o corpo e o espírito.

Por intermédio da imensa variedade de formas, a juventude procurava romper com tudo: com a universidade, com a família, com a arte, com os partidos, com a violência. O que era novo passou a ter um valor em si: a tradição tinha que ser destruída. Mais do que os jovens, o mundo havia mudado. A sociedade industrial avançava rompendo princípios, modificando as relações e as condições de vida; os meios de comunicação quebravam os valores regionais e introduziam uma cultura uniforme sem fronteiras. Em face de valores como o amor, a liberdade, a justiça e a fraternidade, surgia uma nova realidade – o consumo –, estabelecendo seus próprios valores: a eficácia, o sucesso e a competição. Mais eficazmente, as grandes organizações comerciais descobriram nos jovens todo o potencial do consumidor e transformaram a contestação também em produto de consumo.

Uma dinâmica nova surgia. Os jovens contestavam a sociedade, e esta consumia a contestação. Uma busca desesperada de afirmação passou a ser realizada em todos os campos – na moda, na pintura, no cinema e, sobretudo, na música. As boates românticas cederam lugar às discotecas onde tudo se agitava, sobretudo a luz e os corpos. A essas extroversões ritmadas opunham-se o recolhimento às drogas. A busca pelo “conhecimento de si próprio”, bem como as “viagens” acentuaram-se de maneira vertiginosa.

Apontava-se sociologicamente que a juventude, por ser essencialmente transitória, não se constituía uma categoria social. “Mas os jovens estavam cada vez mais se agrupando. As grandes concentrações, como a de Woodstock, onde centenas de milhares de pessoas se reuniram para falar de paz, de música e para viver dias de completa liberdade, demonstraram o sentido profundo da comunidade que estava se formando entre os jovens que carregavam uma compreensão mística de si mesmos como um grupo à parte: um “nós” em franca oposição a “eles”. O “eles” é o mundo dos valores, do sistema social incapaz de preencher o vazio entre ideal e realidade. E o “nós”, a constatação do fracasso da civilização criada pelas gerações anteriores – de guerras, injustiças sociais, violência, opressão¹³⁶.

Em um contexto de guerra, os jovens dos anos 1960 passaram a negar todas as manifestações visíveis dessa civilização. Evadir-se ou participar da destruição da sociedade, eis a opção a que eles se colocavam. Evadir-se foi a resposta hippie. Mais de 400 mil jovens, só nos EUA, deram as costas à sociedade de consumo e saíram à procura de outras verdades.

Como destacou Metha (1999) é paradoxal que os americanos desiludidos com as guerras tenham adotado a lei cármica.

“Espera-se que o progresso nos liberte dos constrangimentos de ser perpetuamente vesgos, tendo de ver o finito e o infinito em tudo. Somente o forasteiro acha o estrabismo espiritual atraente porque esta envesgando. É improvável que tanto o ocidental quanto o oriental tenham a energia para sobreviver à troca de percepções, contudo ambos insistem em tentar e ambos usam linguagem irrelevante para camuflar as contradições. É improvável que o oriental seja bom o suficiente para olhar de perto as partes e não perder sua capacidade de ver o todo, então chama o que

¹³⁶ O texto “Anos 60: perfil dos jovens na década da contestação” foi publicado originalmente na edição especial da revista *Veja*: “Os anos 60: a década que mudou tudo”, e está disponível em: <http://tranzine.democlub.com/13/anos60.html>. Acesso em: 12 maio 2005.

o fascina no Ocidente de necessidade econômica, tecnologia, imperativo histórico. É improvável que o ocidental possa ver o todo e não perca sua capacidade e compulsão altamente desenvolvidas de questionar, então ele chama o que fascina o Oriente de transcendência da economia e da tecnologia, o antídoto da história. Ambos recobrem os inimigos de suas forças com nova terminologia e esperam torná-los inofensivos. O ocidental está achando a dialética da história menos fascinante do que as infindáveis oportunidades para o narcisismo oferecidas pela sabedoria do Oriente. Exceto que a preocupação principal da sabedoria do oriente é a aniquilação do narcisismo.” (Metha, 1999: 105)

“O momento em que o pudor perdeu para a pornografia pode ser provavelmente datado de quando os hippies descobriram as praias de areia alva de Goa. Naquela época, os hippies estavam enlouquecidos com a Natureza em sua aparência mais primitiva e romântica. Goa não só tinha praias e selvas, como tinha até um macaco como uma de suas principais divindades, o deus Hanumam. Os hippies não sabiam que Hanumam é cultuado como o Guardião da Honra. O que viram foram templos entregues aos macacos, balançando, roubando comida das mãos dos devotos. Os goanos não sabiam que os hippies tinham vindo para um carnaval. O que viram foram músicos, com flautas e violões, cantando ao luar. Todos foram à praia para um *happening*, que conseqüentemente aconteceu.” (Metha, 1999: 93)

A autora ainda questionou:

“Como podiam os guardiões da liberdade debandar daquele jeito? A América era um continente que fizera da rebelião um fetiche. Seu povo preferira abandonar a cidade a sucumbir aos ditames injustos do Estado. E no entanto aqui estavam seus filhos, na própria terra da liberdade, tornando-se presas fáceis de homens que exigiam não somente obediência completa e inquestionável a suas ordens, como também pagamento por esse privilégio.” (Metha, 1999: 51)

Um guru que tem um *ashram* na Índia ocidental, com um grande número de seguidores estrangeiros, confidenciou a um correspondente da revista *Time*: “Meus seguidores não têm tempo. Então lhes dou salvação instantânea. Transformo-os em neo-*sanyasis*”. Um *sanyasi* na Índia está a meio caminho de ser um santo, um homem que renunciou ao mundo para buscar a verdade, uma renúncia que é tanto social quanto física. Seus votos – dedicação à pobreza, castidade, e se o *sanyasi* tem um mestre, obediência. Mas o hinduísta simplório, quando encontra dois estrangeiros de pele clara no bazar, compartilhando um cachimbo de haxixe enquanto se acariciam, está pronto para pensar que os estrangeiros estão usando os trajes cor de laranja do *sadhu* como um ato de zombaria agressiva. O hinduísta simples, ao contrário do guru sofisticado, não incorporou ao seu vocabulário, tanto diário quando religioso, conceitos como “neo” ou “instantâneo” ao seu vocabulário.

“Parece que quando o Oriente encontra o Ocidente, tudo o que você consegue é o neo-*sanyasi*, o nirvana instantâneo. Chegando ao problema vindo de diferentes direções, ambos os lados acabaram na mesma conclusão, a saber, que a arma mais eficaz contra a

ironia é reduzir tudo ao banal. Você fica com o carma, nós levamos a Coca-cola, um refrigerante metafísico por um físico” (Metha 1999: 106)

Introduzi aqui tais colocações para destacar também que em Alto Paraíso, a cidade brasileira que é famosa por ser onde acontece o maior festival de *trance* psicodélico do Brasil – Trancendence -, estão concentrados muitos “neo-*sanyasis*” e inclusive são eles mesmos que organizam o festival. E, não por acaso, os principais organizadores “neo-*sanyasis*” que são os donos da fazenda onde acontece o evento, na região da Chapada dos Veadeiros, são também norte-americanos e filhos de uma importante ex-acionista da rede de refrigerantes Coca-cola. Esse fato mostra o caráter ambíguo desse evento que parece defender uma ideologia contrária à realidade vivida pelos próprios organizadores.

NEOPSIKODELISMO

Nas últimas décadas do século XX ocorreu uma retomada internacional dos temas do psicodelismo dos anos 1960. O xamanismo, a etnobotânica, as religiões enteógenas e a onda das *raves* trouxeram um renovado interesse pelas formas de alteração da consciência. Nos anos 1980, com o uso do MDMA, conhecido como *Ecstasy*, refloresceram diversas experiências terapêuticas psicodélicas, até a decretação da sua proibição legal a partir de 1986.

O criador dessa substância, o químico e farmacologista Alexander Shulgin, em parceria com sua esposa Ann escreveu os livros *PIHKAL (Phenethylamines I Have Known and Loved)*, *A chemical love story* (1991) e *TIHKAL (Tryptamins I Have Known and Loved)*, *The continuation* (1997), que constituem uma síntese das repercussões da pesquisa científica com drogas psicoquímicas e resumem o que há de mais avançado na pesquisa psicofarmacológica dos psicodélicos, além de possuir relatos autobiográficos entristecidos em relação à guerra contra as drogas. Ambos os livros contêm, na parte final, fórmulas, receitas e descrições dos efeitos de mais de quatrocentas novas drogas (Carneiro, 2005 14).

A obra de Shulgin representa uma verdadeira “história natural da química da mente”, uma taxonomia das fenetilaminas que correspondem cada uma a um estímulo específico de uma atividade psíquica, de um “caminho cerebral”, que são descritas em seus efeitos subjetivos. Sua obra contribui para os campos da psicofarmacologia e da neurologia, visto que ajuda a compreender o funcionamento dos neurotransmissores. Por exemplo, a analogia molecular entre o LSD e a serotonina (cristalizada e nomeada em 1948) foi o que levou à identificação da segunda como neurotransmissor. Assim, a farmácia e a psicologia se unem na psicofarmacologia atual.

No século XXI, as novas substâncias sintetizadas por Shulgin ganharam difusão por meio da cultura das *raves*, dentre as quais o *Ecstasy*, considerada a “droga do amor”, por sua qualidade de intensificar a empatia humana e, conseqüentemente, a dimensão afetiva das interações humanas. Assim, ganhou maior destaque em uma civilização que há muito tempo vem disseminando o medo, a guerra e a violência.

O renascimento psicodélico atual, com a busca de estados alterados de consciência, não se restringe à revalorização dada pela cultura das *raves*, mas também se expressa numa intensa atividade editorial e na articulação por meio da Internet, que dá espaço a círculos de investigação e debate sobre tais substâncias. Atualmente, as diversas formas de uso dos psicodélicos têm se constituído como um campo original de conhecimento e de produção

cultural, onde a psicologia, a farmácia, a medicina, a história, a literatura e a antropologia se uniram para buscar compreender o papel das plantas e dos sintéticos produtores de estados de êxtase e que tiveram uma função histórica determinante como produtos de grande valor comercial, religioso e cultural (Carneiro, 2005: 4).

Atualmente os festivais de transe psicodélico fazem parte do chamado neopsicodelismo, que retoma questões antigas, referentes aos estados alterados de consciência, interligando-as com os temas contemporâneos, relacionados à era planetária e ao desenvolvimento global da espécie humana.

ANEXO II

Material coletado nos festivais e por meio da Internet:

A) TEXTOS DE REVISTAS DISPONÍVEIS NO AMBIENTE DOS FESTIVAIS

- Shangri-la-la *Trance Global Psy-Culture Magazine* n. 5 (winter 2003/2004)

1. *Use and Abuse* – Greg Sams (pp. 14 e 15) – Uso e Abuso

Resumo: A matéria começa contando um fato real de uma pessoa que foi presa junto com a namorada ao se dirigir para uma festa na Inglaterra. Quando o polícia perguntou: Você quer dizer algo sobre isso? (drogas encontradas), Gregory respondeu: Sim, quero dizer que eu uso essas drogas sim, mas eu não abuso delas. Elas são parte da minha vida e do meu trabalho. Eu sou um escritor e escrevo sobre coisas novas. Tenho cinquenta anos e minha saúde é muito melhor do que muitas pessoas de 32 anos. E grande parte dessa saúde diz respeito ao meu entendimento da alegria, do prazer e dos *insights* que tenho ocasionalmente ao utilizar essas substâncias. E também eu estudo sobre os perigos das substâncias, e a droga mais perigosa que eu já usei foi o tabaco. Eu não bebo, não uso cocaína e nem heroína. Na verdade, considero essas as piores drogas, e tento sempre avisar as pessoas sobre os riscos de usá-las. E desaprovo o abuso de qualquer tipo de substância. O texto continua assim: Uma nova droga foi incluída no circuito das festas. Como o álcool, ela sempre esteve por aí e sempre é usada nos banheiros públicos, mas seus efeitos não combinam nada com a busca psicodélica de uma consciência cósmica. Você sabe do que estou falando, não é sobre a *cannabis*, nem dos cogumelos mágicos, ou do *mdma*, LSD, mesalina ou de nenhuma substância inventada por Alexander Shulgin. O que surpreende é que as pessoas que freqüentam as festas, com tantas drogas interessantes disponíveis, estejam arriscando suas vidas sob influência da cocaína. Nós temos drogas que ajudam as pessoas a se sentir melhores. Drogas que nos trazem entendimentos, empatia, esclarecimento, sentimentos de amor. Temos drogas que ajudam a dançar durante toda a noite em um estado de graça. Essas não possuem descrições de efeitos colaterais, tais como aumento de agressividade, irritabilidade, medo, paranóia, alucinação, anti-sociabilidade etc. A cocaína não é uma parceira positiva dos psicodélicos, e seu uso está dissociado dos efeitos positivos que esses podem causar. As drogas, talvez mais do que quaisquer outros produtos, são suscetíveis às vibrações de quem as produz. Por exemplo, quem planta e colhe a *cannabis*, prensa o haxixe, são pessoas reais, que fazem isso para sobreviver. Assim como quem sintetiza o LSD e o *Ecstasy* provavelmente também usam tais substâncias em suas vidas. No entanto, a cocaína vem das mãos de criminosos que criam vítimas, que matam, e essa energia negativa está impregnada nessa substância. O que você acha de substâncias que causam vício e que quando essas pessoas conseguem parar elas juram que nunca mais vão usar?? Essas drogas incluem principalmente o tabaco, o álcool, cocaína, crack, heroína e alguns remédios para emagrecer. [...] Uma das coisas boas sobre as festas é que os pais podem levar as crianças, mas você acha que os pais vão querer levar crianças em festas que as pessoas estão cheirando fileiras de pó? Não é por acaso que está droga está destinada ao banheiro. Basta de denúncias e críticas sobre a cocaína. Mas ainda

preciso dizer que a folha de coca é sagrada para o povo do Sul da América, que a utiliza para aumentar a clareza mental e a energia corpórea para sobreviver nos Andes. No entanto, quando a cocaína foi refinada em 1884 pela Merk, foi lançada a um novo mercado. De 1886 a 1901, por exemplo, essa substância foi utilizada na bebida mais vendida no mundo – Coca-cola. E assim continua... A história é longa, mas o importante é que o autor levanta questões interessantes a respeito do uso e abuso de drogas, e considera que a cocaína pode vir junto com um preço muito maior a ser pago do que outras drogas. Ele termina alertando: tome cuidado e respeite a sua liberdade!

- **2. O Xamanismo e as Festas Psicodélicas – Thom Dez (pp. 33 a 36)**

Resumo: O autor escreveu realmente uma tese sobre a relação entre a cena *psychedelic trance* e o xamanismo. O artigo levanta os elementos que ocorrem em uma *rave* psicodélica que provam a ocorrência do xamanismo, e propõe que as festas de *psychedelic trance* são xamânicas em seu espírito. Para basear sua explicação, o autor inicia o texto com citações de Mircea Eliade (1951) – “As técnicas arcaicas do êxtase” – e explica que o xamanismo foi encontrado em todo o mundo, sendo assim um fenômeno universal que varia em suas práticas. O xamã em geral é escolhido espiritualmente e passa por um processo que iniciático que o torna capaz de se comunicar com os espíritos. Dentre os trabalhos que se torna apto a realizar, a cura parece ser o mais importante. E uma das maneiras utilizadas pelo xamã para curar é por meio do transe. Rouget defende que o estado de transe geralmente depende do movimento e de estimulações sensoriais, tais como a música. Em transe, o xamã viaja para o mundo espiritual para buscar ajuda dos bons espíritos e negociar com os maus espíritos. Para entrar em transe, o xamã utiliza a música no formato de percussões rítmicas (tambor) ou cantoria, e geralmente dança usando roupas especiais para esse momento. Alguns xamãs também empregam substâncias psicoativas em seus rituais – ou *journeys*. Michal Harner (1973) escreveu o livro *Hallucinogens and shamanism* e relatou o uso de cogumelos mágicos e cactus peiote em rituais xamânicos no México, assim como o uso de *ayahuasca* (DMT) e do tabaco nos rituais do Sul da América. No entanto, não são todos os xamãs que utilizam tais substâncias. Introduzido o tema – xamanismo –, o autor passa para *rave*. Segundo o dicionário Oxford, o termo *rave* significa: uma grande festa ou evento que envolve música eletrônica rápida e dança. Esse é um termo recente, mas descreve algo que já ocorre há muito tempo, envolvendo música e pessoas dançando. Mas o que na verdade faz uma *rave* psicodélica ser diferente são outros elementos. Primeiro, existe um mercado que engloba um número gigantesco de substâncias neuroquímicas disponíveis, que são consumidas tanto em clubes noturnos quanto em outros contextos sociais, mas existe uma diferença muito grande em utilizar tais substâncias no contexto da *rave* psicodélica. Segundo, esse é um espaço muito informal de encontro entre pessoas de diferentes subculturas. Terceiro, a *rave* acontece fora da cidade e envolve DJs que executam música alta em equipamentos de sons gigantes para uma multidão de pessoas dançando. O autor questiona: quais são as correlações entre a *rave* psicodélica e o xamanismo? Primeiro tem a música eletrônica que tem uma base de tambor e percussão, que é repetitiva e estimula o transe (estado alterado de consciência), assim como a música produzida pelo xamã. Estudos mostram que a batida rítmica do tambor estimula efeitos corporais e mentais que ganham ainda mais força por meio da qualidade de som e das novas tecnologias. Ao mesmo tempo, a música estimula a dança que invoca o espírito. E como o xamã, quem controla a batida guia o transe. Assim, na pista de dança psicodélica o DJ age algumas vezes como um xamã, pois ele controla o foco de atenção dos participantes que dançam. O autor acredita que quando o DJ está realmente empenhado em guiar o transe, este possibilita que naquele espaço a cura xamânica aconteça. Ele cria os estímulos sonoros. Afinal, existem diferentes estilos de *psychedelic trance*, os quais influenciam nas batidas, nas melodias, nos tons e nas vibrações da música, que despertam sentimentos e emoções. Ou seja, cada música produz certos tipos de vibrações. A música afeta o estado psíquico da pessoa, o que pode ser ainda mais forte em um coletivo dançando junto ao mesmo som. Sendo assim, o DJ controla o “espírito” da pista de dança, por meio das vibrações e dos sons que escolhe para tocar. Em relação à dança, sabemos que ela também leva ao transe, e que muitos xamãs a utilizam em seus rituais,

pois acreditam que a dança mobiliza a energia corpórea para que o processo de cura ocorra. Suzanne Copeland fala de “cura profunda” por intermédio da dança espiritual. É quando a pessoa centra-se na respiração e o corpo abre o circuito energético, liberando, assim, o *prana* (energia vital), que possibilita a limpeza dos *chakras*. O autor sugere que se a dança mobiliza o poder de cura xamânico, os participantes que dançam em transe em uma *rave* psicodélica podem estar, conseqüentemente, vulneráveis a curas e a fenômenos espirituais. O autor cita exemplos de rituais *voodoo* (Haiti), rituais chineses, africanos etc. E também destaca a diferença entre transe e possessão (Lewis), afirmando que nas festas, se os participantes alcançassem o estado de possessão, eles não poderiam parar de dançar quando estivessem cansados. Isto ocorre a apenas uma minoria, devido ao uso excessivo de drogas. É importante salientar que muitas das substâncias empregadas nesses contextos são as mesmas utilizadas por xamãs – cogumelos, peiote etc. –, as quais alteram o estado mental dos participantes, inserindo-os em outra dimensão da realidade. Sugere-se ainda que quando as pessoas utilizam essas substâncias que induzem a estados visionários, podem atingir estados muito similares aos alcançados pelos xamãs. Então ele questiona: por que então a cena *trance psychedelic*? Conclui-se, assim, que entre todos os estilos musicais encontrados atualmente, o *trance* faz alusões ao xamanismo, mesmo nas letras musicais (por intermédio dos *samples*) – que dizem respeito ao “mundo espiritual” (Alien Projec, 2002), “poderes xamânicos” (1200 mix, 2002) e outras tantas referências são usadas, como as tribais, retiradas de rituais que acontecem pelo mundo. As mixagens modernas conduzem os participantes a um cenário imaginário que existe mentalmente e que ocorre por intermédios da pura sugestão dos sons. Esse lugar imaginário é espiritual. Dependendo do que o ouvinte sente e de que emoções os sons lançados no espaço (em um alto volume) iram despertar em seu interior, serão estimulados movimentos que o levarão a lidar internamente com esses sentimentos. Além da música e da dança existe ainda a decoração psicodélica, que mostra um outro tipo de consciência, pois essa arte sugere novas percepções mentais acerca da realidade. Por exemplo, imagens da *kundalini*, dos *chakras*, da ioga, que são símbolos da energia vital contida no corpo de cada indivíduo. Também existem as luzes fluorescentes, as cores etc. E, para finalizar, as referências aos nomes empregados pelos DJs, que também fazem referência ao mundo espiritual – *enlightenment, astral phoenix, mindscapes, psy gate, liquid connectiv, natural order* –, os quais sugerem que muitas das pessoas envolvidas na cena psicodélica são conhecedores das práticas xamânicas. Afinal, os xamãs encontram um estado de iluminação, utilizam energia para curar, viajam através de suas mentes, encontram seres espirituais.

B) MATERIAL RETIRADO DA INTERNET

1. Transe, Dança e Êxtase: Um Rito de Passagem Planetário – Steve Harkless

Por todo o mundo a cena *trance* se manifestou, e toda uma cultura emergiu do tema central relacionado à mixagem da música eletrônica conhecida como *trance* psicodélico, que faz milhares de pessoas dançarem ao som das mesmas batidas. Esse movimento de expressão radical do si mesmo, liberdade e experimentação da consciência tem crescido enormemente e envolvido todos os cantos do globo terrestre. Alguns aspectos da *rave* têm se tornado clichê para a mídia e para o julgamento dos que estão do “lado de fora” (*outsiders*). Entretanto, por trás do uso abusivo de drogas, documentado pela mídia e pela polícia, existem propostas profundas e significativas que envolvem seus participantes.

Por muitos milênios os seres humanos têm dançado no meio selvagem em rituais de passagem. Em muitas culturas, como por exemplo entre os *Bushmen do Kalahari* (África), podemos encontrar técnicas que envolvem a dança e o transe que levam os participantes ao êxtase, estado alterado de consciência. Os relatos descrevem que quando os *Bushmen* entram nesse estado, uma energia incrível toma conta de seus corpos de forma que não conseguem controlar e caem no chão. Tais experiências têm sido comparadas à elevação da *Kundalini* – energia que está adormecida na base da coluna vertebral e que pode ser acordada por meio de certas técnicas de ioga.

A palavra êxtase tem suas raízes no grego, *ecstasis* – estar fora do *self* (si mesmo). Na Grécia antiga existiam templos nos quais eram realizados ritos para atingir o *ecstasy*, com a ajuda de bebidas inebriantes (soma). O termo soma (nome dado à bebida dos deuses) foi encontrado em escrituras de povos antigos da Índia (ritos shivaístas) e da Grécia (mistérios de Eleusis). Os ingredientes do soma são misteriosos. No entanto, acredita-se que se trata de um chá psicoativo feito à base de cogumelos (*psilocibine*).

Atualmente, a substância mais popular na cena *rave* psicodélica é o *Ecstasy* (MDMA). Seus efeitos são de elevação das sensações corpóreas e clareza mental, mobilizando muita energia corporal e estimulando, assim, o movimento e a dança, assim como faz aflorar uma empatia pelo mundo que se manifesta na busca por interação, conversa e afeto com pessoas antes desconhecidas. Nesse caso, o indivíduo não deixa seu corpo como em outros ritos de passagem, nos quais os participantes deixam o estado corpóreo, mas o corpo torna-se o “local” mais prazeroso para se estar, repleto de serotonina. O interessante é que o *Ecstasy* pode estimular as pessoas a se conectar por meio do diálogo ou mesmo do toque ou troca sutil de energia, que possibilita que por intermédio do olhar a troca seja tão intensa que, mesmo sem encostar-se no outro, a sensação pareça a de que você conhece profundamente seu interior. O *Ecstasy* permite que as pessoas se tornem parte de outras pessoas, mesmo que elas sejam completamente estranhas, pois as usuais barreiras egóicas que separam os indivíduos são dissolvidas. Uma sensação de amor e aceitação toma conta e pode disseminar-se por todo o grupo. O perigo de usar muito *Ecstasy* está no fato real de que a substância pode alterar as funções cerebrais associadas à serotonina (correspondente ao prazer), e em alguns casos o uso excessivo pode levar mesmo a uma perda da função normal, criando, conseqüentemente, um vício (necessidade excessiva da substância), visto que sem ela o corpo não mais a produz de forma natural. Portanto, no início os usuários podem encontrar imenso prazer associado ao uso do *Ecstasy*, mas se o uso se estender indefinidamente, poderá trazer conseqüências desastrosas, visto que se em um momento o cérebro libera muita serotonina, quando acabar o efeito virá o momento de queda da substância e, conseqüentemente, de depressão do sistema nervoso, podendo gerar tristezas e sentimentos depressivos também bastante elevados.

A necessidade de dançar em transe e entrar em estados alterados de consciência é parte natural do processo. Os ritos de passagem existem desde os primórdios da cultura humana. Esses ritos estão registrados no psiquismo humano e estão certamente associados à energia psíquica ancestral. Para utilizar os termos junguianos, estão contidos nos arquétipos do inconsciente coletivo. Esses ritos arquetípicos de passagem representam um importante momento na vida dos participantes, que atribuem um caráter sagrado a tal passagem momentânea da vida, uma transformação de experiência corpórea que envolve também uma experiência de um “novo” estado de consciência, que possibilita a passagem da vida infantil para a adulta.

O primeiro rito é o de separação da mãe e das associações da infância. Representa a morte simbólica do *self* infantil. Em alguns casos, a criança é isolada em uma caverna por um período de tempo, ou então é enviada para andar solitária pelo deserto ou pela floresta. Em outros casos, todos os garotos ou garotas são levados em grupo para lugares sagrados, acompanhados dos mais velhos. Nesses locais especiais, onde já foi realizada a ruptura com a vida cotidiana e o indivíduo foi inserido em um novo espaço, é que o ritual acontece.

O segundo rito envolve a expansão de consciência para a percepção da energia do cosmos. Nesse momento, pinturas especiais são feitas no corpo, ou mesmo no espaço, mostrando a importância dos conhecimentos ancestrais que serão revelados na iniciação. Os ritos, em sua maioria, envolvem os participantes em danças que duram a noite toda. Em algumas culturas, o uso de substâncias psicoativas é tido como uma chave funcional para abrir o psiquismo humano para os segredos do cosmos e servem como portais que permitem a entrada no mundo espiritual. Outros métodos empregados nesses rituais incluem a mutilação do corpo, as tatuagens, escarificações e circuncisões. Essencialmente, as experiências corpóreas, psíquicas e espirituais ficam registradas no psiquismo humano. Para o jovem adulto, tal experiência nunca mais será esquecida.

O terceiro e último rito é o retorno e a reintegração na sociedade, um simbólico renascimento. Em uma tribo africana, a morte ritual é tida com tanta seriedade que se pretende ter esquecido mesmo como andar, tanto que os mais velhos devem ensiná-los novamente a dar os primeiros passos. Em todos os casos, os novos iniciados devem retornar a suas vilas, ou tribos, para compartilhar os conhecimentos especiais e as experiências que acabaram de ter em suas vidas. Suas novas identidades agora incluem o grande cosmos, os conhecimentos do grande Universo. Depois de iniciado, torna-se necessariamente torna-se um adulto diante da sociedade da qual faz parte, pois não está mais voltado para o próprio umbigo, mas tem visões mais amplas acerca da dimensão do Universo e reconhece que é parte integrante do todo.

Ao longo do tempo, e do advento da civilização urbana, esses poderosos ritos de passagem que envolvem separação/expansão/renascimento foram perdidos. Foi realmente uma minoria de povos e culturas que mantiveram tais rituais como parte integrante de sua cultura. No entanto, percebemos na Igreja Católica como

o casamento é uma cerimônia ritual de grande efeito para a família e para o grupo, visto que marca a inclusão em uma nova vida adulta.

Em nossa cultura, a idade de dezoito anos é um marco, pois os jovens estão “livres” para sair sozinhos, dirigir um carro e ingerir bebidas alcoólicas. Esta é em nossa sociedade a idade de transição tão esperada pelos jovens, que acreditam então estar saindo do controle dos pais, pois então podem beber e dirigir. Esta é também a idade em que são registrados mais acidentes no trânsito, pois são muitos os jovens que logo aos dezoito sentem-se donos da verdade e saem com os amigos para beber, acabam bebendo muito e na volta para casa sofrem acidentes sérios, que muitas vezes envolvem a morte de outras pessoas, quando não a do próprio embriagado. Que marco este, não?! E os conhecimentos acerca do corpo, do psiquismo e do mundo espiritual relacionado ao Universo? Quando vão chegar tais experiências transformadoras? Talvez nunca. Afinal, em uma cultura na qual o grupo social urbano está desvinculado da experiência coletiva em meio à natureza, visto que ocorreu uma cisão entre natureza e cultura, tais experiências há muito tempo foram consideradas como vindas do demônio, símbolos do paganismo, visto que possibilitam uma experiência direta com o divino.

Esses ritos associados à Igreja e às universidades não preenchem as necessidades mais profundas dos seres humanos, as quais estão enraizadas no inconsciente coletivo. A consequência é o desenvolvimento de formas de neurose e uma mentalidade autocentrada que pode ser observada nos adolescentes de nosso tempo. É uma força egóica tão gigantesca que resulta dessa perda das raízes identitárias humana, associada ao mesmo tempo a um senso de desconexão dos outros e do planeta como um ecossistema totalizante. Infelizmente, isso resulta em neurose, doenças psíquicas e físicas que, combinadas com as necessidades institucionais que competem às religiões e ao racismo, tomam conta das crises humanas atuais e controlam cada vez mais os grupos sociais, os quais, destituídos do conhecimento natural, se encontram, conseqüentemente, nas garras cada vez mais cruéis das instituições do Estado, da saúde, da mídia e da ciência.

A esperança está certamente nos jovens de nosso tempo. Os ritos de passagem já foram reiniciados e estão vindo como uma força inconsciente que mostra a necessidade de preencher o vazio deixado pelas marcas civilizacionais. A maioria dos *ravers* ou *trancers* compõe um grupo de faixa etária que vai dos catorze aos vinte anos de idade. Essa consideração é importante, visto que é em geral a idade associada à passagem da infância para a idade adulta. Esses estados de separação e expansão ligados ao renascimento emergem à superfície quando os participantes deixam a vida cotidiana e rumam ao desconhecido, em que o corpo e a mente, assim como o ambiente e o grupo social, participarão de novas experiências e percepções. Nesse contexto, o DJ ocupa o lugar do guia, ou xamã, até mesmo porque não existem tradições ou mesmo guardiões ancestrais do conhecimento para guiar os jovens através das experiências de passagem, o primeiro estágio pode apresentar-se como um obstáculo.

Na maioria das *raves* existe uma real necessidade de expressar a criança contida dentro de cada um, tanto que muitas vezes encontramos pessoas fisicamente adultas na pista de dança com ursinhos de pelúcia, com bicos de plástico na boca, pirulitos coloridos e outras tantas aparições que para um leigo podem parecer bizarras. Essa parece ser mesmo uma fase de passagem para os mais jovens, que finda quando estes se encontram prontos para deixar de se identificar com esses clichês. Nesse momento deve ocorrer um tipo de morte egóica, que talvez irrompa durante uma experiência com substâncias psicodélicas. Claro que tal período é relativamente perigoso, porque na maioria dos casos não existem os mais velhos para guiar os iniciados por meio do renascimento. (É importante ressaltar que atualmente o grupo da cultura psicodélica envolve também pessoas da geração passada que têm mais conhecimentos acerca de tais experiências e parecem mesmo estar presentes e dispostos a guiar e auxiliar os que precisam de ajuda. Mesmo assim, a experiência, na maioria dos casos, toma um percurso único para cada um.) Por esse motivo, os mais antigos da cena psicodélica que permanecem presentes ajudam os que necessitam, e mesmo os iniciados ajudam-se simultaneamente a passar pela experiência. Em certos casos, a separação e a morte envolvidas no ritual podem levar a uma perda da identidade, que é seguida por uma busca espiral sem fim pelo uso de drogas. Por outro lado, para os que dançam sob as estrelas e encontram-se nessa experiência conectados com todo o Universo, parece acontecer naturalmente um processo de expansão que os faz retornar engrandecidos para a vida social.

Para ilustrar rapidamente essa teoria do inconsciente vindo à tona, o autor relata uma incrível cura que ele mesmo observou em uma *rave* que ocorreu em Denver, no Colorado. Enquanto ele andava pelas escadarias para alcançar a pista de dança, experienciou um tipo de entrada em uma consciência coletiva que estava sendo criada pelos dançarinos. Sem dúvida, essa energia coletiva estava sendo proporcionada pelo uso coletivo do *Ecstasy* e de outras substâncias psicodélicas. Senti como que acessando um outro plano de consciência. Eu queria simplesmente observar o que esse grupo da cultura urbana estava apto a fazer. A multidão incluía jovens com idade variando principalmente entre catorze e vinte anos de idade. Logo diante de mim observei um grupo de seis jovens se juntar em torno de uma garota que estava deitada no chão. Em união e sintonia, eles juntos colocaram suas mãos na sua barriga e começaram a massagear. Eles se movimentavam todos juntos, como um único corpo, realizando movimentos circulares em sua barriga. Então todos pararam simultaneamente, levantaram a garota e a seguraram por um momento, e de forma lenta começaram a deitá-la de novo, movendo-a de um lado para o outro. Esse movimento lento permitiu que a garota sentisse o ar fresco em sua face, na sua pele, e balançando seu cabelo. O incrível é que durante essa sessão grupal ninguém disse uma só palavra, e eles se moviam em perfeita união e harmonia, sincronicamente. Era como se fossem uma única mente, uma mente que estava resgatando um tipo de cura ritual ancestral, algo que você só poderia talvez ver antes na África ou entre os índios da América do Sul. Quando perguntei para uma das garotas o que eles estavam fazendo, ela respondeu: “Eu não sei”. Dessa expressão subjetiva que não envolveu nenhum tipo de fala ou de acordo verbal, concluí que o que estava se manifestando ali era uma inspiração momentânea, sem nenhum planejamento anterior. A garota que foi o centro da experiência grupal saiu apresentando-se em um estado estático elevado.

A mensagem que aparece por meio do uso do *Ecstasy*, tal como aprendemos em muitas filosofias orientais, é a de que não estamos separados uns dos outros e que somos um único ser com o Universo (cosmos). A verdade é que não precisamos necessariamente de uma pílula que nos leve ao êxtase de forma instantânea. Pois é possível que por intermédio da música e da dança as portas da percepção sejam abertas para que o corpo, o psiquismo e o espírito humano recebam as energias dos outros seres humanos, da natureza e do cosmos. O amor que é sentido nessa experiência de abertura não vem da pílula (substância química), mas sim da energia que podemos acessar coletivamente por intermédio dessa experiência de nos conectar com o todo, pela dissolução das barreiras do ego, da mente racional, do controle social. Nessa experiência podemos descobrir que todos somos seres maravilhosamente belos que representam individualmente expressões multidimensionais de um todo indissociável. A dança não faz parte da competição do mundo moderno, mas é um fenômeno reflexivo do *self* superior, divino, que nos faz ter uma experiência por intermédio dos movimentos, que leva à percepção intuitiva do movimento superior do cosmos.

Como expressões individuais da consciência superior, quando conseguimos na pista de dança dissolver as barreiras impostas pelo ego, deixamos de ser um corpo individual e nos tornamos um corpo coletivo, um único organismo vivo irradiando energia para todo o planeta. Uma massa de corpos em movimento cria um mente coletiva em ação. Em locais especiais, essa atmosfera pode guiar a experiências muito fortes de união telepática, na qual os participantes comunicam-se facilmente por telepatia, um dom há bastante tempo esquecido pelos humanos. Nesse nível encontra-se clareza mental e identificação com o todo, o que não é possível quando se está preso no drama e na confusão da realidade ilusória na qual vivemos diariamente na vida cotidiana por meio da separação entre a mente e o corpo, um dualismo insistentemente mantido pela civilização científica ocidental. Além disso, vários participantes se tornam interessados por técnicas ancestrais de integração da mente e do corpo e reconhecem que têm muito a ser descoberto por meio de práticas como a ioga e a meditação.

Para ir além do uso das substâncias psicodélicas é preciso aprender como integrar a experiência na vida diária. Essa terceira parte do ritual com certeza é a mais difícil, quando depois de muito amor, sintonia, harmonia, comunhão cósmica, os participantes precisam se separar e retornar à vida mundana, cheia de problemas, de medo, de separações, de conflitos... Com certeza não é fácil integrar tais experiências à vida diária. Sendo assim, muitos dos que não conseguem e se encontram demasiadamente perdidos nesse retorno, usam como escape o uso abusivo de substâncias psicoativas, como um recurso para escapar da realidade árdua da vida cotidiana. No entanto, os que conseguem realizar a passagem de forma satisfatória, retornam mais fortes e alegres para as atividades diárias, vibrando na sintonia do amor e da luz para todos que encontram no caminho.

A *rave*, como parte da cena *underground*, é provavelmente o mais importante movimento psicodélico, pois suas implicações proporcionam transformações muito mais profundas, que atingem as raízes sociais de forma mais incisiva do que o psicodelismo dos anos 1960 e 1970. Em todo o mundo esses encontros de dança, transe e êxtase envolvem milhares de pessoas, causando um profundo entrelaçamento de diferentes culturas, nacionalidades e subculturas ao som de batidas eletrônicas tribais que misturam o ancestral com as mais recentes tecnologias. Em 2000, a *Earthdance*, um encontro de música eletrônica voltada para a paz e a união entre os povos, aconteceu simultaneamente em setenta cidades diferentes ao redor do mundo. Em determinada hora, todas as pessoas se encontraram na pista de dança e cantaram a mesma oração pela paz global, enquanto enviavam suas preces para cada localidade. Já em 2001 o mesmo evento – *Earthdance* – aconteceu simultaneamente em 150 locais diferentes que celebraram a união pacífica entre os povos. A maioria dessas celebrações foi gravada digitalmente e lançada na *web* para que todos pudessem ver a dança coletiva em suas várias manifestações. Esse evento marca a mudança global para uma consciência planetária a partir do momento em que estamos fortemente ligados por meio de um senso de expansão e propósito de união quando dançamos ao som de uma música que pode levar ao transe membros de qualquer cultura.

No entanto, é claro que existe muito trabalho a ser feito. Mesmo assim, é essencial que nesse momento percebamos o desejo de comunhão entre as pessoas, o desejo de paz e união entre os povos, que não está limitado a uma “ilusão hippie de paz e amor”, mas que se estende planetariamente entre as pessoas que estão cansadas das condições desumanas da guerra manipuladas pelo poder armamentista gerador de conflitos, que manipula as massas humanas por meio de uma mídia vulgar. Por isso torna-se esclarecedor que cada vez mais pessoas preferam dançar coletivamente em êxtase a participar de uma sociedade machista voltada para a máquina de guerra.

Essa manifestação ritual coletiva de dança, transe e êxtase é uma parte integral do processo de transformação e mudança planetária, sendo assim a expressão social global de um rito de passagem planetário. Entretanto, ainda existe certamente muitas pessoas que estão fechadas a esse tipo de experiências porque julgam a música eletrônica não tem qualidade, visto que às vezes não são executadas ao vivo ou não envolvem bandas. Mas a cena *rave* tem sim os seus heróis, porém não se trata mais daqueles que podem tocar melhor a guitarra ou mesmo fazer um solo de percussão. Essa música não se limita a atingir determinado grupo, mas é voltada para as massas, é uma música voltada para todos, é a música para as novas tribos globais, nos quais as estrelas brilham em cada um que pode desenvolver seu potencial criativo ao máximo e expressá-lo como quiser, seja por meio de uma arte explícita (música, pintura, artesanato, imagens...) ou mesmo da dança, do movimento, do compartilhar, da arte de simplesmente existir!

Atualmente, a música digitalizada integra batidas e sonoridades harmônicas e orgânicas com as batidas ritmadas do passado ancestral que remetem, por intermédio dos tambores, aos sons das batidas do coração, que guiam a experiências rítmicas ou mesmo espaciais estimuladas pelos mais modernos sons sintetizados. Os sons orgânicos são em geral integrados de forma a manter o balanço e a harmonia da música. É interessante que com essa nova tecnologia podemos expressar sons de regiões do cosmos que antes não podiam ser expressas pelos instrumentos manuais. Agora podemos fazer nossa própria música das esferas, como os místicos da escola de Pitágoras.

As técnicas xamânicas do êxtase também ocupam papel importante na cena do transe psicodélico. As repetições de certos tons que aumentam as batidas por minutos podem induzir a estados de transe – estados alterados de consciência. As várias frequências, juntamente com os poderosos e modernos recursos sonoros – *sound system* – advindos do desenvolvimento científico e tecnológico (não por acaso, “filhos” do mesmo desenvolvimento técnico voltado para os recursos militares e para a guerra*) criam ressonância nos corpos presentes e abrem os centros de energia dos corpos que se movem juntamente ao som alto e estimulante. A batida do coração acelera, e as batidas dos pés ao som rítmico fazem com que a energia também se volte para a terra, para o chão, para o enraizar, enquanto as frequências mais elevadas, sutis e harmônicas, abrem o centro de energia que faz comunicação com o mundo espiritual, com o céu.

Assim, dançando em transe o véu da separação cai e faz com que nossos corações se abram uns para os outros, despertando profundamente a sensação da indivisível e brilhante unidade que compartilhamos

enquanto seres humanos que fazem parte de um único Universo. Assim eu me torno um outro você! (Texto original em inglês disponível em: www.trancedanceandecstasy.htm. Acesso em: 5 abr.2004.)

2. Santa Catarina e Rio de Janeiro proibem raves

Antes, os piores inimigos dos "ravers" eram a lama e as estradas esburacadas. Agora, quando as festas são populares, e marcas de cerveja e de desodorante lucram com eventos eletrônicos, alguns Estados resolveram que as raves são perigosas e não podem mais acontecer.

Enquanto em São Paulo a prefeitura banca uma superfesta na rua, em Santa Catarina, a galera não pode nem pensar em fazer um evento do tipo. Principalmente, se ele se caracterizar como uma "festa rave", proibida em Florianópolis e em Balneário Camboriú.

A onda também atingiu o Rio de Janeiro, onde não acontecem raves desde junho. O motivo foi uma apreensão de drogas, como *ecstasy* e maconha, durante uma operação da polícia em uma festa em Niterói.

Tanto no Rio quanto em Santa Catarina, as autoridades evitam falar em proibição. O argumento para não permitir as raves está inserido dentro de uma série de ações para inibir a violência, o consumo e o tráfico de drogas.

No entanto, em março, a Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa do Cidadão de Santa Catarina redigiu uma comunicação interna para conter a "escalada da violência", cujo quinto item proíbe a "realização de festas raves (*sic*) [com música eletrônica]". O texto não fala sobre grandes shows de forró, de rock ou de MPB, apesar de o delegado-chefe da Polícia Civil, Dirceu Augusto Silveira Júnior, negar qualquer tipo de preconceito. "Várias ocorrências levaram ao veto das festas, independentemente do tipo de música", explica.

Segundo Silveira Júnior, a proibição é para os eventos com longas horas de duração, em local inadequado e que apresentem riscos aos frequentadores.

Por conta disso, o EletroHeart Festival, marcado para o último dia 4, e que reuniria 29 DJs em um complexo turístico de Camboriú, foi cancelado na véspera. "Pedi um alvará para que a festa acontecesse até as 4h, mas eles negaram", afirma o organizador, Herlon Hamm.

Para dar munição à secretaria, em setembro, durante a Magic Lagoon, festa que reuniu 3.000 pessoas em Florianópolis, aconteceram roubos, tiros e cenas de violência que foram parar nas manchetes de jornais e de TVs locais.

O mineiro Anderson Noise, um dos DJs do *line-up*, conta que jamais sentiu tanto medo. "Nunca vi uma confusão tão grande. Estava tocando e só parei quando a polícia invadiu o lugar", lembra.

Nesta noite, mais de dez pessoas acabaram presas e um estudante de Curitiba foi baleado na perna. A festa havia sido interditada pela Polícia Civil e só aconteceu porque um juiz concedeu uma liminar permitindo sua realização. "Cumprimos todas as determinações para poder fazer o evento e, quando fomos à Polícia Civil, eles disseram: "Rave não pode", explica Gustavo Conti, um dos responsáveis pela Magic Lagoon.

O advogado Márcio Cristiano Dornelles Dias afirma que o problema foi a falta de disposição da polícia em cooperar com a segurança nas imediações do hotel. "Havia 120 seguranças contratados e foram protocolados três ofícios solicitando policiamento à PM, mas eles mandaram duas viaturas", afirma Dias.

O coronel Marlon Jorge Tezza, comandante do 4º Batalhão da PM, garante que a polícia estava lá a noite toda. "Os organizadores estão dizendo meias-verdades", argumenta Tezza.

No Rio

No Rio de Janeiro, a proibição não está no papel, mas as autoridades de lá também não têm permitido a realização das festas. Parte da luta dos organizadores foi registrada por três estudantes de jornalismo da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), e o resultado é o curta-metragem *Bad Trip*, que documenta o cancelamento da Bunker Rave, uma megafesta que aconteceria em agosto.

"As pessoas têm uma imagem estereotipada e distorcida das *raves*, por isso resolvemos mostrar o outro lado", conta Izabela Cardoso, 21, que divide a autoria do filme com os colegas Paulo Henrique Grillo, 22, e Felipe Choll, 21.

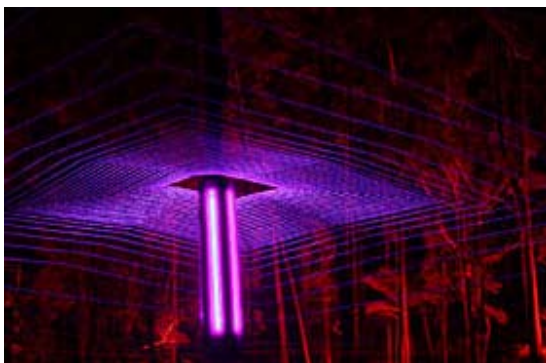
Nenhum deles se considera um "*raver*". "Gosto de rock, mas já fui a algumas", conta Cardoso. "É uma festa diferente, a que as pessoas vão pela música, ao contrário das boates, onde os mauricinhos só querem jogar você contra a parede."

Se ela viu gente usando drogas? "É óbvio que vi. Mas não vejo mais frascos de lança-perfume em *raves* do que em uma micareta", diz a estudante.

Além da polícia, a igreja também está de olho nos "raveiros". Em Alto Paraíso, município goiano na região da Chapada dos Veadeiros, por pouco a Câmara de Vereadores local não aprova uma lei proibindo as *raves*. "A igreja evangélica se mobilizou e fez a maior pressão pela criação da lei, mas o prefeito a vetou por ser inconstitucional", explica Devon Chook, produtor da Trancendence, que reuniu 4.200 pessoas em julho.

Se a coisa continuar assim, o jeito é se aventurar, como as amigas e *ravers* gaúchas de carteirinha Herika Nickel Vicz, 23, e Raquel Moraes, 21, que estavam na edição de setembro da festa Circuito, que aconteceu em Arujá (SP). "Venho no sábado, curto a balada e volto para Porto Alegre no dia seguinte", diz Herika, que troca os clubes pelas *raves*.

A promotora de eventos Priscila Akemi, 20, que também estava na Circuito, é outra que prefere as *raves*. "Acho mais seguro do que os clubes. É mais organizado", explica. (Adriana Ferreira, *Folha de S. Paulo*. Disponível em: http://folhadesaopaulo.proibicao-rio-sc_arquivos/ult90u38015.htm. Acesso em: 12 out 1005)



3. IMPORTÂNCIA DA NOITE EM UMA FESTA *TRANCE*

O ritual de uma noite inteira dançando é uma memória que corre profundamente dentro de nós todos. Uma memória que nos traz de volta a um tempo em que respeitávamos a grande Mãe Natureza e todos os demais.

Fazíamos nossos rituais ao redor de fogueiras, dançando com o intuito de canalizar as energias cósmicas até



nós, de ficarmos mais próximos de nossos deuses ou apenas celebrar uma boa caçada. Nesses tempos, o Xamã era nosso guia através de outras realidades. Ele induzia as pessoas ao transe através de poções mágicas à base de ervas em ação conjunta com a música tocada por tambores, flautas, didjeridoos ou vozes, de acordo com a cultura de cada povo.

Mas com o surgimento de decretos durante a Idade Média, esses rituais pagãos foram reprimidos em diversas localidades do planeta pela mão da Igreja Católica, ressurgindo muitos séculos depois em nossa cultura ocidental através de diversas vertentes, entre elas

a das festas TECNO-TRIBAIS em Goa, na Índia, nascendo então o GOA *TRANCE* e as FESTAS *TRANCE*.

A festa *TRANCE* é como uma jornada XAMÂNICA em que o DJ (Xamã) conduz o público até o ÊXTASE DO TRANSE PSICODÉLICO, guiando todos através de atmosferas e realidades criadas por sua música. Um guia que te leva através da noite, através da escuridão e do infinito, atingindo as áreas mais obscuras do subconsciente humano, escolhendo músicas que têm como objetivo ir além.

Existem momentos em que expor a agressividade através da música e da dança faz parte de todo o processo e após a agressividade, momentos de contemplação surgem com o nascer de um novo dia, momento de realmente celebrar. Sem esse processo completo, de uma jornada interior através da noite, o amanhecer e a festa perdem seu sentido de existência.

A noite começa lentamente nos CHAISHOPS, encontrando amigos, preparando-se para mais uma jornada através da música. É quando os DJs começam a construir a longa história de uma festa, tocando músicas mais lentas e crescendo lentamente até as 3 ou 4 da manhã, o momento de pico, a preparação para a explosão do amanhecer.

Durante a noite o que se vê são as roupas fluorescentes das pessoas e uma decoração flúor feita para criar efeitos especiais à noite, sob luz negra. Assim que a escuridão da lugar à luz do dia, começamos a focar nossa atenção nas faces, reconhecendo pessoas no qual estivemos dançando a noite toda ao lado. É quando os sorrisos começam a ser trocados, espalhando-se pelo DANCEFLOOR até o momento em que o Sol se levanta e todos estão contagiados pela mesma energia.

Mas para sentir todo esse processo do amanhecer é preciso vivenciar a jornada através da noite, conhecer ambos os lados, vivenciar o processo desde o início. Como um filme, você deve assistir desde o começo.

O filósofo taoísta Lao Tse, que viveu na China há mais de 2500 anos, descreve em um de seus versos do livro *Tao Te Ching* o processo de vivenciar a dualidade para compreender o todo. (Disponível em: http://www.zuvuya.net/raveon/mat_noite.asp. Acesso em: 01 março 2006)

SÍNTESE DAS ANTÍTESES

Só temos consciência do belo,
Quando conhecemos o feio.
Só temos consciência do bom,
Quando conhecemos o mau.
Porquanto o Ser e o Existir,
Se engendram mutuamente.
O fácil e o difícil se completam.
O grande e o pequeno são complementares.



O alto e o baixo formam um todo.

O som e o silêncio formam a harmonia.
O passado e o futuro geram o tempo.
Eis por que o sábio age.
Pelo não-agir.
E ensina sem falar.
Aceita tudo o que lhe acontece.
Produz tudo e não fica com nada.
O sábio tudo realiza – e não se apega a sua obra.
Não se prende aos frutos de sua atividade.
Termina a sua obra,
E está sempre no princípio.
E por isto a sua obra prospera.

grandiosa experiência de conhecer ambas as do todo (a festa *TRANCE*) e assim voltarmos para casa completamente satisfeitos e renovados, prontos para a próxima!

Portanto, para vivenciarmos completamente a uma boa festa *TRANCE* é estritamente necessário partes (a noite e o dia) que trarão a compreensão

Resumindo em poucas palavras... de noite é quando você pode dançar como louco sem parar, surtar e fazer caretas na pista ou simplesmente fechar os olhos e delirar em suas visões. É o momento de libertar seus monstros através da dança, pirar na decoração, sair da realidade... enfim, dançar como se ninguém mais existisse no mundo para ficar te olhando e fazendo comentários idiotas.

Quem é das antigas sabe do que estou falando, o início de Trancoso... pista bombando às 2 da manhã, malabares, fogueira, lua cheia, *chillum* e muito mais...como as boas festas de Goa; na praia esperando o sol nascer!!!

As primeiras festas de São Paulo tinham essa cara tribal! Era somente *party for fun* e nada mais. Hoje as festas viraram mais uma balada como qualquer outra. Já tem (des)organizador querendo fazer festa sem decoração e embaixo de uma tenda aglomerada de gente! EU PERGUNTO: Por que vocês não vão fazer sua festa em um clube como qualquer outro em vez de sugerir coisas tão idiotas??

Convido as pessoas que leram esse texto (principalmente os organizadores de primeira viagem) a refletir mais sobre o *trance* e o futuro dele no Brasil, pois se não fizermos algo concreto, teremos em pouco tempo o *TRANCE DO TIGRÃO* e o fim trágico de algo maravilhoso... as festas de *PSYCHEDELIC TRANCE*.

Texto por [DJ Thomas \(Daime Tribe\)](#)

Fotos por [Andre e Lisa Ismael](#)

4. Ecstasy (MDMA)

A 3,4-metilenodioximetanfetamina (MDMA) foi patenteada pela empresa farmacêutica alemã Merck® em 1914, com o intuito de ser um novo moderador de apetite, embora nunca tenha sido comercializada. Em função de sua baixa utilidade clínica e com o advento da Primeira Guerra Mundial, a MDMA permaneceu praticamente ignorada pela comunidade científica até 1973, quando foram publicados os primeiros resultados da investigação conduzida pelo exército norte-americano no início dos anos 50. Na década de 70, foi sugerido o seu uso como um coadjuvante na psicoterapia, em função de relatos que a MDMA provocava um estado controlável de alteração da consciência com harmonia sensual e emocional, auxiliando na diminuição de barreiras psicológicas e no estabelecimento de um vínculo terapeuta-paciente. O consumo de MDMA como substância de uso recreacional se popularizou no início dos anos 80, ganhando fama devido seu uso em psicoterapia ter sido divulgado com sensacionalismo por alguns autores. O termo *ecstasy* é a denominação mundialmente mais conhecida da MDMA, entretanto, outros nomes referenciados são: E, XTC, Adam, MDM, M-&M e *love drug*. No Brasil, de maneira geral, o *ecstasy* é bastante conhecido pelos nomes de "pastilha" e "bala". Em 1985, a Drug Enforcement Administration (DEA), órgão de combate às drogas dos Estados Unidos, enquadrou a MDMA na Lista I do Convênio de Substâncias Psicotrópicas, a qual inclui substâncias com elevado potencial de abuso, sem benefício terapêutico e de uso inseguro mesmo com supervisão médica.

Seguindo a orientação da Organização Mundial da Saúde, órgãos governamentais de diversos países também classificaram a MDMA como substância proibida e sem uso clínico. Nos Estados Unidos, até o ano de 1985, a MDMA era legalmente disponível. Por outro lado, na Europa, a MDMA sempre foi considerada substância ilegal, sendo o seu consumo introduzido, em meados da década de 80, por discípulos de Bhagwan Rajneesh para "fins espirituais". A sua popularização, entretanto, ocorreu a partir do movimento *clubber* ou *dance* que surgiu na ilha de Ibiza (Espanha), em 1987. No Brasil, a MDMA é considerada substância de uso proscrito e definida pela Portaria da Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde de nº 344, de 12 de maio de 1998.



Aspectos químicos do *ecstasy*

A MDMA (3,4-metilenodioximetanfetamina) é uma base sintética derivada da feniletilamina, relacionada estruturalmente com a substância estimulante psicomotora anfetamina e a substância alucinogênica mescalina, compartilhando propriedades de ambos os compostos. A estrutura química da MDMA está representada na Figura 2.

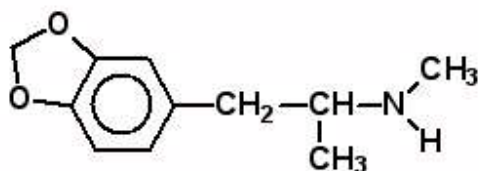


FIGURA 2: Estrutura química da MDMA (3,4-metilenodioximetanfetamina).

Toxicologia do *ecstasy*

A MDMA é considerada uma substância alucinogênica pela American Psychiatric Association (1995), entretanto não apresenta relação estrutura-atividade com os alucinogênicos e tampouco efeitos subjetivos, em humanos, semelhantes ao LSD (dietilamida do ácido lisérgico), a não ser quando consumido em doses extremamente altas.

Em função da semelhança dos efeitos adversos agudos com a cocaína e as anfetaminas, o *ecstasy* também poderia ser classificado como um psicoestimulante. No entanto, a MDMA e substâncias que possuem efeitos psicofarmacológicos semelhantes à MDMA são diferentes dos estimulantes centrais e dos alucinogênicos, conforme observado em estudos de radioeletroencefalopatia, de relação estrutura-atividade e parâmetros bioquímicos. A indução de um estado emocional agradável, com aumento da empatia e da capacidade de se relacionar com outras pessoas, além de uma maior facilidade para comunicação e sociabilidade, sugerem que a MDMA seja representante de uma nova classe farmacológica, chamada, segundo Nichols (1986) de entactógena, com as raízes gregas (*en* e *gen*) e a latina (*tactus*), significando literalmente "produzir um contato com o interior". Tem sido alardeado um suposto efeito afrodisíaco por alguns círculos sociais de consumidores de *ecstasy*; entretanto este efeito não foi comprovado. Provavelmente, a MDMA não aumenta a excitação nem o desejo sexual na maioria dos usuários, proporcionando apenas uma maior receptividade aos aspectos sensuais. Alguns autores definem a MDMA como *designer drug*, ou seja, novas substâncias sintetizadas clandestinamente e desenhadas para uso recreacional, além de tentar escapar das restrições legais. No entanto, esta classificação ainda é discutível pelo fato de ter sido patenteada em 1914 pela Merck®, portanto, muito antes de ser considerada uma substância ilegal. Até o momento, portanto, não existe um consenso para a classificação da MDMA, pois não tem sido considerada uma substância somente psicoestimulante ou alucinogênica, e o termo entactógena também não foi amplamente aceito. Em virtude dessa dificuldade de classificação farmacológica para a MDMA, provavelmente esse fármaco deverá ser ainda melhor caracterizado. Os efeitos farmacológicos induzidos pela MDMA em humanos podem variar em função da idade, dose administrada, frequência e duração do uso. Os efeitos individuais provocados pela MDMA, em longo prazo, podem apresentar diferenças substanciais, quer seja por fatores genéticos, hormonais, ambientais, sociais ou culturais, e merecem ser profundamente estudados e avaliados. De forma geral, a maioria dos usuários relata que os efeitos desejados são conseguidos com doses baixas e em episódios isolados de uso. Descrevem uma sensação de proximidade e intimidade com outras pessoas ao redor, melhorando o relacionamento e a comunicação entre elas, uma sensação de euforia com aumento da energia emocional e física, além de uma elevação da auto-estima. Após a administração de uma dose por via oral, que normalmente varia de 75 a 100mg de MDMA, os efeitos estimulantes se iniciam entre 20 e 60 minutos e persistem por 2 ou até 4 horas. Alguns usuários, entretanto, relatam que os efeitos podem apresentar uma duração de até 8 horas (Almeida e Silva, 2003). A MDMA, quando utilizada em doses recreacionais, não manifesta efeitos alucinogênicos. Por outro lado, em doses elevadas, isto é, a partir de 300 mg, podem ocorrer efeitos alucinogênicos com alteração da percepção sensorial. As alucinações, quando observadas, são bastante parecidas com as provocadas pela molécula da mescalina, iniciando-se com alucinações visuais em preto e branco e logo mais se tornando coloridas, com alteração da percepção, confusão, despersonalização e sensação de flutuação e leveza. Estudos em animais demonstram que a MDMA desencadeia uma resposta bifásica, podendo ser dividida em dois grupos: efeitos de curto prazo (observados até 24 horas) e efeitos de longo prazo (observados após 24 horas, chegando a durar meses). Os efeitos de curto prazo estão mais relacionados com a esfera psíquica e comportamental devido à estimulação serotoninérgica, enquanto os de longo prazo parecem estar envolvidos com a neurotoxicidade serotoninérgica. Alguns autores caracterizam os efeitos psicopatológicos manifestados em relação à MDMA em agudos (até 24 horas após administração), subagudos (de 24 horas até um mês após administração) e crônicos (a partir de um mês). As psicopatologias agudas ocorridas e frequentemente citadas na literatura são: insônia, ansiedade, psicoses e ataque de pânico. Em um estudo realizado por Greer & Strassman (1985) também é citada a ocorrência de *flashbacks* nesta fase. Com relação às complicações subagudas, destacam-se: ansiedade, irritabilidade, tonturas e depressão. Alguns distúrbios neuropsiquiátricos crônicos citados na literatura incluem: distúrbios de memória, ataques de pânico, psicoses, *flashbacks* e depressão profunda. Frequentes observações de que apenas alguns indivíduos desenvolvem distúrbios neuropsiquiátricos devido ao abuso da MDMA sugerem que possam existir certos fatores psiquiátricos que predisponham tais indivíduos a se tornarem mais vulneráveis a esses distúrbios indesejáveis.

Apesar de parecerem raros os casos comprovados de morte, como consequência do abuso da MDMA, podem ocorrer preferencialmente em pessoas que sofram de arritmias cardíacas e hipertensão. Segundo Green *et al.* (2003), os casos fatais devido à ingestão de *ecstasy*, no Reino Unido, são estimados em aproximadamente 12 por ano.

Diversas razões podem levar à morte por superdosagem, dentre elas são relatadas: hipertermia fulminante, arritmias cardíacas graves, desidratação, convulsões, reações alérgicas sistêmicas, asma aguda, coagulação intravascular disseminada, rabdomiólise, hepatotoxicidade, além da susceptibilidade individual às metilenodioxifenilalquilaminas.

Alguns autores estimam que o tempo decorrido entre a superdosagem e a morte pode variar entre 2 e 60 horas, levando em consideração a susceptibilidade individual de cada pessoa. A hipertermia causada pela MDMA é dose-dependente e representa um dos principais efeitos da toxicidade aguda, com temperaturas corporais de 43 °C já relatadas, levando em geral a óbito. A ação vasoconstrictora cutânea provocada pela MDMA converge para dificultar a perda de calor, agravando o quadro clínico. Em razão da possibilidade de originar danos psiquiátricos irreversíveis, as complicações mais preocupantes devido ao abuso da MDMA são referentes aos seus efeitos crônicos. A atividade da enzima triptofano hidroxilase (TPH) permanece significativamente reduzida por uma semana, indicando que a MDMA inativa a TPH de maneira irreversível, o que exige nova síntese de TPH para o restabelecimento de sua atividade enzimática.

A neurotoxicidade serotoninérgica da MDMA ainda permanece com o seu mecanismo de ação desconhecido. Porém uma explicação sugerida por Steele, McCann & Ricaurte (1994) refere-se à formação de um metabólito mais potente (MDA), inibição da monoaminoxidase (MAO) e a liberação de vários neurotransmissores endógenos, resultando em suas concentrações sinápticas bastante elevadas. Dessa forma, através de processos de auto-oxidação, neurotransmissores e seus intermediários poderiam reagir covalentemente com enzimas e membranas celulares. O aumento na produção de radicais livres também parece estar associado com a neurotoxicidade da MDMA.

Embora, segundo McKenna & Peroutka (1990), a MDMA possa atuar como uma neurotoxina em neurônios serotoninérgicos, por enquanto não há evidências conclusivas que doses recreacionais produzam danos permanentes no cérebro humano. Uma dificuldade adicional deve-se ao fato de muitos usuários de *ecstasy* atendidos por hospitais e serviços para o dependente serem também usuários de outras drogas de abuso, além da possibilidade da presença de substâncias análogas e adulterantes com potencial tóxico na composição ativa dos comprimidos.

Trecho retirado da Dissertação de mestrado Quantificação de MDMA em amostras de *ecstasy* apreendidos em São Paulo por cromatografia em fase gasosa, *de Silvio Lapachinske.*

Disponível em: http://www.fcf.usp.br/LAT/i_ecstasy.php

Acesso: 05 de março de 2006.

5. Projeto de Redução de Danos - BaladaBoa

Pesquisadora da USP cria projeto de redução de danos- BaladaBoa voltado para a droga Ecstasy

O nome do projeto é "Baladaboa". O duplo sentido da palavra (pode ser entendida como "balada boa" ou "bala da boa" – fazendo referência ao apelido "bala", dado à droga ecstasy) revela o principal objetivo da iniciativa: atrair a atenção do usuário da droga para que ele se informe sobre uso e seus riscos, de forma realista.

O "Baladaboa" é resultado de uma pesquisa desenvolvida no Instituto de Psicologia da USP (Universidade de São Paulo) que faz parte do doutorado da psicóloga Stella Pereira de Almeida. "É uma intervenção mais abrangente que pretende atingir, inclusive, pessoas que não querem parar de usar a droga", aponta.

Para conhecer melhor o público a que se destina esse projeto e estabelecer conteúdo e formato mais eficazes, Stella realizou um levantamento de dados sobre o usuário de ecstasy por meio da internet. Na página foi disponibilizado um questionário, também divulgado em diversas mídias e por meio de folhetos. Um computador configurado como servidor recebia diariamente os dados, sem armazenar informações que permitissem a identificação do emissor, garantindo o anonimato. No total, 1.140 pessoas responderam o questionário, entre agosto de 2004 e fevereiro de 2005.

Perfil

Os dados revelaram que os usuários de ecstasy são predominantemente jovens (até 25 anos); 54,3% têm nível superior incompleto; 52,6% possuem emprego fixo; 65,4% provêm da classe A; e, de uma maneira geral, estão satisfeitos com a sua vida. "É interessante constatar que, apesar desses dados, os aspectos que indicaram menor satisfação foram o financeiro, o profissional e o de formação educacional", comenta Stella.

O questionário indicou ainda que 43,6% dos entrevistados foram considerados dependentes segundo o critério utilizado na pesquisa; para 64,5%, os efeitos positivos da droga interferem na frequência do uso e apenas 2,8% declararam que não usam nenhuma outra droga junto com o ecstasy. Esses números revelam a importância de medidas que intervenham preventivamente sobre o uso da droga, pois estão associados a comportamentos de risco.

Redução de Danos

"O objetivo desse estudo não é um tipo de prevenção "tolerância zero". Isso é utópico", revela a psicóloga. "A idéia é sugerir um projeto de Redução de Danos que diga a verdade sobre a droga e conscientize sobre os riscos", explica. Além da divulgação de informações consistentes e comprovadas, são propostas modificações no ambiente onde o consumo da droga costuma ser freqüente, bem como a implantação de uma política pública que não objetive unicamente a erradicação, mas que comporte ações que garantam meios de uso mais seguros. "Casas noturnas e festas só teriam licença de funcionamento se disponibilizassem água e área de descanso ventiladas. Essas são medidas importantes para diminuir os riscos de hipertermia – um aumento da temperatura corporal que pode levar à morte", exemplifica Stella.

Para atrair o público a que se destina, o material informativo teria o formato de folhetos com estética atrativa – conhecidos como flyers – a serem distribuídos em locais onde o consumo geralmente acontece, como casas noturnas, festas e universidades. "A idéia é que esses flyers possam ser colecionados, apresentando uma alternativa à tradicional e pouco eficaz cartilha", explica a pesquisadora.

Apesar dos esforços para implementação de um projeto desse tipo e da sua importância, Stella vem enfrentando dificuldades. "A Redução de Danos ainda é muito polêmica. Ainda é difícil conseguir o aval político necessário para avançar para a fase dois do meu projeto, que é a intervenção. Não quero que achem que eu faço apologia ao uso da droga. Estou sendo apenas realista".

"A droga do amor"

O ecstasy, popularmente conhecido como a "droga do amor", é fortemente psicoativo. Embora tenha sido sintetizado pela Merck em 1914 com a finalidade de supressor do apetite, nunca foi usado com essa finalidade.

O uso recreativo surgiu em 1970 nos Estados Unidos por produzir, entre outros fatores, maior interesse sexual dos usuários, sensações de grande capacidade física e mental, além de extroversão e euforia.

Em 1988, três anos após a proibição da comercialização da droga, um estudo feito nos EUA mostrou que 39% dos universitários tinham feito uso do ecstasy, apontando que seu uso ilegal já estava disseminado.

As seqüelas

Em longo prazo, o uso do ecstasy pode causar seqüelas graves, como a degeneração irreversível dos neurônios. Há uma propriedade neurotóxica do ecstasy que leva seus usuários a perturbações mentais ou comportamentais. Os problemas resultantes mais comuns são: dificuldade de memória, tanto verbal como visual; dificuldade de tomar decisões; impulsividade e perda do autocontrole; ataques de pânico; recorrências de paranóia, alucinações, despersonalização; e depressão profunda.

Fonte: *Psicosite*

** Com informações da Agência de Notícias da USP*

Disponível em: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=10558>. Acesso em: 05 março 2006.